

Ari Pedro Balieiro Junior

**O SUJEITO QUE SE ESTRANHA:
MANIFESTAÇÕES DE SUBJETIVIDADE NA AFASIA**

Dissertação apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry

Co-Orientadora: Prof.a. Dra. Ester Miriam Scarpa

Instituto de Estudos da Linguagem

Campinas

2001

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE 3e
 Nº CHAMADA TIUNICAMP
B198s
 V _____ EX _____
 TOMBO BC/ 49894
 PROC 16-837102
 C _____ D^x _____
 PREÇO R\$ 11,00
 DATA _____
 Nº CPD _____

CM00170305-4

BIB ID 246950

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL-UNICAMP

B198s Balieiro Jr., Ari Pedro
 O sujeito que se estranha: manifestações de subjetividade na afasia /
 Ari Pedro Balieiro Jr. - - Campinas, SP: [s.n.], 2001

Orientadores: Maria Irma Hadler Coudry, Ester Miriam Scarpa
 Tese (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
 Estudos da Linguagem

1. Neurolingüística. 2. Afasia e anosognosia. 3. Subjetividade:
 sujeito e discurso. 4. Prosódia e afasia. I. Coudry, Maria Irma Hadler. II.
 Scarpa, Ester Mirian. III. Universidade Estadual de Campinas. Instituto
 de Estudos da Linguagem. IV. Título.

Este exemplar e a redação final da tese defendida por Ari Pedro Baticheiro
Júnior

e aprovada pela Comissão Julgadora em 19/04/2002.

Marcos Antônio

Comissão Julgadora:

2002.04.1560

À Valéria

Agradecimentos

À Valéria, ela sabe porque...

Às meninas, Flora, Lara e Lia, por suportarem as ausências e os humores.

À Silvia, ao Biso, à Marília e ao Guilherme, pelo amor e pela cama.

À Fernanda e à Maria Flávia, pelo incentivo e pelos papos.

À Maza e à Ester, pela paciência e generosidade.

Aos amigos do CCA, pela convivência.

Sumário

Partindo de um ponto de vista alinhado com a Neurolingüística de perspectiva enunciativo-discursiva, e tomando como objeto de análise o seguimento longitudinal do sujeito afásico SB em interlocução com a investigadora MC, este estudo discute e integra colaborações oriundas da Psicologia, da Neurologia e de algumas das áreas da Lingüística, especialmente a teoria fonológica, em particular os domínios tocados pelos estudos prosódicos e pela chamada fonologia não linear, bem como formulações da Pragmática e da chamada Sociolingüística Interacional (Ribeiro & Garcez, 1998). As questões que pretende abordar, girando em torno das manifestações de subjetividade da linguagem na afasia, incluem identificar como, no percurso de sua recuperação, um sujeito cérebro-lesado manifesta e lida com as dificuldades no exercício da linguagem advindas da afasia, especialmente aquelas que tocam diretamente a produção e interpretação de sentidos. As proposições que elabora incluem identificar as repercussões destes problemas e as estratégias que permitem ao sujeito superá-los.

Summary

From the Neurolinguistics that assumes an ennunciative-discursive point-of-view, and analysing a longitudinal follow-up of the aphasic person SB in an interlocution with the investigator MC, this study is an attempt to integrate claims from Psychology, Neurology and from some areas of Linguistics, specially phonological theory, particularly the domains touched by the prosodic studies and by the named non-linear phonology, as well as formulations originated from Pragmatics and Interactional Sociolinguistics (Ribeiro & Garcez, 1998). The matters which this study intends to approach, concerning to subjectivity manifestations of language in aphasia, includes identify how, in the course of her recovery, SB, a brain-damaged person, manifests and toils with the problems to exercise the language in the aphasia, specially those that touch directly the production and interpretation of meanings. The propositions that this study elaborates includes identify the repercussions of these problems and the strategies that permits to the person outstrip them.

Índice

Introdução.....	17
1. Afasiologia: um campo interdisciplinar.....	17
2. Este trabalho	18
Capítulo 1 – Sujeito, discurso e afasia.....	19
3. Sujeito, discurso e afasia	19
4. O corte epistemológico	19
4.1. Uma Neurolingüística de filiação discursiva	20
4.2. O Estudo de Caso.....	20
4.3. O recorte dos dados: uma unidade elástica e vários níveis de análise.....	21
4.3.1. O episódio como unidade de análise.....	22
4.3.2. O enunciado como sub-unidade de análise	22
4.4. Caracterizando o sujeito – limites para a história clínica	23
4.4.1. A saúde afetiva de SB.....	24
4.4.1.1. SB supera a emoção e se engaja na construção de sentidos	26
4.4.2. O humor como indicio de atividade simbólica	38
5. A questão do sujeito psicológico.....	41
5.1. Quando o sujeito se estranha – uma reflexão teórica.....	42
5.1.1. O sujeito da Análise do Discurso (AD): um “locus” ou uma “função”	42
5.1.2. Bakhtin, Pêcheux e a estabilidade da linguagem.....	43
5.1.3. O sujeito da psicologia: o eu	45
5.1.3.1. O eu como auto-imagem ou <i>self</i>	47
5.1.3.2. O eu como um enquadre	49
5.1.3.3. O eu como agente	52
5.1.3.4. O eu e as operações discursivas.....	53
5.1.3.5. Um parêntese – a construção conjunta dos sentidos	55
5.1.4. O sujeito que se estranha – a desestabilização dos limites do eu	57
6. O percurso de SB – uma visão geral	58
6.1. O sujeito que se estranha	58
6.1.1. A instabilidade dos processos de subjetivação	58
6.1.2. As dificuldades com múltiplos enquadres e as dificuldades de interpretação	60
6.1.3. O “feedback” auditivo prejudicado.....	62
6.2. O sujeito que se reconhece.....	67
6.2.1. Identificando e reconstruindo o “eu”	68
6.2.2. O percurso psíquico da (re)construção do sujeito em SB: confirmando Vygotsky.....	69

6.2.3.	<i>O “eu” reconstruído elabora novas estratégias</i>	69
7.	Como isto aconteceu?	71
Capítulo 2 – Anosognosia e afasia		73
8.	Anosognosia	73
8.1.	O surgimento e desenvolvimento do conceito: um pouco de história	73
8.1.1.	<i>As dificuldades de aplicação do conceito</i>	74
8.1.2.	<i>As abordagens teóricas</i>	75
8.2.	Versões de anosognosia – uma revisão da literatura	76
8.2.1.	<i>Achados empíricos</i>	76
8.2.2.	<i>Modelos teóricos sobre anosognosia para problemas motores</i>	80
8.2.3.	<i>Modelos teóricos sobre anosognosia para afasia</i>	82
8.2.4.	<i>Bases para um modelo teórico da anosognosia para afasia</i>	84
8.2.5.	<i>A caminho de uma visão discursiva da anosognosia para afasia – um modelo provisório</i> 87	
9.	A aplicação do modelo – o caso de SB	89
9.1.	O que o modelo sobre anosognosia pode nos dizer sobre o caso de SB?	90
9.1.1.	<i>A desordem no feedback auditivo</i>	90
9.1.2.	<i>A dificuldade de acesso aos esquemas internos</i>	96
9.1.3.	<i>As predições do modelo no caso de SB</i>	100
9.1.4.	<i>Porque SB não manifesta a anosognosia?</i>	108
9.2.	O que o caso de SB pode nos dizer sobre a anosognosia (e sobre o modelo proposto)?	109
9.2.1.	<i>Vale a pena construir modelos formais em uma perspectiva discursiva?</i>	109
9.2.2.	<i>O que seriam “estados” anosognósicos?</i>	109
9.2.3.	<i>Como se relacionam o “trabalho com a linguagem” e a “anosognosia para afasia”?</i> .. 110	
Capítulo 3 – Entonação, sentido e afasia		113
10.	Prosódia e Neurolingüística	113
10.1.	Prosódia e afasia	113
10.2.	A hierarquia prosódica	115
10.2.1.	<i>A sílaba (σ)</i>	116
10.2.2.	<i>O pé (Σ)</i>	116
10.2.3.	<i>A palavra fonológica (ω)</i>	117
10.2.4.	<i>O grupo clítico (C)</i>	117
10.2.5.	<i>A frase fonológica (ϕ)</i>	117
10.2.6.	<i>A frase entonacional (I)</i>	117
10.2.7.	<i>O enunciado (U)</i>	117
10.3.	A grade métrica	118
10.4.	Entonação e sentido	118
10.4.1.	<i>Fronteiras das frases entonacionais</i>	119

10.4.2. Colocação do núcleo.....	119
10.5. Metodologia de análise.....	120
10.5.1. Parâmetros da análise: definições.....	120
10.5.2. Quadros das frases transcritas.....	123
10.5.2.1. Linha 1: transcrição vernacular.....	123
10.5.2.2. Linha 2: pauta entonacional.....	124
10.5.2.3. Linha 3: outras características prosódicas.....	124
11. O caso de SB.....	124
11.1. Corpus.....	124
11.1.1. Frases de SB.....	124
11.1.2. Frase da Investigadora.....	128
11.2. Discussão dos dados.....	128
11.2.1. Efeitos emocionais.....	128
11.2.2. Análise da competência prosódica de SB.....	129
11.2.2.1. A entonação preservada de SB.....	129
11.2.2.1.1. A divisão do enunciado em frases entonacionais menores.....	130
11.2.2.2. Problemas nos níveis inferiores.....	131
11.2.2.2.1. Reajustes rítmicos pós-lexicais.....	131
12. A entonação provocando efeitos de sentido.....	131
12.1. Efeitos de sentido da entonação de SB sobre a interpretação da investigadora.....	131
12.2. Uma explicação curiosa.....	133
Considerações finais.....	135
13. O corte epistemológico.....	135
14. O sujeito que se estranha e o sujeito que se reconhece.....	135
15. Anosognosia e afasia.....	136
16. Entonação, sentido e afasia.....	136
17. Conclusão.....	137
Bibliografia.....	139
Anexo 1 - Conjunto total de dados.....	155
Excerto 1 [000 a 077].....	156
Excerto 2 [156 a 185].....	158
Excerto 3 [207 a 243].....	160
Excerto 4 [174 a 196].....	162
Excerto 5 [221 a 259].....	163
Excerto 6 [310 a 338].....	165
Excerto 7 [376 a 431].....	167
Excerto 8 [000 a 322].....	171

Excerto 9 [357 a 418]..... 182

Introdução

1. Afasiologia: um campo interdisciplinar

O campo da Afasiologia tem sido, consistentemente, um campo em que se cruzam questões que tocam diferentes domínios, desde aquele da Neurologia, em que se colocam questões relativas ao funcionamento dos sistemas cerebrais a partir das modificações que a lesão cerebral lhes impõe; até o campo da Linguística, ou mesmo, mais especificamente, da Neurolinguística, em que são indagadas as relações entre o funcionamento da linguagem e o funcionamento cerebral; passando pela Psicologia, ou, talvez mais propriamente, a Neuropsicologia, em que são tocadas questões referentes ao relacionamento entre o funcionamento cerebral e o funcionamento psíquico. Ainda assim, conforme aponta Damasceno (1995: 3) “a maioria dos estudos neuropsicológicos¹ de transtornos da linguagem têm se limitado ao que ocorre nos níveis fonológico, sintático e semântico-lexical.”

Dentre as questões que tem sido pouco abordadas, de maneira geral, encontram-se aquelas que buscam esclarecer a subjetividade da linguagem conforme se manifesta na afasia. Esta questão foi inaugurada, até onde temos conhecimento, pelo trabalho da área de Neurolinguística do IEL (Coudry, 1988, 1997) através da assunção de uma perspectiva enunciativo-discursiva, na qual o que está em questão é a linguagem em funcionamento, em situações reais de enunciação, trazendo para a Neurolinguística os anteriormente desprezados² fatos da fala. Baseada na “hipótese de indeterminação da linguagem postulada por Franchi, cujos conceitos de atividade constitutiva e trabalho atribuem, sob parâmetros ântropo-culturais, ao sujeito (mesmo afásico) o exercício da linguagem (mesmo fragmentária)” (Coudry, 1988: 10), esta perspectiva também traz, para uma posição mais central no campo dos estudos afasiológicos, a questão da subjetividade. E é nesta tradição e em torno desta questão que foi elaborada esta dissertação.

Partindo de um ponto de vista alinhado com a Neurolinguística de perspectiva enunciativo-discursiva, e tomando como objeto de análise o seguimento longitudinal do sujeito afásico SB em interlocução com a investigadora MC, este estudo tenta integrar colaborações oriundas da Psicologia, da Neurologia e de algumas das áreas da Linguística, especialmente a teoria fonológica, em particular os domínios tocados pelos estudos prosódicos e pela chamada fonologia não linear, bem como formulações da Pragmática e da chamada Sociolinguística Interacional (Ribeiro & Garcez, 1998). As questões que pretende abordar, girando em torno das manifestações de subjetividade da linguagem na afasia, incluem identificar como, no percurso de sua recuperação, um sujeito cérebro-lesado manifesta e lida com as dificuldades no exercício da linguagem advindas da afasia, especialmente aquelas que tocam diretamente a produção e interpretação de sentidos. As proposições que elabora incluem identificar as repercussões destes problemas e as estratégias que permitem ao sujeito superá-los.

¹ E neurolinguísticos, acrescentaria eu.

² Pela Neurolinguística tradicional, baseada no corte original saussureano. (Coudry, 1997: 9)

2. Este trabalho

O objetivo geral deste trabalho é, recuperando para a Neurolinguística de perspectiva enunciativo-discursiva a face psicológica do sujeito, explorar os caminhos que se pode percorrer na explicação dos processos de subjetivação na afasia enfatizando o estatuto dialógico destes processos (Bakhtin/Volochinov, 1929; De Lemos, 1986; Coudry, 1988, 1997, 1999).

No Capítulo 1, “Sujeito, discurso e afasia”, após a explicitação de seu corte epistemológico, o trabalho propõe-se a identificar, descrever e explicar o percurso de (re)construção da paciente como sujeito, o “alçamento” do sujeito de que fala Coudry (1997), que se manifesta na progressiva recuperação de algumas de suas capacidades cognitivo/lingüísticas, ou discursivas, bem como identificar, nos dados, as evidências desta reconstrução. Para isso, tentar-se-á recuperar, para um terreno enunciativo-discursivo, um conceito de sujeito próximo ao que é geralmente denominado “sujeito psicológico”, integrando-o às várias faces do sujeito que se descortinam nos estudos desta tradição. Estaremos, de certo modo, levando em conta (e talvez, mesmo, expandindo) a advertência de Coudry (1988: 33) de que “em uma prática que se dá com o sujeito e visa à avaliação dos efeitos patológicos e a reconstituição desse sujeito, não se devem tomar como quadro de referência modelos teóricos que excluem, por pressuposto metodológico, o próprio sujeito” ou, acrescentaríamos, alguma das várias faces que compõem este sujeito.

No Capítulo 2, “Anosognosia e afasia” este estudo irá abordar o fenômeno chamado, na literatura afasiológica, *anosognosia*, que parece ocupar um papel chave no percurso de (re)construção do sujeito percorrido por SB. Partindo de uma revisão da literatura recente sobre o fenômeno, busca-se entender como surge e se desenvolve este conceito, quais as suas limitações e qual a sua aplicabilidade na afasia, especificamente no caso de SB. Para isso, tenta-se construir um modelo teórico de anosognosia para afasia, confrontando-o com os dados obtidos no caso SB.

Por fim, no Capítulo 3, “Entonação, sentido e afasia”, examinaremos o caso de SB em seus aspectos prosódicos, especialmente no que tange à entonação como um instrumento de construção de sentidos, porque esta parece desempenhar um papel crucial na explicação dos eventos que ocorrem no percurso de SB. Para este exame convocaremos conhecimentos oriundos da chamada fonologia não-linear, construindo uma metodologia de análise que permita focar e expor os fenômenos entonacionais que parecem mais relevantes na fala de SB.

Capítulo 1 – Sujeito, discurso e afasia

“De uma feita, Nasrudin caminhava por uma estrada deserta. A noite começava a cair quando ele avistou uma tropa de cavaleiros que vinha em sua direção. Sua imaginação pôs-se a trabalhar, e ele teve medo de que pudessem roubá-lo, ou recrutá-lo à força para o exército. O medo se tornou tão grande, que ele saltou por cima de um muro e foi parar num cemitério. Os outros viajantes, inocentes de qualquer uma das intenções pressupostas por Nasrudin, mas curiosos, partiram em sua perseguição.

Quando chegaram junto dele, encontraram-no deitado, imóvel, no chão, e um deles perguntou-lhe:

— Podemos ajudá-lo? Por que está aqui, nesta posição?

Compreendendo seu engano, disse Nasrudin:

— A coisa é mais complicada do que vocês imaginam. Como vêem, eu estou aqui por sua causa; vocês estão aqui por minha causa.” História clássica sufi (Shah, 1977)

3. Sujeito, discurso e afasia

Na perspectiva enunciativo-discursiva que tem sido assumida nos estudos da área de Neurolinguística do IEL (Coudry, 1988, 1997), uma das questões que tem se mostrado férteis, tanto do ponto de vista teórico quanto do ponto de vista empírico, é a questão das imbricação entre os conceitos de sujeito e discurso, nas condições em que pessoas vítimas de lesão cerebral apresentam o quadro sindrômico chamado correntemente de afasia. Enfrentada em vários trabalhos³ que, de maneira geral, buscam esclarecer os desdobramentos da subjetividade da linguagem conforme se manifesta na afasia, esta questão pode ser iluminada através da tentativa de construção de um dispositivo teórico que recupere, para um terreno enunciativo-discursivo, o chamado “sujeito psicológico”, integrando-o às várias faces do sujeito que se podem abordar neste terreno. Assim, este capítulo tratará do relacionamento entre sujeito, discurso e afasia, em três momentos distintos: a explicitação do corte epistemológico que permite o movimento que se intenta; o enfrentamento teórico da questão do sujeito psicológico; e o exame dos dados obtidos no acompanhamento longitudinal do caso de SB pela investigadora MC, em que se mostrará a utilidade do dispositivo teórico construído.

4. O corte epistemológico

Um trabalho que visa ter repercussões teóricas e práticas em um campo científico constitui, numa perspectiva discursiva, um “gesto interpretativo” no dizer de Orlandi (1996a), em que, através de um conjunto de operações de caráter epistemológico, constroem-se dispositivos de caráter teórico, explicativo e descritivo que permitem ao cientista – como sujeito epistêmico – aproximar-se e apropriar-se de um determinado objeto, através de um certo método ou conjunto de métodos, gerando um certo conhecimento ou conjunto de conhecimentos sobre tal objeto. A maneira precisa de construir teorias pode variar de uma disciplina para outra, de uma tradição científica para outra, ou mesmo de um cientista para outro. Para que se possa criticar um tal procedimento científico, é útil, e mesmo desejável, que sejam explicitadas as operações às quais ele recorre. Assim, através de uma breve revisão das

³ Ver Coudry (1997) para uma panorâmica da produção do Grupo de Neurolinguística do IEL.

tradições teóricas ou discursivas a que se filia este estudo, tentaremos esclarecer a origem e os pressupostos que embasam suas operações de caráter teórico. Em seguida, falaremos sobre os métodos escolhidos, justificando tais escolhas. Em outras palavras, apontaremos de que *locus* fala o sujeito epistêmico que constrói o gesto interpretativo em que este trabalho se constitui.

4.1. Uma Neurolingüística de filiação discursiva

Uma Neurolingüística de filiação discursiva (Coudry, 1995) parte de um quadro teórico em que é essencial compreender as formas de engajamento do sujeito na linguagem, tanto no que se refere à sua participação na construção dos sentidos em instâncias concretas de enunciação, quanto no que se refere ao próprio estatuto teórico que a noção de sujeito assume nesta perspectiva. A partir de uma concepção de linguagem oriunda de “uma vertente da Análise do Discurso (AD) – que se define como disciplina pelo ponto de vista sobre seu objeto e que integra em seu domínio tanto questões enunciativas quanto o lugar da enunciação e o modo de configuração textual” (*id.*: 13), é possível aprofundar o entendimento dos fenômenos patológicos gerados por lesões cerebrais, fenômenos estes que se inserem no campo de domínio da Neurolingüística e da Afasiologia. A natureza precisa destas contribuições decorre da alteração geral do ponto de vista do analista, que, ao assumir um “posto de observação que considere a linguagem como uma atividade constitutiva” (*idem, ibidem*), permite “orientar discursivamente a visão que se tem sobre fatos patológicos em que a linguagem está concernida” (*idem, ibidem*), trazendo à disciplina da Neurolingüística a possibilidade de “ajudar na organização do conjunto de sintomas particulares a cada síndrome que se manifesta na ‘linguagem em exercício’ onde processos de significação verbais e não verbais são elaborados pelos interlocutores nas diferentes instâncias em que sujeitos falantes de uma língua natural se expõem, informados por regras e atitudes lingüísticas e regularidades sócio-históricas”. (*idem, ibidem*)

A construção desta compreensão consiste em um movimento contínuo em que a análise dos dados implica sempre uma operação teórica e em que as definições são recíprocas entre os dois níveis, enquanto a escolha dos dados é inevitavelmente uma operação estratégica resultante da articulação das operações teóricas sobre o objeto investigado (Coudry, 1996; Possenti, 1996). Sendo assim, é preciso sempre retomar os dispositivos teóricos dos quais se lançará mão, confrontando-os com dados concretos de sujeitos afásicos em situações concretas de interlocução, tanto para compreender como se dá este exercício da linguagem quanto mesmo para reformular os dispositivos teóricos a partir de seu uso. Por outro lado os problemas que exigem explicação, nesta perspectiva, podem acionar diferentes teorias, oriundas de recortes epistemológicos nem sempre coincidentes. Assim, começaremos a explicitação do corte epistemológico pela escolha da metodologia do estudo e pela definição de uma unidade de análise.

4.2. O Estudo de Caso

Conforme aponta Coudry (1997: 11) um “aspecto que distingue os estudos projetados para a área de Neurolingüística do IEL relaciona-se com a natureza longitudinal das pesquisas que envolvem dados, por ser ela que possibilita a análise lingüística atual e prospectiva.” Como parte dos objetivos deste estudo consiste em recuperar conceitualmente o “sujeito psicológico” para estudos discursivos, foi selecionado um caso particular, o de SB,

garantindo-se assim que o sujeito em estudo seja, a todo momento, “empiricamente coincidente consigo mesmo” (Orlandi, 1996a). Em vista disso, podemos qualificar este empreendimento como um Estudo de Caso, metodologia de inspiração naturalista comum às ciências normalmente concernidas às manifestações do patológico, como a Psiquiatria, a Neurologia e a Psicopatologia, e que normalmente se vale de procedimentos classificáveis como métodos clínicos.

Quanto à inspiração naturalista, a própria formulação “linguagem em exercício” (Coudry, 1995: 13) denuncia um movimento neste sentido, que é inclusive um dos méritos da perspectiva discursiva em Neurolingüística, o que nos exime de apresentar extensas justificativas. Quanto à possível classificação das análises empreendidas como clínicas, é preciso deixar claro que o cerne deste estudo é o esclarecimento de questões relativas à subjetividade, não à patologia, o que nos leva a enfatizar, do caso em tela, aspectos que, num sentido estrito, apenas tangenciam questões clínicas tradicionais. Por outro lado, se pensarmos na configuração das análises e na forma como elas se processam, especialmente pela tentativa clara de “deixar falar livremente e descobrir assim as tendências *espontâneas*, em vez de canalizá-las ou represá-las” (Castro, 1996b: 167-168), podemos aceitar a qualificação de método clínico, no sentido que lhe dá Castro (*op. cit.*: 166): “Clássico na medicina psiquiátrica ou na psicopatologia, este método é definido como essencialmente individual, casuístico, permitindo que se ultrapasse a simples observação (*observation pure*) e, sem recair nos inconvenientes do teste, que se tenha acesso às principais vantagens da experimentação”.

Posto, entretanto, que estamos lidando com dados registrados em meios de gravação, portanto já acontecidos e “estáticos”, cabe aqui distinguir as intervenções de cunho exploratório-analíticas efetuadas pela investigadora no momento mesmo da interlocução, que poderiam ser também classificadas como típicas do método clínico, daquelas efetuadas neste estudo, e concernentes aos seus próprios objetivos, que incluem eventualmente o desvendamento de constelações semiológicas que ocorrem na fala de SB, mas que buscam ultrapassar um naturalismo e descritivismo estritos, típicos do caráter classificatório das ciências naturais, especialmente as relacionadas ao estudo das patologias. Conforme aponta Morato⁴ “o interesse precípua da Neurolingüística no ambiente clínico não é exatamente medir ou diagnosticar a produção afásica, procurando revelar as diferenças entre o normal e o patológico. Seu trabalho, antes, é destacar o que está implicado no funcionamento patológico, muitas vezes ocultado pelo fato clínico”. Assim, a escolha do Estudo de Caso e da histórica clínica do sujeito SB configuram uma opção que se insere na perspectiva enunciativo-discursiva que se pretende que este trabalho tenha.

4.3. O recorte dos dados: uma unidade elástica e vários níveis de análise

O percurso por que passa o sujeito afásico SB, desde o acidente até o momento em que se encerra o acompanhamento, é um acontecimento, em que podem ser distinguidos o começo, o desdobramento e o fechamento de um ciclo, composto de vários acontecimentos menores, de vários tamanhos e agrupáveis de muitas formas diferentes, inclusive com encadeamentos temporais em que também podem ser distinguidos o começo, o desdobramento e o fechamento de ciclos. Um acontecimento histórico, portanto. As análises que devo empreender,

conseqüentemente, envolvem vários tamanhos e modos de agrupamento dos dados coletados, ou vários recortes, desde a análise cuidadosa de um enunciado específico, isolado até mesmo do contexto em que aparece, até a análise do percurso evolutivo historicamente situado que SB percorre desde uma sessão em 02/06/97 até outra em 16/10/97. Para isto, ou dispomo-nos a definir novas unidades de análise a cada passo, ou buscamos uma unidade elástica o suficiente para permitir caracterizar enunciados isolados e acontecimentos discursivos maiores do que enunciados isolados. A noção de *episódio* é uma boa aproximação.

4.3.1. *O episódio como unidade de análise*

Segundo Van Dijk (1992) o episódio consiste em uma unidade analítica que ocupa um “nível intermediário” entre a unidade oração ou sentença, de um lado, e a unidade texto, discurso ou conversação como um todo”, e vem sendo caracterizado, de modo aproximado, como “seqüências coerentes de sentenças de um discurso, linguisticamente marcadas quanto ao começo e/ou fim, e definidas, além disso, em termos de algum tipo de ‘unidade temática’ – por exemplo, em termos dos mesmos participantes, tempo, lugar, ou evento ou ação global.” (p. 99) Intuitivamente, um episódio “é concebido, em primeiro lugar, como uma parte de um todo, que tem começo e fim, definido, portanto, em termos temporais. Em segundo lugar, tanto a parte como o todo envolvem geralmente seqüências de eventos ou ações. Finalmente, o episódio deve ser de algum modo ‘unificado’ e possuir certa independência relativa; podemos identificá-lo e distingui-lo de outros episódios.” (p. 102) Entre as propriedades mais características de um episódio identificadas por Van Dijk estão os chamados “sinais” como pausas ou hesitações, marcadores de tempo ou espaço e outros.

A elasticidade da noção de episódio vem do fato de que pode ser (e é) definido intensionalmente e, portanto, comporta-se como um conjunto, relacionável com outros conjuntos, aos quais pode conter, nos quais pode ser contido, com os quais pode se relacionar, em suma, com os quais pode ser operado. Assim, por exemplo, toda a história analisada pode ser considerada um episódio da vida de SB, mas uma fala específica de SB, em uma sessão específica, pode também ser um episódio daquele diálogo específico que ocorria naquele momento, e por aí fora. Temos então uma unidade que permitirá vários recortes diferentes dos dados, e como estes recortes podem ser tratados como conjuntos, podemos identificar seus níveis lógicos. Com isto resguardamos a qualidade formal das operações que faremos, desde que tenhamos o cuidado de somente operar entre si episódios que sejam definidos pelas mesmas propriedades, ou seja, conjuntos de mesmo nível lógico. Este cuidado deverá ser materializado através da definição do tema ou subproblema a ser resolvido em cada momento do trabalho, e através da metodologia de descrição dos dados escolhida.

4.3.2. *O enunciado como sub-unidade de análise*

Em alguns momentos, porém, não bastará analisarmos o episódio, mas será necessário definirmos enunciados específicos de um episódio e analisá-las como unidades ou sub-unidades isoladas até mesmo do seu contexto. Aqui enfrentaremos o problema da delimitação do enunciado, da definição de seus limites, já que, na perspectiva discursiva que assumimos, ela faz parte de um conjunto de enunciações que não se esgota nela, um

⁴ Comunicação pessoal, 2001.

discurso. No trabalho com a materialidade do enunciado, a frase, precisamos apenas de sua definição extensional, o que não constitui problema, basta apontar onde começa e onde termina. No trabalho com o sentido da frase, e sua relação com o discurso de que faz parte, novamente lançaremos mão da idéia de conjunto, definindo intensionalmente os sentidos que são possíveis para aquela frase, naquele momento material. Em outras palavras, construiremos sua “matriz parafrásica” (Pêcheux & Fuchs, 1975).⁵

4.4. Caracterizando o sujeito – limites para a história clínica

SB internou-se para fazer uma histerectomia e houve um problema no procedimento de anestesia, do que lhe sobreveio um acidente cerebral isquêmico na região têmporo-parieto-occipital esquerda, em final de março de 1997, quando tinha 47 anos. É professora de história, destra, casada, com dois filhos. Ela foi encaminhada à Prof^a Dr^a. M. I. Hadler Coudry, para avaliação neurolingüística e acompanhamento longitudinal, pelo Prof. Dr. Guilherme Borges, responsável por sua avaliação e acompanhamento neurológicos. O acompanhamento longitudinal individual estendeu-se de Abril a Dezembro de 1997, com vistas a possibilitar a integração de SB no trabalho do CCA.⁶ No início de 1998, a investigadora, considerando que SB beneficiar-se-ia muito mais do acompanhamento feito no CCA do que do acompanhamento individual, sugeriu que SB se integrasse ao grupo do CCA, mas SB preferiu não participar, encerrando-se portanto o acompanhamento individual.

A história clínica de SB somente será considerada naqueles aspectos que sejam pertinentes a este trabalho ou relevantes para a contextualização dos dados escolhidos. Ao eleger como unidade de análise o episódio, fizemo-lo em virtude justamente da possibilidade de examinar um certo episódio, ou uma dada seqüência de sub-episódios, através da identificação de certos processos cognitivo/lingüísticos relacionados à afasia de SB, aparentemente inacessíveis ou inoperantes em um dado momento e que, decorrido um certo tempo de acompanhamento, parecem (re)emergir (intactos ou reconstruídos). Esperamos poder demonstrar a ocorrência de um percurso evolutivo em que se identifica o “alçamento” do sujeito,⁷ condição necessária para a (re)construção do sujeito na afasia (Coudry,

⁵ Este procedimento será mais largamente utilizado na seção 6.2.1, em que são agrupadas várias paráfrases de uma enunciação de SB com o fim de mostrar o percurso de (re)construção do “eu”, e no Capítulo 3, em que estas paráfrases serão analisadas com o objetivo de demonstrar os mecanismos prosódicos envolvidos nesta (re)construção.

⁶ “O Centro de Convivência de Afásicos (CCA), criado em 1989 por uma ação conjunta do Departamento de Linguística/IEL e do Departamento de Neurologia/FCM (ambos da Unicamp), está ligado à Unidade de Neuropsicologia e Neurolingüística (UNNE), que congrega docentes e pesquisadores dos dois departamentos, responsáveis pelo acompanhamento clínico-terapêutico de sujeitos Cérebro-lesados. (...) o CCA é, sobretudo, um espaço de interação entre pessoas afásicas e não afásicas.” Os professores responsáveis pelo CCA são a Prof.^a Dra. Maria Irma Hadler Coudry e a Prof.^a Dra. Edwiges Maria Morato, responsáveis pela direção das atividades, representando o Departamento de Linguística do IEL, e o Prof. Dr. Benito Pereira Damasceno, representando o Departamento de Neurologia da FCM, responsável pela Avaliação Neurológica e Psicológica dos sujeitos encaminhados.

⁷ Com a expressão “alçamento do sujeito”, introduzida por Coudry (1997), queremos nos referir aos momentos e aos enunciados em que o sujeito se reconhece como coincidente com o dispositivo de discurso que chama de *eu*, conforme será explicado adiante. Pode parecer que esta expressão implica a preexistência de um sujeito ‘normal’, ‘escondido’ pela patologia, que seria ‘alçado’ pelo trabalho terapêutico, o que traria consigo dois pressupostos incompatíveis com a perspectiva discursiva: (a) o sujeito ‘normal’ implicaria a recusa do sujeito dividido entre pólos conflitantes normalmente propugnado pela AD; e (b) a patologia seria uma ‘casca’ que ‘recobriria’ um sujeito preservado do *pathos*, a ser ‘alçado’ pelo trabalho do terapeuta, que ‘descascaria’ a capa da patologia para que o sujeito pudesse se recuperar. Com efeito, não se trata de recusar o sujeito clivado da AD, mas de perceber que entre os efeitos da afasia em SB encontra-se o não reconhecimento de si mesma, em certas condições, como referência (enquadre) necessária para o trabalho de construção de sentidos, e este papel de referência exercido pelo ‘eu’ assenta-se justamente na pressuposição de que se trata de um só sujeito, certamente não monolítico, certamente submetido a várias clivagens, certamente heterogêneo, mas ‘reconhecível’ como ‘eu’ diante dos múltiplos papéis que recobrem a subjetividade, ou seja, com a mesma referência ao longo do tempo. Em suma, um sujeito ‘psicológico’, que pretendemos mostrar como discursivamente construído, mas ainda assim identificável como o “sujeito psicológico empiricamente coincidente a si mesmo” de que fala Orlandi (1996a.). Da mesma forma, não se trata de descobrir o sujeito oculto pelos

1997). Vale notar que, como o ponto de vista enunciativo-discursivo pressupõe a instabilidade como característica ou propriedade essencial e constitutiva da linguagem, não estaremos lidando com uma linguagem “permanentemente afásica”, ou com um sujeito “permanentemente afásico”, mas com uma linguagem – e um sujeito – cuja instabilidade manifesta-se de formas identificáveis às vezes como afásicas e às vezes como “normais”. A questão principal, aqui, portanto, não é o que há de “afásico” ou de “normal” nas manifestações de SB, mas quando e como, em que condições, SB ultrapassa os limites que lhe são colocados pelos impedimentos patológicos característicos da afasia, especialmente no trabalho de construção de sentidos. A resposta, como espero demonstrar, passa pelo esclarecimento de como as condições de intersubjetividade produzidas pelo engajamento entre SB e a investigadora, permitem o “alçamento” do sujeito SB anteriormente referido.

4.4.1. *A saúde afetiva de SB*

A principal afirmação preliminar que deve ser feita sobre SB é que, mesmo tendo sofrido uma lesão cerebral e se tornado afásica, mesmo com o prejuízo de boa parte de suas possibilidades expressivas, SB parece, do ponto de vista psicodinâmico, especialmente quanto à sua condição de operar no terreno afetivo, ter continuado a ser um sujeito saudável. Para sustentar esta afirmação, convém esclarecer as circunstâncias em que SB sofreu o acidente vascular cerebral do qual decorreu sua condição afásica. Tendo se internado para submeter-se a uma histerectomia, durante o procedimento cirúrgico houve um problema com a anestesia, do qual decorreu a lesão cerebral. Falando de forma dramática, SB internou-se, dormiu, e acordou afásica.⁸ É evidente que a mudança que sofreu alterou de tal forma suas condições de engajamento no mundo que SB sentiu-se “perdida”, “abalada”, etc. A própria forma como se engajou no processo de recuperação, através do envolvimento no trabalho com a investigadora e da realização das atividades exigidas por este trabalho, no entanto, demonstra uma tal vontade de superação do problema que não se pode deixar de perceber uma “integridade afetiva” que, embora um tanto abalada, foi certamente um fator crucial na recuperação que conseguiu lograr.

Um dos pontos mais controversos e cruciais na Psicopatologia é o conceito de saúde ou cura, cujo grande problema consiste em definir como é ou deve funcionar um psiquismo saudável sem deixar de levar em conta todos os fatores externos ao eu – de caráter social, cultural, lingüístico, interacional, histórico, econômico, etc. – que não apenas determinam em grande medida o próprio eu como podem mesmo ser parte integrante e determinante do conceito de saúde. Em outras palavras, uma vez que o ser humano é essencialmente um ser “relacional”,⁹ constituído

acontecimentos patológicos, mas de criar condições para que o sujeito se reconheça como ele mesmo (e um só) justamente para poder incorporar as novas condições, características ou propriedades que a condição patológica lhe impõe, obtendo com isso a ‘superação’ dos impedimentos, ou de parte deles, que estas novas condições, características ou propriedades trazem consigo. Este efeito somente será possível em determinadas condições, que chamamos anteriormente “condições terapêuticas para o sujeito cérebro-lesado”, condições estas identificáveis nas condições de intersubjetividade típicas dos encontros terapêuticos. É preciso ressaltar que também não se trata de dar à investigadora (enquanto terapeuta) o papel proeminente na construção destas condições terapêuticas, uma vez que, pelo menos no caso de SB, conforme pretendemos mostrar mais adiante, são às vezes os equívocos da investigadora que criam estas condições, mas de reconhecer que existem estas condições e que sua existência implica um papel ativo da investigadora, papel cuja principal característica consiste justamente em manter estáveis algumas das condições de intersubjetividade entre ela e SB (como por exemplo manter o foco do diálogo nas condições de produção da fala de SB). Voltaremos a este ponto adiante.

⁸ Há aqui várias ressonâncias de sentidos que poderiam ser exploradas e desvendadas, num sentido mais psicanalítico, como a relação entre o motivo da internação (perder ou eliminar deliberadamente a capacidade reprodutiva) e o resultado da internação (perder a capacidade comunicativa). Para os objetivos deste trabalho, no entanto, seria uma digressão desnecessária.

⁹ Esta asserção, aparentemente perigosa, exige uma explicação: trata-se de uma pressuposição ontológica necessária à definição de sujeito discursivamente construído que formulamos, ficando, portanto, implícita neste trabalho. Discutir sua verdade ou validade (da asserção), além de

em e por suas relações com o mundo, especialmente o “mundo cultural compartilhado” a que se referem Harré & Gillett (1994), “saúde mental”, como propriedade atribuível aos seres humanos, também deverá ser um fenômeno depreensível nas relações e por referência aos pressupostos e definições constantes desse “mundo cultural compartilhado”.

De certa forma, as ciências da saúde, especialmente no caso da saúde mental, evitam esta questão, ou eludem-na, através do recurso a definições negativas,¹⁰ ou então alinham-se, explícita ou implicitamente, a um determinado ponto de vista filosófico, ideológico, epistemológico e/ou pragmático. Dalgalarrondo (2000, pp. 25-27) lista nove linhas possíveis na definição do conceito de “normalidade” ou “saúde” em Psicopatologia: (a) a saúde como a ausência de doença, uma definição essencialmente negativa; (b) a idealização, em que a saúde é pré-definida com base em alguma definição assumida como verdadeira, ou mais verdadeira que as outras, uma definição essencialmente afirmativa, mas prejudicada pelo compromisso com uma certa tradição discursiva geralmente etnocêntrica; (c) a normalidade estatística, em que se identifica a saúde, através do levantamento da frequência de ocorrência de um determinado estado, com a norma estatística, ou seja, saúde é o “normal”, e “normal” é o mais freqüente; (d) a saúde como bem-estar – definição da Organização Mundial de Saúde – em que a saúde seria o “completo bem-estar da pessoa”, uma definição extremamente vaga; (e) a definição funcional, em que se considera como saudável o indivíduo que está “funcionando bem”; (f) a definição processual, em que a saúde é entendida como um estágio do processo de crescimento e desenvolvimento do indivíduo, ou melhor, como uma sucessão dinâmica de vários destes estágios; (g) a definição subjetiva, em que saúde é o que o próprio sujeito avaliado define como saudável; (h) a saúde como liberdade, vinculando a saúde “às possibilidades de transitar com graus distintos de liberdade sobre o mundo e sobre o próprio destino”; e finalmente (i) a definição operacional, em que se assume um determinado conceito de saúde com objetivos operacionais explícitos, aceitando-se os pressupostos e as limitações do conceito escolhido.

Uma afirmação como a que foi feita sobre a saúde, ou integridade, afetiva de SB, exige uma definição positiva de saúde, ou pelo menos critérios positivos explícitos para sua identificação. Não sendo objeto desta dissertação uma discussão aprofundada da questão da saúde psíquica, postularemos um critério, de caráter “funcional”, alinhando-nos ao item (e), que nos permita sustentar tal afirmação, gerando assim uma definição operacional, como a citada no item (i) acima. Assumiremos então que a cura, e, por extensão a saúde, conforme nota Etchengoyen (*apud* Wallerstein, 1995: 150) implicaria, sempre, um “melhor contato com a realidade”, qualquer que seja a definição de “realidade”. Mesmo numa perspectiva radicalmente distinta e “revolucionária” como a da psicanálise lacaniana, encontramos a cura como consistindo no abandono da ordem imaginária pela ordem simbólica, ou seja, a capacidade de superar o pensamento dual e narcísico (centrado no *eu*) pelo pensamento conceitual e abstrato, que “permite o acesso à ordem do real”. (Etchengoyen, *apud* Wallerstein, 1995: 150) Em outras palavras, saúde poderia ser descrita como exigindo a presença da capacidade de operar efetivamente, através da simbolização,

sair do escopo do trabalho, levar-nos-ia a um terreno metafísico muito além do que pretendemos ou podemos, sem contar o fato de que a negação de sua verdade ou validade invalidaria todo o trabalho.

¹⁰ Ver, por exemplo, Scarpa (1996b), em que a autora mostra que o conceito de “sujeito fluente”, análogo ao de “sujeito saudável” é definido na literatura através da definição de “disfluência”.

no mundo real. Num sentido enunciativo-discursivo, a saúde implicaria a capacidade de engajar-se nos “jogos de linguagem” e compartilhar o “mundo cultural” discursivamente construído no trabalho de linguagem, na construção de sentidos que sejam afiliados a este mundo compartilhado. De um ponto de vista afetivo, que é o escopo da afirmação sobre a saúde de SB, seria então necessária à saúde a capacidade de operar adequadamente com os afetos – emoções ou sentimentos – sem que estes afetos se tornem obstáculos permanentes para o engajamento da pessoa no diálogo e na construção dos sentidos. Em suma, trata-se da capacidade de ascender à ordem do simbólico de que fala Lacan, tratando o fenômeno real, no caso os afetos, como algo de que se pode tomar distância – através da simbolização – e reinterpretar, alterando-lhe o sentido em uma direção que permita um “melhor contato com a realidade”.

4.4.1.1. SB supera a emoção e se engaja na construção de sentidos

Colocadas as coisas desta forma, podemos nos indagar se SB consegue “operar adequadamente com os afetos – emoções ou sentimentos – sem que estes afetos se tornem obstáculos permanentes para o engajamento da pessoa no diálogo e na construção dos sentidos”. Examinemos o episódio configurado no Excerto 8 (16/10/97): SB, recordando um acontecimento do dia anterior – em que amigas que a visitavam comentaram que seu caso teria sido resultado de imperícia médica – imerge em um estado afetivamente carregado, expressando e vivenciando seus sentimentos de perda, dor e injustiça sobre o acidente que a vitimou. A investigadora aceita a manifestação emocional de SB, sem tentar impedi-la ou interpretá-la, e oferece apoio através do recurso a argumentos que misturam: (a) um apelo ao “mundo cultural compartilhado”, buscando no interdiscurso vários “já-ditos” sobre a inutilidade de “ficar remoendo o passado”, sobre a importância de “olhar para o futuro”, etc.; (b) um apelo ao engajamento de SB no tratamento, que poderia ser “atrapalhado” pelo comprometimento afetivo resultante de “ficar remoendo o que aconteceu”; e (c) afirmações sobre a melhora de SB, comparativamente ao estado em que ficou logo após o acidente. SB, aceitando o apoio da investigadora, permite-se descarregar suas emoções, explora, contém e organiza seus sentimentos sobre o acidente, engajando-se novamente no trabalho de construção de sentidos. E, neste engajamento, SB amplia o conjunto de sentidos portados pela afirmação “agora eu sei que eu sei” e suas paráfrases, de um sentido (que chamaremos, doravante, *sentido 1*) que era originalmente apenas uma referência a um acontecimento do dia anterior, em que obtivera um entendimento sobre o comportamento dos médicos responsáveis pelo acidente que a acometeu, para incluir um outro sentido (que chamaremos, doravante, *sentido 2*), que é um entendimento sobre sua própria condição de afásica em recuperação, que “sabe que sabe”, mesmo que às vezes não consiga dizer.

É essencial perceber que esta ampliação decorre das “possibilidades de equívoco” que o trabalho de interpretação contém, porque, na primeira vez em que SB enuncia a frase-chave [*SB: eu, sabe, eu aprendi tudo, agora que entendi tudo eu fiquei tão nervosa!*], a investigadora, sem saber que SB está se referindo ao acontecimento do dia anterior, interpreta a afirmação, equivocadamente, como se SB estivesse se referindo a um entendimento que tivesse alcançado sobre o próprio estado afásico. Depois de muitas idas e vindas, em que a investigadora experimenta outras interpretações, como a de que SB estaria se referindo à “barbearagem” de que teria sido vítima, mas continua ajudando SB a conter e controlar seus próprios sentimentos, emerge este novo sentido,

proposto pela investigadora e ao qual SB termina por aceder ou atingir. O que SB consegue, aqui, é, mesmo passando por um episódio emocionalmente carregado, atingir um grau maior de compreensão sobre si mesma, que configura justamente a simbolização a que nos referimos. Vejamos uma análise minuciosa:¹¹

Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
	falando sobre a sessão com a Fonoaudióloga	RECORTE
SB:	{ <i>incompreensível</i> } hoje, aí é como você,	
SB:	(<i>foca aí fazê aí</i>) hoje, fiz	
Imc:	com a... como é que ela chama?	
SB:	(<i>aa isabael a mea raia é</i>) não,	
Imc:	não, devagar, pensa para falar um pouquinho	
SB:	(<i>umá</i>)	
Imc:	pensa um pouquinho para falar,	
Imc:	não fala assim imediatamente...	
SB:	hum	
Imc:	dá um tempo, pensa na cabeça, repete	
Imc:	mentalmente assim, depois tenta falar com mais calma.	
Imc:	como é que chama a sua fonoaudióloga?	
SB:	hum	
Imc:	I...	forneendo o <i>prompting</i>
SB:	(<i>ra erra hm MI</i>)	
Imc:	tenta escrever aqui...	propondo uma estratégia alternativa
SB:	(<i>ma ma</i>)	
Imc:	tenta escrever o nome dela.	
SB:	ih, esqueci (<i>a a rael</i>)	
Imc:	I...	forneendo o <i>prompting</i>
SB:	não, cabeça, eu fico nervosa!	Tom: emocional
Imc:	porque você está nervosa?	
SB:	é porque eu estou (<i>cansada</i>), eu estou cansada...	surge a primeira paráfrase, que denominamos “frase-chave”, com que SB refere-se, como poderemos ver no decorrer do diálogo, ao entendimento, obtido no dia anterior, de que os médicos, que supunha serem seus amigos, não vieram até ela admitir o erro e pedir desculpas (<i>sentido 1</i>)
SB:	eu, sabe, eu aprendi tudo,	
SB:	agora que entendi tudo eu fiquei tão nervosa!	Tom: desânimo no início, raiva no final
Imc:	imagina, Sxxxxx você está melhorando muito!	não entendendo a referência, Imc deixa de lado o esclarecimento do sentido da frase-chave e, elegendo a emoção como o tópico mais relevante no momento, oferece apoio

¹¹ Este episódio, incluindo esta interpretação de ampliação de sentidos, será explorado de novo, na seção 6.2.1 como objetivo de explorar os aspectos semânticos da ampliação de sentido a que nos referimos, e no Capítulo 3, com o objetivo de mostrar a relevância dos fatores prosódicos na construção de sentidos. Na análise que ora faremos iremos nos deter nas estratégias de SB para, com a ajuda da investigadora, superar as ressonâncias afetivas do que diz e se engajar no trabalho de construção de sentidos.

		afetivo a SB
SB:	(né?)	
Imc:	escuta, você estava me falando o seguinte	
Imc:	que uma prima sua ligou de São Paulo, é isso?	
SB:	não, é (<i>não</i>) faz mal ligou (<i>oteze</i>) uma (<i>prida</i>) mas <i>não</i> é	recusa o assunto proposto e volta à questão das emoções
SB:	nada, eu cansei, cansei, não sei, a gente fica (<i>rovoltada</i>).	Tom: revolta
Imc:	não, tem dias, claro, tem dias que, hã ,	
Imc:	tudo é mais difícil, porque o que te aconteceu é uma,	
Imc:	é uma (<i>fatali</i>) foi uma fatalidade	
SB:	ah, é verdade, é verdade	Tom: emocional
Imc:	né? agora, claro que tem dias que é difícil	
SB:	(<i>cansada</i>)	Tom: emocional
Imc:	mas aí, é, eu estou aqui para dar este suporte para você,	
Imc:	para te... te animar também, né?	
Imc:	porque você está melhor e eu tenho que te dizer isso.	
SB:	você acha?	
Imc:	claro!	
SB:	ai pois é...	
Imc:	senão eu não diria...	
SB:	agora (<i>entendi</i>)... sabe que... eu sei tudo que eu, sabe,	
SB:	(<i>aprendi</i>) na cabeça, tudo sabe, agora.	
SB:	de primeiro não sabia	
Imc:	não tinha, não tinha essa noção?	
SB:	não, muita coisa, as coisas ficavam assim...	
Imc:	não tinha...	
SB:	agora não, eu sei tudo, na cabeça, sei tudo, você sabe?	
Imc:	você notou essa diferença, Sxxxxx?	aqui fica claro que a investigadora interpretou a frase-chave de SB em um outro sentido (<i>sentido 2</i>), como se SB estivesse se referindo a um entendimento de sua condição de afásica, que "sabe que sabe", embora nem sempre consiga controlar a expressão do que sabe. A investigadora atribui a SB um meta-conhecimento de si mesma, como se SB estivesse dizendo: "eu sei que eu sei, e reconheço que estou com dificuldades para expressar este conhecimento"
SB:	sim, eu sei que eu sei, sabe, ontem,	retoma a frase chave
SB:	vieram (<i>asmigos</i>) meus,	
Imc:	hum	
SB:	então, veio (<i>com uma</i>) o marido dela, médico, é...	
SB:	negócio de (<i>perta</i>), braço...	
Imc:	ortopedista?	
SB:	é, ela disse que eu fiquei assim, eu (<i>não</i>) sabia,	
SB:	contaram para mim, a segunda vez...	

<i>Imc:</i>	gente próxima?	
<i>SB:</i>	sim. que o médico, que ele que fez isso comigo,	
<i>SB:</i>	os dois médicos que fizeram essa coisa comigo...	
<i>Imc:</i>	essa barbearagem?	
<i>SB:</i>	sim, que o (<i>Mxxxxx devia</i>) por ele na cadeia,	
<i>SB:</i>	(<i>falaram</i>) assim...	
<i>Imc:</i>	mas falaram em barbearagem?	
<i>Imc:</i>	(<i>you tinha falado antes</i>) em barbearagem...	
<i>SB:</i>	falou! dos dois... (<i>falaram</i>) olha seu <i>Mxxxxx</i> , chama o	
<i>SB:</i>	<i>Mxxxxx</i> , põe na cadeia esse (<i>homem</i>)... eles... (<i>olha</i>)	
<i>SB:</i>	o que eles fizeram com você. eu (<i>fiquei</i>) tão nervosa,	
<i>SB:</i>	eu (<i>falei</i>), não sabia, agora que elas contaram...	
<i>Imc:</i>	mas foi depois disso	pausa
<i>Imc:</i>	que você melhorou?	continua interpretando a fala de SB no sentido 2
<i>SB:</i>	não, eu...	
<i>Imc:</i>	não, não tem nada a ver uma coisa com outra...	
<i>SB:</i>	não, eu (<i>não</i>) sabia, agora eu fiquei sabendo disso aí,	
<i>SB:</i>	eles contaram...	
<i>Imc:</i>	you já tinha me falado uma vez isso, até que você falou	
<i>Imc:</i>	foi uma barbearagem.	
<i>SB:</i>	(<i>lembra? mas hoje falei de novo</i>)	sobreposição de vozes
<i>Imc:</i>	eu falei olha <i>Sxxxxx</i> isso, eu não sei, eu não sei mesmo	
<i>SB:</i>	é, agora (<i>veio oti</i>) ontem, médico,	
<i>SB:</i>	ela falou que o (<i>médico</i>) dela que todo mundo sabe.	
<i>SB:</i>	o <i>Mxxxxx</i> falou que não, que imagina,	
<i>SB:</i>	que o (<i>médico</i>) não ia fazer nada, o <i>Mxxxxx</i> falou	
<i>Imc:</i>	agora, uma coisa eu acho, viu <i>Sxxxxx</i> ,	
<i>Imc:</i>	eu acho que já aconteceu	
<i>SB:</i>	é, esquece, né? não adianta	
<i>Imc:</i>	esquece, porque você vai se aborrecer, com esta história	
<i>SB:</i>	(<i>é</i>)	
<i>Imc:</i>	you vai passar raiva, você vai se, sabe,	
<i>Imc:</i>	ficar ansiosa, angustiada,	
<i>SB:</i>	(<i>é</i>) (<i>é</i>)	
<i>Imc:</i>	vai te trazer sofrimento, isso não (<i>leva</i>),	
<i>Imc:</i>	o que eu estou dizendo é o seguinte, isso não leva a nada	
<i>SB:</i>	é, verdade, não adianta, agora eu tenho	
<i>SB:</i>	(<i>resolver olhar</i>) para frente e fazer,	
<i>Imc:</i>	não adianta, você está, sabe,	
<i>Imc:</i>	you está (<i>melhorando</i>), isso	
<i>SB:</i>	não adianta eu fiquei, chorei muito ontem,	Tom: tristeza
<i>SB:</i>	porque (<i>eu falei</i>),	

<i>Imc:</i>	claro, porque você se tocou	
<i>SB:</i>	meu Deus do céu, eu (trabalha), forte, boa,	
<i>SB:</i>	fui lá, (acontece) uma coisa dessa	
<i>Imc:</i>	hum	
<i>SB:</i>	como (ois, né, a) é verdade, não é verdade?	
<i>Imc:</i>	não, claro, claro, então, por isso que eu estou te dizendo,	
<i>Imc:</i>	isso dá uma medida, do jeito que você ficou dá uma	
<i>Imc:</i>	medida para gente raciocinar em cima da, da seguinte	
<i>Imc:</i>	coisa não vale a pena você se desgastar com isso	
<i>SB:</i>	é, não adianta, não adianta, eu sei	
<i>Imc:</i>	não adianta porque você vai prejudicar o teu tratamento,	
<i>Imc:</i>	agora o que interessa é o teu tratamento, você está	
<i>Imc:</i>	melhorando, com a Isabel entrando, é, ajudando aí,	
<i>Imc:</i>	tendo esse apoio fonoaudiológico é melhor porque são	
<i>Imc:</i>	mais vezes por semana, depois o ano que vem, ou agora,	
<i>Imc:</i>	eu queria que você fosse agora, mas talvez (podemos)	
<i>Imc:</i>	podemos deixar isso para, já tá em outubro, né?	
<i>Imc:</i>	você pode ir lá para o grupo da Unicamp, como	
<i>Imc:</i>	a gente tinha falado, pode fazer uma experiência lá,	
<i>Imc:</i>	ver se você gosta, acho que você vai gostar,	
<i>Imc:</i>	então são coisas para frente, são prospectivas	
<i>SB:</i>	é verdade	
<i>Imc:</i>	não vai, é não vai, não tem um provérbio que fala assim,	
<i>Imc:</i>	não adianta chorar sobre leite derramado?	
<i>SB:</i>	não adianta, não (ter, é prei), para frente,	
<i>SB:</i>	não adianta, não adianta mais	
<i>Imc:</i>	para frente, sabe, vamos, acabou aquilo, foi, foi,	
<i>Imc:</i>	porque você vai se aborrecer, Sxxxxx, eu sinto isso	
<i>SB:</i>	é verdade	
<i>Imc:</i>	estando, tratando de você desde Abril, né?	
<i>Imc:</i>	que eu estou tratando de você, eu posso te dizer isso,	
<i>Imc:</i>	acho que não, não vale a pena	
<i>SB:</i>	é verdade, é verdade	
<i>Imc:</i>	né?	
<i>SB:</i>	a gente fica muito	
<i>Imc:</i>	porque de qualquer forma, foi uma fatalidade	
<i>SB:</i>	é verdade, ele (não iam) fazer, né?, assim fazer	
<i>Imc:</i>	pode estar associado a um erro, enfim, não se sabe,	
<i>Imc:</i>	você vai mexer com isso, não sei	
<i>SB:</i>	(é) é verdade	
<i>Imc:</i>	eu penso assim, né?,	
<i>Imc:</i>	talvez seja esse também o pensamento do Mxxxxx	
<i>SB:</i>	é o Mxxxxx falou que (pá)	

Imc:	é, nunca vai ter certeza, vai ficar se aborrecendo,	
Imc:	fala que falou, fala que não disse. (<i>bororó</i>),	
Imc:	fica aquela leva e traz,	
SB:	(<i>hã</i>) (<i>é bem</i>)	
Imc:	isso vai te fazer mal	
SB:	é verdade	
Imc:	acho, penso assim	
SB:	é, se Deus quiser,	
Imc:	não é? sobretudo, considerando que isso pode	
Imc:	atrapalhar o teu tratamento	
SB:	é verdade. é, eu sei, mas (<i>eu fico muito</i>) cansada, né?	
Imc:	atrapalhar você, como pessoa. não, é claro que essa,	
Imc:	esse fato, (<i>quer dizer</i>), o fato de você ter sabido,	
Imc:	e se dado conta, por que na realidade você já	
Imc:	tinha falado para mim sobre isso, mas não deu assim,	
Imc:	falou assim meio por cima, tal, e ficou por isso mesmo.	
Imc:	agora você voltou ao assunto, né?	
SB:	é, a cabeça (<i>vol, vou</i>) agora que eu, eu,	
Imc:	atinei	
SB:	hoje, hoje, eu sei tudo, eu sei tudo, agora	retoma a frase-chave
Imc:	que coisa, né? hoje, foi hoje, que aconteceu isso	ainda interpreta a frase-chave de SB no sentido 2
SB:	não, faz (<i>tempo</i>), mas a coisa está (<i>in in</i>) inteira	
Imc:	hoje que você está dizendo é atualmente,	
Imc:	assim, né? claro	
SB:	é, esse mês, (<i>de lá para cá</i>) eu estou (<i>assim</i>)	
Imc:	não, pensei que tinha alguma coisa associada com essa	
SB:	não eu já vi (<i>eh</i>)	
Imc:	impacto que você teve, de ter essa notícia,	ainda interpreta a frase-chave de SB no sentido 2
Imc:	enfim essa coisa que te aborrece	
SB:	é, (<i>depois que eu ouvi isso</i>)	
Imc:	mas não tem nada a ver	
SB:	depois	
Imc:	mas você viu isso com outros olhos?	Imc ainda se mantém no sentido 2 da frase-chave, e por isso tem dificuldades de interpretar o que SB diz.
Imc:	você está se vendo com outros olhos? é isso?	
SB:	é, porque não dá (<i>essa</i>) o médico não { <i>persa</i> }	
SB:	o médico agora	
Imc:	hã?	a partir daqui, Imc abandona a tentativa de impor sua própria interpretação da frase-chave e começa a acompanhar a narrativa de SB, ajudando-a a exercitar o trabalho de linguagem. A estratégia de Imc, quanto ao fator emocional, continua sendo aceitar e legitimar a emoção, sem porém interpretá-la.

		mas oferecendo já-construídos que permitam a SB sentir-se apoiada
SB:	eu {oaaa} é que hoje eu entendi que o médico,	SB tenta esclarecer a frase-chave
SB:	{eaea} ele (ve) é amigo (meu ve ligou nunca não	
SB:	não muito mais aqui) o Mxxxxx é amigo dele	
Imc:	desse médico que falou isso	
SB:	(não dele), dos dois porque	
Imc:	dos dois que falaram	
SB:	é	
Imc:	que houve erro médico, é isso?	a investigador continua equivocada no entendimento do sentido da frase-chave, agora dirigida pelo tema "barbearagem"
SB:	não, não, o (Mxxxxx)	
Imc:	não estou entendendo	
SB:	não, essa é minha amiga, o médico ela falou	
Imc:	ah! o médico dela	
SB:	é, o (marido) dela, é médico, e e convertendo, sabe	
Imc:	o marido dela é médico, e conversando	
Imc:	ele comentou que teria sido um erro médico, o seu caso	
SB:	é, é (conversou), é	
Imc:	né? que o seu caso estava envolvendo um erro médico	
SB:	é, é, então, então eu (dei) porque o médico ligou	
SB:	para mim quando a logo (que eu) falei,	
SB:	ligou falou que vinha aqui, os dois nunca mais ligaram	
Imc:	e nem deram notícia	
SB:	nunca mais. está bom? (nem, ah! eles tinham que)	finalmente SB consegue explicitar o sentido original (sentido 1) com que proferiu a frase-chave: ter descoberto que os médicos não agiram como seria de se esperar se fossem seus amigos, como pensava
SB:	vim aqui, conversar comigo, né	
Imc:	hum hum hum hum, claro	
SB:	falou que vinha, um é amigo. aquele	
SB:	(vez aquele naca aquele agendorme faz)	
Imc:	o que? aquele que a gente dorme?	
SB:	eu falo quando é, é, faz exame,	((ri)) com este riso, SB demonstra ser capaz de superar a irrupção de emoções negativas como as do início do episódio
SB:	aquilo (que) faz aqui na {incompreensível}	
Imc:	anestesia	
SB:	é	
Imc:	ah! anestesia	
SB:	ele é ele é meu (a) ele, amigo	
Imc:	ele é anestesista é seu amigo, certo	
SB:	então, falou que vinha aqui.	
SB:	nunca mais minha amiga, seis meses, nunca mais	
Imc:	não apareceu, né?	

SB:	não, e o outro também, ligou, foi no hospital, ele não	
SB:	foi, só <i>(no lá naquela)</i> na <i>(naquele)</i> lugar sozinha	
Imc:	que lugar?	
SB:	onde eu fiquei	
Imc:	ah! na UTI	
SB:	sim, depois <i>(dá i eu figue)</i>	
Imc:	de lá ahn?	
SB:	o aquele <i>(dã)</i> de fazer <i>(ahn)</i> sumir <i>(e de)</i> dormir	
Imc:	sumir? sumir?	((rindo))
SB:	é, <i>(ele falou)</i> sumiu tudo, ligou falou que vinha aqui	
SB:	e nunca mais	
Imc:	sumiu, sumiu, hein, sumiu, Sxxxxx, mas está <i>(cert)</i>	
SB:	eu não sei falar mais, eu não sei	
Imc:	não, está certíssimo, quer dizer ele não veio	
SB:	fiquei muito odiosa no coração porque eles	Tom: raiva
SB:	<i>(fizeram)</i> nem <i>(vieram falar na nada)</i>	
Imc:	sim Sxxxxx	
SB:	<i>(para mim)</i> é amigo eu não <i>(devia)</i> ir lá,	
SB:	o Mxxxxx mandou com <i>(eles eu meu)</i>	
Imc:	sem dúvida	
SB:	<i>(amigo)</i> que chamou mas o outro, não, é amigo,	
SB:	é amigo, ai, nem ligou para mim.	
Imc:	desapareceu, né?	
SB:	é, a gente fica, não é verdade? não é verdade?	
Imc:	fica Sxxxxx, acho que sim,	
Imc:	é uma coisa que toca muito, claro	
SB:	sabe, eu fico <i>(triste)</i> porque <i>(ajuda)</i> , né? a gente ajuda,	Tom: tristeza
SB:	essa amiga, eu ajudei ela, ajudei tanto,	
SB:	seis meses, ela passou aqui, então ela vinha aqui,	Tom: revolta
SB:	<i>(almoça)</i> e vem embora	
Imc:	mas ela é quem, desse médico?	
SB:	uma amiga <i>(de mim)</i>	
Imc:	ah!, não tem nada a ver com o médico	
SB:	<i>(uma)</i> outra é, é isso que eu estou falando, que eu	
SB:	<i>(ajudei)</i> pessoas e agora, que eu <i>(fui)</i> eu <i>(preciso)</i>	
SB:	da pessoa, ninguém vem eu fiz, sabe porque?	
Imc:	não claro que magoa Sxxxxx	
SB:	eu fiz tudo para pessoa, eu olha <i>(e)</i> deixava o Mxxxxx,	
SB:	as crianças, <i>(levava)</i> no médico, ajudava, com dinheiro,	
SB:	remédios, fazia tudo, <i>(ajudasse)</i> pessoas o <i>(amigos, tá</i>	
SB:	<i>bom)</i> , mas um <i>(ou)</i> outros, nem, nem, nem tchau,	
SB:	apesar, graças a Deus, eu tenho muitos amigos.	
SB:	sabe que a <i>(o)</i>	

Imc:	verdadeiros, você está falando, né?	
Imc:	de (<i>amizade verdadeira</i>)	
SB:	(<i>sim, graças a Deus</i>), eu tenho, sabe que a a a amiga	
SB:	hoje, ela falou que ela conhece, (<i>a ela</i>) a (<i>Isabel tenho</i>)	
SB:	a doutora, é amiga minha de São José, então ela contou	
SB:	hoje que a amiga (<i>dela</i>) falou (<i>assim</i>), a Sxxxxx, ela é	
SB:	uma (<i>seu</i>) uma pessoa muito querida em São José (<i>diu</i>),	
SB:	em São José (<i>é i Rio</i>) Pardo, o pai dela, a mãe dela,	
SB:	a Sxxxxx é muito, era muito, (<i>é</i>), querida,	
SB:	falou de mim, verdade	
Imc:	que legal então Sxxxxx,	
Imc:	tem que pensar por esse (<i>mim</i>) que passou aí, né?	
SB:	eu sei, (<i>então, triste história</i>), eu fiquei triste, (<i>e</i>)	
Imc:	claro, a gente sente, a gente, isso magoa, né?	
SB:	é	
Imc:	deixa a gente chateada, mas a gente tem que reagir	
SB:	é, é verdade, é verdade	
Imc:	a gente tem que pensar também na gente,	
Imc:	porque isso aí faz mal e aí você (<i>atra</i>)	
SB:	tudo passa, eu, não vou chorar, eu chorei bastante	
Imc:	tudo passa, agora, (<i>tá certo</i>) até pode chorar,	
Imc:	você tem motivo para chorar,	
Imc:	você pode chorar	
SB:	eu choro, bastante, mas eu vou (<i>tá</i>), se Deus quiser,	
SB:	hoje, o padre levou, a, eu contei para você?	
Imc:	não	
SB:	o pessoal trouxe um papel assim,	
SB:	a gente (<i>i ingola</i>), um, (<i>te, vo</i>)	
Imc:	a gente o que? fala mais devagarinho um pouquinho	
SB:	é, ó,	
Imc:	(<i>quem que</i>) trouxe? o padre?	
SB:	trouxe para mim, um, um papel,	
Imc:	aqui na sua casa?	
SB:	sim, deste tamanho, amiga (<i>trouxe</i>), (<i>o o pad</i>),	
Imc:	certo, a (<i>amiga</i>), o padre deu para amiga?	
SB:	é de São Paulo,	
Imc:	que amiga? fala o nome dela	
SB:	uma amiga (<i>a, é</i>), que, uma, esqueci o (<i>nom</i>)	
Imc:	é importante mas é importante você começar a retomar	
Imc:	o nome das pessoas, só fica falando amiga, amiga,	
SB:	é não é amiga (<i>assim é outra</i>)	
Imc:	como é que é o nome dela, é de São Paulo	
SB:	é ela veio hoje, (<i>eu sei o nome</i>)	

<i>Imc:</i>	veio te visitar?	
<i>SB:</i>	veio duas	
<i>Imc:</i>	passou aqui?	
<i>SB:</i>	sim vieram hoje	
<i>Imc:</i>	quem veio, então fala o nome	
<i>SB:</i>	ah	
<i>Imc:</i>	tenta falar o nome	
<i>SB:</i>	é o João, o marido João, João	
<i>Imc:</i>	então vamos lá	
<i>SB:</i>	e ela é	
<i>Imc:</i>	João e? João e? tenta escrever o nome dela	
<i>SB:</i>	João, mas aí não adianta	
<i>Imc:</i>	e a outra, como é que chama? vieram duas	
<i>SB:</i>	a (outra, <i>hum</i>) é filho do médico, é, o, é	
<i>Imc:</i>	como é que chama ela?	
<i>Imc:</i>	como é que chama o marido dela?	
<i>SB:</i>	é	
<i>Imc:</i>	bom tudo bem, depois a gente vê com	
<i>Imc:</i>	o Mxxxxx e com as crianças aí	
<i>SB:</i>	é, é	
<i>Imc:</i>	então vieram duas amigas e trouxeram o que?	
<i>Imc:</i>	um papelzinho	
<i>SB:</i>	(<i>zinho</i>), assim, (<i>vo por in deste tamanho não tem o</i>)	
<i>Imc:</i>	minúsculo, o (<i>tamanhinho</i>)	
<i>SB:</i>	(<i>minudestam</i>)	
<i>Imc:</i>	põe na boca	
<i>SB:</i>	com (<i>á</i>)	
<i>Imc:</i>	hã?	
<i>SB:</i>	com água, toma	
<i>Imc:</i>	toma com água	
<i>SB:</i>	o padre, as freiras que mandaram (<i>para</i>) mim, dizem	
<i>SB:</i>	(<i>ques</i>) a, (<i>as fa, fa</i>), as (<i>peessoas ajudam</i>), você sabia?	
<i>Imc:</i>	ah, que esse papelzinho ajuda as pessoas?	
<i>SB:</i>	sim	
<i>Imc:</i>	ué?	
<i>SB:</i>	a igreja que mandou,	
<i>Imc:</i>	você acredita?	
<i>SB:</i>	para mim, (<i>acredito</i>)	
<i>Imc:</i>	então	
<i>SB:</i>	eu tomei hoje, duas	
<i>Imc:</i>	eu acho, a questão é essa, acredita	
<i>SB:</i>	e uma (eu dei) para minha mãe, que está doente.	
<i>SB:</i>	dizem Jesus ajuda	

<i>Imc:</i>	a avó do meu primeiro marido, né? do, do, do pai das	
<i>Imc:</i>	minhas filhas, falava (assim), tinha uma expressão	
<i>Imc:</i>	interessante, falava assim aquilo que não faz mal para	
<i>Imc:</i>	saúde e não faz mal, não é contra a moral, pode.	
<i>SB:</i>	é	
<i>Imc:</i>	não faz mal para saúde, não é contra a moral, ela falava	
<i>Imc:</i>	isso, né? isto aí no tempo, nos anos cinquenta, tal,	
<i>SB:</i>	é	
<i>Imc:</i>	é isso, esse papelzinho vai fazer mal para saúde? não,	
<i>SB:</i>	não, o padre que mandou	
<i>Imc:</i>	então, você acredita? acredita, então, é isto	
<i>SB:</i>	sim, dizem que Jesus, é, é padre, hã, eu tenho o nome,	
<i>SB:</i>	eu tenho aí, ele ajuda as pessoas,	
<i>SB:</i>	então, você acredita? limpa você, ajuda,	
<i>Imc:</i>	então, é isso que é importante	
<i>SB:</i>	ele, e, eu fiquei muito feliz, hoje, que o pessoal lembrou,	
<i>SB:</i>	foi buscar em São Paulo, para mim	
<i>Imc:</i>	então, você vê, quer (dizer), você não teve lá a amiga	
<i>Imc:</i>	que veio que é uma prima que {incompreensível}	
<i>SB:</i>	{incompreensível}	
<i>Imc:</i>	por outro lado, você teve, e tem, várias amigas,	
<i>Imc:</i>	que te fazem companhia,	
<i>SB:</i>	muitas, graças a Deus	
<i>Imc:</i>	que fazem essa delicadeza de trazer um papelzinho	
<i>Imc:</i>	no qual você acredita, e tal, e que te vai fazer bem, né?	
<i>SB:</i>	é verdade	
<i>Imc:</i>	então, não vê o a, lado ruim.	
<i>Imc:</i>	o lado ruim sempre está, sempre tem uma coisa para,	
<i>Imc:</i>	mas não olha para ele, olha para o lado bom	
<i>SB:</i>	é,	
<i>Imc:</i>	não é?	
<i>SB:</i>	se Deus quiser	
<i>Imc:</i>	tem um escritor, ou uma escritora,	
<i>Imc:</i>	é uma frase que eu não sei de quem é, que fala assim,	
<i>Imc:</i>	dos lutos a vida se encarrega	
<i>SB:</i>	é	
<i>Imc:</i>	não é, das coisas ruins, acontecem, na vida de todo	
<i>Imc:</i>	mundo acontecem coisas que a gente não está	
<i>Imc:</i>	esperando, fatalidades, enfim, acontecem, perdas, né?	
<i>Imc:</i>	a gente tem perdas, muitas, e mas,	
<i>Imc:</i>	tem que ter uma coisa prospectiva, (futuro), né?	
<i>Imc:</i>	um olhar para o futuro, senão fica difícil, né, Sxxxxx	
<i>SB:</i>	verdade, eu, (eu vou acho), eu, ahn, se Deus quiser,	

SB:	eu, eu sei que demora, né?	
Imc:	demora, (tem que) ter paciência, demora,	
SB:	que eu vou falar e vai, mas sei, fala	
Imc:	mas fala, (to) aliás, você está melhorando, eu vou passar	
Imc:	para você fitas, para você ouvir, que eu gravei	
Imc:	você desde a primeira sessão em que vi você,	
Imc:	para você ver como era, muito pior	
SB:	se Deus quiser	
Imc:	(entendeu) que você tinha esta consciência,	Imc retoma o sentido 2
Imc:	vamos dizer, esse conhecimento que você hoje	
Imc:	está me relatando sobre o seu estado né?,	
Imc:	você falou, hoje eu sei que eu sei	
SB:	sim	SB parece aceitar o sentido 2
Imc:	né? você falou esta expressão aqui para mim hoje	expande a interpretação
Imc:	hoje eu sei o que aconteceu comigo,	
Imc:	eu entendo, está tudo na minha cabeça, quer dizer	
SB:	sim! tudo	aceita novamente
Imc:	você tem a percepção	especifica mais a interpretação
SB:	lembrei antes (e) depois	aceita novamente
Imc:	isso, {incompreensível}	
SB:	(o hospital, o que perfere lá), você	
Imc:	(o que você) passou lá,	especifica mais a interpretação
SB:	tudo,	aceita novamente
Imc:	quando eu comecei com você, tudo	especifica mais a interpretação
SB:	tudo, lembrei tudo, na cabeça	aceita novamente
Imc:	pois é, isto é um sinal, muito claro, para mim,	começa a construir o sentido da frase-chave
Imc:	eu estou te dizendo isso, de que você está melhorando,	como sinal da recuperação de SB
SB:	se Deus quiser	aceita o sentido de recuperação
Imc:	quer dizer, esta percepção que você está passando a ter,	amplia e especifica o sentido 2, ligando-o com a recuperação de SB
Imc:	do seu estado, é uma condição de melhora, para você,	
Imc:	porque aí você fala, pô, eu (tenho), ó, minha dificuldade	
Imc:	está aqui, aqui eu sei que é mais difícil, então vamos	
Imc:	tratar, prestar mais atenção, entendeu, (quer dizer) você	
Imc:	sabe quais, saber o que tem, é meio caminho andado,	
Imc:	(porque) você sabe onde é que está o problema	
SB:	é	aceita
Imc:	(quer dizer) esta reflexão sua,	
Imc:	esta atitude sua reflexiva sobre o problema,	
Imc:	é super importante no tratamento, muito, Sxxxxx,	
SB:	é,	aceita
Imc:	não sabe quanto	
SB:	é, se Deus quiser	aceita
Imc:	né? (porque) é a primeira vez que você me fala assim,	Imc começa a testar se SB conseguiu compreender o sentido 2

<i>Imc:</i>	eu sei como é que você falou?	
<i>Imc:</i>	eu sei que eu, eu sei que eu sei, não é isso?	
<i>SB:</i>	eu sei	confirma a compreensão, ainda ambígua
<i>Imc:</i>	você sabe que você sabe	continua o teste
<i>SB:</i>	sei, sei tudo	ainda ambígua
<i>Imc:</i>	está na cabeça, quer dizer, você sabe, isso é fantástico,	
<i>SB:</i>	eu sei	
<i>Imc:</i>	é para comemorar, porque você deu aí, você deu um	
<i>Imc:</i>	salto, você entende o que eu estou falando?	
<i>SB:</i>	é verdade	
<i>Imc:</i>	você deu um salto, no seu tratamento	
<i>SB:</i>	porque (<i>eles viram</i>),	aqui SB mostra, através da referência ao passado, que conseguiu atingir o <i>sentido 2</i>
<i>SB:</i>	eu o, dormia, ficava com a vó, (<i>é, falava mais nada</i>)	
<i>Imc:</i>	é (<i>sim</i>)	
<i>SB:</i>	hoje não, sei tudo, tudo, eu sei tudo	confirma que sabe que sabe, tanto no sentido de lembrar de fatos de que não se lembrava (<i>sentido 1</i>) quanto no sentido de que houve uma mudança em sua percepção sobre si própria (<i>sentido 2</i>)

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística (BDN)

4.4.2. O humor como indicio de atividade simbólica

Uma outra atividade simbólica tipicamente relacionada com a esfera afetiva é o “humor”, mais especificamente o humor autorreferenciado, quando o sujeito ri de si mesmo. Atividade simbólica na medida em que este “rir de si mesmo” implica a consideração de “si mesmo” como pertencente à categoria das coisas que, por serem simbólicas, podem ser reinterpretadas em termos de outros símbolos; e relacionada com a esfera afetiva na medida em que “rir de si mesmo” significa permitir-se olhar para si mesmo como algo cujo valor não é definitivo, não é monolítico, não é diferente (no sentido de superior) de outras coisas ou pessoas, em suma, como algo “simplesmente humano”, falível, contraditório. Trazendo a reflexão sobre o humor de SB para um terreno mais propriamente linguístico, podemos recorrer às investigações de Possenti (1988a, 1988b, 1996, 1998, 1999), Possenti & Coudry (1991), Coudry & Possenti (1991) e Coudry (1999), especialmente a partir da “hipótese de que uma das formas mais evidentes e relevantes de manifestação da subjetividade é uma certa capacidade do sujeito de colocar-se à distância (algo como ver-se de fora, avaliar-se adequadamente), por um lado, e, por outro, a capacidade de colocar à distância (ver de fora, avaliar adequadamente) seu discurso - mais especificamente, a capacidade, revelada no próprio discurso, de colocar à distância determinados aspectos do discurso” (Possenti, 1999: 162), e da constatação de que esta capacidade é revelada e evidenciada na manifestação de humor, especialmente quando o sujeito, para poder rir de uma piada (ou de uma situação humorística qualquer, como é o caso de SB) “parece postar-se a meio caminho entre a linguagem e a metalinguagem, na medida em que o gênero exige uma análise não banal do material linguístico e, eventualmente, de uma conexão com a situação ou com outros textos. Essa hipótese me permitiria afirmar (com todos os riscos) que um sujeito “normal” é aquele que consegue pôr a si mesmo à distância, olhar-se de fora, assim como um sujeito “normal” de discurso é aquele que consegue colocar palavras (seu discurso) à distância”

(*op. cit.*: 163). Neste sentido, SB consegue, nos trechos analisados, tanto “por a si mesmo à distância, olhar-se de fora”, quanto “colocar palavras (seu discurso) à distância”. Assim, pode-se argumentar que um sinal claro e inequívoco de saúde afetiva, conforme definimos, seria a manifestação do senso de humor, especialmente quando auto-referente e utilizado como instrumento para lidar com dificuldades advindas de problemas que o sujeito enfrentasse num engajamento dialógico.

E senso de humor diante de uma dificuldade é exatamente o que encontramos em SB, quando, por exemplo, no decorrer do diálogo com a Investigadora, quer falar sobre o anestesista responsável pelo acidente que a tornou afásica, emite um enunciado pouco compreensível e, questionada pela investigadora, acha graça no que falou, ou no que a investigadora compreendeu (fragmento do Excerto 8 – 16/10/97):

Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
	conversando sobre o anestesista responsável pelo acidente que SB sofrera durante a operação	RECORTE
SB:	falou que vinha, um é amigo. aquele	
SB:	(vez aquele naca aquele agendorme faz)	
Imc:	o que? aquele que a gente dorme?	
SB:	eu falo quando é, é, faz exame,	((ri))
SB:	aquilo (que) faz aqui na {incompreensível}	
Imc:	anestesia	
SB:	é	

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística (BDN)

Após a intervenção da investigadora, SB consegue elaborar o que deseja. Mas, e isto é o mais relevante para o que vínhamos argumentando, ao elaborar um acontecimento emocionalmente carregado, tendo sobre ele uma atitude bem humorada, de quem acha graça no que ela própria faz, SB mostra justamente o senso de humor que denuncia a sua capacidade de ascensão à ordem do simbólico. Cabe aqui assinalar que esta ascensão à ordem do simbólico de que SB se mostra capaz exige e convoca certas competências cognitivas que pareciam ter sido afetadas pela afasia, especialmente a “auto-escuta”, e o que permitiu esta ascensão foi o fato de que SB *estava engajada em um diálogo*, e foi a pergunta da investigadora, no trabalho *conjunto* sobre a linguagem, que forneceu a SB o acesso à estrutura discursiva que possibilitou identificar a graça da situação. Dito de outra forma, a pergunta da investigadora é utilizada por SB como parte de uma *estrutura narrativa ou discursiva compartilhada* que permite o diálogo e que permite a SB realizar a passagem para a ordem do simbólico, tomando sua própria fala como objeto, achar graça de si mesma, e finalmente reformular o que falara. Podemos dizer que a investigadora, com a pergunta, proporcionou a SB estender os limites de sua compreensão sobre a própria fala.¹² Por seu turno, a capacidade de atingir, via humor,

¹² Ressaltemos novamente que não se trata de atribuir à investigadora (enquanto terapeuta) a responsabilidade, ou mesmo a intenção, de “provocar” o atingimento da ordem do simbólico, mas de perceber que o diálogo em si se dá, para SB, na fronteira formada pela interface entre o que ela é capaz de realizar sozinha e o que só consegue realizar com ajuda. Esta área, definida pela “distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da resolução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de (...) companheiros mais capazes” (Vygotsky, 1991b: 97), é chamada de Zona de Desenvolvimento Proximal. Assim, podemos dizer que a pergunta, qualquer que tenha sido o propósito com que foi feita, serve-lhe como o enquadre que permite

a ordem do simbólico indica o efeito do que estamos chamando “a saúde afetiva de SB” em seu processo de recuperação. Isto fica claro no trecho a seguir, que ocorre no início do acompanhamento de SB, em que ela conta para a investigadora como lida com os momentos de tristeza (que não nega, é importante frisar) (Excerto 5 – 02/06/97):

Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
	conversando sobre saber cantar	RECORTE
<i>Imc:</i>	você sabe... você sabe cantar, Sxxxxx?	
<i>SB:</i>	dançar?	
<i>Imc:</i>	cantar	
<i>SB:</i>	candar? candar?	
<i>Imc:</i>	cantar! cantar!	
<i>SB:</i>	ah é, (<i>nonfeia</i>)	
<i>Imc:</i>	você canta (<i>ou</i>) não?	
<i>SB:</i>	(<i>hum</i>)	
<i>Imc:</i>	não?	
<i>SB:</i>	não... eu não gosto... não sei...	((ri))
<i>SB:</i>	eu (<i>can eeee.. candei.</i>) nada não	
<i>Imc:</i>	não?	
<i>SB:</i>	eu não, mas eu fico lá... uma música, gozado (<i>nem mó</i>)	((ri))
<i>SB:</i>	eu não tenho mais o negócio de... gosto, e tudo, mas...	
<i>SB:</i>	hã... não sou de cantar	
<i>Imc:</i>	não	
<i>SB:</i>	(<i>não</i>), gozado isso, né?	
		[pausa grande, aprox. 8 segundos]
<i>SB:</i>	muito de falar...	((ri))
<i>Imc:</i>	que? você gosta de falar, né?	
<i>SB:</i>	ai meu deus do céu, viu	((gargalha))
<i>Imc:</i>	você gosta é de falar	
<i>SB:</i>	ah, o médico (<i>mivissiva</i>) louca comigo, viu (<i>vou</i>) falar,	((ri))
<i>SB:</i>	porque eu gosto de falar você vai ver	((gargalha))
<i>Imc:</i>	você gosta... ai Sxxxxx	
<i>SB:</i>	já pensou o quanto que eu vou falar? eu vou deixar (<i>vê</i>)	((gargalha))
<i>SB:</i>	você louca, você vai cansar, vai ficar louca comigo	
<i>Imc:</i>	você vai me deixar maluquinha...	
<i>SB:</i>		((gargalha))
<i>Imc:</i>	hein Sxxxxx?	
<i>SB:</i>	ai meu deus... mas eu gosto de falar...	
<i>SB:</i>	e fica porque eu (<i>someisoa</i>) o mesmo (<i>que</i>) eu (<i>tôlisti</i>)	

perceber as dimensões simbólicas (humorísticas) da própria fala. Nos termos que utilizaremos mais adiante, diríamos que a pergunta da investigadora leva SB a trabalhar em sua Zona de Desenvolvimento Proximal.

SB:	(<i>euto per mas falio... eu pas</i>)	
Imc:	não entendi o que você falou, espera aí	
SB:	é... digo assim que às vezes eu... muito (<i>tiste</i>) na eu	
SB:	mas eu (<i>a mês</i>) que eu (<i>tiste</i>) mas ao (<i>a a</i>) mesmo (<i>fit</i>)	
Imc:	tempo, ao mesmo tempo	
SB:	é, fico (<i>ife... lis</i>)	
Imc:	alegre, feliz	
SB:	é, eu procuro, é...	
Imc:	porque você está falando... está conseguindo falar...	
SB:	é (<i>gosfassá</i>) é... então fico (<i>rid</i>) eu dou, fico dou risada,	
SB:	eu falo muito: eu vou falar, se deus quiser,	
SB:	eu tem muita esperança de ficar (<i>pqueigode</i>), né?	
Imc:	claro, claro, claro	
SB:	então (<i>eu</i>) fico alegre, você fala, eu não fico triste, eu sei	
SB:	eu (<i>ve</i>) eu (<i>vei</i>) contente né, aqui com você pra apren...	
SB:	é, gosto	
Imc:	é, porque eu tenho que explicar pra você	
Imc:	qual é o problema pra você poder montar pra,	
Imc:	pra ultrapassar, pra ultrapassar	
SB:	então, ir falando pra..., então, se deus quiser, né?	
SB:	se deus quiser	
Imc:	então, nesta semana, Sxxxxx, nesta semana	
Imc:	que está começando, tenta fazer isso, na sua casa	
SB:	eu vou (<i>ajudarb</i>), vou procurar...	

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística (BDN)

SB, questionada pela investigadora se sabe ou gosta de cantar, diz que não, mas diverte-se com o fato de gostar de falar, brincando com a investigadora que vai deixá-la maluca quando estiver recuperada. Quando fala que às vezes fica triste, conta também da estratégia que utiliza para lidar com a tristeza, procurando ficar alegre porque está sendo tratada, diz que acha bom que a investigadora venha ajudá-la, mostrando o que está errado com a sua fala, porque sabe que isto é bom para sua recuperação. Há ainda outros trechos dos dados em que demonstra divertir-se inclusive com a própria dificuldade, como no Excerto 9 – 16/10/97, analisado adiante, em que aceita tranquilamente que a investigadora ria, se divirta, com a estratégia de fingir-se de muda que desenvolveu para lidar com a própria fala prejudicada, inclusive contando que a Fonoaudióloga também “ri de mim”.

5. A questão do sujeito psicológico

A inclusão ou a exclusão do “sujeito psicológico empiricamente coincidente consigo mesmo” (Orlandi, 1996a: 48) como dispositivo explanatório para estudos linguísticos que tomam uma perspectiva discursiva tem sido um ponto polêmico na produção teórico-aplicada deste campo. Desde posições francamente excludentes, como em Pêcheux (1969), Pêcheux & Fuchs (1975) para quem tal sujeito só existe como ilusão de subjetividade, ou Orlandi

(*op. cit.*) em cujo trabalho o sujeito empírico não está em questão, até posições francamente includentes,¹³ como Benveniste (1966), para quem o sujeito é aquele que, ocupando a posição de locutor, “atualiza” a língua em fala, ou Grice (1967), para quem o sujeito é o portador da intenção que está na raiz da significação, podemos encontrar respostas que recubram uma vasta gama de nuances e gradações.

Este problema se coloca para a análise da evolução do caso sobre o qual versa esta dissertação. Embora este trabalho penda francamente para a inclusão do “sujeito psicológico empiricamente coincidente consigo mesmo”, suspendendo as indagações que se referem tanto ao sujeito ideológico quanto ao sujeito psicanalítico, e assumindo inclusive, como pressuposto, a impossibilidade de recusar a intenção como causa possível no fenômeno humano, argumento exemplificado com a história sufi em epígrafe, a necessidade de manter uma perspectiva discursiva implica evitar o recurso a intencionalidades psicológicas como dispositivos explanatórios opacos, entre outras razões pela dificuldade de compatibilizar estas intencionalidades a um conceito de sujeito discursivamente construído, bem como pela tentativa de evitar a proliferação de dispositivos explanatórios externos ao discurso.

É necessário, portanto, oferecer alternativas que permitam a análise, inclusive porque um dos objetivos da Neurolingüística é criar condições para o processo terapêutico do sujeito cérebro-lesado. Estas condições devem levar em conta que “afasia pode apresentar muitas formas. De fato alguém já disse que há tantas formas de afasia quantos indivíduos que dela sofram” (Lesser & Milroy, 1993), ou seja, sem o entendimento daquele sujeito individual, com suas próprias peculiaridades, qualquer esforço de tratamento pode ficar comprometido. Assim, antes de contar a história clínica deste sujeito, apontando como esta história evolui, do ponto de vista neurolingüístico, precisamos desenvolver os dispositivos teóricos de que lançaremos mão no decorrer desta tarefa.

5.1. Quando o sujeito se estranha – uma reflexão teórica

Os dispositivos teóricos que permitirão explicar a evolução de SB encontram-se nos aspectos lingüísticos da história de seu acompanhamento. Ainda assim, não se pode fugir da proposição de alguma concepção de sujeito, tarefa que empreenderei agora, respeitando, entretanto, o fato de que o conceito de sujeito do qual partiremos deve cumprir algumas exigências para ser-nos útil. Em primeiro lugar, deve ser fundado em concepções de tal ordem que permitam um diálogo com a Neurolingüística de perspectiva discursiva. Deve também permitir a compreensão do percurso percorrido por SB, servindo de base para as proposições explicativas. Finalmente deve permitir sustentar as afirmações sobre a saúde psíquica de SB feitas anteriormente, esclarecendo-as, se possível.

5.1.1. O sujeito da Análise do Discurso (AD): um “locus” ou uma “função”

O sujeito da AD, assim como de parte da lingüística de caráter discursivo, é mais bem definido como uma “posição de sujeito”, um *locus* a ser preenchido pela pessoa que por acaso encontra-se na raiz física da enunciação. Esse conceito fundamenta-se na concepção de sujeito ideológico oriunda do marxismo, cujos desdobramentos mais

¹³ Não pretendo incluir Benveniste ou Grice na mesma tradição de estudos (discursivos) de Pêcheux ou Orlandi, mas apenas indicar posições possíveis e opostas (ou complementares, no sentido matemático) em uma linha contínua que poderia ser grosseiramente descrita como tendo um polo na Análise do Discurso francesa (doravante AD), em que poderiam ser incluídos os trabalhos de Pêcheux e Orlandi, e o polo oposto na Pragmática, em que se incluiriam os trabalhos de Benveniste e, sobretudo, Grice. Esta inclusão é uma interpretação livre do trabalho de Guimarães (1995).

influentes encontram-se, por exemplo, em Althusser (1974) e, em outros termos, em Foucault (1969, 1970),¹⁴ e visa, *grosso modo*, ressaltar o assujeitamento do sujeito pelas condições (de produção do discurso) formativas da posição que ocupa, em função das quais o sujeito perde(ria) autonomia em relação às possibilidades enunciativas que se lhe oferecem no discurso. Assim, rompem,¹⁵ por um lado, com a tradição do sujeito individual autônomo normalmente identificado com a ideologia liberal e, por outro lado, expõem os mecanismos sociais de construção da significação, especialmente aqueles identificados pela tradição marxista como mecanismos ideológicos e/ou de dominação.

Sendo porém inevitável levar em conta que uma pessoa concreta encontra-se na raiz física da enunciação, e este fato modifica, mesmo que apenas em aspectos acessórios ou exteriores, aquela enunciação, esta perspectiva precisa de alguma teoria psicodinâmica do sujeito que permita explicar como funcionam o assujeitamento e as alternativas escolhidas pelas pessoas que ocupam aquelas posições. É na psicanálise,¹⁶ especialmente naquela identificada como lacaniana ou “de linha francesa”, conforme formulada por Lacan e seguidores,¹⁷ que a AD vai buscar o conceito de sujeito, especialmente pela possibilidade de encontrar uma instância interna, o inconsciente, que, sendo resultante de um processo histórica e lingüisticamente realizado, determina o sujeito segundo as mesmas linhas da determinação ideológica, ou seja, um sujeito que também é assujeitado por forças de caráter ou origem externas ao *eu*, origem social no caso do assujeitamento ideológico, origem instintiva ou anímica no caso do assujeitamento psicanalítico. Tal formulação, no entanto, exatamente em função destas escolhas e do corte epistemológico que elas implicam, exclui, do conceito de sujeito que precisamos considerar na Neurolingüística como um todo, exatamente o “sujeito psicológico empiricamente coincidente consigo mesmo”, que consideramos necessário no caso que estamos estudando.

5.1.2. Bakhtin, Pêcheux e a estabilidade da linguagem

Há, no entanto, nesta própria tradição discursiva, dispositivos teóricos que nos permitirão encontrar um lugar para inserir o conceito de sujeito que achamos necessário para explicar as ocorrências específicas que encontramos no percurso de SB. Em primeiro lugar quando, quase repetindo Vygotsky (1991a, 1991b),¹⁸ Bakhtin/Volochínov (1929) propõe que os “sujeitos não ‘adquirem’ sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência” (p. 108), e apresenta bem mais detalhadamente a forma em que isso ocorre: o diálogo. “A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação” (p. 112). Parafrazeando Stam (1992: 13): Bakhtin dá uma identidade social mais específica aos interlocutores, munindo-os de um endereço concreto, um

¹⁴ Não queremos apresentar as concepções de sujeito de Foucault e Althusser como iguais, pois, conforme nota Morato (comunicação pessoal, 2001) para Foucault o sujeito é uma função – função social, discursiva – enquanto para Althusser “não há sujeito, ou o sujeito é a forma sujeito, ou o sujeito é a instituição – a ideologia por exemplo”. Estas concepções, no entanto, e seguramente em razão do fato de que os recortes metodológicos destes autores compartilham o conceito de sujeito como um dispositivo presente no discurso, porque o objeto que tomam não é o sujeito, mas o discurso, apagam (Althusser) ou ignoram (Foucault) o “sujeito psicológico empiricamente coincidente a si mesmo”, que é justamente a face do sujeito que queremos recuperar, neste trabalho, para a Neurolingüística de perspectiva discursiva.

¹⁵ Claramente por razões políticas, conforme nota, por exemplo, Henry (1997).

¹⁶ Ver, por exemplo, Freud (1917, 1920).

¹⁷ Ver Lacan (1966) e, ainda, para uma visão panorâmica, Henry (1997) ou, para uma visão alternativa, Rolnik (1989).

¹⁸ Sem pressupor prioridades...

nome, um gênero, uma classe, uma nação. Em outras palavras, faz depender a enunciação da existência de (inter)locutores, dando a cada um deles “uma boa metade” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 113) da palavra, e determinando-lhes a ação enunciativa (as “condições de produção” da AD) através da situação imediata, que determina “a forma e o estilo ocasionais da enunciação”, enquanto os “estratos mais profundos de sua estrutura são determinados pelas pressões sociais mais substanciais e duráveis”, ou seja, pela ideologia, “a que está submetido o locutor” (p. 114). Neste dispositivo, embora continue existindo um sistema de lugares e uma determinação ideológica, abre-se uma brecha para a ação ou influência do “sujeito psicológico empiricamente coincidente consigo mesmo”,¹⁹ que consistiria na particular configuração histórica irrepitível que cercaria cada enunciação em virtude mesmo de serem efetivadas “por esta e não outra pessoa”, “neste e não em outro momento”.²⁰

E esta conjugação da “situação social imediata” com o “meio social mais amplo” é tematizada por Pêcheux & Fuchs (1975) quando explicam a “ilusão do sujeito”, “uma nova forma de ilusão segundo a qual o sujeito se encontra na fonte do sentido ou se identifica à fonte do sentido: o discurso do sujeito se organiza por referência (direta, divergente), ou ausência de referência, à situação de enunciação (o ‘eu-aqui-agora’ do locutor) que ele experimenta subjetivamente como tantas origens quantos são os eixos de referenciação (eixo das pessoas, dos tempos, das localizações). *Toda atividade de linguagem necessita da estabilidade destes pontos de ancoragem para o sujeito, se esta estabilidade falha, há um abalo na própria estrutura do sujeito e na atividade da linguagem*” (p. 174, *itálicos acrescentados*). Neste dispositivo, por sua vez, cria-se um “papel” lingüístico, o locutor, no qual o sujeito pode se encaixar e experienciar subjetivamente ser a “fonte do sentido”, papel este constituído pelos “pontos de ancoragem” da enunciação. Esta experiência subjetiva de si mesmo como fonte do sentido, resultante do engajamento na atividade dialógica, através da assunção do papel de locutor, é crucial para que o sujeito possa encontrar uma “estrutura de sujeito” com que se identificará quando disser *eu*. Suspendendo a questão do pleno assujeitamento, à qual já nos referimos em outro momento (Balieiro, 1999), temos aí um dispositivo, inscrito na própria situação de enunciação, que fornece apoio para a abordagem heurística de um sujeito psicológico, permitindo-nos abordar seu funcionamento psíquico, *dentro do próprio dispositivo teórico da perspectiva discursiva*.

Tal sujeito, portanto, precisará de alguma estabilidade da linguagem para poder se subjetivar, e tal estabilidade está alicerçada justamente na estabilidade da palavra,²¹ ou melhor ainda, em um algum grau de domínio

¹⁹ Evidentemente contra as concepções do próprio Bakhtin/Volochinov, que assume a determinação como total, o que a converteria no pleno assujeitamento assumido pela AD, como em “O pensamento não existe fora de sua expressão potencial e conseqüentemente fora da orientação social dessa expressão e o próprio pensamento.” (*op. cit.* p. 117) Embora seja admissível, ou pelo menos plausível, que uma tal “pureza” marxista seja resultado da edição de Volochínov, que assumiu o texto em condições não muito claras. Ver, a propósito, Yaguello (1981).

²⁰ Vale notar que, para Bakhtin, a questão psicológica básica para a Lingüística é a consciência, que seria fruto da sociedade através da mediação lingüística, e teria um caráter irrevogavelmente semiótico.

²¹ Curiosamente, Bakhtin, Vygotsky e ainda Luria (1991) utilizam “palavra”, e não “linguagem”, ou “língua”. É possível pensar que estejam falando, metaforicamente, da linguagem, mas parece mais razoável supor que estejam falando do domínio da linguagem que caracteriza a pessoa adulta no papel de agente, como na expressão “tomar a palavra”, ou seja, da capacidade que tem o indivíduo de utilizar o signo lingüístico como instrumento nas tarefas relevantes para o estabelecimento de interações com outras pessoas e com o mundo, especialmente porque, nos três casos, trata-se de privilegiar o caráter social (interacionista) deste agenciamento. De qualquer forma, aqui nesta discussão, utilizaremos “palavra”, com os seguintes sentidos: (a) o instrumento por excelência com o qual as pessoas fazem coisas, especialmente através dos “atos de fala” (Austin, 1962) e segundo a concepção wittgensteiniana dos “jogos de linguagem” (Wittgenstein, 1958); (b) o conjunto de instrumentos – a linguagem, e mais especialmente o discurso – com que as pessoas “produzem sentidos”, como na perspectiva discursiva enunciativamente informada (Coudry, 1995); e (c) o conjunto de objetos lingüísticos construídos e reconstruídos pelos sujeitos nas sucessivas interações em que se envolvem, com e sobre o outro e com e sobre o mundo, através do “trabalho de linguagem” (Franchi, 1988).

estável da palavra, pois se a palavra - signo de natureza ideológica - é o "tipo de material flexível, veiculável pelo corpo (...) [e] utilizável como signo interior" (Bakhtin/Volochinov, 1929: 37) e, por isso, assumiu o papel de material semiótico da vida interior, da consciência (carregando como características: a pureza semiótica, a neutralidade ideológica, a implicação na comunicação humana ordinária, a possibilidade de interiorização e a presença obrigatória, como fenômeno acompanhante, em todo ato consciente) então a ausência da palavra, ou a instabilidade de seu domínio, geram uma instabilidade da própria consciência²² que faz com que o sujeito perca os dispositivos de identificação que lhe permitem utilizar a si mesmo como referência. Em outras palavras o sujeito "se estranha", ficando assim prejudicada sua participação na construção dos sentidos. Pensemos agora em como, psiquicamente, um sujeito se estabiliza/desestabiliza, ou se estranha/reconhece, através do domínio da palavra.

5.1.3. O sujeito da psicologia: o eu

Entre os conceitos das várias teorias psicológicas²³ que podem ser aproximados do conceito de sujeito, servindo-lhe de estrutura conceitual em uma análise discursiva, como a que aqui será tentada, está o conceito de *eu*, e muitas das teorias psicológicas erigem-no como seu conceito central. Em todas elas a concepção do *eu* apresenta um duplo aspecto, implicando duas noções básicas: (a) o *eu* como sujeito-agente, denotando a pessoa individual enquanto ser-no-mundo, ou mesmo uma parte ou aspecto específico deste ser, referindo as ações deste sujeito, ou, no que concerne a este trabalho, as enunciações que profere; e (b) o *eu* como o *si-mesmo* (*self*), aquilo que o indivíduo percebe ou identifica como sendo ele-mesmo, sua *auto-imagem*, referindo instâncias internas a este *eu*²⁴, seu "senso de identidade pessoal".

Este *eu* forma-se em um processo de desenvolvimento, uma embriogênese específica, na qual intervêm fatores constitutivos de ordem genética, condições sociais e culturais, condições históricas, etc. Para o entendimento deste processo, é preciso examinar algumas de suas peculiaridades: partindo de experiências imediatas, de caráter

²² Por consciência, queremos referir o fenômeno classicamente denominado "consciência psicológica", um fenômeno emergente do processamento cerebral, de natureza qualitativamente diferente dos processos cerebrais que lhe servem de base, em relação aos quais pode ser chamado de fenômeno de segunda ordem, e cuja definição inclui a "presença cognitiva de alguma coisa" e "implica sempre em conhecimento mais ou menos claro de uma coisa *hic et nunc*". (Pongratz, 1976) As características principais deste fenômeno são: (a) sua comunicabilidade, isto é, aquilo que é consciente pode ser comunicado para outros; (b) sua intencionalidade, no sentido de que aquilo que é consciente aponta para algum objeto, real ou virtual; (c) sua qualidade volicional, isto é, submetida ao controle da vontade (é típico da psiquiatria, por exemplo, caracterizar a perda do controle volitivo da consciência como sinal de patologia); e (d) seu conteúdo de caráter "irrevogavelmente semiótico" (Bakhtin/Volochinov, 1929), cujas bases assentam nas condições culturais através, principalmente, da mediação linguística. Ver também Arnold (1976), Vygotski (1982), Luria (1991), Del Nero (1997).

²³ Desde a Psicanálise, em que aparece com o nome de *Ego* e refere-se às instâncias da psique que se reúnem, formando um complexo, por contraste com o *Id* (a coisa, isso) e tem como função organizar o contato da pessoa com a realidade, administrando suas pulsões; até o Behaviorismo, em que surge como *self*, (si-mesmo) e refere-se à percepção que uma pessoa tem de si mesma, passando por praticamente todas as teorias da personalidade.

²⁴ Especialmente instâncias referidas ao corpo do sujeito, mesmo quando discursivamente construídas. A AD considera este *eu* ilusório, uma vez que é resultante dos esquecimentos nº 1 e nº 2 (Pêcheux, 1969; Pêcheux & Fuchs, 1975). Na perspectiva lacaniana, por exemplo, este *eu* identificado com a "auto-imagem" é ilusório justamente em virtude do fato de ser "imagem", pertencendo, portanto, à ordem imaginária, que é a ordem das relações duais e narcísicas, em contraposição à ordem do simbólico, em que o pensamento torna-se conceitual e abstrato e pode, portanto, ter acesso ao real. (Wallerstein, 1995) Seu caráter ilusório, resultante das condições de formação explicitadas por Pêcheux ou do caráter imaginário propugnado por Lacan, não apaga, entretanto, a memória que a pessoa tem de ter experimentado, no sentido cognitivo da palavra, eventos internos de caráter não discursivo (como as modificações fisiológicas que constituem a corporalidade das emoções, por exemplo), e a possibilidade destes eventos internos fazerem parte da definição do *eu*. Neste sentido, há aqui a postulação de um sujeito cognoscente não completamente coincidente com o sujeito linguístico, e, portanto, em certa medida, um sujeito psicológico/cognitivo externo, ou portador de pelo menos algumas instâncias externas, ao sujeito da linguagem. Não nos estenderemos nesta discussão por considerarmos que é uma digressão em relação ao tema deste trabalho, mas reconhecemos que é uma postulação que pode ser problemática.

primário (Bruner, 1966, 1986), como emoções, sensações, etc., originadas do acoplamento da pessoa com o “real”, por intermédio de seus dispositivos de contato aferentes (os sentidos) e eferentes (os músculos e outros efetores em geral), a psique se constrói através do desenvolvimento de um sistema secundário de sinais, a *linguagem* (Pavlov, *apud* Luria, 1991) que, inserindo o *eu* em um mundo simbólico, exercerá uma função mediadora entre o “real”, a *coisa-em-si*, e a sua apropriação pelo indivíduo. Vygotsky (1991a, 1991b) argumenta que esta construção é resultante da interação com o outro, bem como essencial para a constituição dos processos psicológicos “superiores” (1991b: 63).

Ao tentar explicar como, especificamente, esta interação permite a construção dos tais “processos psicológicos superiores”, Vygotsky propõe que o percurso desta construção implica duas fases: uma primeira fase de atividade *interpísica*, em que o aprendiz “toma emprestada” de seu interlocutor a função psíquica que está em jogo, para, posteriormente, internalizá-la, entrando então na segunda fase, em que a atividade é *intrapísica*, ou seja, ocorre “dentro” da mente do aprendiz. Isto acontece porque a aprendizagem ocorre sempre na Zona de Desenvolvimento Proximal, uma “área” psíquica formada pela “*distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.*” (1991b: 97 – em itálico no original).

Para o esclarecimento de como ocorre esta construção, Bruner (1986) efetuou vários estudos, dos quais quero ressaltar dois achados cruciais: o primeiro achado (oriundo de um experimento conjunto com David Wood e Gail Ross sobre tutoramento, que consistia em ensinar crianças a construir uma pirâmide com blocos de encaixar de madeira) é que o tutor (ou seja, o “adulto” ou os “companheiros mais capazes” de que fala Vygotsky, no caso deste experimento, a Dra. Ross) “transformou a tarefa em brincadeira e colocou-a numa narrativa que lhe deu continuidade”, ou seja, criou um “contexto”, uma estrutura *discursiva* que permitia à criança atribuir “sentido” ao que estava fazendo, ou seja, executar, junto com o trabalho de construção da pirâmide, o trabalho com a linguagem de que fala Franchi (1988); o segundo achado (oriundo de estudos sobre aquisição da linguagem realizados por Bruner em Oxford) é a confirmação da intuição vygotskyana de que é o compartilhamento de uma moldura narrativa que permite a progressiva internalização da competência na atribuição de sentidos, ou seja, a criança vai adquirindo primeiro estruturas narrativas compartilhadas, construídas em um clima dialógico, as quais permitem que execute o trabalho de construção ou atribuição de sentidos e, à medida que obtém competência neste trabalho compartilhado, vai internalizando as estratégias utilizadas, apropriando-se delas. E o tutor trabalha justamente na “zona de desenvolvimento proximal” da criança, aumentando gradativamente as exigências para o compartilhamento das estruturas narrativas, de tal forma que a criança vai operando cognitivamente em estruturas progressivamente mais complexas, ascendendo assim às “funções psicológicas superiores”, ou, em outras palavras, ganhando autonomia em suas funções simbólicas. Assim, mais do que dizer que a linguagem é constitutiva do *eu*, devemos perceber que esta constituição se dá não por meio da simples presença e atuação do “sistema secundário de sinais”, mas, principalmente, pela inserção da pessoa, através do diálogo e da negociação dos limites deste diálogo, em uma intersubjetividade constituída discursivamente, ou seja, em um mundo compartilhado, um mundo “cultural”, que, nunca é demais frisar, tem um caráter irrevogavelmente social e interacionista e é discursivamente construído (Harré

& Gillett, 1994).

O *eu*, então, operaria como o dispositivo psicológico do qual a pessoa lança mão na sua atividade de construção e atribuição de sentidos ao que lhe acontece, apresentando então o duplo aspecto a que nos referimos: ao construir o sentido, através do trabalho com a linguagem,²⁵ apresenta o aspecto sujeito-agente, e, ao ser experienciado como a “fonte, ou origem, do sentido”, apresenta o aspecto *self* do qual a pessoa decorre sua “identidade pessoal”. Assim, tomamos a “ilusão” do sujeito (ou os “esquecimentos” que constituem esta ilusão) como o meio privilegiado da constituição social do *eu* (através de sua inserção na intersubjetividade do diálogo, ou nas atividades dialógicas) mas, invertendo a perspectiva de Bakhtin e Pêcheux, não consideramos esta “ilusão” como motivo para negar ou evitar a discussão da presença ou existência deste *eu*, e sim como instrumento para apontar a presença deste *eu* no acontecimento enunciativo e examinar-lhe o funcionamento. Exploremos, então, as peculiaridades deste *eu*.

5.1.3.1. O eu como auto-imagem ou *self*

Perls²⁶ define o *eu* como um conjunto de identificações (“eu *sou* assim”) e alienações (“eu *não sou* assim”). Esta definição tem duas características principais: em primeiro lugar, corresponde a uma definição *intensional*, ou seja, caracteriza um conjunto, um objeto formal, pois, ao definir seus limites, define também o seu conjunto complementar, com o qual constitui a dupla definição necessária para constituir e determinar um dado nível de abstração, ou nível lógico, em que o sujeito irá operar. Em segundo lugar, tem como seu fulcro a *auto-imagem*, ou o aspecto *self* a que nos referimos atrás. Ressalvando que o caráter desta auto-imagem é não somente cognitivo mas também de outras ordens,²⁷ quero me deter neste conceito e em suas implicações. Começemos por definir o que chamamos de auto-imagem ou *self*.

Podemos definir a auto-imagem, ou *self*, como o ponto de entrecruzamento de diferentes histórias (Harré & Gillett, 1994; Bruner, 1989), uma descrição (ou um conjunto delas) que a pessoa faz de si mesma, uma *autodescrição*, um discurso que a pessoa faz sobre si mesma e, exatamente por ser discurso, lhe oferece os meios de construir os sentidos que atribui aos acontecimentos. Temos então, duas características a serem examinadas: em primeiro lugar, a auto-imagem tem como referência a *própria pessoa*; em segundo lugar, é construída *como um discurso*, ou seja, discursivamente. Examinemos estas duas características.

Referir-se à própria pessoa significa que a auto-imagem corresponde a um “senso de identidade pessoal” (Harré & Gillett, 1994), que apresenta um aspecto quádruplo: (a) um senso de localização espacial – literalmente um “ponto de vista”; (b) um senso de responsabilidade como agente – aquilo que *eu* faço tem efeitos no mundo; (c) um senso de localização em uma rede de compromissos mútuos com outras pessoas – *eu* faço parte desta família, sou

²⁵ FRANCHI (1986: XV) formula o problema da seguinte maneira: “a construção e reconstrução dos objetos lingüísticos têm que ser postas numa perspectiva interacionista: não é trabalho de um sujeito encapsulado e só, mas trabalho conjunto em que esse sujeito se constitui, que se dá na ação com o outro e sobre o outro (atividade comunicativa) e com o outro sobre o mundo (atividade representativa)”.

²⁶ PERLS, F., *Moral, Fronteira do Ego e Agressão*, in *Isto é Gestalt*, reprodução não autorizada; também em *Ego, Fome e Agressão*, trad. não autorizada de PERLS, F., *yo, hambre y agresión*, Buenos Aires: Fondo de Cultura.

²⁷ Afetiva, social, histórica, biológica etc.

amigo destas pessoas, etc.; e (d) um senso de localização num sistema social – *eu* ocupo estes papéis, tenho este *status*, etc. Temos, então o *eu* como um dispositivo com o qual o sujeito se identifica e, através desta identificação, lhe permite ter um “senso de ter um lugar ou lugares em muitos sistemas de localização” (Harré & Gillett, 1994: 92), ou seja, a “ilusão do sujeito”²⁸ de Pêcheux. É importante salientar que este “senso de identidade pessoal” inclui a percepção de uma continuidade histórica, que advém do fato da relação referente-referência, mesmo sofrendo modificações ao longo do tempo, ser bastante estável,²⁹ uma vez que o grupo de referentes possíveis (que são, poder-se-ia dizer, sinônimos de *eu*), normalmente, não sofre rupturas, apenas acréscimos e subtrações graduais, e a referência, localizada fisicamente no corpo da pessoa (geralmente dentro da cabeça, alguns centímetros atrás dos olhos), também se mantém a mesma ao longo do tempo.

Ser discursivamente construída significa que, por ser construída através do ingresso no mundo compartilhado da cultura, especialmente, como dito anteriormente, através da mediação do outro, ou melhor, da palavra que o outro oferece e do trabalho de linguagem compartilhado, este “senso de identidade pessoal”, este ponto em que se entrecruzam vários discursos, constitui um dispositivo do discurso, uma vez que pode ser identificada como um “sistema de dispersão” definido por suas regularidades (ordem, correlações, posições, funcionamentos e transformações)³⁰, que derivam de um mesmo jogo de relações. Este dispositivo fornece um arsenal de *regras de uso* das palavras, no sentido dado por Wittgenstein (1958), o que quer dizer que, ao mesmo tempo em que possibilita que o *eu* se engaje nos “jogos de linguagem”, estabelece limites para este engajamento, definindo que alguns jogos podem ser jogados e outros não, que neste jogo as regras são estas e não aquelas, e assim por diante. Ainda um outro aspecto importante a ser salientado é que o “senso de responsabilidade como agente” a que se referem Harré e Gillett faz parte das regras inseridas no dispositivo discursivo *eu*, e implica um caráter volicional, ao menos em alguma medida, bem como algum grau de controle deste *eu* sobre o que faz.³¹

Vale ainda dizer que esta auto-imagem pode se tornar consciente, ainda que não completamente, mas geralmente funciona como uma instância pré-consciente, ou inconsciente no sentido cognitivo. Entre as funções que exerce no psiquismo, esta auto-imagem serve como canal de retroalimentação para a definição e manutenção do *eu*. Também inclui as experiências representadas (*eu sou assim/ eu não sou assim*), ou seja, mediadas (mediadas especialmente pela linguagem, como apontado anteriormente). Neste sentido, o caráter representacional da linguagem, em seu papel como mediadora, é constitutivo daquela auto-imagem, como aponta Bruner (1966:35) “*uma parte da autoconsciência no desenvolvimento intelectual consiste em confiar na notação em termos da qual*

²⁸ Que pode ser também entendida como a formação imaginária { I_A(A) } de Pêcheux (1969), embora nos dois casos esteja um pouco deformada em relação aos pressupostos de Pêcheux.

²⁹ É, por exemplo, típico da Psicopatologia utilizar esta estabilidade como critério para avaliação da saúde mental.

³⁰ À maneira da “formação discursiva” de Foucault (1969), este dispositivo opera dentro do discurso, muitas vezes como um regulador, embora não possa ser caracterizado como uma formação discursiva já que tem um caráter psicológico individual.

³¹ Não vem ao caso se este caráter volicional e este controle são ilusórios ou não, na medida em que, por fazer parte das *regras de uso* do dispositivo, ao enunciar *eu* o sujeito opera “dentro” destas regras, e, portanto, opera “como se” tivesse este controle e esta operação fosse resultante de um ato de vontade.

temos a experiência codificada".³² Quando esta confiança é abalada, o próprio processo de identificação do sujeito com o *eu* (especialmente o *eu* que enuncia) fica prejudicado.

5.1.3.2. O *eu* como um enquadre

Voltemos agora à afirmação de que o *eu* é, como dito antes, definido *intensionalmente* pelas identificações e alienações que lhe apontam os limites, o que está *dentro* e o que está *fora* dele. Como demonstrado por Whitehead e Russel (1910), a definição de um conjunto (ou classe) instaura um nível lógico, ou seja, um nível ou ordem em que as asserções, em um discurso rigoroso, estão submetidas aos princípios lógicos tradicionais, como a não contradição ou o terceiro excluído, e em que a mudança de níveis lógicos obedecerá às regras da Teoria dos Conjuntos, criando *metaníveis*. Desta forma, ao dizer *eu*, instauramos um nível lógico – o nível do *eu*, formado pela divisão dos fenômenos em duas classes, a classe do *eu* e a classe do *não-eu* – em que são aplicáveis as regras lógicas tradicionais na formalização dos discursos. É justamente neste ponto que entendo ser útil o conceito de “enquadre”, conforme apresentado por Bateson (1955a,b). *Enquadre* pode ser definido como uma *metamensagem* que permite a interpretação da mensagem, um conjunto de instruções para que o ouvinte possa interpretar o que foi dito. Usando as analogias do autor, podemos dizer que o enquadre é, por um lado, como a moldura de um quadro, que indica ao observador que as premissas utilizadas na interpretação do quadro não devem ser estendidas para a análise da parede em que está pendurado, e, por outro lado, como a linha imaginária que define o limite entre o conjunto de membros de uma dada classe e o seu conjunto complementar, dos não-membros de tal classe.

Enquanto “conjunto de instruções para que o ouvinte possa interpretar o que foi dito”, o enquadre pode ser identificado com o “conjunto de pressupostos”, ou o “quadro intelectual relativamente constante” de Ducrot (1972) ou com os “sistemas de referências” de Gerdali (1991)³³, o que nada acrescentaria ao que vimos discutindo. Entretanto, ao reivindicar para tal conceito uma natureza psicológica, porque trata de descrições do que ocorre em “mentes”, qualquer que seja o significado desta palavra, Bateson provoca-nos a avançar no esclarecimento da dimensão psicológica, especialmente porque “capta o grau de ambivalência presente nas comunicações, suas funções, bem como relações sutis de subordinação entre as mensagens”. (Ribeiro & Garcez, 1998b: 57)

Examinemos mais de perto as metáforas de Bateson: enquanto “moldura de um quadro”, o conceito de “enquadre” poderia ser substituído pelos conceitos de Ducrot e Gerdali, sem grandes prejuízos para a análise; enquanto “linha imaginária que define o limite entre o conjunto de membros de uma dada classe e o seu conjunto complementar”, entretanto, estes conceitos só podem ser mantidos se assumirmos que, para todos os propósitos práticos, *no momento da enunciação estes limites estão fixados pela própria enunciação*, já que o próprio enunciado define “uma categoria de enunciados suscetíveis de continuá-lo (ou pelo menos uma categoria de enunciados incapazes de continuá-lo)”, e, com isso, “estabelecem-se os limites do diálogo oferecido ao interlocutor.” (Ducrot,

³² Codificada, no caso, alude tanto ao papel de instrumento de mediação que a linguagem exerce na apreensão e representação do mundo (Vygotsky, 1991a, 1991b); quanto ao papel de código que a linguagem representa na comunicação como um dos “*fatores intervenientes no ato da comunicação verbal*” (Lopes, 1991: 56); quanto ainda ao papel de *filtro perceptivo* que exerce a linguagem na estruturação da realidade, a chamada hipótese whorfiana. (*idem*: 21-22) Indica também que há uma interface entre a “realidade” e a representação mental, que é o “terreno” em que opera a interpretação e surgem a polissemia e os paradoxos comunicativos de que fala Bateson (1955a,b).

³³ A formulação original do conceito de “sistemas de referência” deve-se a Franchi (1977).

1972: 101) Este tipo de linha argumentativa, no entanto, continua a nos negar o acesso ao sujeito psicológico, já que elide o “‘senso de identidade pessoal’ que inclui a percepção de uma continuidade histórica” a que nos referimos antes, ou seja, deixa de fora o que acontece “internamente” ao sujeito. Assim, a manutenção dos objetivos deste trabalho exige demonstrar que estes limites, e sua estabilidade, são necessários para a operação psíquica, e apontar como estes limites operam psiquicamente, ou como a operação psíquica incorpora, ou sofre, estes limites.

A chave para esta incorporação é o reconhecimento de que, quando dizemos *eu*, instaura-se um nível específico de abstração, ou nível lógico, o nível do *eu*. Para entender as conseqüências psíquicas desta instauração, começaremos por uma pequena digressão sobre os processos psíquicos primário e secundário. Processo psíquico primário, termo introduzido por Freud (1900), refere os processos de pensamento que *não estão submetidos à coerção da realidade*,³⁴ ou seja, os processos mentais em que *as relações entre as representações*, que são seus elementos, *não são regidas por regras equivalentes às regras que regem a relação destas representações com a realidade*. Estas relações são governadas essencialmente pelo desejo, obedecendo ao princípio do prazer, segundo o qual a mente, às custas da recusa da coerção da realidade sobre as representações,³⁵ busca o prazer e evita o desprazer. Em virtude desta recusa, podemos dizer que no processo primário *não existem níveis contrastantes de abstração*, justamente porque não existe abstração e nem contraste. Não existem níveis lógicos, e nem lógica, em qualquer sentido formal do termo.³⁶ Assim, no processo psíquico primário, não pode operar aquela propriedade reflexiva, característica da linguagem, de que nos fala Geraldi (1991). De fato, Bateson (1955a: 63) coloca que “é uma característica do pensamento inconsciente, ou de ‘processo primário’ que o pensador não consegue distinguir entre ‘alguns’ e ‘todos’ e também não consegue distinguir entre ‘nem todos’ e ‘nenhum’”. Parece que a realização dessas distinções é executada através de processos mentais de nível mais alto ou mais consciente que servem, no caso do indivíduo não-psicótico, para a correção do pensamento em preto e branco próprio dos níveis mais baixos.”

O processo secundário, por sua vez, surge justamente do embate entre esse processo primário e a coerção da realidade. Enquanto, regido pelo princípio do prazer o processo psíquico primário “aspira à derivação da excitação para criar com a quantidade de excitação acumulada, uma *identidade de percepção*”, o processo psíquico secundário, regido pelo princípio da realidade, “já abandonou esse propósito e encerra, em lugar dele, o de conseguir uma *identidade mental*.” (Freud, 1900: 370 – em itálico no original) Assim, podemos dizer que o processo secundário instaura a ordem simbólica, permitindo, portanto, o acesso ao real e, crucial para nossos propósitos, ao permitir a distinção entre níveis contrastantes de abstração, permite a operação da propriedade reflexiva da linguagem. Permite as distinções sutis de sentido que se exigem quando surgem, na enunciação, níveis contrastantes de abstração, como a distinção entre *mapa e território*, “o fato de uma mensagem, qualquer que seja seu tipo, não

³⁴ Esta é a ordem imaginária de Lacan, já referida.

³⁵ Incluem-se aqui aquelas restrições ao pensamento, de origem discursiva, de que nos fala Wittgenstein, e que retomaremos adiante.

³⁶ A lógica do processo primário é uma lógica imaginária, regida por associações não lógicas de vários tipos entre as representações e afetos. Freud, em *A interpretação das afasias* (1977: 35) dá vários exemplos destas associações não lógicas, que chama de parafasias: “trata-se de parafasia quando o falante põe uma no lugar da outra palavras semelhantes quanto ao sentido ou continuamente ligadas entre si por uma associação corrente, como quando, por exemplo, emprega *pena* em vez de *lapis*, *Potsdam* em lugar de *Berlim*, ou então quando troca palavras que tem um som semelhante como *Butter* e *Mutter*, *Campher* e *Pamphlet*, enfim, quando comete erros na articulação (parafasia literal), pelos quais umas letras são substituídas por outras.”

consistir nos objetos por ela denotados ('A palavra 'gato' não arranha'). Na verdade, a língua possui uma relação com os objetos que denota comparável com aquela que um mapa tem com um território. A comunicação denotativa como ocorre na linguagem humana só é possível *depois* da evolução de um conjunto complexo de regras metalingüísticas (mas não verbalizadas)³⁷ que governam como palavras e orações devem ser relacionadas a objetos e eventos." (Bateson, 1955a: 60)

Dado que os seres humanos, provavelmente por razões ligadas a características iminentes às formas de percepção de que são dotados, não conseguem conviver com grandes discordâncias ou incoerências nas estruturas conceituais em que estão operando no momento,³⁸ algumas das exigências da lógica tradicional, especialmente a exigência de não contradição e a regra do terceiro excluído, são tomadas como verdadeiras,³⁹ gerando uma exigência de coerência e consistência que funciona como uma base necessária para o processo (secundário) de identificação do sujeito com a classe do *eu*, e sua concomitante alienação da classe do *não-eu*. Antes de ser uma exigência metodológica para a assunção de uma perspectiva mais formalizada, note-se que a passagem do processo psíquico primário, que não distingue a coisa da sua representação, para o processo psíquico secundário, em que é possível atribuir-se a alguns conteúdos mentais a qualidade lógica de *meta*, ou seja, em que se pode fazer a representação de outra representação, e portanto pode-se utilizar a propriedade reflexiva da linguagem, de que fala Geraldí (1991), exige justamente a instalação de um dado nível de abstração, sem a qual não se pode avaliar as condições de coerência e consistência que apontamos antes.

Vemos assim que o enquadre é necessário ao surgimento do processo secundário porque, ao impor limites, delinear, estabelecer distinções, cria múltiplos níveis de abstração, relacionados entre si como conjuntos, que podem ser somados, interseccionados, contidos, *etc.*, permitindo que o pensamento refira-se a si-mesmo, torne-se reflexivo, estabelecendo uma diferenciação entre o processo de pensamento e o conteúdo do pensamento.⁴⁰ Como visto antes, "ao dizer *eu*, instauramos um nível lógico – o nível do *eu*, formado pela divisão dos fenômenos em duas classes, a classe do *eu* e a classe do *não-eu*", e é a existência de uma tal linha divisória entre o *eu* e o *não-eu* que permite ao sujeito identificar-se com o referente que aponta dizendo *eu*, e também realizar as operações de reflexão em que o *eu* seja objeto do pensamento ou discurso. Dois pontos, no entanto, devem ser considerados: o primeiro deles é o caráter paradoxal do enquadre, no sentido em que a própria ação ou mensagem que o estabelece pode ou deve ser interpretada em função de si mesma, o que quer dizer que irá criar um paradoxo lógico do gênero do famoso paradoxo de Epimênides de Creta.⁴¹ Este caráter paradoxal abre sempre a possibilidade de que o enquadre seja

³⁷ "A verbalização destas regras metalingüísticas é uma conquista muito posterior que só pode ocorrer após a evolução de uma metalingüística não verbalizada." (Nota do texto original – Bateson, 1955a: 60)

³⁸ Ver, por exemplo, os estudos clássicos de Festinger (1957) e Asch (1956).

³⁹ A origem destas exigências é cultural, discursiva, mas sua assunção como verdade é uma necessidade psíquica, pelo menos no processo psíquico primário. (Bateson, 1955a,b)

⁴⁰ Não é à toa que o próprio Freud (1900) caracteriza o *Ego* como um processo secundário.

⁴¹ Em "todos os cretenses são mentirosos", dito por "Epimênides de Creta", o paradoxo é gerado porque a expressão "cretenses" refere-se a um conjunto que tem como membro "Epimênides de Creta", e, ao mesmo tempo, "Epimênides de Creta", ao ser identificado como autor da proposição, torna-se, portanto, o conjunto que contém a asserção que contém a expressão "cretenses". Assim, a interpretação desta asserção exige que tratemos como equivalentes as expressões "Epimênides de Creta" e "cretenses", o que gera um circuito recursivo em que a expressão

reinterpretado em outro sentido, seja “reenquadrado”, por assim dizer, e, por isso, provoca o surgimento da maioria dos diversos tipos de paradoxos com que nos defrontamos nas comunicações humanas, paradoxos estes que estão diretamente relacionados com a confusão entre os múltiplos níveis de abstração que coexistem em qualquer enunciação. O segundo ponto diz respeito à possibilidade permanente de irrupção, no discurso, do processo primário inconsciente, qualquer que seja sua razão, provocando a alteração do enquadre em que vem operando o processo secundário e obrigando a que haja uma operação ativa de busca do novo enquadre que permita a interpretação.⁴²

5.1.3.3. O eu como agente

Cabe aqui apontar que este conceito de sujeito como alguém capaz de se engajar em atividades complexas que envolvem o uso da linguagem, aproxima-se daquele que pode ser depreendido das reflexões de Wittgenstein (1958) sobre os jogos de linguagem, especialmente porque, conforme apontam Harré e Gillett (1994: 27-28), o engajamento nestas atividades complexas exige da pessoa

“(…) negociar os eventos de sua vida de um modo a conciliar três conjuntos distintos de limitações:

1. A necessidade de adaptar-se a situações que, em alguns aspectos, independem da própria vontade (como coloca Wittgenstein) significa que não existe uma flexibilidade infinita no modo como se conceitualiza uma situação. Se me encontro em uma sala com apenas uma porta, então a minha capacidade para escapar desta sala é dependente da minha capacidade de reconhecer alguma parte de meu contexto como sendo uma porta, e de eu realmente reconhecê-la. Se este movimento cognitivo está ausente, minha atividade está severamente limitada.
2. Os modos de conceituarmos coisas que entram em cena em uma determinada ocasião precisam ser coesos, ‘permanecer juntos’, até certo ponto. Se isto não ocorre, eu posso ter orientações conflitantes, confusas ou inconclusivas para com a situação na qual me encontro. Este impulso por consistência pode ser salientado e as limitações que ele impõe são negociáveis (para dizermos o mínimo), mas ainda assim são reais. Portanto, se eu penso em uma pessoa como alguém que tenta me oprimir ou explorar, será difícil também pensar nela como alguém que me permite expressar e cumprir meus planos ou projetos. Ver a situação sob ambos os aspectos exigirá algum ajuste, de modo que um ou outro prevaleça e eu assimile minha orientação subjetiva e meus significados subjetivos a um ou outro tipo de discurso. Naturalmente, como Billig (1988) demonstrou amplamente, a psicologia social de algumas formas comuns de vida é radicalmente contraditória. Por exemplo, em seu estudo sobre os sobreviventes de ataques cardíacos, ele demonstrou que essas pessoas precisam simultaneamente estar bem e estar enfermas. Em um nível menos ‘político’, se eu penso em certa árvore como estando ao norte, então não posso simultaneamente pensar que ela está ao sul. As árvores não são assim. Esta combinação de pensamentos é incompatível, de tal forma que não me permite assumir qualquer ação em relação à árvore.
3. Eu habito muitos discursos diferentes, e cada um deles possui seu próprio agrupamento de significados. Alguns desses, como já notamos, entrarão em conflito uns com os outros e exigirão negociação e ajuste para serem simultaneamente mantidos. Esta característica de equilíbrio, integração ou correção da vida mental significa que um determinado tipo de discurso tende a não manter um balanço livre de influências sobre a subjetividade de um indivíduo. Na verdade, quando isto ocorre, estamos propensos a pensar nessa pessoa como obcecada ou fanática. De qualquer modo, a maior parte de nós formará uma subjetividade complexa pela participação em muitos discursos diferentes que tendem a esclarecer mutuamente uns aos outros até certo ponto e, portanto, a limitar os significados que aplicamos a uma determinada

“Epimênides de Creta” classifica a expressão “Todos os cretenses são mentirosos”, e é por ela reclassificada, o que exige nova volta ao circuito, e assim por diante, de tal forma que o resultado formal desta operação será algo como “se sim, então não”.

⁴² Vale aqui mencionar a “inevitabilidade da busca de sentido” de que fala Geraldí (1991: 19).

ocasião.”

A implicação deste conceito de sujeito para uma perspectiva enunciativo-discursiva é a admissão da possibilidade de agência do sujeito, no sentido de que ele possa, em alguma medida não desprezível, “negociar os eventos de sua vida”. A desconsideração deste sujeito-agente (que em alguns desdobramentos das abordagens discursivas, como dissemos antes, é necessário por razões epistemológicas) exigiria sua transformação nos “autômatos sintáticos” ou nos “meros porta-vozes da hegemonia discursiva de seu tempo” de que fala Geraldí. (1991: 16) Por outro lado sua consideração, que permite “entender uma pessoa como um foco individual de discurso e como alguém que tem um papel produtivo em sua própria atividade consciente” (Harré e Gillett, 1994: 102) exige, para mantermos a perspectiva discursiva, que apontemos como este sujeito opera este papel produtivo. Para isso, voltemos a Geraldí (1991) e seu conceito de operações discursivas.

5.1.3.4. O eu e as operações discursivas

Geraldí (1991: 19-20) refletindo sobre “o trabalho dos sujeitos como atividade constitutiva”, aponta nele “dois níveis que, evidentemente, se entrecruzam: aquele de produção social e histórica de *sistemas de referência* em relação aos quais os recursos expressivos se tornam significativos e aquele das *operações discursivas* que, remetendo aos sistemas de referência, permitem a intercompreensão nos processo interlocutivos apesar da vagueza dos recursos expressivos utilizados. Nestas operações pode se dizer que há ações que os sujeitos fazem *com* a linguagem e ações que fazem *sobre* a linguagem; no agenciamento de recursos expressivos e na produção de sistemas de referências pode-se dizer que há uma ação *da* linguagem”.

Estas reflexões alinham-se com o que vimos argumentando sobre o papel do *eu* como um dispositivo do discurso, à medida que podemos identificar o *eu* como um dos *sistemas de referências* a que se refere Geraldí, especialmente relacionado com o agenciamento de recursos expressivos, tanto na produção como na interpretação dos enunciados. A questão que se coloca é como este *eu*, como sistema de referências, afeta as operações discursivas do sujeito. Para isto, precisamos esclarecer dois pontos: primeiro, aceitar o papel do *eu* como responsável por este agenciamento, conforme argumentado no item anterior; segundo, esclarecer que papel ocupa este *eu* no funcionamento das ações *da* linguagem, *com* a linguagem e *sobre* a linguagem. Para uma melhor compreensão destas ações, Geraldí propõe que se recupere a distinção entre atividades *lingüísticas*, *epilingüísticas* e *metalingüísticas*. “Todas elas ocorrem em qualquer tipo de ações (com a linguagem, sobre a linguagem e da linguagem), mas representam níveis distintos de reflexões.” (Geraldí, 1991: 20) Vejamos o que diz Geraldí:

“As atividades *lingüísticas* são aquelas que, praticadas nos processos interacionais, referem ao assunto em pauta, ‘vão de si’, permitindo a progressão do assunto. As reflexões que aqui se fazem, tanto no agenciamento dos recursos expressivos pelo locutor quanto na sua compreensão pelo interlocutor, não demandam interromper a progressão do assunto que se está tratando. Como vimos, elas demandam, na compreensão responsiva, um certo tipo de reflexão que se poderia dizer quase ‘automática’, sem suspensão das determinações do sentido que se pretendem construir na intercompreensão dos sujeitos.” (op. cit.: 20)

Podemos dizer que, aqui, o *eu* ocupa, geralmente, um papel não central,⁴³ ou seja, as “determinações do

⁴³ Exceto, evidentemente, naqueles casos em que o próprio *eu* é o tema do diálogo.

sentido” são pouco afetadas por este *eu*.⁴⁴ Em outras palavras, o *eu*, como definido, tem pouco valor explicativo no esclarecimento destas “determinações do sentido”. O pouco valor que possa ter decorre da interferência das peculiaridades idiossincrásicas deste *eu* no desenvolvimento do diálogo.

“As atividades epilingüísticas são aquelas que, também presentes nos processos interacionais, e neles detectáveis, resultam de uma reflexão que toma os próprios recursos expressivos como objeto. (...) Poderíamos caracterizar as atividades epilingüísticas como atividades que, independentemente da consciência ou não, tomando as próprias expressões usadas por objeto, suspendem o tratamento do tema a que se dedicam os interlocutores para refletir sobre os recursos expressivos que estão usando”. (op. cit.: 23-24)

Aqui o *eu* ocupa um papel bem mais central que no caso anterior, especialmente porque entram em pauta os objetivos com que o *eu* proferiu a enunciação. Conforme Coudry (1988: 15-16) “no caso do sujeito afásico, essa atividade tem um valor reconstrutivo na busca de alternativas à resolução de suas dificuldades, na retomada de elementos da fala do outro ou de si mesmo em turnos anteriores para reelaborá-los, quando se serve de discursos anteriores para reorganizar um novo discurso.” Mais ainda, “nas situações de discurso, em que estão em jogo a partilha das pressuposições fatuais, o conhecimento mútuo, as intenções do locutor, a imagem de cada um para o outro, etc., pode-se até falar em uma atividade epidiscursiva: muitas passagens do discurso envolvem uma ‘negociação’ explícita destas condições, um ajuste e reajuste recíproco para garantir a eficácia da interação. Ao contrário da limitação dos testes, deve-se buscar conhecer esse percurso epilingüístico interior e essa atuação epidiscursiva interpessoal que se manifestam, a todo momento, no acompanhamento longitudinal.” (*ibidem*)

“Atividades metalingüísticas são aquelas que tomam a linguagem como objeto não mais enquanto reflexão vinculada ao próprio processo interativo, mas conscientemente constroem uma metalingüagem sistemática com a qual falam sobre a língua. Trata-se, aqui, de atividades de reconhecimento que analisam a linguagem com a construção de conceitos, classificações, etc.” (op. cit.: 25)

O papel que aqui ocupa o *eu* é, paradoxalmente, não central num certo sentido e central em um outro sentido. É um papel não central na medida em que a atividade metalingüística, desvinculando-se do próprio processo interativo, e trazendo para o centro da reflexão ativa a linguagem em si, enquanto “objeto de observação, descrição e representação: é preciso tomar uma certa distância em relação à atividade lingüística para construir esse sistema nocional e sua metalingüagem representativa”, Coudry (1988: 14) afasta do centro do acontecimento enunciativo-discursivo o sujeito, colocando-o de parte, ou de lado, transformando-o enfim numa espécie de sujeito epistêmico neutro. Esta suspensão do sujeito, porém, nas condições de intersubjetividade que caracterizam o diálogo, significa colocar o sujeito numa posição *meta* em relação ao acontecimento enunciativo-discursivo, o que, como argumentado antes, instaura um nível lógico em que a divisão entre as classes do *eu* e do *não-eu* cria uma exigência de coerência e consistência que convoca, ou exige, do sujeito, justamente aquelas capacidades de representação que serão utilizadas no processo de identificação do *eu* e entre *eu* e sujeito. Em outras palavras, as atividades metalingüísticas exigem do sujeito o recurso ao *eu* como o dispositivo que lhe permita saber *o que está sendo suspenso*, ou seja, utilizar o *eu* como um *enquadre*.

Em um discurso formalmente organizado, como o discurso científico, por exemplo, esta operação de suspensão do sujeito é deliberada e faz parte das regras deste tipo de discurso, sendo uma parte explícita do procedimento discursivo e, portanto, deliberadamente executada, avaliada e, se necessário, corrigida. Por outro lado,

⁴⁴ Enquanto instância interna ao sujeito.

em uma situação dialógica que pretende, como no caso que estamos estudando, criar condições de interlocução “onde processos de significação verbais e não verbais são elaborados pelos interlocutores nas diferentes instâncias em que sujeitos falantes de uma língua natural se expõem, informados por regras e atitudes lingüísticas e regularidades sócio-históricas” (Coudry, 1995: 13), ou seja, em que as regras do discurso formal não se aplicam, a situação é bastante diferente. Tomemos, por exemplo, o sujeito que chamamos “o sujeito que se estranha”, de quem podemos dizer que não recorre ao uso hábil, fácil ou automático do *eu* como recurso de inserção no discurso: as dificuldades que este sujeito apresenta para operar níveis contrastantes de abstração, ou mesmo delimitar o nível lógico em que se está falando, prejudicarão, necessariamente, seu desempenho nas atividades metalingüísticas.

5.1.3.5. Um parêntese – a construção conjunta dos sentidos

Até aqui temos tratado de elucidar como o “sujeito psicológico empiricamente coincidente consigo mesmo” participa, através de sua identificação com o sujeito (no sentido discursivo do termo), na construção dos sentidos em um diálogo. É preciso, no entanto, deixar claro que não se trata de dar a este sujeito a posição preeminente nesta construção, nem mesmo garantir sua completa independência de quaisquer condições externas, como as condições histórico-sociais ou as condições de clivagem do sujeito apresentadas pela AD, mas, pelo contrário, mostrar que as características pessoais únicas e individuais deste sujeito são justamente os elementos que se precisa conhecer para poder explicar como ele se “constrói” ou “emerge” na interação, e através dela. Como já foi dito, uma das asserções de base da Neurolingüística de perspectiva discursiva (Coudry, 1988) é justamente a construção conjunta do sentido pelos interlocutores. Demonstrar que esta construção conjunta dos sentidos é também a construção conjunta e recíproca da subjetividade dos interlocutores é um pouco “chover no molhado”, mas fazê-lo numa perspectiva um pouco mais formal pode acrescentar algum entendimento.

Do que foi dito até aqui sobre o sujeito, o jogo de imagens que Pêcheux formaliza (1969: 82-85)⁴⁵ pode ser uma boa aproximação para o efeito da interlocução na passagem de *eu* a sujeito, desde que aceitemos que a imagem do interlocutor para si mesmo [$I_A(A)$] exerce também uma função de retroalimentação necessária à identificação do *eu*, uma função psíquica interna ao sujeito, e que as relações estabelecidas entre as imagens de cada interlocutor ou as operações que uma exerce sobre outra⁴⁶ sejam recursivas, quer dizer, exercem uma sobre a outra efeitos recíprocos, nos quais se pode discernir um encadeamento mas não se pode eleger um ponto de partida causal, uma causa primeira sem que se artificialize arbitrariamente a descrição.⁴⁷ O que temos, aqui é a constatação de que o *eu* de cada interlocutor será subjetivado, tornado sujeito do discurso, exatamente quando, *e justamente porque*, se relaciona com um *tu*, em um *nós*. Retomamos, aqui, de forma um pouco diferente, o que diz Bakhtin/Volochínov (1929):

“Na relação com um ouvinte potencial (e algumas vezes distintamente percebido), podem-se distinguir dois pólos, dois limites, dentro dos quais se realiza a tomada de consciência e a elaboração ideológica. A atividade mental oscila de um a outro. Por convenção, chamemos esses dois pólos *atividade mental do eu* e *atividade mental do nós*”. (p.115)

⁴⁵ Ao qual devemos acrescentar ainda o acréscimo pragmático de Osakabe (1979), conforme argumentado em Damasceno (1995).

⁴⁶ {[$I_A(A)$] \leftrightarrow [$I_B(B)$] }

⁴⁷ A eleição de um ponto de partida em um circuito causal recursivo ou circular é chamada pontuação, e é sempre arbitrária.

Nesta retomada formalizadora, acrescentam-se, em primeiro lugar o alargamento das noções de *eu* e *nós* para a inclusão do(s) sujeito(s) psicológico(s) que se encontram engajados na atividade discursiva, e, em segundo lugar, a instauração de um nível de análise⁴⁸ em que as explicações, mesmo reconhecendo a existência de instâncias externas aos sujeitos envolvidos, precisam se referir aos sujeitos materiais envolvidos na interlocução.

Para entender o que significa a instauração deste nível de análise, examinemos, por exemplo, as conseqüências lógicas da utilização do conceito de *interdiscursividade*, a memória do dizer, “de tal modo que os sentidos são sempre referidos a outros sentidos e é daí que eles tiram sua identidade” (Orlandi, 1996a: 31), na análise de um episódio dialógico gravado, como os que compõem o objeto desta dissertação, em que queremos entender como operam aqueles interlocutores específicos.

Num episódio dialógico, a interferência dos efeitos de sentido interdiscursivos se dá por intermédio da ação das “pessoas” envolvidas, e, dado que o suporte material da enunciação são aquelas pessoas e não outras, a polissemia e a polifonia de origem interdiscursiva são limitadas, necessariamente, ao conjunto formado pelos sentidos disponíveis na memória das pessoas envolvidas. Pode-se argumentar pela inclusão do conjunto formado pelas possibilidades de criação de sentidos por tais pessoas, o que aumentaria potencialmente ao infinito a indeterminação polissêmica, mas tais possibilidades não mais teriam origem no interdiscurso, e sim nas possibilidades do “equivoco” proposto por Orlandi (1992; 1996a), que somente poderiam ser materializadas pelo sujeito empírico coincidente consigo mesmo, e caímos em uma argumentação circular.

Estes conjuntos de possibilidades de sentidos presentes na memória, por seu turno, embora talvez inumeráveis, não são infinitos, dado que são resultantes da história discursiva concreta destas pessoas, ou seja, foram preenchidos de uma certa maneira e não de outras através de certos acontecimentos e não de outros. É importante lembrar que a interação dos conjuntos de sentidos portados por cada um dos interlocutores inclui os efeitos interdiscursivos que se encontram dentro de cada um destes conjuntos. Descobrir os efeitos de sentido num episódio dialógico já gravado, então, dispensa qualquer formulação interdiscursiva, já que a interdiscursividade não é mais externa aos sujeitos concretos e às suas enunciações concretas, e restringe a indeterminação polissêmica, já que a interdiscursividade, embora configure um conjunto inumerável para qualquer propósito prático, não é mais infinita. Cabe notar que, numa definição intensional, podemos ter um conjunto delimitado e infinito, como por exemplo o conjunto dos números pares. Explicando: somente serão sentidos para as duas pessoas aquilo que elas de fato reconhecerem como sentido, portanto aquilo sobre o que estiverem de acordo ou sobre o que estiverem em disputa, e em qualquer dos casos, somente será possível referir-se ao que estiver materialmente retratado na fala que expressam ou puder, desta fala, ser deduzido/inferido a partir de pistas materiais. Mais ainda, os efeitos de sentido que não aparecem materialmente no diálogo nem podem ser inferidos das ocorrências enunciativas concretas e materiais da interação (palavras, gestos, entonação, etc.) também não podem ser atribuídos pelo analista, sob pena de rompermos, injustificadamente, algumas regras básicas da própria hermenêutica de caráter científico, como a regra da parcimônia, que nos insta a evitar a proliferação desnecessária de princípios e entidades explicativas, ou a regra do

⁴⁸ Que corresponde à construção do objeto, num sentido epistemológico, análogo à formação dos objetos de que fala Foucault (1969), embora

antropomorfismo, que nos impede de atribuímos ao objeto de nossa análise propriedades do sujeito epistêmico.⁴⁹

Desta forma, a exclusão do sujeito empírico, no sentido de corporal, de pessoa, não permite apreender nem mesmo a interdiscursividade mostrada em um episódio dialógico, já que esta interdiscursividade somente pode existir, no momento da enunciação, *no próprio sujeito*. Finalmente, o que a interdiscursividade poderia revelar em um dado episódio em que se envolvem pessoas reais seriam aquelas ressonâncias que tem um caráter não pessoal no episódio. Quando o episódio é recortado em função das pessoas envolvidas, e a tentativa de explicação é referente a uma destas pessoas, as ressonâncias que importam são justamente aquelas de caráter pessoal. Assim, no acontecimento dialógico, a questão semântica somente se beneficia da noção de interdiscurso quando se destina a iluminar o acontecimento interpretativo contido na resposta dada pelo interlocutor, e apontar os caminhos que ele abre ou mostra, e não os que silencia.

5.1.4. *O sujeito que se estranha – a desestabilização dos limites do eu*

Temos, então, um *eu* que, entre outros fatores, assenta sua estabilidade, sua propriedade de sujeito, sua subjetividade, na constância ou estabilidade⁵⁰ de seu domínio da *palavra/linguagem/discurso*. E temos um *sujeito que se estranha* quando esta constância foge. Dito de outra maneira, a perda do domínio sobre a *palavra/linguagem/discurso* como instrumento expressivo implica também na perda do domínio dos aspectos representacionais desta *palavra/linguagem/discurso*, e esta perda basta para que o sujeito estranhe a si próprio, pois uma vez que os instrumentos utilizados na construção e definição dos limites do *eu* sejam “danificados” os próprios limites tornam-se instáveis,⁵¹ criando uma condição de desintegração da auto-imagem, circunstância de alheamento do *eu*, cujo reconhecimento,⁵² e conseqüente utilização no trabalho de linguagem, fica prejudicado ou dificultado,⁵³ já que, não sendo reconhecido, o *eu* não pode ser utilizado como o enquadre necessário ao deslindamento dos diversos níveis de abstração que coexistem no processo de construção compartilhada de sentidos em que consiste o trabalho de linguagem. Em outras palavras, some a “ilusão de sujeito” que forneceria a porta de entrada para o

circunscrita à argumentação anterior.

⁴⁹ Ver, a propósito, Eco, 1993.

⁵⁰ Se tal constância ou estabilidade é ilusória ou não, não vem muito ao caso, já que ela é necessária, do ponto de vista subjetivo, para o engajamento do sujeito no ato enunciativo, como dito antes.

⁵¹ Ou pelo menos bem mais instáveis do que normalmente são.

⁵² Este não reconhecimento também não é completo, como não é completa a estabilidade. O que ocorre é que a perda dos limites embaralha as identificações e alienações de tal modo que algumas propriedades essenciais ao *eu* – como as regras de engajamento do sujeito no discurso, ou o senso de identidade pessoal – ficam comprometidas.

⁵³ Pode parecer, pela seqüência da argumentação, que se estaria a advogar que as pessoas “normais” tenham um *completo domínio* da *palavra-linguagem*, o que não é o caso. Existem três argumentos contra este “completo domínio”: em primeiro lugar, já que tratamos de um conjunto em que se entrecruzam vários discursos e ‘fornece um arsenal de *regras de uso* das palavras, no sentido dado por Wittgenstein (1958)’, estamos tratando justamente de um conjunto não completamente determinado, já que discursos diferentes podem portar ou permitir a construção de sentidos diferentes, e às vezes contraditórios. Em segundo lugar, a própria língua não é um código, no sentido de um conjunto fechado de significantes indissociavelmente ligados a significados, mas está aberta às possibilidades de equívoco (Orlandi, *op. cit.*) que geram o deslizamento de sentidos (Pêcheux, 1975) que torna a língua, em grande parte, indeterminada. Em terceiro lugar, também o próprio sujeito (a pessoa) não é uma máquina previsível de computação de significados, mas, como demonstrou Freud (*Psicopatologia da Vida Cotidiana; O chiste e sua relação com o inconsciente*), um produtor de sentidos também aberto ao equívoco e ao deslizamento de sentidos. Ainda assim, este domínio é muitas vezes experienciado pelo sujeito como existente, em grande parte devido ao fato de ser assim definido na tradição discursiva corrente na cultura ocidental na qual estamos inseridos, o que pode ser visto em expressões como “tomar a palavra” ou “fiquei sem palavras”, que aludem justamente ao exercício deste domínio ou à sua perda. Finalmente, é evidente que, se admitimos a participação do sujeito na construção dos sentidos, é necessário que se reconheça a existência de *algum* domínio sobre a *palavra/linguagem/discurso*, caso contrário seria absurdo postular esta participação.

discurso compartilhado, e “perde-se o eu”, pelo menos do ponto de vista do próprio sujeito.

Assim também, a recuperação de algum grau de domínio sobre a palavra/linguagem (ainda que tal domínio não seja completo nem implique a recuperação completa da fala) permite a recuperação da capacidade de representação necessária para estabilizar, mesmo que provisoriamente, os limites do *eu*. Este *eu* estabilizado pode então funcionar como um enquadre que instaura as distinções de níveis lógicos a que nos referimos, o que possibilita ao sujeito efetuar as operações cognitivas abstratas que argumentamos serem necessárias à inserção da pessoa no processo subjetivador da linguagem, especialmente nos momentos em que ocorre a identificação do *eu* com o sujeito. Temos no entanto que reconhecer que o percurso de SB mostra um circuito recursivo, no qual a recuperação do domínio da palavra alimenta a recuperação do *eu* como enquadre e a recuperação do *eu* como enquadre alimenta a recuperação do domínio da palavra. O que parece poder ser afirmado positivamente é que estas recuperações exigem a intervenção de um outro – no caso aqui a investigadora – que, operando na Zona de Desenvolvimento Proximal como uma instância de *feedback*, permite a SB, gradativamente, produzir operações cada vez mais complexas, tanto no nível da palavra quanto no nível do *eu*.

6. O percurso de SB – uma visão geral

Iremos agora apresentar um panorama geral do percurso percorrido por SB durante o seguimento individual. As análises que empreenderemos estarão concernidas especialmente à questão da subjetividade, a partir do esquema conceitual de sujeito que vimos desenvolvendo, aprofundando a análise lingüística apenas naqueles aspectos das falas de SB que sejam relevantes para demonstrar a instabilidade das estratégias de subjetivação. Outros aspectos lingüísticos da produção de SB serão analisados com mais profundidade nos próximos capítulos.

6.1. O sujeito que se estranha

No primeiro momento em que encontramos SB (duas entrevistas com a investigadora nos dias 02 e 09 de junho de 1997), estamos próximos do acidente que sofreu (março de 1997) e a investigadora começa a examinar as formas como a afasia se manifesta na fala de SB. De maneira geral encontramos-nos frente a um sujeito que demonstra dificuldades em se identificar com o *eu* que é a porta de entrada para a interlocução dialógica. SB estranha a si mesma, tem dificuldades de se identificar com o sujeito que fala, o que se manifesta não só em suas estranhas falas mas também na própria alienação dos erros, não atribuídos ao *eu*, ou pelo menos representados como não submetidos ao seu controle. Poderíamos dizer que entre as conseqüências do acidente encontra-se a instabilidade das estratégias de subjetivação que, como argumentamos anteriormente, origina-se na instabilidade dos recursos lingüísticos utilizados na identificação do *eu*. Também é possível identificar indícios que apontam para a presença de condições típicas para que surja ou se desenvolva o fenômeno conhecido como anosognosia (ver Capítulo 2).

6.1.1. A instabilidade dos processos de subjetivação

Vejamos algumas falas (Excerto 3 – 02/06/97):

Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
------------------	-------------	---

	conversando sobre ouvir a si mesma	RECORTE
<i>Imc:</i>	você percebe que você acerta?	
<i>Imc:</i>	quando você fala certo você percebe?	
<i>SB:</i>	<i>ovo, oço, tem coisa eu aço,</i>	primeira pessoa – dificuldade com a forma fônica
<i>SB:</i>	<i>ovi eu ovo, eu ovo, eu si escuto caneta, caneta</i>	primeira e terceira pessoa na mesma construção – perseveração
<i>Imc:</i>	ouvir você ouve. qual é a sua dificuldade?	
<i>Imc:</i>	você ouve mas você não consegue... que que acontece.	
<i>Imc:</i>	me explica um pouco, quando eu falo assim.	
<i>Imc:</i>	por exemplo a palavra porta retrato	
<i>SB:</i>	<i>capeta, e, é, eu falo caveta...</i>	nova perseveração – primeira pessoa
<i>Imc:</i>	gaveta, você fala outra coisa	
<i>SB:</i>	<i>eu falo a primeira, eu fiz muitas vezes...</i>	primeira pessoa – pausa curta
<i>SB:</i>	ouvir está difícil pra mim	
<i>Imc:</i>	está difícil pra perceber o som	
<i>SB:</i>	sim	
<i>Imc:</i>	é isso que eu quero entender, eu preciso entender isso	
<i>Imc:</i>	pra poder te ajudar, né? Então eu falo	
<i>Imc:</i>	porta retrato e você fala gaveta, por exemplo,	
<i>Imc:</i>	não tem nada a ver uma coisa com a outra, certo?	
<i>SB:</i>	sim	
<i>Imc:</i>	porque você fala gaveta,	
<i>Imc:</i>	me explica um pouquinho pra eu entender,	
<i>Imc:</i>	quer dizer, eu falo Sxxxxx, repete comigo revista	
<i>SB:</i>	gaveta	perseveração
<i>Imc:</i>	e você fala gaveta, quer dizer,	
<i>Imc:</i>	não tem nada a ver revista com gaveta	
<i>SB:</i>	porque ô...	
<i>Imc:</i>	porque que você repete? que que passa na tua cabeça?	
<i>Imc:</i>	ou vem uma palavra assim	
<i>Imc:</i>	de repente você fala e não sabe nem que falou, é isso?	
<i>Imc:</i>	porque que você falou gaveta?	
<i>SB:</i>	<i>gazeta... ga... gaveta</i>	perseveração – operação epilingüística
<i>Imc:</i>	gaveta	
<i>SB:</i>	<i>gaveta</i>	
<i>Imc:</i>	por que veio na sua cabeça essa palavra?	
<i>Imc:</i>	você não controla, é isso?	
<i>SB:</i>	talvez, tenha também, mas <i>nhã</i> ...	
<i>SB:</i>	e mesmo que eu penso falei... falo outra...	identifica e explicita a dificuldade de controle voluntário sobre o que fala
<i>Imc:</i>	ah! você pensa que fala uma e fala outra... ah... entendi,	
<i>Imc:</i>	você quer falar porta retrato e fala gaveta, é isso?	
<i>SB:</i>	sim, às vezes passa assim ó... não falo aquilo assim	explicita melhor a dificuldade de controle voluntário

SB:	talvez não sei só esse então eu falo daquele, entende?	
SB:	é fala esse é o novo eu falo é	primeira e terceira pessoa na mesma frase
Imc:	outra coisa que tá perto	
SB:	sim é que eu seio eu falo mas outra eu não fala assim	primeira e terceira pessoa na mesma frase
SB:	é na fala eu <i>dispio, anh...</i>	

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística (BDN)

As intervenções da investigadora cobram de SB a realização de uma operação que implica operar enquadres que implicam níveis contrastantes de abstração: num nível metalingüístico, SB deve tratar a própria fala como objeto; num outro nível, o nível do *eu*, SB deve identificar *quem* fala – o *eu*. Esta exigência expõe a instabilidade do *eu* como estratégia de subjetivação, que fica evidenciada, num nível involuntário ou inconsciente, pela variação de pessoa entre a primeira e a terceira, às vezes na mesma frase [*ovo, oço, tem coisa eu aço, ovi eu ovo, eu ovo, {primeira pessoa} eu si escuto {primeira e terceira pessoa} / eu falo daquele, entende? {primeira pessoa} é fala esse {terceira pessoa} é o novo eu falo {primeira pessoa} é / eu não fala assim {primeira e terceira pessoa}]. Num nível mais voluntário ou consciente, SB explicita a falta de controle sobre o que fala [*e mesmo que eu penso falei... falo outra... / não falo aquilo assim talvez não sei só esse então eu falo daquele, entende? é fala esse é o novo eu falo é / sim é que eu seio eu falo mas outra eu não fala assim é na fala eu dispio, anh...]* reconhecendo que fala uma palavra anterior àquela que queria falar, pensa que falou uma coisa e fala outra, não consegue identificar o que falou, assume não ter controle sobre o que falou, embora reconheça que foi ela mesma quem o fez. Estamos aqui frente ao *sujeito que se estranha*, um sujeito não completamente reconhecido, um sujeito a quem alguns “pontos de ancoragem” estão faltando, que não consegue operar nas dimensões em que são necessárias as propriedades de *enquadre* e de *agente*, componentes do sujeito psicológico.*

6.1.2. As dificuldades com múltiplos enquadres e as dificuldades de interpretação

Aparecem também aqui as dificuldades que SB tem de tomar a própria fala como objeto, de efetuar operações metalingüísticas [*(Imc:) ouvir você ouve. qual é a sua dificuldade? você ouve mas você não consegue... que que acontece, me explica um pouco, quando eu falo assim, por exemplo a palavra porta retrato (SB:) capeta, e, é, eu falo caveta...]* Apenas com a intervenção da investigadora, que atua em sua Zona de Desenvolvimento Proximal, SB logra, no decorrer do diálogo, formular melhor uma descrição de suas dificuldades com o controle voluntário do que fala [*SB: talvez, tenha também, mas nhã... e mesmo que eu penso falei... falo outra...]*. Segundo argumentamos antes, esta dificuldade está relacionada com a perda do *eu* como quadro que prejudica as operações de identificação ou delimitação dos múltiplos enquadres exigidos pela atividade metalingüística. Estas dificuldades, no entanto, parecem ultrapassar o nível puramente lingüístico, conforme podemos perceber na análise de um outro momento (Excerto 6 – 09/06/97) em que SB encontra dificuldades para interpretar corretamente o que a investigadora fala:

Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
	iniciando a interação – conversando sobre o clima	RECORTE
Imc:	Sxxxxx, 9 de junho de 97... Sxxxxx, você gosta do frio?	

<i>SB:</i>	com frio?	
<i>Imc:</i>	é	
<i>SB:</i>	sim, muito	
<i>Imc:</i>	você gosta? gosta de ca	
<i>SB:</i>	ta quente	
<i>Imc:</i>	ta muito quente?	
<i>SB:</i>	está... com frio, com frio,	
<i>Imc:</i>	com frio?	
<i>SB:</i>	com frio	
<i>Imc:</i>	você gosta mais de frio do que de calor?	
<i>SB:</i>	ahn, com	
<i>Imc:</i>	que que você prefere, o frio ou o calor?	
<i>SB:</i>	com frio, frio	
<i>Imc:</i>	você gosta mais do frio?	
<i>SB:</i>	sim, gosta (<i>mui</i>) frio	
<i>Imc:</i>	não gosta de sol, calor, piscina	
<i>SB:</i>	gosto, mas no calor, né, no calor	
<i>Imc:</i>	mas eu te fiz uma pergunta: qual você prefere,	
<i>Imc:</i>	o frio ou o calor?	
<i>SB:</i>	agora é com frio	
<i>Imc:</i>	sim, agora está frio, mas eu quero saber	
<i>Imc:</i>	a sua preferência, que que você gosta mais,	
<i>Imc:</i>	de frio ou de calor?	
<i>SB:</i>	agora, então...	
<i>Imc:</i>	não, não agora, em geral...	
<i>Imc:</i>	ahn	
<i>Imc:</i>	que que você gosta mais, se tivesse que optar	
<i>SB:</i>	agora é com frio, eu estou com frio	
<i>Imc:</i>	sim	
<i>SB:</i>	(<i>tonalor no vor</i>)	
<i>Imc:</i>	não, mas o que eu te perguntei foi assim, você tem...	ruídos
<i>Imc:</i>	você tem várias estações do ano, não tem?	
<i>SB:</i>	é, no frio	
<i>Imc:</i>	são várias estações?	
<i>SB:</i>	hum é, Julho, você está falando, assim de Julho, Julho	
<i>Imc:</i>	não, eu estou falando qual você gosta mais?	
<i>SB:</i>	hoje	
<i>Imc:</i>	não, não hoje... qual que é a sua preferência, você gosta	
<i>Imc:</i>	mais de verão... gostar mais, que que você gosta mais?	
<i>SB:</i>	de calor	
<i>Imc:</i>	é, de calor ou de frio	
<i>SB:</i>	agora eu estou frio, mas (<i>sem o si o sa</i>) calor	
<i>Imc:</i>	não, eu sei que agora é frio Sxxxxx, mas eu quero saber	

<i>Imc:</i>	qual que você prefere... qual que você prefere?	
<i>SB:</i>	calor	
<i>Imc:</i>	calor, você prefere o calor	
<i>SB:</i>	calor	
<i>Imc:</i>	você se sente melhor...	
<i>SB:</i>	mais, gosto	
<i>Imc:</i>	você gosta mais?	
<i>SB:</i>	gosto, eu gosto	
<i>Imc:</i>	mais do calor?	
<i>SB:</i>	gosto	
<i>Imc:</i>	hum hum...	

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística (BDN)

SB encontra grandes dificuldades de sair da referência do momento presente – hoje, que está frio – e responder a uma pergunta interpretável num outro enquadre – preferir “frio” ou “calor” de modo geral – que exige um deslocamento nos eixos de referência a que se refere Pêcheux (eixos de pessoa, tempo, localização). Temos aqui um caso em que a pessoa SB não consegue “mover” o sujeito SB de um tempo e lugar “aqui-agora” para um outro tempo e lugar. Esta dificuldade é originada dos problemas de SB para lidar com múltiplos enquadres, que apontamos anteriormente. Senão vejamos: quando SB pergunta [*SB: com frio?*], está realizando uma operação discursiva dirigida a verificar se a pergunta foi entendida corretamente, e a investigadora confirma [*Imc: é*]. A confirmação, do ponto de vista da investigadora, é dirigida ao segmento “frio”, mas é interpretada por SB como dirigida ao segmento total, portanto também ao “com”, limitando a interpretação de SB ao momento presente e às próprias sensações, gerando um enquadre que se refere às sensações do momento presente. Como a investigadora, ao perguntar [*Imc: (...) você gosta do frio?*] estava usando a expressão “frio” num outro sentido, em que se representam as estações do ano, surge uma sucessão de mal-entendidos. E a superação do mal-entendido acontece depois que a investigadora recoloca o discurso no enquadre da pergunta inicial, através do recurso ao conceito de “estações do ano”, que não permite a dupla interpretação (em termos de nível de abstração) possível com o conceito “frio”, originalmente utilizado [*Imc: não, mas o que eu te perguntei foi assim, você tem... você tem várias estações do ano, não tem?*]. Esta contextualização permite que SB consiga mover-se para outro enquadre, recuperando a possibilidade de interpretar o “frio” da frase original naquele sentido em que a investigadora o utilizou.

6.1.3. O “feedback” auditivo prejudicado

Especificando um pouco mais nossa análise de um trecho anteriormente examinado (Excerto 3 – 02/06/97) vemos que, do ponto de vista cognitivo, SB ouve a si mesma, mas não consegue perceber o som do que falou, ouvir a si mesma está difícil para ela, fato de que parece ter consciência [*SB: eu falo a primeira, eu fiz muitas vezes... ouvir está difícil pra mim*]. Vejamos outro trecho em que SB reconhece que não ouve o som que emite (Excerto 2 – 02/06/97 – apenas parte dos dados)

Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
	<i>Imc</i> tentando corrigir o som emitido por SB	RECORTE

<i>Imc:</i>	não, ca, ca, ca, lá atrás o som, ó, ca	
<i>SB:</i>	não escuto, (pa, pa)	
<i>Imc:</i>	você não escuta, né?	
<i>SB:</i>	não escuto	
<i>Imc:</i>	é, eu sei, você não percebe o som, né?	
<i>SB:</i>	não, não sei	

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística (BDN)

Num outro exemplo, SB toma consciência do que fala apenas quando ouve a própria emissão gravada. Parece que estamos frente ao que Luria chama de agnosia auditiva e ao que Lebrun chama de *feedback* auditivo prejudicado: SB não consegue perceber sozinha o que diz, embora consiga perceber a discrepância com a intervenção de *feedback* externo. Vejamos o seguinte trecho (Excerto 4 – 02/06/97):

Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
	nomeando objetos apontados	RECORTE
<i>SB:</i>	óculos, óculos	
<i>Imc:</i>	chama óculos, isso, certinho... certinho...	
<i>SB:</i>	(<i>imismaeta</i>)	
<i>Imc:</i>	como é que chama esse objeto aí, hum?	
<i>SB:</i>	(<i>eid é de tutcut cussuguru ô deinidabi cumequiprica</i>)	
<i>SB:</i>	o carro, a gente (<i>strimpa</i>) o carro pra por	
<i>Imc:</i>	isso	
<i>SB:</i>	põe no carro	
<i>Imc:</i>	o carro, exatamente	
<i>SB:</i>	(<i>hum hum hum</i>)	
<i>Imc:</i>	ch... chchchchchchchchch... cha...	
<i>SB:</i>	(<i>ce aga siaga siatada</i>) como fala (<i>shrã</i>)	
<i>SB:</i>	esqueci como fala a chave, chave	
<i>Imc:</i>	esqueci como fala chave,	
<i>Imc:</i>	você viu o que o que você falou?	
<i>SB:</i>	(<i>hum?</i>)	
<i>Imc:</i>	você viu o que você falou? eu esqueci como fala a chave	
<i>SB:</i>	é?	
<i>Imc:</i>	é!	
<i>SB:</i>	{ <i>ininteligível</i> }	((ri))
<i>Imc:</i>	Sxxxxx, se cuide, Sxxxxx	((ri))
<i>SB:</i>		((ri))
		[ruído do gravador sendo religado]
<i>Imc:</i>	viu Sxxxxx, você falou: esqueci como fala a chave,	
<i>Imc:</i>	você escutou no gravador,	
<i>SB:</i>	hã	
<i>Imc:</i>	quando eu voltei? escutou? escutou?	

SB:	hã hã, falei... que coisa né?	
-----	-------------------------------	--

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística (BDN)

Temos aqui um caso parecido com os descritos por Zangwill (1964 *apud* Lebrun, 1983) e Kinsbourne e Warrington (1963 *apud* Lebrun, 1983): o paciente não consegue identificar os erros (ou os acertos) quando os comete, mas os identifica com a ajuda de outras pessoas. Cabe, entretanto, notar duas coisas: (a) que este acontecimento não pode ser identificado como uma manifestação exclusivamente afásica ou patológica, visto que mesmo pessoas não afásicas podem e muitas vezes produzem este tipo de fenômeno; (b) que aqui se manifesta um dos problemas do modelo médico de avaliação das afasias de que fala Coudry (1988), qual seja, às vezes uma palavra não disponível em uma tarefa descontextualizada torna-se disponível em um contexto discursivamente construído. Levando em conta estas duas ressalvas, podemos ver em ação, neste episódio, o papel do *feedback* externo na construção da compreensão, por parte de SB, dos problemas que enfrenta como decorrência de sua lesão.

Esta identificação, auxiliada pelo interlocutor, no entanto, é ainda instável. Vejamos outro episódio, gravado na semana seguinte, em que SB e a investigadora começam a conversar sobre a revista Veja (Excerto 7 - 09/06/97):

Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
	conversando sobre a revista Veja	RECORTE
Imc:	você conhece esse moço bonito, aqui?	mostrando a revista Veja
SB:	(<i>hum, siemes, han</i>) eu queria (<i>han... esse</i>) ele...	
SB:	eu fui ele... foi (<i>iverossumo</i>)	
Imc:	hum?	
SB:	eu conheço ele	
Imc:	você sabe o que que ele faz?	
SB:	sim, ele... eu vi no Estados (<i>zu</i>) no, no, num lugar,	
SB:	(<i>ma</i>) mas eu si { <i>incompreensível</i> }	
Imc:	você sabe o que ele faz?	interrompendo SB, retoma a pergunta
SB:	sim, ele faz esse é... canta, ele, é (<i>discuta</i>),	
SB:	lá ele (<i>fe</i>) ele fez um monte de coisa, han, ele faz é...	
Imc:	má...	interrompendo SB, fornece o <i>prompting</i>
SB:	(<i>age, age, agência</i>)	sobreposição de vozes
Imc:	ma - gi...	expandindo o <i>prompting</i>
SB:	(<i>maga, mágico, mássito, mátedo</i>), han...	
Imc:	má - gi..	sobreposição de vozes - fornece <i>prompting</i>
SB:	mágico, (<i>matos</i>), isso	
Imc:	ele é mágico	
SB:	(<i>matos</i>), é	
Imc:	fala mágico	
SB:	(<i>mágedo</i>)	
Imc:	mágicô	forneendo o modelo
SB:	(<i>mágidô</i>)	

<i>Imc:</i>	não é do, é co	chamando a atenção para a forma correta
<i>SB:</i>	(<i>ma, co, co,</i>) mago	
<i>Imc:</i>	ó: má-gi-cô	sobreposição de vozes
<i>SB:</i>	(<i>ma-cogira, ba... ma...</i>)	
<i>Imc:</i>	má-gi...	sobreposição de vozes – fornece <i>prompting</i>
<i>SB:</i>	(<i>co</i>)	
<i>Imc:</i>	gi...jjjjj	fornece <i>prompting</i>
<i>SB:</i>	(<i>ma, co, co, co,</i>)	
<i>Imc:</i>	não, co é a última sílaba,	proporciona <i>feedback</i>
<i>SB:</i>	(<i>cu</i>)	
<i>Imc:</i>	primeira, primeira tem essa aqui ó	mostrando a palavra escrita
<i>SB:</i>	(<i>pá, té</i>)	
<i>Imc:</i>	má – jjjjjj	fornece <i>prompting</i>
<i>SB:</i>	(<i>clu</i>)	sobreposição de vozes
<i>Imc:</i>	não, gi! gi, gi, gi, gi,	fornece o <i>prompting</i>
<i>SB:</i>	(<i>qui</i>)	
<i>Imc:</i>	olha minha boca, jjjjjj gi	propõe pistas visuais para a imitação
<i>SB:</i>	(<i>ba</i>)	
<i>Imc:</i>	mágico	
<i>SB:</i>	(<i>cosi</i>)	
<i>Imc:</i>	lê essa aqui, ó	mostrando a palavra escrita
<i>SB:</i>	(<i>magrons</i>)	
<i>Imc:</i>	mágico	
<i>SB:</i>	(<i>mageoco</i>)	
<i>Imc:</i>	mágico... mágico	
<i>SB:</i>	mágico { <i>incompreensível</i> }	
<i>Imc:</i>	acentua essa: má – gico	mostrando a palavra escrita
<i>SB:</i>	(<i>má, má, má giagi, giadinha, ma, má</i>)	sobreposição de vozes
<i>Imc:</i>	gi – co	sobreposição de vozes
<i>SB:</i>	(<i>da do, go, má bi co lo</i>)	sobreposição de vozes
<i>Imc:</i>	gi – co	sobreposição de vozes
<i>Imc:</i>	porque que não sai, de vez em quando,	
<i>Imc:</i>	espera aí, só um minutinho, espera aí	desliga o gravador
		som do gravador sendo religado
<i>SB:</i>	(<i>gi – do – lo</i>)	
<i>Imc:</i>	deixa eu te ajudar, espera aí	
<i>Imc:</i>	aqui tem uma palavra que tem, ela tem três sílabas, tá?	pausa curta
<i>SB:</i>	tá	
<i>Imc:</i>	então (<i>vê</i>), primeira coisa: três sílabas	
<i>Imc:</i>	a primeira é forte: má	
<i>SB:</i>	(<i>má, má</i>)	
<i>Imc:</i>	má	
<i>SB:</i>	(<i>má</i>)	

<i>Imc:</i>	a segunda é jiiigi	
<i>SB:</i>	(me)	
<i>Imc:</i>	gi, gi	
<i>SB:</i>	(di, di, di, di)	sobreposição de vozes
<i>Imc:</i>	não é di, é gi, de gelo, gesso, gi	
<i>SB:</i>	sim, (di)	sobreposição de vozes
<i>Imc:</i>	não é di	
<i>SB:</i>	(ai que coisa)	sobreposição de vozes
<i>Imc:</i>	é gi, gi	
<i>SB:</i>	gi, gi, gi	sobreposição de vozes
<i>Imc:</i>	isso, gi, gi, então: má - gi - co	sobreposição de vozes
<i>SB:</i>	má - gi - co, (má - gi - no)	sobreposição de vozes
<i>Imc:</i>	não é no, agora é o co, co, co, co, co, co, co,	
<i>SB:</i>	co	
<i>Imc:</i>	isso, agora é má - gi - co	
<i>SB:</i>	(má - gi - nho)	
<i>Imc:</i>	má - gi - cô	
<i>SB:</i>	(do, do, má - gi - nho)	
<i>Imc:</i>	então, pensa na palavra,	
<i>Imc:</i>	essa palavra você conhece mágico	
<i>SB:</i>	(di) sim, {ininteligível} sim	
<i>Imc:</i>	conhece?, né	sobreposição de vozes
<i>Imc:</i>	então tenta falar com a memória que você tem dela	
<i>SB:</i>	(má - gi - nho)	
<i>Imc:</i>	não é maginho, é mágico	
<i>SB:</i>	é não (maginhocos, maginhos)	sobreposição de vozes - pausa
<i>Imc:</i>	até aqui está certinho, má - gi, má - gi - co	
<i>SB:</i>	bi di nho má - gi - do - do	sobreposição de vozes
<i>Imc:</i>	co - co	sobreposição de vozes
<i>SB:</i>	é co, co, co, co, co, co	
<i>Imc:</i>	isso	sobreposição de vozes
<i>SB:</i>	(maginhoco, co), mági - co	
<i>Imc:</i>	co, má - gi - co	sobreposição de vozes
<i>SB:</i>	ma - gi - nho,	sobreposição de vozes
<i>Imc:</i>	hã-hã	sobreposição de vozes
<i>SB:</i>	(maginhoco), co, co, co, co,	
<i>Imc:</i>	mágico	
<i>SB:</i>	(maginho)	sobreposição de vozes
<i>Imc:</i>	mágico	
<i>SB:</i>	(maginho, má - gi - no, no)	
<i>Imc:</i>	gi	sobreposição de vozes
<i>Imc:</i>	tudo bem Sxxxx, às vezes engasopa mesmo,	
<i>Imc:</i>	às vezes dá, dá problema e você não consegue falar	

<i>Imc:</i>	uma palavra, fica, fica, fica, fica, e de repente você	
<i>Imc:</i>	fala, não é?	
<i>SB:</i>	é, eu, hã, isso ontem, eu (<i>lembrei</i>)	sobreposição de vozes
<i>SB:</i>	umas palavras na (<i>cabeça</i>), assim, do, (<i>éprecis</i>), da	
<i>SB:</i>	(<i>baji</i>), da, (<i>bach</i>), eu (<i>lembrei um montão</i>) de coisa de	
<i>SB:</i>	comer, (<i>bole</i>), agora é que eu esqueci, na	
<i>Imc:</i>	bolacha	sobreposição de vozes
<i>SB:</i>	sim,	sobreposição de vozes
<i>SB:</i>	lembrei, da, muito da, (<i>a gente comia, hã, samontes</i>)	
<i>SB:</i>	eu esqueci, (<i>eu lembrei</i>), várias vezes eu lembrei	
<i>SB:</i>	dos, do, do, né banana, banana	
<i>Imc:</i>	hum	
<i>SB:</i>	(<i>olha</i>) que coisa, lembrei (<i>banana</i>), né banana	

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística (BDN)

Este trecho mostra que esta dificuldade de reconhecer o que diz, o *feedback* prejudicado de SB, é às vezes intransponível, ainda que a investigadora faça várias tentativas de ajudá-la.

6.2. O sujeito que se reconhece

No momento do percurso em que se encerra o acompanhamento, o sujeito consegue integrar suas novas características – a fala afásica, uma certa ineficácia da vontade, uma redução (da ilusão) de controle, etc. – à própria definição do *eu*, e, em virtude desta integração, consegue participar de forma mais efetiva da construção dos sentidos.

6.2.1. Identificando e reconstruindo o “eu”

Este trabalho de identificação e reconstrução pode ser visto quando (Excerto 8 – 16/10/97, já apresentado) SB está contando para a investigadora como tem sido difícil se acostumar com as dificuldades que vem enfrentando. SB vive um momento de intensa emoção, mas a investigadora, embora aceite empaticamente a emoção de SB e faça afirmações de apoio, continua insistindo na interpretação e no entendimento da fala de SB “agora eu sei que eu sei” em um enquadre em que esta fala se refere à própria condição de afásica, exigindo uma nova definição do *eu*. SB, então, controla suas emoções e engaja-se no diálogo, tentando entender-se e fazer-se entender pela investigadora. Vejamos a sucessão das paráfrases da frase-chave, recortadas do diálogo, com o sentido que assumem tornando-se progressivamente mais amplo:

Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
		RECORTE
<i>SB:</i>	eu, sabe, eu aprendi tudo,	SB refere-se a um acontecimento do
<i>SB:</i>	agora que entendi tudo eu fiquei tão nervosa!	dia anterior, em que, em conversa com amigas sobre o acidente de que foi vítima, entendeu que os médicos, que supunha serem seus amigos, não vieram até ela admitir o erro e pedir desculpas

		RECORTE
SB:	agora (<i>entendi</i>)... sabe que... eu sei tudo que eu, sabe,	retoma a fala sobre o acontecimento do
SB:	(<i>aprendi</i>) na cabeça. tudo sabe, agora.	dia anterior
SB:	de primeiro não sabia	
		RECORTE
SB:	agora não, eu sei tudo, na cabeça, sei tudo, você sabe?	continua referindo-se ao acontecimento do dia anterior
		RECORTE
SB:	sim, eu sei que eu sei. sabe, ontem,	repete a frase chave e começa a narrar o
SB:	vieram (<i>asmigos</i>) meus.	acontecimento a que ela se refere
		RECORTE
SB:	não, eu (<i>não</i>) sabia, agora eu fiquei sabendo disso aí.	apontando “o que é que ficou sabendo”
SB:	eles contaram...	
		RECORTE
SB:	hoje, hoje, eu sei tudo, eu sei tudo, agora	retoma a frase-chave, ainda referida ao acontecimento do dia anterior
		RECORTE
SB:	lembrei antes (<i>e</i>) depois	aqui SB já aceita o sentido mais abstrato proposto pela investigadora
		RECORTE
SB:	tudo, lembrei tudo, na cabeça	aceita novamente
		RECORTE
SB:	hoje não, sei tudo, tudo, eu sei tudo	confirma que sabe que sabe, tanto no sentido de lembrar de fatos de que não se lembrava quanto no sentido de que houve uma mudança em sua percepção sobre si própria

Fonte: Banco de Dados de Neurolingüística (BDN)

Neste episódio aparece claramente uma progressiva ampliação do sentido da fala “eu sei que eu sei” e suas diversas paráfrases (uma matriz parafrásica), de um conjunto que originalmente referia-se a um acontecimento específico – o episódio do dia anterior em que suas amigas comentaram o erro médico de que (supostamente) foi vítima e um certo entendimento obtido neste episódio sobre o comportamento de tais médicos – para um conjunto que engloba muito mais coisas, desde o reconhecimento de que sabe muito mais do que consegue falar até os episódios da estada no hospital, em que “ficava com a vó, não falava nada”. Há aqui uma passagem, um verdadeiro salto qualitativo,⁵⁴ de um sujeito que não consegue identificar-se como controlador da própria fala, nem deslocar-se, como sujeito, para momentos outros de sua própria história, de um sujeito “paciente” do acidente que lhe acometeu, focado em um julgamento sobre o comportamento de outros (os médicos), para um sujeito que sabe que às vezes não consegue falar, mas ‘sabe que sabe’, um sujeito que consegue localizar-se em momentos diferentes de sua própria história, e, por ter reconstruído, narrativamente, esta história, embora continue com dificuldades de linguagem, consegue entender e superar estas dificuldades, retomando o papel de agente do próprio entendimento, justamente

porque consegue interpretar estas dificuldades, dar a elas um sentido. Num sentido tipicamente psicanalítico, SB atinge um *insight* sobre sua condição, conseguindo, por meio deste *insight*, elaborar e integrar percepções, sofrimento e sentimentos referentes a seu estado e a acontecimentos com ele relacionados.

6.2.2. O percurso psíquico da (re)construção do sujeito em SB: confirmando Vygotsky

Conforme a análise da seção anterior, SB somente se reconhece como afásica quando reconhece as próprias dificuldades com a fala. E isto torna-se possível porque SB “usa” o *feedback* fornecido pela investigadora no trabalho de linguagem que lhe permite produzir o reconhecimento. Temos aqui um forte argumento de apoio às proposições da seção 5.1.3 acima, apoiadas nos conceitos de Vygotsky e nos estudos de Bruner: em primeiro lugar, o trabalho de linguagem de SB é *interpsíquico*, com SB “tomando emprestado” o *feedback* da investigadora, para, no final, produzir uma nova formulação do *eu* como enquadre, que lhe permite inclusive aduzir novos fatos e novas interpretações ao diálogo – como o período passado no hospital –, numa atividade claramente *intrapsíquica*.

6.2.3. O “eu” reconstruído elabora novas estratégias

Esta capacidade de entender e superar as próprias dificuldades manifesta-se no desenvolvimento de estratégias de superação das limitações que lhe são impostas por suas condições afásicas, o que aparece em outro episódio, acontecido no mesmo dia, praticamente na seqüência deste (Excerto 8 – 16/10/97):

Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
		RECORTE
Imc:	é isso que faz com que você melhore, viu Sxxxxx,	
Imc:	retomar tudo isso, todo esse conjunto de coisas	
SB:	ah! e fui (co) sozinha com o Cxxxxxx comprar eu...	
SB:	(la varrora), ééé...	
Imc:	comprar o que?	
SB:	vassoura	
Imc:	ahn...	
SB:	é... aquilo... ahn aquilo...	
Imc:	ro...	
SB:	ro... ro... ro... ro... do...	
Imc:	rodinho	
SB:	do...	
Imc:	é rodo também	
SB:	(to... da é...)	
Imc:	rodinho	
SB:	(sa é) eu olhei bem	
Imc:	fala: rodinho	

⁵⁴ Advirta-se que não se trata de um “momento mágico” em que, instantaneamente, SB passa a ser um sujeito psicológico integrado e sem problemas. Conforme veremos mais adiante, SB está “no caminho” desta integração, já tendo, inclusive, elaborado algumas estratégias decorrentes deste novo “eu”. O episódio analisado é mais um indicador destas novas capacidades do que o momento em que elas emergem.

SB:	(lo lo) então falei	
Imc:	falou rodo	
SB:	(lo lo tendelaesquêce)	
Imc:	só dá uma retomada aqui, ó...	
SB:	é, vassoura, vassoura sozinho, né? (do) rodo	
Imc:	rodo	
SB:	rodo, vassoura, (sorá) aí, é isso	
Imc:	que mais	
SB:	eu comprei	
Imc:	rodo, vassoura	
SB:	é eu comprei uma coisa (pra cozi) é umas coisa lá e... é	
SB:	negócio de... limpar, mas é a empregada que falou, não	
SB:	eu fui lá, limpei e (cui) eu li e olhei, esqueci...	
SB:	eu comprei umas quatro coisinhas...	
SB:	eu fui (co) Cxxxxxx, sozinha, procurei,	
SB:	peguei e o Cxxxxxx (badou... bagou...) pagou	
Imc:	você que pegou, procurou	
SB:	sim	
Imc:	pagou... quem pagou?	
SB:	o o Cxxxxxx tinha cheque... eu não tinha dinheiro...	
SB:	então (é é eu ahn) eu fiz assim, (ponco) rodo aí fiz um	
SB:	(tês), umas coisinhas, né? aí fui lá, peguei,	
SB:	fui sozinha	voz diminui, afastando-se do gravador,
SB:	fiz assim...	enquanto SB faz a mímica da compra
SB:	olhei tudo peguei azul, outro aqui, cheguei pra moça	
Imc:	entregou	
SB:	é... é, o Cxxxxxx pagou	
Imc:	você não falou uma palavra? Sxxxxx	((rindo))
SB:	não fiz nada, falei oi, boa tarde, e vim embora	((rindo))
Imc:		((gargalha))
SB:	a moça não conhece, o que eu falo,	((rindo))
SB:	a que é minha amiga não estava, eu peguei lá	
Imc:	a cara que você fez pra mim, fazendo esse (psi)	((ri))
Imc:	psicodrama aqui não, esse dramatização,	
Imc:	não é psicodrama, dramatização,	
Imc:	é que... foi pegou, tal, com a boca, você fechou assim,	
Imc:	e não falou uma palavra Sxxxxx	
SB:	não (caver) eu não sei falar direito	
SB:	eu fico rodo, rodo e vassoura	
Imc:	pronto	
SB:	isso, pegou	
Imc:	e aí falou boa tarde com a maior cara, assim	
SB:	boa tarde e nada (amefalossiim) Cxxxxxx, paga aí	

<i>Imc:</i>		((gargalha))
<i>SB:</i>	paga (<i>mipazonu</i>) sem dinheiro eu não tinha	
<i>Imc:</i>	ai Sxxxxx, que engraçado, Sxxxxx	pausa
<i>Imc:</i>	Sxxxxx, eu morro de rir disso, sabia	
<i>SB:</i>	é fiz isso	
<i>Imc:</i>	you fez a maior dramatização aí	((rindo))
<i>SB:</i>	ela ri, (<i>zabebel</i>) eu falo ela (<i>ré</i>) ela ri de mim	
<i>Imc:</i>	a Isabel?	
<i>SB:</i>	nossa	
<i>Imc:</i>	e não é pra rir?	((rindo))
<i>Imc:</i>	you finge que nada está acontecendo com you, né?	
<i>Imc:</i>	mas está certo, aí, maior proteção	
<i>SB:</i>	certo	
<i>Imc:</i>	não é? está se protegendo	
<i>SB:</i>	uai eu tenho medo, ué, lógico	
<i>Imc:</i>	uai eu sou boba, eu vou falar e de repente falo errado	

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística (BDN)

SB mostra-se consciente de suas dificuldades e capaz de elaborar estratégias para resolver dificuldades que sabe que irá enfrentar se “falar errado”, e ao mesmo tempo engajada em retomar o curso de sua vida com, e apesar de, as dificuldades. Reconhece que tem medo, reconhece a graça da situação, reconhece suas dificuldades, mas também reconhece que tem (algum) controle sobre o que lhe acontece, e assume a responsabilidade correspondente “Cxxxxxx, paga aí”. Nos termos em que refletimos sobre o sujeito psicológico, SB, ao reconstruir sua auto-imagem incorporando seus problemas de fala, produz um “novo *eu*”, que lhe proporciona um novo enquadre, e lhe permite ocupar novamente a posição de agente, conduzindo, na medida do possível, sua própria vida.

7. Como isto aconteceu?

Explicar como SB percorre o caminho que vai do ‘sujeito que se estranha’ ao ‘sujeito que se reconhece’ é a tarefa que cabe a esta dissertação. Assim, iremos falar, no próximo Capítulo, do percurso da anosognosia para afasia que poderia ter acometido SB, e de como é possível construir um modelo e uma visão discursiva da anosognosia para afasia que nos permita explicar porque isso não aconteceu. Finalmente, no Capítulo 3, analisaremos o episódio (Excerto 8, já apresentado) em que SB mostra ser capaz das operações cognitivas complexas que implicam na superação de suas dificuldades para o processamento de múltiplos enquadres e, para esta explicação, convocaremos alguns instrumentos de análise fonético-fonológica, na tentativa de mostrar que os aspectos prosódicos da fala de SB ocupam um papel relevante, senão central, tanto nos recursos que mobiliza para superar suas dificuldades, como em alguns momentos da interlocução entre SB e a investigadora, e de como eventos analisáveis neste nível são relevantes na construção da interlocução que cria as condições para o atingimento das operações cognitivas complexas às quais nos referimos.

Capítulo 2 – Anosognosia e afasia

8. Anosognosia

Dentre os fenômenos estudados pela Neurolinguística incluem-se déficits de várias espécies, cujo esclarecimento exige a mobilização de modelos, teorias e conceitos desenvolvidos em mais de um domínio de conhecimento. Assim, encontramos problemas considerados predominantemente neurológicos, cujo entendimento geralmente lança mão de conhecimentos oriundos da Neurologia; problemas de caráter marcadamente lingüístico, que pedem o recurso a conhecimentos da Lingüística; e problemas essencialmente cognitivos, que mobilizam conhecimentos da Psicologia, ou, mais precisamente, da Neuropsicologia, e das várias Ciências Cognitivas. A distinção entre estes problemas, porém, é sempre complicada, tanto em função da precisa configuração fenomenológica com que surgem, geralmente imbricados e profundamente relacionados entre si, em um indivíduo cérebro-lesado específico, quanto em função da complicada relação entre as várias teorias e modelos oriundas de diferentes domínios, que muitas vezes implicam pressupostos contraditórios ou difíceis de conciliar.

Assim acontece com o fenômeno denominado *anosognosia*, que consistiria no desconhecimento, por parte do doente, de sua doença ou de aspectos dela. Conforme nota Lebrun (1983), embora o termo *anosognosia*, originalmente, tenha sido usado por Babinski para referir-se a “uma paralisia que os doentes pareciam ignorar”,⁵⁵ seu sentido etimológico literal – “não reconhecimento da própria doença” – facilitou a multiplicação das acepções do termo, a tal ponto que “a palavra seja utilizada, por vezes, com significados bastante divergentes na literatura neurológica”. (*op. cit.*, p. 24) Considerando que este conceito parece desempenhar um papel chave no entendimento do caso de SB, que vimos estudando, precisamos “realizar um exame crítico desta noção e tentar determinar quais os fenômenos que realmente merecem a denominação de anosognosia”. (*idem, ibidem*) Seguindo a sugestão de Lebrun, examinemos o desenvolvimento do conceito, desde seu surgimento até hoje,⁵⁶ na tentativa de construir um aparato conceitual que nos permita abordar o caso de SB com o devido rigor.

8.1. O surgimento e desenvolvimento do conceito: um pouco de história

Em 1874, Wernicke sugeriu (*in* Lebrun, 1983, 1987) que a afasia seria, às vezes, acompanhada por algum grau de desconhecimento ou inconsciência sobre os déficits específicos que a acompanhavam. Joseph Babinski, na reunião da Sociedade de Neurologia de Paris de 1914, descrevendo dois casos de hemiplegia esquerda com hipoestesia (*in* Lebrun, 1983), chamou a atenção para o fato de que, apesar de não apresentarem nenhum sinal de deterioração ou confusão mental, as pacientes pareciam ignorar completamente a hemiplegia que apresentavam. Para nomear este fenômeno propôs o termo *anosognosia*, formado pelos radicais *a* – expressando negação; *noso* –

⁵⁵ Para os casos em que o paciente não ignora o problema que apresenta, mas parece considerá-lo como não tendo importância, sendo-lhe indiferente, Babinski propôs que se usasse o termo *anosodiaforia*.

⁵⁶ Utilizaremos as formulações do próprio Lebrun (1983) como base conceitual para este exame. Para a descrição da evolução histórica do conceito, guiar-nos-emos por Lebrun até o período que se encerra na data de publicação do referido texto. Para o período subsequente, faremos um exame de parte da literatura publicada posteriormente e indexada no PubMed, index mantido pelo National Institute of Health dos Estados Unidos, acessível pela Internet (<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/>).

expressando doença ou morbidade; e *gnosis* – expressando conhecimento. No período que se seguiu o conceito foi tendo sua acepção ampliada, passando a incluir, de maneira geral, a negligência ou a negação, por parte dos pacientes, de duas classes distintas de déficits, associados ou não: (a) déficits motores, como no caso das hemiplegias; e (b) déficits cognitivos, como nos casos das hemianopsias ou das afasias. À medida que iam se somando as descrições de casos, na literatura e nas pesquisas, a utilização do conceito foi se tornando mais imprecisa, recobrando um conjunto cada vez maior de fenômenos, bem como foram se multiplicando as tentativas de construção de modelos que explicassem os mecanismos de produção envolvidos.

8.1.1. *As dificuldades de aplicação do conceito*

Podemos dizer, com Lebrun (1983), que o que parece comum aos fenômenos identificados como anosognosia é “uma desordem cognitivo-perceptual seletiva” (1983, p. 25) que impede os pacientes de tomarem consciência do problema que apresentam. As dificuldades de aplicação do conceito originam-se de duas fontes distintas, porém relacionadas: em primeiro lugar, a constelação fenomenológica dos problemas dos pacientes cérebro-lesados é geralmente de tal grau de complexidade que se torna difícil estabelecer os limites precisos do que é anosognosia e do que são distúrbios relacionados, como reconhece o próprio Lebrun, quando conta que o

“(...) paciente R.V, descrito por Van Bogaert (1934) esquecia freqüentemente seu lado direito, sendo que este lado não estava (ou não estava mais) paralisado. Parece que esta negligência de uma metade do corpo não é em si mesma uma anosognosia: o doente não nega seu déficit; ele esquece uma parte de seu corpo. Mas, a verdade é que ele não está consciente de sua negligência, e isto é uma condição necessária para que a negligência ocorra e permaneça. Em outras palavras, a anosognosia assume uma íntima parte do déficit; ela não o superpõe, como na hemiplegia desconhecida. Falar de anosognosia referindo-se à hemicnegligência corporal ou extra-corporal parece tautológico.

Também é incorreto usar o termo anosognosia quando o doente, ao não ignorar seu hemicorpo, se comporta como se este hemicorpo fosse paralisado, sendo que na realidade ele não está. Um caso deste tipo foi detalhadamente analisado por Garcin e colab. (1938). Este doente não era anosognósico, pois não negava seu problema; ao contrário, acreditava estar paraplético, o que, de fato, não correspondia à realidade.” (1983, p. 26)

Além disso, quando estamos lidando com pacientes afásicos, como comenta Lebrun sobre os jargonafásicos, as dificuldades de fala e de compreensão do sujeito tornam difícil estabelecer claramente a presença da anosognosia, uma vez que o que parece anosognosia pode ser manifestação de uma ou mais das outras dificuldades que o sujeito certamente tem.

Em segundo lugar, o acesso que o investigador tem ao que o paciente realmente sabe, conhece ou tem consciência é indireto, dependendo de relatos do próprio paciente ou de inferências baseadas nas observações e testes a que ele é submetido. Passando por alto as discussões sobre o estatuto ontológico deste conhecimento,⁵⁷ o acesso indireto cria muitas dificuldades para o estabelecimento de limites precisos entre o que é realmente anosognosia e o que são outros distúrbios relacionados, exigindo um esforço teórico de delimitação do conceito, das entidades nosológicas associadas e dos sintomas que estas entidades originam. A própria revisão da literatura recente reflete este estado de coisas, pois mostra poucas tentativas para delimitar teoricamente o conceito em si, levando-o além do estatuto puramente descritivo, ou fenomenológico, com que surgiu.

⁵⁷ É um grande problema epistemológico a postulação de coisas como “conhecimento interno” ou “representação mental”, problema que tem sido profundamente debatido, desde Platão e Aristóteles, com implicações relevantes, especialmente para a ciência cognitiva atual. Ver, por exemplo, Harré (1994) e Arendt (2000).

8.1.2. *As abordagens teóricas*

Em linhas gerais, podemos delinear duas grandes linhas explicativas: uma corrente que, construindo modelos essencialmente neurológicos, propõe ser a anosognosia resultante de problemas (neuro)sensoriais, ou (neuro)sensitivos, resultantes do rompimento ou prejuízo de sistemas neurais empenhados na construção da representação do mundo. Esta corrente pode, por sua vez, também ser dividida em duas: uma, que podemos chamar “globalista”, propõe como modelo um mecanismo central de integração de informações, danificado na anosognosia; e outra, que podemos chamar “modularista”, propõe como mecanismo de causação da anosognosia o dano a “módulos mentais” relativamente independentes que estariam envolvidos na produção da autoconsciência. Uma segunda linha,⁵⁸ baseando-se em mecanismos psíquicos ou psicodinâmicos, especialmente no conceito de *mecanismos de defesa* proposto por Freud, propõe ser a anosognosia uma “negação” do problema com o objetivo de proteger o *ego* do indivíduo do sofrimento psíquico originário da diminuição de sua competência provocada pelo déficit. Cabe acrescentar que, embora na literatura recente o recurso à explicação psicodinâmica pareça estar em declínio, estas duas linhas às vezes se superpõem (Ramachandram, 1996a, 1996b), às vezes conflitam (Starkstein *et al.*, 1992).

Há ainda uma terceira possibilidade teórica (embora incipiente e pouco representada na literatura afasiológica recente) que consistiria em apoiar as formulações sobre anosognosia em mecanismos lingüísticos. Aqui também podem ser discernidas duas alternativas. Uma linha consistiria em simplesmente negar a pertinência, utilidade e validade, ou mesmo verdade, do conceito, argumentando que a anosognosia, ao menos no caso das afasias, não é um fenômeno real, especialmente no que diz respeito às dificuldades lingüísticas, mormente se considerarmos que os prejuízos provocados pelas afasias desarticulam a qualidade da comunicação de tal maneira que, mesmo que o sujeito tivesse consciência de seu déficit, não seria possível, seja ao próprio sujeito, seja ao investigador, manifestar adequadamente esta consciência. Numa outra linha, a anosognosia estaria relacionada, especialmente em afásicos, a dificuldades da pessoa com o pensamento abstrato, que prejudicariam sua capacidade de operar em nível metalingüístico, “metafórico” ou “paradigmático” (Jakobson, 1969), remetendo à perda da “atitude abstrata” ou “pensamento categorial” de que falaram Kurt Goldstein e Adhemar Gelb (Goldstein, 1948, *in* Lebrun, 1983). Esta postulação, por seu turno, também coloca o problema da pertinência, utilidade ou validade do conceito, já que o fato de uma pessoa poder identificar alguma característica em si mesmo (uma doença, por exemplo) exige que ela tenha a capacidade de “olhar” para si mesmo de fora, ou seja, de fazer uma operação abstrata do pensamento. Assim, mesmo deixando de lado as interferências recíprocas entre o pensamento abstrato e o conhecimento lingüístico da pessoa, num quadro em que postulássemos o prejuízo do pensamento abstrato, as dificuldades chamadas de anosognosia poderiam ser entendidas ou explicadas como resultantes das dificuldades cognitivas mais gerais que acometem o sujeito cérebro-lesado. Esperamos que uma revisão do que se sabe

⁵⁸ Esta divisão é evidentemente arbitrária, e poderia ser feita de forma diferente. Breier *et al.* (1995), por exemplo, identificam apenas duas linhas: a que propõe modelos baseados na existência de um mecanismo “global”; e a que propõe modelos baseados na convocação de mecanismos “modulares”. Incluem os propositores de teorias baseadas nos mecanismos de defesa freudianos na linha de explanações “globais”. Nós, no entanto, especialmente por causa da origem, ou do estatuto epistemológico, dos mecanismos propostos, preferimos isolar as proposições que incluem mecanismos “neurológica ou cognitivamente motivados ou baseados” daquelas que incluem mecanismos “psicologicamente motivados ou baseados”, esperando tornar esta opção mais claramente sustentável no decorrer da discussão.

empiricamente e do que se supõe teoricamente sobre a anosognosia possa lançar luzes sobre estas questões.

8.2. Versões de anosognosia – uma revisão da literatura

Uma parte dos estudos que tratam da anosognosia na literatura recente está concernida preferencialmente ao fenômeno originalmente descrito por Babinski, relativo à ignorância ou negação de impedimentos físicos, como a hemiplegia ou a hemiparesia. Em alguns casos (Adair *et al.*, 1997; Anderson, 1992; Cutting, 1978; Heilman, Barret & Adair, 1998) a anosognosia estudada é exclusivamente, ou em sua maior parte, referente a problemas físicos, especialmente a hemiplegia. Em outros (Ramachandran, 1995, 1996a, 1996b) há uma restrição *deliberada* do termo à negação da hemiplegia. O interesse que estes trabalhos apresentam para o estudo dos fenômenos que acometem SB é grande, à medida que apresentam dados empíricos e modelos explicativos do fenômeno anosognóstico, mas, ao examiná-los, devemos ter em mente que buscam explicar ocorrências algo, ou bastante, diferentes da que pretendemos estudar no caso de SB. Outra parte dos trabalhos examinados (Berti, Ladavas & Della Corte, 1996; Breier *et al.*, 1995; Lebrun, 1987; Orengo Garcia, 1990; Saring, Prosiegel & von Cramon, 1988; Schacter, 1990; Shuren *et al.*, 1995; Starkstein *et al.*, 1992; Starkstein *et al.*, 1990; Stone, Halligan & Greenwood, 1993), abordam a anosognosia sem restringi-la aos fenômenos físicos, o que torna seus achados empíricos e formulações teóricas um tanto mais pertinentes ao entendimento dos problemas de SB. Ainda assim, devemos ter o cuidado de não efetuar nenhuma transposição pura e simples de conclusões a que estes estudos tenham chegado. Passemos então a um resumo dos achados empíricos e modelos teóricos⁵⁹ que possam ser úteis para o esclarecimento e a formulação do conceito.

8.2.1. Achados empíricos

Cutting (1978), estudando 100 pacientes hemiplégicos, encontrou anosognosia e fenômenos anosognósticos associados a danos tanto num como noutro dos hemisférios cerebrais. Lebrun (1987) com base em casos apresentados na literatura ou examinados por ele mesmo, argumentou pela presença da anosognosia em afásicos, não apenas nos portadores de afasia sensorial (ou de Wernicke), mas também em portadores de outros tipos de afasia, como monofasias, afasias modais específicas, negligência unilateral e apraxias. Starkstein *et al.* (1990), estudando 2 pacientes com lesão hemisférica direita, encontraram a coexistência de negligência, anosognosia e depressão, e verificaram que a presença da anosognosia não impediu os pacientes de reconhecerem seus problemas emocionais. Em outro estudo, realizado com 80 pacientes, Starkstein *et al.* (1992) argumentaram, com base, em parte, na igualdade da frequência de aparecimento de depressão em pacientes com e sem anosognosia, pela recusa da noção da anosognosia como um mecanismo de defesa que “protegeria” o paciente de sentimentos depressivos, preferindo identificar a anosognosia com desordens no sistema de controle da atenção. Stone, Halligan & Greenwood (1993), em um estudo com 171 pacientes, encontraram anosognosia em 28% dos pacientes com lesão direita e 5% dos pacientes com lesão esquerda, embora ressalvassem que esta última taxa poderia estar subestimada em virtude da dificuldade de avaliar pacientes com problemas de linguagem. Breier *et al.* (1995) em um estudo experimental com

⁵⁹ Em virtude dos objetivos desta revisão, iremos nos restringir ao exame dos dados e modelos que pareçam oferecer esclarecimentos sobre processos neuropsicológicos e neurolingüísticos, sem entrar na discussão das conseqüências neurológicas ou neuroanômicas destes achados.

54 pacientes em avaliação pré-cirúrgica, em que os pacientes foram submetidos a uma anestesia cerebral hemisférica seletiva através de uma injeção de barbitúrico na carótida (teste de Wada), encontraram (embora seus dados ainda sustentem a asserção de que a anosognosia é mais freqüentemente associada a lesões do hemisfério direito do que lesões do hemisfério esquerdo) apoio para a proposição de que a freqüência de ocorrência da anosognosia relacionada com lesões no hemisfério esquerdo estaria subavaliada pela exclusão de muitos dos pacientes afásicos (especialmente os que são difíceis de testar) nos estudos. Além disso, através de um acurado tratamento estatístico dos resultados, sustentaram a existência de uma completa dissociação entre anosognosia para hemiplegia e anosognosia para afasia, o que refutaria explicações baseadas em mecanismos “globais”. Shuren *et al.* (1995) relataram o caso de um paciente com a compreensão auditiva preservada e uma jargonafasia indiferenciada que não tinha consciência dos seus erros quando envolvido em tarefas que exigiam falar e ouvir simultaneamente, mas que, quando ouvia sua própria fala gravada, era capaz de identificar perfeitamente seus erros. Berti, Ladavas & Della Corte (1996) argumentaram, com base no confronto entre diferentes modelos de anosognosia e dados sobre o comportamento de negação, pela independência entre a anosognosia relativa a déficits motores e a anosognosia relativa a déficits cognitivos, bem como entre a anosognosia para paralisias de membros superiores e inferiores, provendo novas refutações de mecanismos “globais”. Adair *et al.* (1997) testando a hipótese da desconexão, que afirma que a anosognosia seria causada pela desconexão entre os hemisférios cerebrais, submeteram 32 pacientes à anestesia hemisférica seletiva do hemisfério cerebral direito (teste de Wada) e fizeram tentativas sistemáticas de fornecer aos hemisférios esquerdos destes pacientes informação explícita sobre sua paralisia, o que, segundo a hipótese da desconexão, leva-los-ia a modificar a negação, superando a anosognosia. 19 dos 32 pacientes não mostraram nenhuma mudança, enquanto que nos restantes 13 pacientes as tentativas de movimentar o membro paralisado pareceram mais importantes para a superação da anosognosia do que as informações explícitas, refutando, segundo os autores, a hipótese da desconexão. Finalmente, Ghika-Schmid *et al.* (1999), avaliando 53 pacientes durante os três meses que se seguiram a lesões cerebrais diversas, encontraram evidências que apoiam a asserção de que a anosognosia e as reações de negação afetivamente motivadas são independentes.

Resumindo, os achados empíricos vistos até aqui apoiam as afirmações de que:

1. o conceito de anosognosia parece mesmo ser um “conceito curinga”, que se aplica a várias entidades nosológicas que podem ser distinguidas umas das outras e parecem estar associadas a diversos sistemas neurais e diversas síndromes neurológicas, às vezes muito diferentes entre si. Ainda assim, existe de fato um conjunto de fenômenos que compartilha, em algum grau, a ‘ausência de consciência sobre a própria doença’, o que justifica a existência e utilização do conceito, desde que sejamos rigorosos na sua utilização;
2. a anosognosia pode surgir em associação com danos em qualquer um dos hemisférios cerebrais e é mais freqüentemente encontrada em associação com danos no hemisfério direito, embora a freqüência normalmente relatada de anosognosia associada a danos no hemisfério esquerdo esteja, provavelmente, subestimada;
3. parece de fato existir uma anosognosia específica para a afasia, associada a vários tipos de afasia,

incluindo as afasias sensoriais, as monofasias, as afasias modais específicas e as apraxias, e dissociável de outros fenômenos relacionados, incluindo a anosognosia para hemiparesia, a heminegligência, problemas emocionais, etc.;

4. a anosognosia parece não poder ser explicada como um “mecanismo de defesa” psicodinâmico destinado a “proteger” o paciente do sofrimento psíquico causado pela consciência de seus déficits.

Na contramão, em certo sentido, destes estudos, Ramachandran (1995, 1996a, 1996b, 1996c) utilizou alguns testes engenhosos para explorar os limites da anosognosia em pacientes com lesões no hemisfério direito. No primeiro deles, construiu uma “caixa de realidade virtual” em que são inseridos os dois braços do paciente, enquanto um jogo de espelhos sobrepõe a imagem do braço paralisado (esquerdo) à imagem do braço normal (direito),⁶⁰ e solicitou ao paciente que mexesse a mão boa (direita) para cima e para baixo no ritmo de um metrônomo. Surpreendentemente a paciente sustentou, por três vezes, em três experimentos feitos em dias consecutivos, que “she could clearly see her arm moving up and down to the rythm of the metronome – even though the view afforded to her through the virtual reality box was that of a paralyzed hand!” (p. 353), o que foi interpretado como sendo uma forte evidência da dissociação entre a anosognosia e qualquer tipo de heminegligência sensorial, já que a mão paralisada era vista pelo paciente no campo direito (não sujeito à negligência) e tomada como se fosse a mão direita. O autor argumentou que o ponto crítico para o surgimento do fenômeno anosognósico era a presença de alguma *discrepância* nos *inputs* sensoriais, não importando se a discrepância surgia no lado esquerdo ou direito do corpo.

Num segundo teste, desenhado para verificar a existência de um componente emocional na negação da paralisia, o autor propôs-se a injetar uma solução salina no paciente, dizendo-lhe que se tratava de uma injeção de anestésico, que iria paralisar-lhe o braço, como parte de seu exame neurológico. Através desse expediente, tornaria mais aceitável para o paciente sua paralisia, removendo a objeção afetiva que estaria por trás da negação. A primeira paciente respondeu: “But Doctor, is that *fair*?” (1996a, p.130), tirando-lhe a coragem de continuar. O segundo paciente aceitou, recebeu a injeção no braço paralisado (esquerdo) e reconheceu a paralisia. Para prover uma contraprova, Ramachandran realizou o mesmo procedimento com o braço são (direito) e, como era de se esperar, o paciente conseguiu movê-lo, dizendo “Yes, it’s moving, Doctor.” O pesquisador redarguiu “Well, how is that possible? I just inject you with an anesthetic!”, ao que o paciente respondeu: “Well, I don’t know, Doctor. I guess it’s mind over matter. I have always believed that.” (*idem, ibidem*) Ramachandran considerou estas reações como evidências diretas de que a anosognosia promove mudanças reais no sistema de crenças do paciente,⁶¹ bem como evidências indiretas da existência de um componente emocional na anosognosia.

Num outro teste, Ramachandran solicitou aos pacientes, em uma situação de jogo, uma escolha entre uma tarefa ‘unimanual’ (como colocar uma lâmpada em um soquete fixo, por exemplo) pela qual receberiam um prêmio menor (\$2, um sabonete perfumado ou uma caixa pequena de doces), e uma tarefa ‘bimanual’ (como dar o laço nos

⁶⁰ Este tipo de dispositivo foi desenvolvido originalmente por Nielsen (1963, *apud* Ramachandran, 1996a) para ser utilizado em pesquisas sobre conflitos sensoriais em sujeitos normais.

⁶¹ Por “sistemas de crenças” o autor refere o conjunto de postulados implícitos e explícitos que modelam a interpretação que o sujeito dá aos fatos. Estamos lidando com um conceito análogo ao conjunto de pressupostos que Geraldí (1991) chamou de *sistemas de referência*.

sapatos, por exemplo), pela qual receberiam um prêmio maior (\$5, um anjo de cerâmica ou uma caixa grande de doces), sendo explicitamente informado aos pacientes que os prêmios somente seriam conquistados se eles conseguissem cumprir a tarefa. Os pacientes escolheram as tarefas bimanuais consistentemente (17 em 18 tentativas), fazendo grandes esforços para cumpri-las sem sucesso, ainda quando era dada a eles a mesma escolha apenas 10 minutos após falharem na primeira tentativa.⁶² Uma das pacientes, inclusive, inquirida sobre o jogo logo após fracassar na tentativa de amarrar os sapatos, não só declarou ter conseguido dar o laço aos sapatos, mas, voluntariamente, acrescentou “*using both hands*”. (1996b, p. 354 – em itálico no original) Considerando que uma pessoa normal dificilmente acrescentaria esta informação, que seria tida como tácita ou implícita, o fato foi tomado, pelo autor, como evidência de que, em algum lugar de seu “cérebro” a paciente tinha consciência de sua paralisia, levando à interpretação de que o fato seria uma evidente manifestação de “formação reativa”,⁶³ um mecanismo de defesa freudiano.

Finalmente, na busca de esclarecer se algum conhecimento sobre a paralisia estaria ou não presente sob alguma forma na mente do paciente, sendo mantido ‘inconsciente’, ou ‘reprimido’, pelo mecanismo causador da anosognosia, o pesquisador repetiu um experimento de Bisiach (1992, *apud* Ramachandran, 1996b), em que uma seringa cheia de água gelada é descarregada no ouvido⁶⁴ esquerdo da paciente com lesão cerebral direita, provocando em poucos segundos um acesso de movimentos involuntários vigorosos (*nistagmo*) nos olhos do paciente, o que provocou, tanto no paciente de Bisiach quanto no de Ramachandran, a admissão da paralisia e a recuperação da memória sobre a paralisia, embora esta alteração tenha durado apenas algum tempo. Tal fato foi tomado como evidência da existência de um mecanismo “repressor” análogo ao proposto por Freud, embora não psicodinâmica ou afetivamente motivado, mas resultante da conjunção de um certo grau de “desregulagem” do sistema responsável pela atenção, que impediria a percepção da paralisia, com a operação de um sistema responsável por tratar as informações não assimiláveis conscientemente, sistema este informacionalmente encapsulado e separado da consciência, e que se manifesta justamente através das formas identificadas e descritas por Freud como “mecanismos de defesa do ego”.

À primeira vista estes estudos de Ramachandran parecem refutar a afirmação anterior sobre a distinção entre anosognosia e mecanismos de defesa (afirmação 4), especialmente se não atentarmos para algumas peculiaridades que distinguem estes estudos daqueles que refutam tal distinção. Quando lidos atentamente, os estudos que propõem a separação entre anosognosia e mecanismos de defesa (Starkstein *et al.*, 1990; Starkstein *et al.*, 1992; Ghika-Schmid *et al.*, 1999) conceituam (e medem) mecanismos de defesa como dispositivos psicodinâmica ou emocionalmente motivados, guiados pela defesa do *eu*, cujas manifestações são geralmente emoções, tais como a depressão, a tristeza, etc., uma conceituação bem próxima ao conceito psicanalítico original; enquanto Ramachandran, embora não recuse completamente a motivação psicodinâmica ou emocional dos mecanismos de defesa nem rompa completamente com a formulação psicanalítica do princípio de defesa do *eu*, conceitua os

⁶² É curioso o paralelo com o caso de Phineas Gage contado por Damásio (1994).

⁶³ Na formação reativa o paciente afirma exatamente o oposto daquilo que, inconscientemente, sabe ser a verdade.

⁶⁴ Este procedimento é normalmente utilizado para testar o funcionamento do nervo vestibular.

mecanismos de defesa como uma espécie de epifenômeno resultante da falha de outros dispositivos, de natureza essencialmente cognitiva, com forte base neural, destinados a garantir a qualidade da representação mental que o indivíduo faz do mundo e portanto guiados por exigências de consistência e coerência entre o que é percebido e o que o indivíduo já conhece. Tais mecanismos equipariam o indivíduo para agir rapidamente com base numa interpretação mais rápida, mesmo que menos precisa, sendo a rapidez mais propícia para a sobrevivência, o que enraiza fortemente esta conceituação em mecanismos biológicos e provê para estes mecanismos razões oriundas do entendimento do processo evolucionário.⁶⁵ Assim, em vez de refutar a afirmação número 4, parece mais adequado reformulá-la, incorporando a posição de Ramachandran:

4. a anosognosia parece não ser, pelo menos não exclusivamente, explicável como um “mecanismo de defesa” psicodinâmico destinado a “proteger” o paciente do sofrimento psíquico causado pela consciência de seus déficits, mas antes parece resultar de alguma falha em algum tipo de dispositivo cognitivo relacionado ao controle da atenção e destinado a garantir um certo grau de consistência entre as percepções do indivíduo e suas representações mentais.

8.2.2. Modelos teóricos sobre anosognosia para problemas motores

Passemos agora a uma revisão de alguns dos modelos teóricos que buscaram explicar a anosognosia. As primeiras hipóteses que buscavam explicar o fenômeno anosognósico, e tratavam predominantemente da anosognosia para distúrbios motores, pressupunham modelos em que a anosognosia resultava de problemas nos mecanismos integradores das diversas aferências envolvidas na construção da representação mental de si mesmo, ou auto-imagem, especialmente aquela de natureza corporal. Segundo Lebrun (1983) as hipóteses envolviam dois tipos de perturbações: por um lado uma hemideferenciação profunda, que seria acompanhada da utilização das sensações protopáticas e epicríticas provindas das vias não afetadas pela lesão para a criação de um novo esquema corporal formado exclusivamente pelas sensações do hemicorpo saudável. De outro lado ocorreria um prejuízo no funcionamento dos sistemas responsáveis pela integração das informações somato-sensitivas, o que tornaria a percepção do próprio corpo não mais sinestésica, não mais integrada, mas dependente da utilização de apenas alguns tipos de sensações – aquelas que viessem por canais “saudáveis” – que seriam privilegiadas no processamento em detrimento das outras (presumivelmente aquelas que foram prejudicadas pela lesão). Van Bogaert (1934, *in* Lebrun, 1983), por exemplo, propôs que a anosognosia fosse (ou resultasse de, corrige Lebrun) uma divisão ao meio da imagem corporal que o paciente faz mentalmente de si mesmo.

Saring, Prosiegel & von Cramon (1988) em uma revisão da literatura, com o objetivo de distinguir e delimitar os conceitos de anosognosia e anosodiaforia, discutiram a anosognosia como um ‘padrão linguístico comportamental emergente da reação do paciente à não acessibilidade da lesão cerebral’, o que permitiu a proposição da existência de uma analogia comportamental entre a anosognosia e a negligência (*neglect*). Considerando a anosodiaforia como resultante da tentativa do paciente em se haver com os efeitos da lesão cerebral em seu “estilo de

⁶⁵ Convém lembrar que o título de um dos estudos (1996b) é, numa tradução livre: *A Biologia Evolucionária do Auto-engano, Riso, Sonho e Depressão: Alguns Indícios Provindos da Anosognosia*.

vida”, restringiram as explicações psicodinâmicas do tipo “mecanismo de defesa” à anosodiaforia. Schacter (1990), aproximando o fenômeno anosognóstico do fenômeno chamado “conhecimento implícito”, indicou dois tipos de abordagens teóricas possíveis: uma abordagem sustenta haver um dano ou uma desconexão em um mecanismo ou processo responsável pela produção da consciência a partir de muitos domínios mentais; enquanto a outra sustenta que haveria dificuldades em se obter acesso a (certos tipos de) informação específica associada com a expressão consciente do conhecimento em certos domínios mentais. Anderson (1992) propôs um modelo em que há uma especialização hemisférica do sistema de atenção, dividido em dois: um sistema de atenção extrapessoal, responsável por dirigir a atenção, e colher os dados sensoriais provindos deste direcionamento, a eventos situados fora do corpo, com dominância cerebral direita; e um sistema intrapessoal, voltado para o processamento de dados internos, incluindo imagens, falas internas, diálogos internos, representações mentais, etc, com dominância cerebral esquerda (discutiremos este modelo detalhadamente mais adiante). Ramachandran (1996a, 1996b, 1996c) propôs um modelo em que o hemisfério dominante (usualmente o esquerdo) opera um mecanismo de avaliação de *inputs* sensoriais e decisão sobre cursos de ação que privilegia a rapidez em detrimento da precisão e trabalha através da utilização de modelos (paradigmas) que são utilizados na interpretação dos dados sensoriais. Como este mecanismo privilegia a rapidez, procura impor consistência aos dados obtidos, relevando pequenas discrepâncias através de mecanismos cognitivos análogos aos mecanismos de defesa freudianos. O hemisfério dominado (usualmente o direito), por seu turno, reage preferencialmente a dados inconsistentes com o modelo de avaliação utilizado pelo hemisfério dominante, e, quando a inconsistência é pequena, tem sua intervenção “reprimida”, mas, quando a inconsistência ultrapassa um certo limiar, provoca uma exigência de mudança no modelo – a ‘mudança de paradigma’. A anosognosia, neste caso, seria resultante dos problemas para a comparação gerados pela lesão e pelos prejuízos funcionais causados aos dois sistemas.⁶⁶ Heilman, Barret & Adair (1998) asseverando que há alguma evidência de que a anosognosia pode ser causada, em casos diversos, por mecanismos diversos, como o feedback defeituoso oriundo de déficits sensoriais, a heminegligência espacial e/ou a asomatognosia, sustentaram que a autoconsciência normal é resultante de vários processos paralelos, incluindo a retroalimentação sensorial, a representação do corpo e do espaço em que este corpo se encontra, e que estes processos são continuamente modificados pelas expectativas (*feedforward*) e resultados (*feedback*) relativos aos movimentos e ações tentadas pelos indivíduos. Neste caso a anosognosia surgiria na ausência de, ou dano a, qualquer destes mecanismos.

Resumindo, os modelos teóricos que tentam explicar a anosognosia para distúrbios motores parecem concordar com:

1. a existência de alguma “desordem cognitivo-perceptual seletiva” (Lebrun, 1983), cujos efeitos parecem associados ao sistema de controle da atenção;
2. a relativa facilidade de identificar a presença deste tipo de anosognosia que, embora não seja definida conceitualmente de forma inequívoca e unívoca na literatura, pode ser definida fenomenologicamente

⁶⁶ Ramachandran, na verdade, utiliza exclusivamente dados de sujeitos com lesão direita, o que faz de seu modelo um modelo específico para o hemisfério direito e, mais ainda, explicitamente restrito (1996b, p.348, nota de rodapé) à negação da hemiplegia. Por outro lado, dentro do espírito

com alguma facilidade;⁶⁷

3. a existência de diversos mecanismos subjacentes à anosognosia; e
4. a natureza neuro-cognitiva destes mecanismos, mesmo quando se admite a presença de variáveis psico-emocionais intervenientes.

8.2.3. Modelos teóricos sobre anosognosia para afasia

A admissão, já prenunciada por Wernicke (Lebrun, 1987), da existência de anosognosia nos distúrbios sensoriais, incluindo as afasias,⁶⁸ e mais particularmente as jargonafasias, acrescentou ao campo de estudos a dificuldade de explicar uma grande pletora de fenômenos bastante diferentes entre si, levando a uma proliferação de hipóteses explicativas, que desaguaram em modelos os mais diversos, como aqueles que explicavam a anosognosia como um mecanismo de defesa destinado a preservar o *eu* ou os sentimentos de auto-estima do paciente, ou aqueles que explicavam a anosognosia como um problema de processamento das informações provindas dos sentidos, especialmente as auditivas.

Weinstein & Kahn (1952, *in* Lebrun, 1983; 1955, *in* Breier *et al.*, 1995) propuseram que a anosognosia seria uma negação da doença, motivada por razões psíquicas ou emocionais (ligadas também à preservação da auto-imagem). Neste caso, segundo Lebrun (1983, p. 30), “o paciente realiza o jargão, ao invés de calar-se; ele se faz surdo ao seu jargão para não ficar reduzido ao silêncio”, e o faz com o objetivo de preservar-se do sofrimento relacionado ao reconhecimento de que não tem mais a mesma competência que tinha antes da lesão, sofrimento resultante da destruição de sua auto-imagem e, por conseguinte, causador da diminuição de sua auto-estima. É importante ressaltar que, embora esteja aparentemente em declínio na literatura e nos trabalhos mais recentes, o modelo da anosognosia como um mecanismo de defesa traz à baila a questão – crucial nos fenômenos lingüísticos, especialmente quando analisados sob uma perspectiva discursiva – do significado, ou do sentido, tanto no que se refere ao sentido da fala dos afásicos quanto mesmo ao sentido do sintoma (no caso a anosognosia).

Numa outra linha, que buscou uma abordagem ligada ao processamento do *input* sensorial, surgiram explicações relacionadas ao *feedback* auditivo, a chamada auto-escuta, especialmente para dar conta da contradição entre dados obtidos em diferentes estudos. Buscando verificar se jargonafásicos anosognósicos eram capazes de reconhecer os erros constantes em suas emissões quando gravadas e exibidas para eles, Alajouanine e Lhermitte (1957, *in* Lebrun, 1983) afirmaram que os jargonafásicos reconheciam os erros, enquanto Zangwill (1954, *in* Lebrun, 1983) e Kinsbourne e Warrington (1963, *in* Lebrun, 1983) relataram que os sujeitos não reconheciam os erros. Para explicar estas discrepâncias, Lebrun reinterpretou os dados dos estudos citados à luz dos achados de outro estudo

de seu trabalho, que contém “idéias altamente especulativas” (1996b, p. 348), consideramos válido utilizar a expressão “dois sistemas”, ressaltando o caráter especulativo desta interpretação.

⁶⁷ Por outro lado, a mesma facilidade não surge na literatura (bem menos extensa) sobre anosognosia para afasia, que, conforme veremos a seguir, concentra-se mais na descrição de casos do que na construção de modelos teóricos testáveis.

⁶⁸ Note-se que os estados anosognósicos manifestam-se nas afasias anteriores (Wernicke) e não se manifestam nas afasias posteriores (Broca). Parece que isto se deve ao fato de que nas afasias anteriores a lesão ocorre em um ambiente que inclui áreas somestésicas, enquanto nas posteriores, a lesão implica prejuízos somente a áreas motoras. Em outras palavras, as lesões que produzem afasias anteriores envolvem a somestesia, enquanto as lesões que produzem afasias posteriores não.

(Alajouanine *et al.* 1964, in Lebrun, 1983) que mostrava que os jargonafásicos anosagnósicos que reconhecem os próprios erros apresentavam uma jargonafasia de tipo fonêmico, enquanto os que não reconhecem os próprios erros apresentavam de uma jargonafasia do tipo semântico. Outra distinção encontrada entre os dois tipos de jargonafásicos era sua reação ao chamado efeito de Lee (que consiste no prejuízo causado ao desempenho de um locutor normal quando se lhe atrasa, por meio de dispositivos eletrônicos, o *feedback* auditivo) pois, enquanto os jargonafásicos do tipo fonêmico mostram pouca sujeição ao efeito de Lee, os do tipo semântico mostram muita atrapalhão quando se lhes atrasa o *feedback* auditivo. Assim, assumindo que, no ato da fala, “é necessário ser ao mesmo tempo locutor e receptor” (*op. cit.* p. 31), e a recepção da própria fala “não somente permite ao locutor exercer um certo controle do que acabou de falar, mas, além do mais, contribui para assegurar a adequação do que ele quer dizer” (*idem, ibidem*) Lebrun propôs a hipótese de que, nos jargonafásicos do tipo fonêmico, que não reconhecem os próprios erros quando estão falando, mas os reconhecem quando escutam sua própria fala no gravador, a anosognosia resultaria de um mecanismo de *feedback* auditivo prejudicado ou inoperante. Já para explicar porque os jargonafásicos do tipo semântico consideram adequadas suas falas aberrantes quando em sua própria voz, no momento da fala ou quando gravadas, mas identificam tais falas como erros quando são de outra pessoa, Lebrun propôs explicações apoiadas nos conceitos de mecanismos de defesa e preservação da auto-imagem, já que “tudo ocorre como se os doentes tivessem a necessidade de manter a ilusão de que eles podem ainda se utilizar adequadamente da linguagem, como se tentassem manter intacta a imagem de seu canal auditivo.” (Lebrun, 1983, p. 31)

Em outro artigo, Lebrun (1987) organizou o conjunto de mecanismos propostos para explicar a anosognosia para afasia, em cinco grandes hipóteses:

1. *surdez verbal* – segundo esta hipótese, o sujeito teria perdido a capacidade de comparar a fala, quando ouvida, com os padrões de decodificação armazenados em sua mente, o que o impediria de entender (decodificar) tanto a sua própria fala quanto a de outras pessoas. Esta surdez impedi-lo-ia de identificar a adequação de sua própria produção. Estaríamos aqui frente a um distúrbio de compreensão em que o paciente tem certa consciência de manifestar distúrbios de linguagem, mas não consegue identificar quais os erros que comete;
2. *feedback auditivo prejudicado* – neste caso, o sujeito teria problemas em desempenhar as duas tarefas simultâneas – falar e ouvir – que seriam necessárias ao monitoramento do próprio desempenho. Estaríamos aqui diante do paciente que não consegue perceber os próprios erros, no momento em que fala, mas consegue identificá-los como erros quando surgem na voz de outra pessoa, ou quando gravado;⁶⁹
3. *preservação da auto-imagem* – estamos aqui frente ao “mecanismo de defesa do *ego*” em que a negação do déficit é causada pela tentativa de preservar sua própria auto-imagem;

⁶⁹ Antecipando a análise posterior, este parece ser o caso de SB.

4. “*gibberish*”⁷⁰ é melhor do que o silêncio – um outro mecanismo de defesa em que o paciente decide (mais ou menos inconscientemente) que é melhor falar do que calar, dado que a fala, mesmo ininteligível, preserva o contato social com os outros; e
5. *logorréia* – ainda um outro tipo de mecanismo de defesa (mais ou menos consciente) em que o paciente escolhe falar para evitar o embaraço de ter que explicar o que falou antes – o que não lhe seria possível.

Em síntese, a anosognosia para afasia seria resultante ou de um mecanismo psíquico funcionando corretamente com o objetivo de resguardar a saúde psíquica em uma situação de prejuízo psíquico (emocional, social ou da auto-imagem) para o sujeito; ou da desorganização de um mecanismo envolvido no monitoramento da fala. Não há, no entanto, a proposição de como, especificamente, esta desorganização ocorre. Assim, cabe aqui uma tentativa neste sentido.

8.2.4. Bases para um modelo teórico da anosognosia para afasia

Conforme já dito, a anosognosia, em qualquer das formas em que foi descrita, inclui algum tipo de “desordem cognitivo-perceptual seletiva” que estaria na base da “inconsciência da própria doença” que é o fenômeno anosognósico propriamente dito. No caso da anosognosia para afasia, entretanto, a ausência de uma tentativa teórica claramente unificadora prejudica não só a explicação do fenômeno como também, e mais evidentemente, a própria definição dele. Nesta seção e na próxima tentarei, partindo de uma revisão dos modelos teóricos que parecem mais consistentes entre os aqui vistos, elaborar um modelo que compatibilize as asserções de base destes modelos com, por um lado, as especificidades das manifestações anosognósicas que acompanham a afasia, e, por outro lado, com as asserções de base da perspectiva discursiva que este trabalho tem assumido. Assim, utilizaremos o conceito de sujeito desenvolvido no Capítulo 1 deste trabalho como um modelo básico, enriquecido com as observações de Lebrun (1983, 1987) e com os mecanismos propostos nos modelos de Heilman, Barret & Adair (1998), Ramachandran (1996a, 1996b, 1996c) e Anderson (1992).

Começando com o conceito de sujeito elaborado no Capítulo 1, temos o *eu (self)* como um conjunto de referências, discursivamente construído, que informa e dá sentido aos eventos percebidos, bem como aos enquadres e mecanismos que o compõem. Este *eu* assenta sua consciência, ou autoconsciência, na sua capacidade de atribuir sentido ao que acontece, de interpretar (ou integrar) o que acontece em termos do sistema de referências, ou enquadre, que o constitui. A consciência (e a autoconsciência, por extensão), composta em parte pelos eventos provindos pelos sentidos (os *inputs* sensoriais) e em parte pelos eventos já presentes na mente da pessoa, é, ou se comporta como, um fluxo narrativo, um discurso autorreferenciado. Do modelo proposto por Heilman, Barret & Adair (1998) iremos buscar a asserção de que a autoconsciência é resultante de vários processos paralelos, especialmente as noções de expectativas (*feedforward*) e resultados (*feedback*) como mecanismos de correção dos conteúdos da consciência.

⁷⁰ Linguagem inarticulada, gíria, texto sem sentido (Pequeno dicionário Michaelis Inglês-Português/Português-Inglês) São Paulo: Melhoramentos, 1989.

O modelo de Anderson (1992) sustenta que, numa perspectiva evolucionária, é necessário explicar porque a heminegligência esquerda (resultante de lesão no hemisfério direito) seria mais freqüente em humanos do que a heminegligência direita (resultante de lesão no hemisfério esquerdo), uma vez que em macacos há uma simetria consistente na produção de heminegligência contralateral. Assim, propôs que o surgimento da linguagem, com sua concomitante dominância lateral (esquerda), criou uma pressão evolutiva na direção da especialização hemisférica do sistema de atenção. Ainda mais, criou a necessidade de um sistema de atenção intrapessoal⁷¹ tão complexo quanto o sistema de atenção extrapessoal envolvido na heminegligência. O modelo que elaborou, portanto, postula a existência de um sistema de atenção extrapessoal, com dominância cerebral direita, e de um sistema de atenção intrapessoal, com dominância cerebral esquerda. O reconhecimento da perda, qualquer perda, deveria ocorrer, segundo o modelo, quando houvesse uma discrepância entre os dados provindos do sistema intrapessoal e os dados provindos do sistema extrapessoal. A ausência de discrepância, por outro lado, produziria a anosognosia. Em virtude da natureza explícita deste modelo,⁷² ele permite elaborar explicações testáveis sobre a anosognosia, tanto para déficits motores quanto para déficits cognitivos, especialmente a afasia. Algumas destas explicações merecem ser examinadas, por sua relevância para nossos propósitos.⁷³

1. Nos pacientes que apresentam lesões direitas e paralisias esquerdas, dado que o reconhecimento de seu lado esquerdo é resultante da comparação entre as representações internas (realizadas no hemisfério esquerdo) e das percepções externas (realizadas pelo hemisfério direito), e estas últimas estão prejudicadas, podemos dizer que:
 - a. no sujeito que não apresenta heminegligência, a ausência de sensações provindas do lado paralisado (que surgem no hemisfério direito) é comparada com a representação interna da existência do lado paralisado (que está no hemisfério esquerdo) e, da expectativa de que ele apresente sensações, emerge então uma discrepância. O sujeito, reconhecendo a discrepância, identifica a perda de sensações e não manifesta a anosognosia para impedimentos motores;⁷⁴
 - b. no sujeito que apresenta heminegligência (e que perde portanto a representação do lado paralisado e conseqüentemente a capacidade de atenção ao esquema interno deste lado),⁷⁵ a ausência de sensações provindas do lado paralisado (que surgem no hemisfério direito) não pode gerar nenhuma discrepância, pois não pode haver expectativas de sensações provindas de um lado não representado, ou, para os propósitos mentais, não existente. O sujeito portanto, não reconhecendo

⁷¹ O sistema de atenção extrapessoal seria responsável por dirigir a atenção, e colher os dados sensoriais provindos deste direcionamento, a eventos situados fora do corpo; enquanto o sistema intrapessoal seria voltado para o processamento de dados internos, incluindo imagens, falas internas, diálogos internos, representações mentais, etc. Este sistema intrapessoal seria resultante do desenvolvimento da linguagem, bem como necessário ao seu processamento.

⁷² O modelo de Anderson. Não só a descrição do modelo mas também as explicações foram tiradas do artigo original, com exceção de alguns acréscimos buscados em Lebrun e das analogias com conceitos de Geraldini e Bateson, cuja origem está indicada no texto.

⁷³ Estas explicações parecem bastante consistentes com os dados encontrados por nossa revisão da literatura a respeito da anosognosia.

⁷⁴ Exceto nos casos em que estivéssemos lidando com uma negação psicologicamente motivada, o "mecanismo de defesa do ego".

⁷⁵ Segundo Anderson, em virtude da desconexão entre o lobo temporo-parietal direito e o sistema de atenção intrapessoal localizado no hemisfério esquerdo.

discrepância, apresenta a anosognosia para impedimentos motores.

2. Nos pacientes que apresentam lesões esquerdas e paralisias direitas, dado que as percepções externas (realizadas pelo hemisfério direito) estão intactas, a anosognosia para hemiparesia deverá ser muito menos freqüente, uma vez que será quase forçoso o surgimento de uma discrepância. Exceto no caso da anosognosia para distúrbios de fala, uma vez que o reconhecimento da fala a partir de sensações externas ocorre predominantemente pela intervenção do hemisfério esquerdo (o hemisfério direito seria, neste modelo, sensível a problemas de melodia e prosódia) e este hemisfério, além de ser também responsável pelo sistema de atenção intrapessoal, estando lesado, tem suas funções prejudicadas. Estamos aqui em um terreno compatível com as hipóteses de surdez verbal e *feedback* auditivo prejudicado (Lebrun, 1987).
3. Adicionalmente o modelo prevê que a recuperação da anosognosia comportar-se-ia diferentemente para lesões esquerdas e para lesões direitas, uma vez que os sistemas atencionais teriam evoluído de sistemas originalmente desenhados para a atenção extrapessoal (com dominância contralateral, mas com algum grau de conexões ipsilaterais) e, apenas nos humanos, em virtude das pressões evolutivas criadas pela especialização do hemisfério esquerdo para a fala, desaguado em sistemas atencionais direcionados bilateralmente e funcionalmente diferentes – um sistema de atenção extrapessoal com dominância direita e um sistema de atenção intrapessoal com dominância esquerda. Assim, os prejuízos causados pela lesão em um dos sistemas poderiam ser diminuídos pela convocação do outro hemisfério para operar o sistema prejudicado. Porém, dada a diferença funcional entre os sistemas, haveria uma assimetria nesta convocação, que conduziria ao seguinte:
 - a. nas lesões esquerdas, o sistema de atenção extrapessoal (operado pelo hemisfério direito) poderia ser convocado a assumir a operação da atenção dirigida ao espaço extrapessoal ipsilateral, sem que houvesse concorrência de funções, prevendo uma (relativamente) boa recuperação para a anosognosia para hemiparesia nestes casos (observe-se que no caso da anosognosia para afasia este argumento não tem o mesmo peso, e talvez mesmo tenha um peso inverso);
 - b. nas lesões direitas, por seu turno, a convocação do hemisfério esquerdo para operar o sistema de atenção extrapessoal criaria uma concorrência entre as funções de atenção intrapessoal e extrapessoal, aumentando a exigência de processamento e, conseqüentemente, diminuindo a qualidade da recuperação.

Quando adicionado ao modelo proposto por Ramachandran (1996a, 1996b, 1996c), inclui-se uma regra explícita para o duplo sistema atencional de Anderson, qual seja a preservação da compatibilidade entre os modos mentais de processamento dos *inputs* sensoriais através da utilização de esquemas mentais que serviriam como base para as interpretações. Estipula-se a natureza dos conteúdos do sistema de atenção intrapessoal com os quais são

comparados os *inputs* sensoriais: os esquemas mentais.⁷⁶ Inclui-se ainda a forma como estes mecanismos seriam ou não trocados, quando necessário: a mudança de paradigma, disparada quando a discrepância entre os *inputs* sensoriais e o paradigma com o qual são comparados excede um certo limiar.⁷⁷ Inclui-se também a possibilidade de trabalhar com o conceito de “mecanismos de defesa” por via de formulações explicitamente cognitivas, evitando a necessidade de recorrer a explicações psicológicas difíceis de verificar. Inclui-se ademais – através da noção de paradigma, esquema mental, sistemas de referências ou enquadre – a questão do significado ou do sentido, ou seja, a perspectiva discursiva e, por meio desta perspectiva, inclui-se, finalmente, o paradigma de auto-referência que seria o interpretante último da própria fala – o *eu*.

8.2.5. *A caminho de uma visão discursiva da anosognosia para afasia – um modelo provisório*

A partir desta revisão, poderíamos apontar algumas asserções que definiriam um modelo de anosognosia para a afasia discursivamente motivado:

1. A natureza da anosognosia na afasia seria então “a não consciência, a ignorância ou a não percepção das próprias falas”. Esta não consciência poderia ser resultante:
 - a. do prejuízo operacional causado pela lesão a qualquer dos componentes do sistema de controle da atenção dirigido para a ‘representação interna’, de tal maneira que o acesso aos esquemas ou ‘sistemas de referência’ ficasse dificultado; ou, alternativa, embora não exclusivamente,
 - b. do prejuízo operacional causado pelos casos em que os esquemas ou “sistemas de referência”, em si, estariam prejudicados ou inoperantes.
2. A anosognosia manifestar-se-ia pela dificuldade de compatibilizar *simultaneamente* o acesso aos esquemas internos com o processamento dos *inputs* sensoriais. Assim, a anosognosia poderia surgir em circunstâncias em que o *feedback* auditivo estivesse prejudicado, em circunstâncias em que o controle do sistema de atenção intrapessoal estivesse com problemas, e/ou ainda em circunstâncias em que os esquemas internos ou “sistemas de referência” estivessem danificados de alguma forma.
3. Esta dificuldade de acesso aos sistemas de referência básicos para a tarefa interpretativa manifestar-se-ia:
 - a. como surdez verbal quando o acesso estivesse completamente inoperante; ou
 - b. como desordem no *feedback* auditivo, quando tal acesso estivesse prejudicado o suficiente (embora não completamente) para prejudicar ou impedir o processamento simultâneo de mais de uma tarefa.
4. A manifestação da anosognosia seria a dificuldade de perceber ou interpretar (produzir sentido para) alguma manifestação da própria fala, mormente quando esta interpretação estivesse “concorrendo”,

⁷⁶ Por esta via entramos em um terreno já explorado e claramente discursivo: o dos *sistemas de referência* de que fala Geraidi (1991), ou o *enquadre* de que fala Bateson (1955a, b).

⁷⁷ Temos aqui a *mudança de enquadre* de que fala Bateson (1955a, b).

com um outro processo qualquer, pelo uso da capacidade operacional (prejudicada por definição) do sistema atencional.

5. Não teríamos, no entanto, uma anosognosia permanente, como no caso da anosognosia para hemiparesia associada a danos no hemisfério direito, uma vez que os esquemas ou “sistemas de referência” não podem ser completamente bloqueados sem que se impeça, simultaneamente, o engajamento do sujeito no discurso. Estaríamos, alternativamente, frente a “estados” anosognósicos, dependentes de fatores externos, como a sobrecarga de *inputs* ao processamento, e/ou de fatores internos, como a dificuldade de acesso aos “esquemas internos” ou a danificação destes esquemas.
6. A recuperação consistiria no ressurgimento desta capacidade de percepção ou interpretação, e o mecanismo que possibilitaria esta recuperação consistiria na capacidade de convocar outros componentes⁷⁸ do sistema de atenção na tarefa interpretativa, em substituição ao componente danificado. Estes componentes poderiam ser de natureza cognitiva (como a recuperação do controle sobre a atenção), lingüística (como a prosódia) ou discursiva (como o enquadre).
7. A validade do modelo poderia ser testada verificando-se se a dificuldade de interpretação co-variase com a quantidade de exigências simultâneas para o processamento em um momento qualquer.

Algumas predições testáveis poderiam ser feitas a partir deste modelo:

1. O fenômeno anosognósico manifestar-se-ia nos casos em que o sujeito tivesse problemas para o acesso a esquemas internos complexos – o que poderia parecer problemas de memória, embora, segundo o modelo, não o fossem.
2. O sujeito em um estado anosognósico teria maiores problemas para a identificação do erro em palavras isoladas dentro de frases, especialmente ocorrências encapsuladas entre duas ocorrências “normais”, ou ocorrências inseridas em um fluxo discursivo em que o centro da atenção estaria associado ao sentido do fluxo ‘como um todo’. Este fenômeno não seria uma característica exclusiva da anosognosia, mas um fenômeno comum a pessoas não afásicas nem anosognósicas, em que ocorrências do tipo parecem ser bastante freqüentes.⁷⁹
3. O sujeito em um estado anosognósico teria maiores problemas com tarefas que exigissem alto grau de planejamento (*feedforward*) ou verificação dos resultados (*feedback*), especialmente no nível fonético-fonológico. Esta é uma especificação da asserção anterior.
4. A anosognosia poderia, especialmente nos casos em que o sujeito tem o *feedback* prejudicado e não a

⁷⁸ Cabe apontar aqui que a palavra ‘componentes’ refere não apenas mecanismos neurais do sistema de atenção, como no modelo original de Anderson, mas mecanismos que envolvem outras ordens cognitivas, inclusive discursivas, como no modelo ampliado que estamos propondo. Assim, os componentes convocados a suprir a ausência do componente danificado poderiam ser mecanismos originalmente não danificados, no caso de mecanismos exclusivamente neurais, ou mecanismos recuperados ou reconstruídos, no caso de mecanismos que envolvessem outras ordens cognitivas. Há inclusive a possibilidade do surgimento de novos mecanismos, como novos enquadres, por exemplo, que possam suprir a função danificada, inclusive com a utilização de outros sistemas neurais.

⁷⁹ Ver, a propósito, Scarpa (1996b).

surdez verbal, não ser completa, tanto no sentido de que não se referisse apenas à doença como um todo mas também a aspectos isolados dela, quanto no sentido de que poderia surgir apenas em alguns momentos. A natureza destes momentos, no entanto, está especificada no modelo: quando do aumento das exigências de processamento.

5. As operações epilingüísticas, tipicamente uma atividade prejudicada pela anosognosia, terão sua frequência aumentada por duas variáveis: a presença de *feedback* externo, provindo, por exemplo, de perguntas do interlocutor; e/ou a diminuição da exigência de processamento (especialmente de objetivos ou tarefas simultâneos e concorrentes).
6. No processo terapêutico, a recuperação poderia acontecer de três maneiras diferentes:⁸⁰
 - a. a convocação de dispositivos originalmente não envolvidos no sistema de atenção – como a prosódia, por exemplo,
 - b. a reconstrução ou recuperação do dispositivo originalmente danificado – como a recuperação espontânea dos danos aos tecidos cerebrais após a diminuição de um edema, por exemplo,
 - c. a construção de um novo dispositivo para substituir o antigo – como a mudança de paradigma ou reenquadramento, por exemplo.

Saubidet (1988), em uma perspectiva psiquiátrica, argumentou pela utilização do grau de consciência da própria doença (*anosognosis*) como um indício da presença ou ausência de saúde mental, o que daria à anosognosia, como sintoma, uma dupla interpretação: quando acompanhada de lesão cerebral, seria uma manifestação desta lesão, mas quando não acompanhada de lesão cerebral, seria indicativa do grau de saúde mental, e, principalmente, do grau de “autoconsciência” do sujeito portador do problema. Assim, a reconstrução do *self*, quando incluisse a tomada de consciência dos próprios problemas, seria o meio de recuperar a saúde. Temos aqui um *sujeito que se estranha* pela desorganização do sistema de referência denominado *eu* e manifesta a anosognosia em dois casos diferentes: (a) quando não tem acesso ao que fala, por ter surdez verbal ou prejuízos ao *feedback* auditivo; e (b) quando não consegue “encontrar um esquema” dentro do qual possa interpretar sua fala desorganizada e descontrolada. Temos principalmente a possibilidade de superação da anosognosia quando a reconstrução do sistema de referência principal (o *eu*), ao incorporar o entendimento do que é e como funciona a “doença”, permite a interpretação das falas desorganizadas, mesmo que para esta interpretação precise mobilizar a ajuda do interlocutor.

9. A aplicação do modelo – o caso de SB

Na perspectiva discursiva em que vimos operando neste trabalho, a construção de um modelo explícito sobre anosognosia pode parecer um pouco deslocada, uma vez que, numa visada discursiva, a atenção não se concentra sobre o fato patológico em si. Entretanto, uma vez que “o interesse precípua da Neurolingüística no

⁸⁰ Ressalve-se que esta divisão não implica que uma das maneiras exclua a outra. Mais ainda, provavelmente as três maneiras acontecem no mesmo indivíduo e concorrem juntas para a recuperação. De resto parece que a divisão entre estas três maneiras é mais um resultado da perspectiva epistemológica assumida no modelo do que uma diferença ‘real’ existente na natureza.

ambiente clínico não é medir ou diagnosticar a produção afásica, procurando revelar as diferenças entre o normal e o patológico. Seu trabalho, antes, é destacar o que está implicado no funcionamento patológico, muitas vezes ocultado pelo fato clínico”,⁸¹ vale a pena tentar explorar o que um modelo altamente explícito como o que foi construído pode nos dizer sobre a natureza e o funcionamento das diversas facetas com que se reveste a afasia que acomete SB. A questão principal não é se SB tem ou não anosognosia, mas, como e porque, em um contexto (decorrente da lesão) que favoreceria o aparecimento de uma patologia como essa, SB não a manifesta. A resposta, como espero demonstrar, exige a consideração dos meios pelo qual SB engaja-se no trabalho de, em e com a linguagem, (re)construindo-se como sujeito.

9.1. O que o modelo sobre anosognosia pode nos dizer sobre o caso de SB?

Sob uma perspectiva não discursiva, a primeira questão que surgiria é sobre a presença ou não da anosognosia no caso de SB. A seqüência natural desta indagação começaria pela busca da presença daqueles sintomas que distinguiriam o fato normal do patológico, continuaria pela reunião dos sintomas encontrados e a comparação destes com o modelo que especifica qual o conjunto de sintomas que define a presença da patologia, terminando pela decisão sobre esta presença. Nossa investigação, entretanto, embora também vá começar pela busca da presença ou não das manifestações que poderiam ser classificadas como “sintomas”, irá em seguida, sem ter como objetivo principal a decisão sobre a presença ou não da anosognosia, examinar cada uma das manifestações encontradas, questionando seu status patológico, em termos de sua pertinência ao quadro sindrômico definido pelo modelo e tentando entender seu funcionamento, e como o sujeito opera na presença ou ausência dos “sintomas” encontrados, obtendo ou não sucesso em superá-los. Finalmente, iremos propor uma explicação sobre como e porque o caso SB encaixa-se ou não no nosso modelo discursivo de anosognosia.

9.1.1. A desordem no feedback auditivo⁸²

Encontramos nos dados um tipo de ocorrência que pode ser caracterizado como relacionado ao *feedback*, conforme definido antes: o sujeito não consegue identificar as emissões que profere e os erros ou acertos que comete nestas emissões. Vejamos alguns exemplos: no primeiro deles SB reconhece que não ouve o som que emite (Excerto 2 – 02/06/97 – apenas parte dos dados)

Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
	começando uma tarefa de nomear objetos	RECORTE
<i>Imc:</i>	ô Sxxxxx, se você for, você, se você for dizer o nome,	
<i>Imc:</i>	como é que chama isso? como é que é o nome desse	
<i>Imc:</i>	objeto?	mostra uma caneta
<i>SB:</i>	... ta { <i>ininteligível</i> } ... às vezes não é... (nu...)	
<i>SB:</i>	esqueço na hora	

⁸¹ Morato, comunicação pessoal, 2001.

⁸² Retomaremos, nesta seção e nas próximas, análises já efetuadas no Capítulo 1, com pequenas diferenças e expansões relativas às diferenças de perspectivas e objetivos entre estas análises e aquelas.

<i>Imc:</i>	ca, ca	
<i>SB:</i>	(ta)	
<i>Imc:</i>	ca	
<i>SB:</i>	(ta)	
<i>Imc:</i>	não é tá, é ca	
<i>SB:</i>	(ta, ta)	
<i>Imc:</i>	não, ca, ca, ca, lá atrás o som, ó, ca	
<i>SB:</i>	não escuto, (pa, pa)	
<i>Imc:</i>	você não escuta, né?	
<i>SB:</i>	não escuto	
<i>Imc:</i>	é, eu sei, você não percebe o som, né?	
<i>SB:</i>	não, não sei	

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística (BDN)

O que vemos aqui é a dificuldade de SB processar simultânea e deliberadamente duas tarefas: a percepção do som e dos próprios movimentos articulatórios. O diálogo começa por uma tarefa explicitamente metalingüística (Lebrun, 1983; Coudry, 1988): dizer o nome de um objeto. SB oferece uma primeira resposta, [*SB: ...ta*] que percebe como insatisfatória [*SB: ... às vezes não é... (nu...) esqueço na hora*] e persevera nela, mesmo com a investigadora oferecendo ajuda [*Imc: ca, ca*] e *feedback* [*Imc: não é tá, é ca*]. Conforme argumentamos no Capítulo I, SB tem dificuldades com atividades metalingüísticas, decorrentes da desorganização do *eu* como recurso para a distinção dos níveis lógicos do discurso. Quando a investigadora propõe uma estratégia de avaliação da articulação do som [*Imc: não, ca, ca, ca, lá atrás o som, ó, ca*], que exige o processamento das duas tarefas referidas, SB indica que não consegue exercer a auto-escuta que permitiria o monitoramento [*SB: não escuto, (pa, pa)*]. Estamos frente a uma das previsões do modelo: o aumento das exigências do processamento perturba o *feedback* auditivo.

No segundo exemplo, SB toma consciência do que fala apenas quando ouve a própria emissão gravada. (Excerto 4 – 02/06/97):

Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
	nomeando objetos	RECORTE
<i>SB:</i>	óculos, óculos	
<i>Imc:</i>	chama óculos, isso, certinho... certinho...	
<i>SB:</i>	(imismaeta)	
<i>Imc:</i>	como é que chama esse objeto aí, hum?	
<i>SB:</i>	(eid é dé tutcut cussuguru ô deinidabi cumequiprica)	
<i>SB:</i>	o carro, a gente (<i>strimpa</i>) o carro pra por	
<i>Imc:</i>	isso	
<i>SB:</i>	põe no carro	
<i>Imc:</i>	o carro, exatamente	
<i>SB:</i>	(hum hum hum)	
<i>Imc:</i>	ch... chchchchchchchchchch... cha...	

SB:	(<i>ce aga siaga siatada</i>) como fala (<i>shrã</i>)	
SB:	esqueci como fala a chave, chave	
Imc:	esqueci como fala chave,	
Imc:	você viu o que o que você falou?	
SB:	(<i>hum?</i>)	
Imc:	você viu o que você falou? eu esqueci como fala a chave	
SB:	é?	
Imc:	é!	
SB:	{ <i>ininteligível</i> }	((ri))
Imc:	Sxxxxx, se cuide, Sxxxxx	((ri))
SB:		((ri))
		[ruído do gravador sendo religado]
Imc:	viu Sxxxxx, você falou: esqueci como fala a chave,	
Imc:	você escutou no gravador,	
SB:	hã	
Imc:	quando eu voltei? escutou? escutou?	
SB:	hã hã, falei... que coisa né?	

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística (BDN)

Temos aqui um caso parecido com os descritos por Zangwill (1964 *apud* Lebrun, 1983) e Kinsbourne e Warrington (1963 *apud* Lebrun, 1983): o paciente não consegue identificar os erros (ou os acertos) quando os comete, mas os identifica com a ajuda de outras pessoas. Cabe, entretanto, notar duas coisas: (a) que este acontecimento não pode ser identificado como uma manifestação exclusivamente afásica ou patológica, visto que mesmo pessoas não afásicas podem apresentar, e muitas vezes apresentam, este tipo de dificuldade; (b) que aqui aparece um dos problemas analisados por Coudry (1988) na avaliação das afasias, qual seja, que às vezes uma palavra não disponível em uma tarefa descontextualizada torna-se disponível no discurso contextualizado. Levando em conta estas duas ressalvas, podemos ver em ação, neste episódio, o papel do *feedback* externo na construção da compreensão, por parte de SB, dos problemas que enfrenta como decorrência de sua lesão, o que indica a existência da desordem no *feedback* auditivo a que nos referimos anteriormente. Segundo nosso modelo, a presença do *feedback* externo diminuiria a carga de processamento necessário para o reconhecimento da própria emissão, permitindo então este reconhecimento.

Esta identificação dos erros, no entanto, mesmo com o auxílio do interlocutor é ainda instável. Vejamos outro episódio, gravado na semana seguinte, em que SB e a investigadora começam a conversar sobre a revista *Veja* (Excerto 7 – 09/06/97):

Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
	conversando sobre a revista <i>Veja</i>	RECORTE
Imc:	você conhece esse moço bonito, aqui?	mostrando a revista <i>Veja</i>
SB:	(<i>hum, siemes, han</i>) eu queria (<i>han... esse</i>) ele...	
SB:	eu fui ele... foi (<i>iverossumo</i>)	

<i>Imc:</i>	hum?	
<i>SB:</i>	eu conheço ele	
<i>Imc:</i>	você sabe o que que ele faz?	
<i>SB:</i>	sim, ele... eu vi no Estados (zu) no, no, num lugar,	
<i>SB:</i>	(<i>ma</i>) mas eu si { <i>incompreensível</i> }	
<i>Imc:</i>	você sabe o que ele faz?	
<i>SB:</i>	sim, ele faz esse é... canta, ele, é (<i>discuta</i>),	
<i>SB:</i>	lá ele (<i>fé</i>) ele fez um monte de coisa, han, ele faz é...	
<i>Imc:</i>	má...	fornece o <i>prompting</i>
<i>SB:</i>	(<i>age, age, agência</i>)	sobreposição de vozes
<i>Imc:</i>	ma – gi...	expandindo o <i>prompting</i>
<i>SB:</i>	(<i>maga, mágico, mássito, mátedo</i>), han...	
<i>Imc:</i>	má – gi..	sobreposição de vozes – fornece o <i>prompting</i>
<i>SB:</i>	mágico, (<i>matos</i>), isso	
<i>Imc:</i>	ele é mágico	
<i>SB:</i>	(<i>matos</i>), é	
<i>Imc:</i>	fala mágico	
<i>SB:</i>	(<i>mágedo</i>)	
<i>Imc:</i>	mágicô	fornecendo um modelo
<i>SB:</i>	(<i>mágidô</i>)	
<i>Imc:</i>	não é do, é co	chamando a atenção para a forma correta
<i>SB:</i>	(<i>ma, co, co,</i>) mago	
<i>Imc:</i>	ó: má-gi-cô	sobreposição de vozes
<i>SB:</i>	(<i>ma-cogira, ba... ma...</i>)	
<i>Imc:</i>	má-gi...	sobreposição de vozes – fornece o <i>prompting</i>
<i>SB:</i>	(<i>co</i>)	
<i>Imc:</i>	gi...jjjjjj	fornece o <i>prompting</i>
<i>SB:</i>	(<i>ma, co, co, co,</i>)	
<i>Imc:</i>	não, co é a última sílaba,	proporciona <i>feedback</i>
<i>SB:</i>	(<i>cu</i>)	
<i>Imc:</i>	primeira, primeira tem essa aqui ó	mostrando a palavra escrita
<i>SB:</i>	(<i>pá, té</i>)	
<i>Imc:</i>	má – jujujjj	fornece <i>prompting</i>
<i>SB:</i>	(<i>clu</i>)	sobreposição de vozes
<i>Imc:</i>	não, gi! gi, gi, gi, gi,	fornece o <i>prompting</i>
<i>SB:</i>	(<i>qui</i>)	
<i>Imc:</i>	olha minha boca, jujujjjj gi	propõe pistas visuais para a imitação
<i>SB:</i>	(<i>ba</i>)	
<i>Imc:</i>	mágico	
<i>SB:</i>	(<i>cosi</i>)	
<i>Imc:</i>	lê essa aqui, ó	mostrando a palavra escrita
<i>SB:</i>	(<i>magrons</i>)	
<i>Imc:</i>	mágico	

SB:	(mageoco)	
Imc:	mágico... mágico	
SB:	mágico {incompreensível}	
Imc:	acentua essa: má – gico	mostrando a palavra escrita
SB:	(má, má, má giagi, giadinha, ma, má)	sobreposição de vozes
Imc:	gi – co	sobreposição de vozes
SB:	(da do, go, má bi co lo)	sobreposição de vozes
Imc:	gi – co	sobreposição de vozes
Imc:	porque que não sai, de vez em quando.	
Imc:	espera aí, só um minutinho, espera aí	desliga o gravador
		som do gravador sendo religado
SB:	(gi – do – lo)	
Imc:	deixa eu te ajudar, espera aí	
Imc:	aqui tem uma palavra que tem, ela tem três sílabas, tá?	pausa curta
SB:	tá	
Imc:	então (vê), primeira coisa: três sílabas	
Imc:	a primeira é forte: má	
SB:	(má, má)	
Imc:	má	
SB:	(má)	
Imc:	a segunda é iiiijgi	
SB:	(me)	
Imc:	gi, gi	
SB:	(di, di, di, di)	sobreposição de vozes
Imc:	não é di, é gi, de gelo, gesso, gi	
SB:	sim, (di)	sobreposição de vozes
Imc:	não é di	
SB:	(ai que coisa)	sobreposição de vozes
Imc:	é gi, gi	
SB:	gi, gi, gi	sobreposição de vozes
Imc:	isso, gi, gi, então: má – gi – co	sobreposição de vozes
SB:	má – gi – co. (má – gi – no)	sobreposição de vozes
Imc:	não é no, agora é o co, co, co, co, co, co, co,	
SB:	co	
Imc:	isso, agora é má – gi – co	
SB:	(má – gi – nho)	
Imc:	má – gi – cõ	
SB:	(do, do, má – gi – nho)	
Imc:	então, pensa na palavra,	
Imc:	essa palavra você conhece mágico	
SB:	(di) sim, {ininteligível} sim	
Imc:	conhece?, né	sobreposição de vozes
Imc:	então tenta falar com a memória que você tem dela	

SB:	(má – gi – nho)	
Imc:	não é maginho, é mágico	
SB:	é não (máginhocos, maginhos)	sobreposição de vozes - pausa
Imc:	até aqui está certinho, má – gi, má – gi – co	
SB:	bi di nho má – gi – do – do	sobreposição de vozes
Imc:	co – co	sobreposição de vozes
SB:	é co, co, co, co, co, co	
Imc:	isso	sobreposição de vozes
SB:	(máginhoco, co), mági – co	
Imc:	co, má – gi – co	sobreposição de vozes
SB:	ma – gi – nho,	sobreposição de vozes
Imc:	hã-hã	sobreposição de vozes
SB:	(máginhoco), co, co, co, co,	
Imc:	mágico	
SB:	(maginho)	sobreposição de vozes
Imc:	mágico	
SB:	(maginho, má – gi – no, no)	
Imc:	gi	sobreposição de vozes
Imc:	tudo bem Sxxxxx, às vezes engasopa mesmo,	
Imc:	às vezes dá, dá problema e você não consegue falar	
Imc:	uma palavra, fica, fica, fica, fica, e de repente você	
Imc:	fala, não é?	
SB:	é, eu, hã, isso ontem, eu (lembrei)	sobreposição de vozes
SB:	umas palavras na (cabeça), assim, do, (éprecis), da	
SB:	(baji), da, (bachí), eu (lembrei um montão) de coisa de	aceleração da fala
SB:	comer, (bole), agora é que eu esqueci, na	
Imc:	bolacha	sobreposição de vozes
SB:	sim,	sobreposição de vozes
SB:	lembrei, da, muito da, (a gente comia, hã, samontes)	
SB:	eu esqueci, (eu lembrei), várias vezes eu lembrei	
SB:	dos, do, do, né banana, banana	
Imc:	hum	
SB:	(olha) que coisa, lembrei (banana), né banana	

Fonte: Banco de Dados de Neurolingüística (BDN)

Aqui vemos que a dificuldade de auto-escuta, o *feedback* prejudicado de SB, é às vezes intransponível, ainda que a investigadora explore várias alternativas para ajudá-la. Encontramos aqui uma tarefa em que SB tem que realizar, simultaneamente, o processamento do próprio *output* verbal (incluindo o monitoramento da própria articulação) dificultado pelo problema de seleção lexical na emissão (que neste caso se manifesta no nível do fonema), e o processamento do próprio *input* auditivo, necessário para a correção da palavra emitida. Isto fica bem manifesto no fato de SB emitir, várias vezes, a sílaba alvo (*co*), e, pelo menos duas vezes, a palavra alvo (*mágico*) sem no entanto se dar conta disso. Quando, no entanto, em virtude da intervenção da investigadora [*Imc: tudo bem Sxxxxx, às vezes engasopa mesmo, às vezes dá, dá problema e você não consegue falar uma palavra, fica, fica, fica,*

fica, e de repente você fala, não é?], o foco de sua atenção muda para o tópico discursivo [SB: é, eu, há, isso ontem, eu (lembrei) umas palavras na (cabeça), assim, do, (éprecis), da(baji), da, (bachi), eu (lembrei um montão) de coisa de comer, (bole), agora é que eu esqueci, na], mesmo com uma intervenção da investigadora [Imc: bolacha], que inclusive é incorporada no discurso, SB consegue “lembrar”, ou seja, consegue melhorar o acesso lexical prejudicado [SB: sim, lembrei, da, muito da, (a gente comia, há, samontes) eu esqueci, (eu lembrei), várias vezes eu lembrei dos, do, do, né banana, banana / Imc: hum / SB: (olha) que coisa, lembrei (banana), né banana]. Segundo nosso modelo, isto acontece em virtude exatamente da mudança do foco de atenção, que, deixando de lado a necessidade de auto-monitoramento, diminui a carga de exigências imposta ao processamento.

9.1.2. A dificuldade de acesso aos esquemas internos

Um outro tipo de ocorrência pode ser caracterizado como a dificuldade de acesso aos esquemas internamente representados. Vejamos alguns exemplos: o primeiro em que SB tem dificuldade de acesso a um esquema de representação interna (os aniversários das pessoas da família) (Excerto 1 – 02/06/97 – apenas parte dos dados).

Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
	iniciando a interlocução	RECORTE
Imc:	que dia é hoje Sxxxxx?	
SB:	é junho, junho, junho	
Imc:	que dia?	
SB:	é, hoje? é dia dois de (junio)	
Imc:	você falou janeiro a primeira vez	
SB:	não, é junho	
Imc:	junho	
SB:	é que às vezes... pra fala assim (nhu... ju... ju... juni...)	
SB:	(junia... junhô...) junho	
Imc:	junho	
SB:	junho	
Imc:	junho. Em que mês que você faz aniversário?	
SB:	é? é (miniversário) é dia ô novembro	
Imc:	novembro	
SB:	(quato de de janei...) não de novembro, é novembro	
Imc:	quatro de novembro	
SB:	nove (dja) dia ô é dia ô	
Imc:	dia?	
SB:	(quato de de jane.) não... é... é... (fo, fo, fo, fonêis) não é	
SB:	(janei) é a (miasfe...) a férias	
Imc:	não	
SB:	a férias, é meu aniversário, (novento)	
Imc:	novembro, dia quatro, quatro?	
SB:	quatro, dia quatro	

<i>Imc:</i>	e o Mxxxxx?	
<i>SB:</i>	ele é dois de (<i>mar...</i>) de dezembro	
<i>Imc:</i>	dois de dezembro	
<i>SB:</i>	dezembro... dezembro... (<i>dezem...</i>)	
<i>Imc:</i>	e os meninos?	
<i>SB:</i>	o a Vxxx é (<i>jan... no, no, nova</i>) é de... (<i>i a</i>) ela é de	
<i>SB:</i>	(<i>jan... é fever... nu... abr...</i>) a Vxxx... o Cxxxxxx é	
<i>SB:</i>	março e a Vxxx é... é... ela é agora aqui... é... é...	
<i>SB:</i>	(<i>persptrinuai... jane...</i>) é... a menina... é...	
<i>Imc:</i>	nós vamos julho, agosto...	
<i>SB:</i>	(<i>aruzo a... a... a... novembr...</i>) não, (<i>ajei...</i>) espera aí,	
<i>SB:</i>	eu sei sim, é assim a Vxxx, aliás (<i>janei...</i>)	
<i>SB:</i>	a Vxxx é novembro, novembro, novembro, (<i>jan...</i>)	
<i>SB:</i>	novembro, (<i>dejino.</i>) é... janeiro, (<i>nã...</i>)	
<i>Imc:</i>	a Vxxx é de janeiro?...	
<i>SB:</i>	não	
<i>Imc:</i>	fevereiro?... março?...	
<i>SB:</i>	espera... espera a Vxxx, não, a Vxxx vai	
<i>SB:</i>	(<i>jê, feza, fe, não fi feza pe</i>) espera aí... (<i>novemb...</i>) não	
<i>SB:</i>	o (<i>Cxxxxxxxx</i>) é janeiro, e a Vxxx é antes, é... é...	
<i>Imc:</i>	dezembro?	
<i>SB:</i>	não, depois	
<i>Imc:</i>	fevereiro?... março?... abril?...	
<i>SB:</i>	não é antes, agora... agora, março... março... março...	
<i>Imc:</i>	março, a Vxxx é de março	
<i>SB:</i>	março, fala de novo { <i>ininteligível</i> }	
<i>Imc:</i>	fevereiro	
<i>SB:</i>	março, março,	
<i>Imc:</i>	que dia?	
<i>SB:</i>	então é (<i>agost...</i>) é nas férias dela	
<i>Imc:</i>	férias?	
<i>SB:</i>	é aniversário da Vxx, da (<i>mé...</i>)	

Fonte: Banco de Dados de Neurolingüística (BDN)

Sabendo que uma das maiores dificuldades de SB é com a seleção lexical, este exemplo exige uma análise um pouco mais cuidadosa. Encontrando dificuldades para responder à pergunta da investigadora sobre seu aniversário [*Imc:* (...) *Em que mês você faz aniversário?*] SB busca pistas auxiliares que lhe permitam responder à pergunta, lançando mão de um esquema interno alternativo que estabelece a conexão entre seu aniversário e as férias [*SB:* (*janei*) é a (*miasfe...*) a férias] [*SB:* a férias, é meu aniversário, (*novento*)]. Notemos que a palavra “férias”, aqui, ou está relacionada com um esquema de férias escolares, que caem em Novembro, caso em que se trata de um esquema idiossincrásico, afinal SB era professora; ou trata-se de um esquema geral relacionado com o aniversário de um de seus filhos, Cxxxxxx, que cai em Janeiro. Quando indagada sobre o aniversário do marido [*Imc:* e o Mxxxxx?

], SB, conseguindo selecionar a resposta, não lança mão de nenhum esquema alternativo. Quando confrontada com o aniversário dos filhos [*Imc: e os meninos?*], SB tenta o acesso a um esquema que relaciona os aniversários dos dois (Vxx e Cxxxxxx): [*SB: o a Vxxx é (jan... no, no, nova) é de... (i a) ela é de (jan... é fever... nu... abr...) a Vxxx... o Cxxxxxx é março e a Vxxx é... é... ela é agora aqui... é... é... (persprintrivai... jane...) é... a menina... é...*]. (Note-se que SB troca as datas, afinal Vxx é de Março e Cxxxxxx de Janeiro, ou seja, o esquema está desorganizado.) Quando a investigadora começa a oferecer ajuda, fornecendo itens lexicais, SB não consegue escolher a resposta certa (Vxxx é de Março), mesmo que oferecida mais de uma vez, o que demonstra que não se trata simplesmente de problemas com a seleção lexical, mas de organização de um esquema interno (mental) sobre os aniversários dos dois filhos. Parece que a dificuldade de seleção lexical opera (também) como um dos elementos responsáveis pela desorganização do esquema interno, desorganização que pode ser confirmada pelo fato de, quando consegue dizer que a Vxxx é de Março [*SB: não é antes, agora... agora, março... março... março...*], questionada pela investigadora sobre o dia [*Imc: que dia?*] SB retoma a estratégia anterior (bem sucedida) de relacionar o aniversário com as férias [*SB: então é (agost...) é nas férias dela*], mesmo que, neste caso, a palavra “férias” não seja parte do mesmo esquema “aniversário-férias” usado no início, que se referia às férias escolares ou ao aniversário de Cxxxxxx, mas de um esquema diferente, pois caem em Março e são “dela” (da Vxxx).

No próximo exemplo, SB não consegue interpretar corretamente a pergunta da investigadora, aparentemente em virtude do fato de não conseguir desligar-se do momento atual (o ‘eu-aqui-agora do locutor’ de que falam Pêcheux & Fuchs, 1975) (Excerto 6 – 09/06/97).

Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
	iniciando a sessão – conversando sobre o clima	RECORTE
<i>Imc:</i>	Sxxxxx, 9 de junho de 97... Sxxxxx, você gosta do frio?	
<i>SB:</i>	com frio?	
<i>Imc:</i>	é	
<i>SB:</i>	sim, muito	
<i>Imc:</i>	você gosta? gosta de ca	
<i>SB:</i>	ta quente	
<i>Imc:</i>	ta muito quente?	
<i>SB:</i>	está... com frio, com frio,	
<i>Imc:</i>	com frio?	
<i>SB:</i>	com frio	
<i>Imc:</i>	você gosta mais de frio do que de calor?	
<i>SB:</i>	ahn, com	
<i>Imc:</i>	que que você prefere, o frio ou o calor?	
<i>SB:</i>	com frio, frio	
<i>Imc:</i>	você gosta mais do frio?	
<i>SB:</i>	sim, gosta (<i>mui</i>) frio	
<i>Imc:</i>	não gosta de sol, calor, piscina	
<i>SB:</i>	gosto, mas no calor, né, no calor	

<i>Imc:</i>	mas eu te fiz uma pergunta: qual você prefere,	
<i>Imc:</i>	o frio ou o calor?	
<i>SB:</i>	agora é com frio	
<i>Imc:</i>	sim, agora está frio, mas eu quero saber	
<i>Imc:</i>	a sua preferência, que que você gosta mais,	
<i>Imc:</i>	de frio ou de calor?	
<i>SB:</i>	agora, então...	
<i>Imc:</i>	não, não agora, em geral...	
<i>Imc:</i>	ahn	
<i>Imc:</i>	que que você gosta mais, se tivesse que optar	
<i>SB:</i>	agora é com frio, eu estou com frio	
<i>Imc:</i>	sim	
<i>SB:</i>	(tonalor no vor)	
<i>Imc:</i>	não, mas o que eu te perguntei foi assim, você tem...	ruídos
<i>Imc:</i>	você tem várias estações do ano, não tem?	
<i>SB:</i>	é, no frio	
<i>Imc:</i>	são várias estações?	
<i>SB:</i>	hum é, Julho, você está falando, assim de Julho, Julho	
<i>Imc:</i>	não, eu estou falando qual você gosta mais?	
<i>SB:</i>	hoje	
<i>Imc:</i>	não, não hoje... qual que é a sua preferência, você gosta	
<i>Imc:</i>	mais de verão... gostar mais, que que você gosta mais?	
<i>SB:</i>	de calor	
<i>Imc:</i>	é, de calor ou de frio	
<i>SB:</i>	agora eu estou frio, mas (sem o si o sa) calor	
<i>Imc:</i>	não, eu sei que agora é frio Sxxxxx, mas eu quero saber	
<i>Imc:</i>	qual que você prefere... qual que você prefere?	
<i>SB:</i>	calor	
<i>Imc:</i>	calor, você prefere o calor	
<i>SB:</i>	calor	
<i>Imc:</i>	você se sente melhor...	
<i>SB:</i>	mais, gosto	
<i>Imc:</i>	você gosta mais?	
<i>SB:</i>	gosto, eu gosto	
<i>Imc:</i>	mais do calor?	
<i>SB:</i>	gosto	
<i>Imc:</i>	hum hum...	

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística (BDN)

SB encontra grandes dificuldades de sair de um enquadre que se refere ao momento presente – hoje, que está frio – e responder a uma pergunta em outro enquadre – preferir “frio” ou “calor” de modo geral – que exige um deslocamento nos eixos de referência a que se refere Pêcheux (eixos de pessoa, tempo, localização). Temos aqui um caso em que a pessoa SB não consegue “mover” o sujeito SB de um tempo e lugar “aqui-agora” para um outro tempo

e lugar. Esta dificuldade é originária dos problemas de SB para lidar com níveis contrastantes de abstração, que apontamos anteriormente. Senão vejamos: quando SB pergunta [*SB: com frio?*], está realizando uma operação discursiva dirigida a verificar se a pergunta foi entendida corretamente, e a investigadora confirma [*Imc: é*]. A confirmação, do ponto de vista da investigadora, é dirigida ao segmento “frio”, mas é interpretada por SB como dirigida ao segmento total, portanto também ao “com”, limitando a interpretação de SB ao enquadre centrado no momento presente e às próprias sensações. Como a investigadora, ao perguntar [*Imc: (...) você gosta do frio?*] estava usando a expressão “frio” num outro sentido (em que se representam as estações do ano), surge uma sucessão de mal-entendidos. E a superação do mal-entendido acontece depois que a investigadora recoloca o enquadre da pergunta original, através do recurso ao conceito de “estações do ano”, que não permite a dupla interpretação possível com o conceito “frio”, originalmente utilizado [*Imc: não, mas o que eu te perguntei foi assim, você tem... você tem várias estações do ano, não tem?*]. Esta desambiguação permite que SB consiga mover-se para aquele nível mais abstrato do discurso, recuperando a possibilidade de interpretar o “frio” da frase original no sentido em que a investigadora o utilizou. O que encontramos aqui é, como no caso do esquema “aniversário-férias” utilizado no exemplo anterior, uma “aderência” ou “perseveração” no uso de um esquema interpretativo que indica uma dificuldade de “trocar o enquadre” (Bateson, 1972), ou promover a “mudança de paradigma” (Ramachandran, 1996a, 1996b, 1996c) necessária à compreensão exigida pelo diálogo. Mais ainda, é preciso que haja uma intervenção externa (a desambiguação) para que SB consiga trocar o enquadre através da ativação de outro esquema.

9.1.3. *As predições do modelo no caso de SB*

Supondo que os dados que vimos utilizando constituam uma amostra representativa da produção de SB em dois momentos distintos, no início e no fim do acompanhamento individual, e levando em conta que postulamos ter havido um progresso no estado de SB entre estes dois momentos, se vamos examinar as predições de nosso modelo, devemos fazê-lo distinguindo seu desempenho em cada um destes dois momentos. Examinemos então cada uma das predições.

A primeira predição é que o “fenômeno anosagnóstico manifestar-se-ia nos casos em que o sujeito tivesse problemas para o acesso a esquemas internos complexos – o que poderia parecer problemas de memória, embora, segundo o modelo, não o fossem”, o que encontramos nos Excerto 1 e 6 analisados acima, representativo do desempenho de SB no início do acompanhamento individual. Quando examinamos o Excerto 8, representativo do estado de SB no final do acompanhamento individual, não apenas não encontramos fenômenos que possam ser qualificados de anosagnósticos como encontramos a utilização de vários esquemas internos altamente complexos, como a própria construção de um esquema novo sobre si mesma. Vejamos os dados (usaremos apenas alguns exemplos, recortados em função desta análise, e que podem ser contrastados com os Excertos analisados acima):

Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
	falando sobre o que descobriu na noite anterior sobre o próprio acidente – respondendo pergunta de Imc	RECORTE
SB:	sim, eu sei que eu sei, sabe, ontem,	
SB:	vieram (<i>asmigos</i>) meus,	

<i>Imc:</i>	hum	
<i>SB:</i>	então, veio (<i>com uma</i>) o marido dela, médico, é...	
<i>SB:</i>	negócio de (<i>perta</i>), braço...	
<i>Imc:</i>	ortopedista?	
<i>SB:</i>	é. ela disse que eu fiquei assim, eu (<i>não</i>) sabia,	
<i>SB:</i>	contaram para mim, a segunda vez...	
<i>Imc:</i>	gente próxima?	
<i>SB:</i>	sim. que o médico, que ele que fez isso comigo,	
<i>SB:</i>	os dois médicos que fizeram essa coisa comigo...	
<i>Imc:</i>	essa barbeiragem?	
<i>SB:</i>	sim, que o (<i>Mxxxxx devia</i>) por ele na cadeia,	
<i>SB:</i>	(<i>falaram</i>) assim...	
<i>Imc:</i>	mas falaram em barbeiragem?	
<i>Imc:</i>	(<i>you tinha falado antes</i>) em barbeiragem...	
<i>SB:</i>	falou! dos dois... (<i>falaram</i>) olha seu Mxxxxx, chama o	
<i>SB:</i>	Mxxxxx, põe na cadeia esse (<i>homem</i>)... eles... (<i>olha</i>)	
<i>SB:</i>	o que eles fizeram com você. eu (<i>fiquei</i>) tão nervosa,	
<i>SB:</i>	eu (<i>falei</i>), não sabia, agora que elas contaram...	

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística (BDN)

Observe-se que SB, neste trecho, ativa e utiliza vários esquemas internos complexos e interrelacionados que se referem a: (a) a visita dos amigos no dia anterior, (b) a qualificação do médico, (c) o acidente que sofreu. No final, utiliza o esquema relativo ao acidente para explicar o próprio estado emocional, criando um esquema de segunda ordem em relação ao esquema sobre o acidente, realizando portanto uma operação bastante complexa, diretamente referida ao próprio *eu*.

Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
	falando sobre o próprio acidente	RECORTE
<i>SB:</i>	meu Deus do céu, eu (<i>trabalha</i>), forte, boa,	
<i>SB:</i>	fui lá, (<i>acontece</i>) uma coisa dessa	
<i>Imc:</i>	hum	
<i>SB:</i>	como (<i>ois, né, a</i>) é verdade, não é verdade?	

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística (BDN)

Neste trecho SB ativa um esquema sobre o próprio estado antes do acidente.

Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
	falando sobre a própria recuperação	RECORTE
<i>SB:</i>	é, a cabeça (<i>vol, vou</i>) agora que eu, eu,	
<i>Imc:</i>	atinei	
<i>SB:</i>	hoje, hoje, eu sei tudo, eu sei tudo, agora	
<i>SB:</i>	é, a cabeça (<i>vol, vou</i>) agora que eu, eu, hoje,	

SB:	hoje, eu sei tudo,	
SB:	eu sei tudo, agora	
Imc:	que coisa, né? hoje, foi hoje, que aconteceu isso	
SB:	não, faz (<i>tempo</i>), mas a coisa está (<i>in in</i>) inteira	
Imc:	hoje que você está dizendo é atualmente,	
Imc:	assim, né? claro	
SB:	é, esse mês, (<i>de lá para cá</i>) eu estou (<i>assim</i>)	
Imc:	não, pensei que tinha alguma coisa associada com essa	
SB:	não eu já vi (<i>eh</i>)	
Imc:	impacto que você teve, de ter essa notícia,	
Imc:	enfim essa coisa que te aborrece	
SB:	é, (<i>depois que eu ouvi isso</i>)	
Imc:	mas não tem nada a ver	
SB:	depois	
Imc:	mas você viu isso com outros olhos?	
Imc:	você está se vendo com outros olhos? é isso?	
SB:	é, porque não dá (<i>essa</i>) o médico não { <i>persa</i> }	
SB:	o médico agora	
Imc:	hã?	
SB:	eu { <i>oaaa</i> } é que hoje eu entendi que o médico,	
SB:	{ <i>eaea</i> } ele (<i>ve</i>) é amigo (<i>meu ve ligou nunca não</i>	
SB:	<i>não muito mois daqui</i>) o Mxxxxx é amigo dele	
Imc:	desse médico que falou isso	
SB:	(<i>não dele</i>), dos dois porque	
Imc:	dos dois que falaram	
SB:	é	
Imc:	que houve erro médico, é isso?	
SB:	não, não, o (<i>Mxxxxx</i>)	
Imc:	não estou entendendo	
SB:	não, essa é minha amiga, o médico ela falou	
Imc:	ah! o médico dela	
SB:	é, o (<i>marido</i>) dela, é médico, e e convertendo, sabe	
Imc:	o marido dela é médico, e conversando	
Imc:	ele comentou que teria sido um erro médico, o seu caso	
SB:	é, é (<i>conversou</i>), é	
Imc:	né? que o seu caso estava envolvendo um erro médico	
SB:	é, é, então, então eu (<i>dei</i>) porque o médico ligou	
SB:	para mim quando a logo (<i>que eu</i>) falei,	
SB:	ligou falou que vinha aqui, os dois nunca mais ligaram	
Imc:	e nem deram notícia	
SB:	nunca mais, está bom? (<i>nem, ah! eles tinham que</i>)	
SB:	vim aqui, conversar comigo, né	
Imc:	hum hum hum hum, claro	

SB:	falou que vinha, um é amigo. aquele	
SB:	<i>(vez aquele naca aquele agendorme faz)</i>	
Imc:	o que? aquele que a gente dorme?	
SB:	eu falo quando é, é, faz exame,	((ri))
SB:	aquilo <i>(que)</i> faz aqui na <i>{incompreensível}</i>	
Imc:	anestesia	
SB:	é	
Imc:	ah! anestesia	
SB:	ele é ele é meu <i>(a)</i> ele, amigo	
Imc:	ele é anestesista é seu amigo, certo	
SB:	então, falou que vinha aqui.	
SB:	nunca mais minha amiga, seis meses, nunca mais	
Imc:	não apareceu, né?	
SB:	não, e o outro também, ligou, foi no hospital, ele não	
SB:	foi, só <i>(no lá naquela)</i> na <i>(naquele)</i> lugar sozinha	
Imc:	que lugar?	
SB:	onde eu fiquei	
Imc:	ah! na UTI	
SB:	sim. depois <i>(dá i eu figue)</i>	
Imc:	de lá ahn?	
SB:	o aquele <i>(dã)</i> de fazer <i>(ahn)</i> sumir <i>(e de)</i> dormir	
Imc:	sumir? sumir?	((rindo))
SB:	é, <i>(ele falou)</i> sumiu tudo, ligou falou que vinha aqui	
SB:	e nunca mais	
Imc:	sumiu, sumiu, hein, sumiu, Sxxxxx, mas está <i>(cert)</i>	
SB:	eu não sei falar mais, eu não sei	
Imc:	não, está certíssimo. quer dizer ele não veio	
SB:	fiquei muito odiosa no coração porque eles	
SB:	<i>(fizeram)</i> nem <i>(vieram falar na nada)</i>	
Imc:	sim Sxxxxx	
SB:	<i>(para mim)</i> é amigo eu não <i>(devia)</i> ir lá,	
SB:	o Mxxxxx mandou com <i>(eles eu meu)</i>	
Imc:	sem dúvida	
SB:	<i>(amigo)</i> que chamou mas o outro, não, é amigo,	
SB:	é amigo, aí, nem ligou para mim.	
Imc:	desapareceu, né?	
SB:	é, a gente fica, não é verdade? não é verdade?	
Imc:	fica Sxxxxx, acho que sim.	
Imc:	é uma coisa que toca muito, claro	
SB:	sabe, eu fico <i>(triste)</i> porque <i>(ajuda)</i> , né? a gente ajuda,	
SB:	essa amiga, eu ajudei ela, ajudei tanto,	
SB:	seis meses, ela passou aqui, então ela vinha aqui,	
SB:	<i>(almoça)</i> e vem embora	

Imc:	mas ela é quem, desse médico?	
SB:	uma amiga (<i>de mim</i>)	
Imc:	ah!, não tem nada a ver com o médico	
SB:	(<i>uma</i>) outra é, é isso que eu estou falando, que eu	
SB:	(<i>ajudei</i>) pessoas e agora, que eu (<i>fui</i>) eu (<i>preciso</i>)	
SB:	da pessoa, ninguém vem eu fiz, sabe porque?	
Imc:	não claro que magoa Sxxxxx	
SB:	eu fiz tudo para pessoa, eu olha (<i>e</i>) deixava o Mxxxxx,	
SB:	as crianças, (<i>levava</i>) no médico, ajudava, com dinheiro,	
SB:	remédios, fazia tudo, (<i>ajudasse</i>) pessoas o (<i>amigos, tá</i>	
SB:	<i>bom</i>), mas um (<i>ou</i>) outros, nem, nem, nem tchau,	
SB:	apesar, graças a Deus, eu tenho muitos amigos.	
SB:	sabe que a (<i>o</i>)	
Imc:	verdadeiros, você está falando, né?	
Imc:	de (<i>amizade verdadeira</i>)	
SB:	(<i>sim, graças a Deus</i>), eu tenho, sabe que a a a amiga	
SB:	hoje, ela falou que ela conhece, (<i>a ela</i>) a (<i>Isabel tenho</i>)	
SB:	a doutora, é amiga minha de São José, então ela contou	
SB:	hoje que a amiga (<i>dela</i>) falou (<i>assim</i>), a Sxxxxx, ela é	
SB:	uma (<i>seu</i>) uma pessoa muito querida em São José (<i>diu</i>),	
SB:	em São José (<i>é i Rio</i>) Pardo, o pai dela, a mãe dela,	
SB:	a Sxxxxx é muito, era muito, (<i>é</i>), querida,	
SB:	falou de mim, verdade	

Fonte: Banco de Dados de Neurolingüística (BDN)

Aqui, SB opera em vários e contrastantes níveis de abstração, ativando um grande conjunto de esquemas que se interrelacionam de formas bastante complexas. Vejamos: (*a*) ativa um esquema de interpretação temporal em que “hoje” tem um sentido de “presente”, não de “o dia de hoje”; (*b*) utiliza o esquema ativado para desfazer o entendimento errado da investigadora, inclusive ampliando o esquema pelo uso de outra expressão temporal (*esse mês*); (*c*) ativa um esquema bastante abstrato e complexo sobre sua relação com os médicos responsáveis pelo acidente que sofreu – este esquema estrutura os conceitos de médicos, de amizade, do acidente, e a percepção do sentimento interno de ter sido “traída” pelos médicos que considerava amigos. Observe-se que, no decorrer do diálogo, a investigadora terá muitas dificuldades para entender o tópico discursivo, em grande parte devidas às falhas nas emissões de SB, mas SB consegue desfazer progressivamente este mal-entendido, retomando repetidas vezes ao esquema ativado.⁸³ E depois de desfazer o mal-entendido, ativa (*d*) um esquema sobre amizade de caráter mais geral, em que ela própria “ajudava os outros”, tem “muitos amigos”, é “uma pessoa muito querida”, e utiliza este esquema para retomar o próprio auto-conceito como uma pessoa “boa”. Note-se, neste exemplo, que SB consegue manter os vários esquemas ativados e disponíveis mesmo com os vários mal-entendidos da investigadora, que poderiam ter prejudicado essa disponibilidade.

Em seguida nosso modelo diz que o “sujeito em um estado anosagnósico teria maiores problemas para a identificação do erro em palavras isoladas dentro de frases, especialmente ocorrências encapsuladas entre duas ocorrências “normais”, ou ocorrências inseridas em um fluxo discursivo em que o centro da atenção estaria associado ao sentido do fluxo ‘como um todo’”, o que encontramos no Excerto 7 analisado acima. Neste caso, entretanto, devemos ressaltar que a atenção voltada para o fluxo discursivo como um todo implica, mesmo em pessoas normais, um natural relaxamento com relação às palavras isoladas, uma vez que a função de auto-monitoramento fica “meio em suspenso”, até porque concorre com recursos de processamento necessários para a consecução dos objetivos comunicativos. Quando examinamos os dados do final do acompanhamento, no trecho apresentado do Excerto 8, vemos que este problema continua ocorrendo com SB, embora não prejudique mais, como acabamos de mostrar, a utilização de esquemas internos complexos, e, por conseguinte, o engajamento de SB no discurso.

Quando examinamos a terceira predição, de que o “sujeito em um estado anosagnósico teria maiores problemas com tarefas que exigissem alto grau de planejamento (*feedforward*) ou verificação dos resultados (*feedback*), especialmente no nível fonético-fonológico”, encontramos estas situações consistentemente representadas no Excerto 4, em que o grau de planejamento articulatorio exigido pela emissão da palavra chave impede sua emissão, o que vem a ocorrer quando este grau diminui, como resultado do reconhecimento de SB de que [SB: *esqueci como fala a chave, chave*], e a intervenção da investigadora [Imc: *esqueci como fala a chave, você viu o que você falou?* / SB: *hum?* / Imc: *você viu o que você falou? eu esqueci como fala a chave*] expõe a ausência de *feedback*, suprida, conforme argumentamos, pelo *feedback* externo. Esta predição, quando examinada contra os dados do Excerto 8, revela um *status* ambíguo, já que, no nível de planejamento articulatorio (quando vai falar o nome da Fonoaudióloga, no começo do segmento, por exemplo), SB continua tendo problemas, mas no nível do planejamento e consecução dos objetivos do discurso, como quando tem que desfazer os mal-entendidos da investigadora a respeito do que vem falando, SB consegue manter um esquema em mente, e utilizá-lo adequadamente, atingindo os objetivos visados, embora ainda apresente alguns problemas de seleção e emissão lexical que parecem lhe passar despercebidos.

A quarta predição indica que a “anosognosia poderia, especialmente nos casos em que o sujeito tem o *feedback* prejudicado e não a surdez verbal, não ser completa, tanto no sentido de que não se referisse apenas à doença como um todo mas também a aspectos isolados dela, quanto no sentido de que poderia surgir apenas em alguns momentos. A natureza destes momentos, no entanto, está especificada no modelo: quando do aumento das exigências de processamento”. O Excerto 4, assim como vários outros analisados neste Capítulo mostram esta “flutuação” da consciência dos erros ou acertos da própria fala, especialmente nos momentos de maior exigência de processamento. Aqui, ao olhar os dados do Excerto 8, encontramos a mesma ambigüidade da predição anterior, embora tenhamos que considerar a possibilidade de que estejamos frente à “suspensão” do auto-monitoramento a que nos referimos.

A quinta predição, finalmente, diz que as “operações epilingüísticas, tipicamente uma atividade

⁸³ Note-se que, neste caso, quem tem dificuldades de ativar o esquema (ou enquadre) interpretativo adequado é a própria investigadora, o que

prejudicada pela anosognosia, terão sua frequência aumentada por duas variáveis: a presença de *feedback* externo, provindo, por exemplo, de perguntas do interlocutor; e/ou a diminuição da exigência de processamento". A verificação desta predição exige algumas considerações preliminares, de caráter epistemológico.

Em primeiro lugar, considerando que a predição afirma algo sobre frequência, pode provocar um certo "desvio epistemológico" no trabalho que vimos fazendo, já que implicaria, além da análise qualitativa que vem sendo feita, uma análise quantitativa. Em tal análise, o primeiro passo deveria consistir em estipular uma "unidade" que possa ser contada, definindo-a operacionalmente, para que pudéssemos computar sua frequência. Temos aqui um problema, pois enquanto a definição operacional da presença da atividade epilínguística não seja muito problemática, pois já foi feita por Coudry (1988: 16), que afirma que a atividade epilínguística "muitas vezes se explicita ao examinador nos silêncios, nas parafasias, nas contaminações, autocorreções e mesmo quando expressa sua tensão e insegurança ('Como é que chama?' 'Eu sei mas não lembro', etc.)", a definição de uma operação epilínguística "unitária" é extremamente problemática. Tomemos por exemplo uma parafasia e tentemos identificar qual será a "unidade" que define a parafasia? O fonema? A palavra? O enunciado? Digamos que escolhemos a palavra como unidade: estamos falando da palavra fonológica ou lexical? Se é uma parafasia, podemos não ter um item lexical propriamente dito, e por aí afora... A solução deste problema exige o abandono de qualquer quantitativismo "estrito", o que faremos através de duas manobras epistemológicas.

A primeira manobra consiste na estipulação de um índice de presença da atividade epilínguística e no exame das circunstâncias em que ocorre. Estipulando que há atividade epilínguística sempre e quando nos depararmos com "silêncios, parafasias, contaminações, autocorreções", deveríamos verificar se a presença destes índices ocorre em circunstâncias que contam com um ou dois dos fatores: (a) a presença de *feedback* externo – que podemos caracterizar operacionalmente como qualquer intervenção da investigadora; e (b) a diminuição da exigência de processamento – que podemos caracterizar operacionalmente como a suspensão da exigência de processamento de objetivos ou tarefas simultâneos e concorrentes. A segunda manobra consistirá em uma "contagem negativa", ou seja, buscaremos identificar os casos em que a atividade epilínguística de SB ocorre "espontaneamente", ou seja, na ausência de qualquer dos dois fatores apontados.

Em segundo lugar, trata-se de verificar, como vimos fazendo em relação às outras predições, se há diferenças entre o comportamento de SB nos momentos iniciais do acompanhamento e nos momentos finais. Assim, além de buscarmos a presença da atividade epilínguística "espontânea", devemos buscar contrastar esta presença nos momentos iniciais do tratamento (Excertos de 1 a 7) com o que acontece nos momentos finais do tratamento (Excertos 8 e 9).

Examinando os episódios iniciais, encontramos apenas dois episódios em que aparece atividade epilínguística que pode ser classificada com alguma segurança de "espontânea". São os seguintes trechos (em ordem de apresentação, Excerto 1 – 02/06/97 e Excerto 7 – 09/06/97):

Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
	perguntando sobre o aniversário dos filhos de SB	RECORTE
<i>Imc:</i>	e os meninos?	
<i>SB:</i>	o a Vxxx é (<i>jan... no, no, nova</i>) é de... (<i>i a</i>) ela é de	
<i>SB:</i>	(<i>jan... é fever... nu... abr...</i>) a Vxxx... o Cxxxxxx é	
<i>SB:</i>	março e a Vxxx é... é... ela é agora aqui... é... é...	
<i>SB:</i>	(<i>persprinuvi... jane...</i>) é... a menina... é...	

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística (BDN)

Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
	conversando sobre a revista Veja	RECORTE
<i>Imc:</i>	você conhece esse moço bonito. aqui?	mostrando a revista Veja
<i>SB:</i>	(<i>hum, siemes, han</i>) eu queria (<i>han... esse</i>) ele...	
<i>SB:</i>	eu fui ele... foi (<i>iverossumo</i>)	
<i>Imc:</i>	hum?	
<i>SB:</i>	eu conheço ele	

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística (BDN)

Nestes casos, análogos entre si, a auto-correção que caracteriza a atividade epilingüística começa independentemente da intervenção da investigadora e em um momento em que o processamento exige o manejo simultâneo de um esquema interno (sobre o aniversário dos filhos no primeiro caso e sobre as lembranças a respeito do mágico da foto, no segundo) e o monitoramento das emissões para garantir que elas correspondam ao esquema. Cabe notar, no entanto, que a baixa disponibilidade do esquema em si (o esquema do primeiro episódio, como já foi apontado antes, estava bastante danificado) pode ser efeito da exigência de processamento simultâneo, embora, em nossa opinião, seja antes resultado da desorganização do *eu*, conforme referido.

Quando examinamos os episódios finais, por sua vez, encontramos apenas um episódio que pode ser qualificado como análogo a estes (Excerto 8 – 16/10/97):

Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
	falando sobre papezinhos que são considerados remédios e foram trazidos para SB na semana anterior	RECORTE
<i>Imc:</i>	é isso, esse papelzinho vai fazer mal para saúde? não,	
<i>SB:</i>	não, o padre que mandou	
<i>Imc:</i>	então, você acredita? acredita, então, é isto	
<i>SB:</i>	sim, dizem que Jesus, é, é padre, hã, eu tenho o nome,	
<i>SB:</i>	eu tenho aí, ele ajuda as pessoas,	

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística (BDN)

Neste episódio SB realiza a atividade epilingüística a partir do próprio esquema dos “papezinhos” que

devem ser tomados como remédio (relacionados com o nome de um padre – as “pilulinhas do Frei Galvão”), independentemente da intervenção da investigadora.

Esta baixa ocorrência de atividade epilingüística “espontânea” poderia ser interpretada, numa leitura mais apressada, como apoio à hipótese preditiva do modelo. Temos, porém, que tomar muito cuidado com tal interpretação, em virtude de dois aspectos importantes e estreitamente relacionados das circunstâncias em que a amostra foi obtida. Em primeiro lugar, porque, se avaliarmos a simples ocorrência de atividade epilingüística por parte de SB, verificamos que praticamente todo o tempo, em toda a amostra, SB vem trabalhando com a linguagem neste nível, mesmo quando outros níveis também estão envolvidos. Em segundo lugar porque isto ocorre, sistematicamente, pela intervenção da investigadora, em virtude do próprio programa de investigação da Neurolingüística de filiação discursiva a que o acompanhamento de SB se filia, já que, conforme aponta Coudry (1988; 1997) o processo de avaliação e seguimento implica um investigador que se posiciona como interlocutor e participa ativamente do trabalho de linguagem realizado pelo sujeito, o que significa que o investigador estará, todo o tempo, justamente estimulando a realização do trabalho de linguagem por parte do sujeito. Em outras palavras, a atividade epilingüística de SB (praticamente onipresente na amostra) é claramente estimulada pela investigadora. Se estes argumentos desautorizam a conclusão de apoio à predição em pauta, não impedem, porém, que se examine um outro aspecto da atividade epilingüística de SB: seu efeito sobre o próprio estado de SB com relação às manifestações e estados anosagnósicos.

9.1.4. *Porque SB não manifesta a anosognosia?*

Considerando plausível o modelo de anosognosia que apresentamos, sua aplicação ao caso de SB levanta uma questão crucial: porque SB não manifesta a anosognosia? Vejamos um resumo de como as asserções e estipulações do modelo aplicam-se a SB:

1. *A natureza da anosognosia para a afasia seria então “a não consciência, a ignorância ou a não percepção das próprias falas”.* Isto acontece com SB, no início do acompanhamento, de maneira consistente o suficiente para indicar, se não um diagnóstico de anosognosia, pelo menos um prognóstico de desenvolvimento de uma condição anosagnósica em algum momento no futuro. Saliente-se que as causas que nosso modelo aponta para a tal “não consciência”, ligadas à dificuldade de acesso aos esquemas internos e ao *feedback* prejudicado, também nos parecem bem estabelecidas pelas análises efetuadas.
2. *O mecanismo causador da anosognosia seria a dificuldade de compatibilizar simultaneamente o acesso aos esquemas internos com o processamento dos inputs sensoriais.* Também aqui nos deparamos com uma condição evidente de SB no início do acompanhamento, dificuldade que também nos parece bem estabelecida pelas análises efetuadas.

Entretanto, os dados apresentam muitos episódios em que SB mostra ter consciência da própria doença. O episódio contido no Excerto 8, inclusive, é demonstrativo justamente do processo de construção desta consciência sobre o próprio estado patológico, ou seja, SB não apresenta anosognosia para afasia. E porque, então, SB não

apresenta anosognosia? A resposta pode ser encontrada justamente nas dificuldades que surgiram na análise de como as predições do modelo se aplicam ao caso: SB não apresenta anosognosia porque seu engajamento, como sujeito, no trabalho de linguagem, que expressou-se consistentemente através de uma grande frequência e intensidade da atividade epilingüística, criou uma progressiva melhora do seu sistema de *feedback* e de sua capacidade de processamento simultâneo, condições necessárias para a recuperação, estabilização e operação dos esquemas internos, desde o modelo de *eu* cuja (re)construção analisamos no Capítulo 1, até outros esquemas relacionados com referências diretas ao mundo (como os aniversários dos filhos, por exemplo) ou bem mais abstratas (como as obrigações da amizade, por exemplo) como os que analisamos neste Capítulo.

Esta resposta vem apoiar uma das asserções básicas da Neurolingüística de perspectiva enunciativo-discursiva a que se filia este trabalho: é o engajamento do sujeito no trabalho de linguagem em situações reais a que se expõem os interlocutores que cria condições de tratamento e melhora para os sujeitos cérebro-lesados. Retomando o que foi dito no Capítulo 1, o *feedback* da investigadora é utilizado por SB para suprir suas dificuldades de auto-escuta, repetindo o percurso descrito por Vygotsky para a aprendizagem das funções psíquicas superiores: o primeiro passo é o surgimento da função “entre” os interlocutores, ou seja, a função é primeiro *interpsíquica* e o segundo passo é a internalização desta função, que a torna *intrapíquica*.

9.2. O que o caso de SB pode nos dizer sobre a anosognosia (e sobre o modelo proposto)?

Nesta seção, recobrando outro aspecto levantado pela análise do caso de SB a partir do modelo proposto e pela conclusão de que o trabalho do sujeito com a linguagem tem um importante papel a desempenhar na condição denominada anosognosia, faremos uma revisão parcial do modelo proposto e de sua utilização, apontando caminhos que nos parecem úteis para avançar na compreensão dos fenômenos estudados.

9.2.1. Vale a pena construir modelos formais em uma perspectiva discursiva?

Embora não seja uma prática muito comum nos trabalhos da Neurolingüística de perspectiva enunciativo-discursiva, a construção de modelos formalmente organizados, especialmente, como é o caso, de entidades nosológicas, mostrou-se útil na análise do caso de SB, tanto por ter possibilitado o esclarecimento de vários aspectos de seu relacionamento com o próprio estado afásico, quanto mesmo pelos esclarecimentos que permitiu a respeito do próprio conceito de anosognosia. Consideramos, ainda, particularmente promissora a possibilidade que assim se abre para um diálogo mais fecundo entre uma perspectiva discursivamente orientada e uma concepção mais tradicional da Neurolingüística, representada na literatura examinada. Cabe, entretanto ressaltar que a construção de modelos não é, nem nos parece que poderá ser, uma atividade fim de uma Neurolingüística discursivamente orientada, embora proporcione um meio útil de fazer avançar a compreensão dos fenômenos estudados.

9.2.2. O que seriam “estados” anosognósicos?

A análise que fizemos na seção precedente apresenta fortes argumentos para a idéia de que, na investigação da anosognosia para afasia, seria mais produtivo trabalhar com a noção de “estados anosognósicos” que ocorrem em vários tipos de condições e situações, tanto com sujeitos cérebro-lesados quando com sujeitos normais, do que com uma “síndrome anosagnósica” que “acometeria” sujeitos afásicos. Senão vejamos: embora tenhamos

formulado um modelo formal que permitiria, caso necessário, a identificação da presença ou não da anosognosia para afasia, sua aplicação a um caso específico acompanhado longitudinalmente por uma investigadora que assume o papel de interlocutora expôs antes a dificuldade de manutenção de uma perspectiva “classificatória” típica de uma Neurolinguística mais tradicional, do que alguma fraqueza conceitual do modelo, já que foi possível encontrar uma explicação alternativa e plausível para a não verificação completa das predições testáveis derivadas do modelo. Entretanto, o desconhecimento ou a não consciência das próprias falas parece ser um problema que realmente ocorre nas afasias, embora no caso de SB esta ocorrência não seja tão sistemática que justifique a delimitação de uma entidade nosológica como a anosognosia para afasia, e sua frequência seja difícil de estimar. Parece-nos razoável sugerir que sejam necessários estudos adicionais, embora somente possamos indicar sua direção geral, através do modelo proposto.

9.2.3. *Como se relacionam o “trabalho com a linguagem” e a “anosognosia para afasia”?*

A importância do conceito “trabalho com a linguagem” para a Neurolinguística de perspectiva discursiva deriva-se de um de seus pressupostos teóricos: a linguagem vista como uma atividade constitutiva (Coudry, 1988). Segundo Franchi (1988: XIV), trata-se de “um trabalho social, histórico, que constitui não somente os recursos expressivos das línguas naturais e um modo próprio de representar a realidade, mas ainda as ‘regras’ de utilização das expressões em determinadas situações de fato e em determinadas condições de uso. Não se trata de uma linguagem-objeto, mas de uma linguagem que se realiza”. A importância prática desta realização de trabalho linguístico – no caso de SB possibilitado pelo engajamento dialógico entre ela e a investigadora – reside justamente na alteração das limitações a que o sujeito é submetido em virtude de sua condição afásica, alteração esta que permite ao sujeito superar os efeitos dos mecanismos cognitivos prejudicados – no caso de SB a desintegração do senso de *eu*, analisada no Capítulo 1; e a dificuldade de acesso a esquemas internos e o *feedback* auditivo prejudicado, analisados no Capítulo 1 e neste – e recuperar (ou reconstruir, ou ainda construir) boa parte das funções comunicativas, cognitivas e representativas da linguagem.

O trabalho de SB com a linguagem, que aqui identificamos em um de seus aspectos, a atividade epilinguística, ocorre em um contexto que deveria favorecer o aparecimento da anosognosia, e é justamente em virtude de seu engajamento no trabalho com a linguagem que SB não desenvolve um quadro completo de anosognosia. Mais ainda, a análise deste caso permite especular sobre o próprio estatuto teórico do conceito “anosognosia”, não apenas indicando as vantagens de abandoná-lo em favor do conceito menos definitivo “estados anosognósicos”, como também supor que a “anosognosia para afasia” referida na literatura é antes o resultado da ausência de um trabalho do sujeito com a linguagem, que lhe permitiria (re)construir recursos expressivos e comunicativos, do que um efeito da lesão. Um argumento empírico adicional, de apoio a esta posição, é fornecido pelos achados de Adair *et al.* (1997) que, submetendo pacientes à anestesia hemisférica seletiva do hemisfério cerebral direito (teste de Wada) e fazendo tentativas sistemáticas de fornecer aos hemisférios esquerdos destes pacientes informação explícita sobre sua paralisia, o que deveria levá-los a modificar a negação, superando a anosognosia, encontraram evidências de que, para os pacientes que superaram a anosognosia, as tentativas de movimentar o membro paralisado pareceram mais importantes para a superação da anosognosia do que as

informações explícitas que lhes foram fornecidas.

Capítulo 3 – Entonação⁸⁴, sentido e afasia

10. Prosódia e Neurolingüística

A fala natural compreende uma emissão sonora na qual podem ser distinguidos aspectos tradicionalmente estudados, em Lingüística, pela Fonética e pela Fonologia. Dentre estes aspectos conta-se a prosódia, composta (Scarpa, 2001a) de parâmetros⁸⁵ como duração, intensidade, altura, velocidade de fala e pausa. Estes parâmetros podem ser caracterizados como subsistemas suprasegmentais, cuja variação opera “potencialidades distintivas ou significativas nas línguas naturais” e cuja combinação gera os subsistemas de ritmo e entonação. “Uma característica reconhecidamente básica da prosódia é sua não-linearidade, isto é, domínios prosódicos sobrepõem-se uns aos outros com regras tanto modulares quanto com abrangência hierárquica; o caráter não-linear dos elementos prosódicos compatibiliza-se com sua natureza não-discreta, isto é, não são redutíveis a unidades segmentais. Além disso, apesar de hierárquicos, os elementos prosódicos não têm relação isomórfica com constituintes gramaticais ou com categorias semânticas.” (*op. cit.*: nota 1) Estas características da prosódia tornam-na um domínio em que se cruzam questões interessantes para a Neurolingüística, especialmente aquela de perspectiva enunciativo-discursiva que vimos desenvolvendo até aqui. Mais especificamente, como vimos indicando nos capítulos anteriores, a prosódia é um domínio em que se podem esclarecer questões importantes colocadas pelo caso de SB. Começemos por examinar as condições em que se cruzam os estudos prosódicos com os estudos neurolingüísticos.

10.1. Prosódia e afasia

Desde as descobertas originais de Broca e Wernicke sobre as relações entre a localização (incluindo a lateralização) de lesões cerebrais e seus efeitos no comportamento lingüístico, grande parte, se não a maior, dos estudos sobre afasia tem partido do pressuposto de que afasias são problemas resultantes de lesões no hemisfério esquerdo, sendo as contribuições do hemisfério direito para a linguagem mínimas ou mesmo residuais. No entanto, segundo Ross (1988, *in* Scarpa, 2001a), têm surgido evidências neurológicas, neuropsicológicas, acústicas e fisiológicas de que o hemisfério direito tem um papel ativo na linguagem, organizando aspectos chamados “não-verbais” da linguagem e do comportamento, como as atitudes e emoções, especialmente os gestos e a chamada “prosódia afetiva”, enquanto ao hemisfério esquerdo caberia organizar o processamento especificamente lingüístico. Conforme aponta Scarpa (2001a), as “referências à prosódia na literatura afasiológica têm-na tradicionalmente tratado sob a égide de *aspectos comunicativos não-verbais* da linguagem”. Esta posição, porém, ainda segundo a autora (*op. cit.*) apresenta dois problemas: (a) a limitação da prosódia aos aspectos “afetivos”, “não-verbais”, tomados como não propriamente lingüísticos; e (b) a definição da lateralização do controle da prosódia no hemisfério direito.

Quanto à limitação da prosódia aos aspectos “afetivos” e “não verbais”, que os estudos geralmente atribuem a parâmetros tais como a duração ou estrutura temporal do enunciado, cadência ou velocidade da fala e

⁸⁴ Encontramos também, na literatura, as formas entoação e intonação. Utilizaremos neste trabalho a grafia entonação. Ver, a respeito, Scarpa, 1987, nota 2.

⁸⁵ Mais adiante daremos um conjunto de definições mais precisas e rigorosas destes parâmetros.

qualidade de voz (Laver, 1980, *apud* Scarpa, 2001a), há que notar, com Scarpa (2001a: nota 3), que há “uma dimensão dialógica, nos termos de Bakhtin, ou intersubjetiva, ou até mesmo pragmática a ser explorada quanto a estas funções da prosódia ou da voz. São aspectos constitutivos da língua ou da criação de significados que, embora não necessariamente veiculados pelo núcleo duro sintático das línguas, são igualmente ‘lingüísticos’. Uma abordagem discursiva/dialógica a estes fenômenos prosódicos na fala alterada do sujeito afásico ou disártrico certamente traria grandes contribuições para dar conta de aspectos relativos à relação do sujeito com a língua, marcas de subjetividade e de alteridade, marcas de apagamento do sujeito, etc., ao invés do tratamento ingênuo e pré-teórico contido no uso dos termos ‘emocional’ e ‘afetivo’, ‘não-verbais’, ‘paralingüísticos’ e outros para designar tais fenômenos”.

Quanto à questão da lateralização do controle da prosódia, podemos encontrar na literatura (Scarpa, 2001a) três posições:

“1a. A prosódia afetiva é fortemente especializada no hemisfério direito. Os aspectos lingüísticos da prosódia são lateralizados sobretudo, mas não exclusivamente, no hemisfério esquerdo (Ross, 1988).

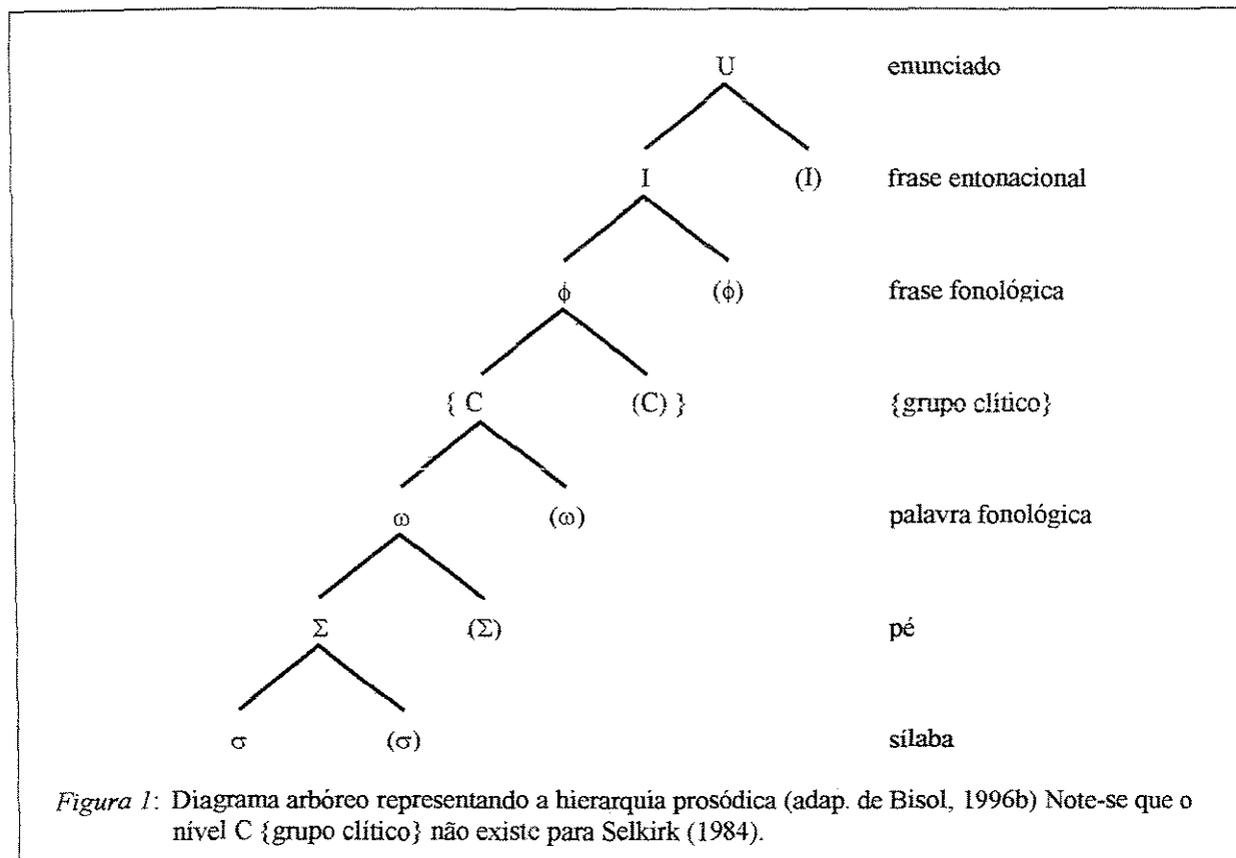
2a. Baseando-se na natureza multifacetada da prosódia e em instâncias de evidência negativa (por exemplo, sujeitos com prosódia afetiva preservada apesar de lesão no hemisfério direito), pesquisadores como Lebrun, Lessinnes, de Vresse & Leleux (1985) hipotetizam que a prosódia é uma função comunicativa distribuída difusamente sem um padrão específico de organização cerebral.

3a. A lateralização da prosódia varia segundo sua função, afetiva ou lingüística (Shipley-Brown, Dingwall, Berlin, Yeni-Komshian & Gordon-Salant, 1988; Berthier, Fernández, Celdrán & Kulisevsky, 1996).”

Estas posições demonstram, segundo Scarpa (2001a), que o problema central da questão da lateralização advém da dificuldade de delimitar claramente as várias funções da prosódia, o que conduz diretamente a uma questão conceitual central de caráter lingüístico: qual é a natureza da prosódia e quais são as suas funções propriamente lingüísticas? Adicionalmente, surge o problema de demarcar o limite da prosódia em sua interação com os outros componentes lingüísticos, bem como a separação entre o que é “lingüístico” ou “não-lingüístico” na fala, definição que obriga a um exame do que é, ou pode ser, significativo na língua.

Na tentativa de propor caminhos que esclareçam estas questões, as investigações de Scarpa (1996a e b, 1997, 1999a, b e c, 2001a e b) sobre a aquisição do ritmo e da entonação, o estatuto da “fala fluente” e a interação da prosódia com outros componentes lingüísticos, além de recusar uma tomada de posição estrita quanto à lateralização, questionam fortemente a visão de *língua* (e a decorrente visão de prosódia) constante na literatura, e “concluem, entre outras coisas, que a prosódia não se reduz aos chamados aspectos secundários ou ‘paralingüísticos’⁸⁶ da linguagem e que representa uma interessante mediação entre aspectos mais formais, computacionais, da linguagem e aspectos menos formais, discursivos.” (Scarpa, 2001a) Esta abordagem alinha-se à Neurolingüística de perspectiva enunciativo-discursiva (Coudry, 1988), que vimos assumindo neste trabalho, permitindo que empreendamos a tentativa de mostrar que aspectos prosódicos da fala de SB ocupam um papel relevante tanto nos recursos que mobiliza para superar suas dificuldades quanto em alguns momentos da interlocução entre SB e a investigadora; e como eventos portadores de significação em virtude de suas características prosódicas produzem seus efeitos na construção da interlocução que gera as condições para o atingimento das operações cognitivas complexas às quais

⁸⁶ Nem os aspectos chamados “paralingüísticos”, como qualidade de voz, deveriam ser excluídos da consideração do que é significativo na língua/linguagem (Scarpa, 1997). (nota do original Scarpa, 2001a)



nos referimos no Capítulo 1.

Começaremos nosso trabalho pela discussão das propostas teóricas das fonologias não-lineares (Selkirk, 1984; Nespor & Vogel, 1986) e da grade métrica (Lieberman & Prince, 1977) para os estudos prosódicos, criando bases que nos permitam definir o fenômeno entonacional. Em seguida exploraremos algumas maneiras de produzir sentido através da entonação (Cruttenden, 1997). Depois, através da definição de um conjunto de parâmetros prosódicos, iremos propor um método descritivo⁸⁷ que nos permita abordar os acontecimentos prosódicos, ou mais especificamente, entonacionais, da fala de SB que interessam aos nossos propósitos. Então, apoiados no método proposto, apresentaremos uma análise detalhada de alguns fenômenos prosódicos, especialmente os entonacionais, da fala de SB, construindo uma base para finalmente apresentarmos uma argumentação que apoie as afirmações feitas no parágrafo anterior.

10.2. A hierarquia prosódica

Na busca de articular a relativa independência da prosódia, sua evidente organização e sua participação na construção dos sentidos da fala, algumas teorias fonológicas tem tentado especificar quais seriam os constituintes prosódicos, quais os domínios ou níveis em que se distribuem e como estes domínios ou níveis se organizam.⁸⁸

⁸⁷ Derivado, embora não completamente, do proposto por Cruttenden (1997)

⁸⁸ Scarpa (2001a) fala na construção de uma "gramática de proeminências prosódicas", ou uma "fonologia prosódica".

Cruttenden (1997) lista cinco níveis prosódicos considerados na literatura, sendo o nível da sílaba o mais simples, seguido dos níveis do pé métrico, do acento lexical, do grupo rítmico e do grupo tonal. Teorias fonológicas não-lineares (Selkirk, 1984; Nespór & Vogel, 1986), explorando mais amplamente a idéia, organizaram modelos de especificação e hierarquização de tais domínios. Selkirk (1984) propõe seis domínios, ou níveis, (do mais simples para o mais complexo): a sílaba, o pé, a palavra fonológica, a frase fonológica, a frase entoacional e o enunciado fonológico. Nespór & Vogel (1986), utilizando critérios algo diferentes, propõem sete níveis: a sílaba, o pé, a palavra fonológica, o grupo clítico, o sintagma fonológico, o sintagma entonacional e o enunciado fonológico. Ainda segundo Scarpa (2001a), deve-se notar que “a unidade do domínio superior tem recebido várias denominações: grupo tonal (Halliday, 1973), unidade tonal (Crystal, 1969), unidade entonacional (Cruttenden, 1997), enunciado prosódico (Nespór & Vogel, 1986), enunciado fonológico (Selkirk, 1984); elas se referem, salvas as especificidades teóricas que dão origem a tais termos, a mais ou menos a mesma unidade entonacional ou ‘unidade informacional’ (Halliday, 1973)”.

Em uma fonologia não-linear (Nespór & Vogel, 1986), a relação entre os constituintes prosódicos componentes de uma hierarquia prosódica (ver *Figura 1*) obedece a quatro princípios:

- i) cada unidade da hierarquia prosódica é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa;
- ii) cada unidade está exaustivamente contida na unidade imediatamente superior de que faz parte;
- iii) os constituintes são estruturas n-árias;
- iv) a relação de proeminência relativa, que se estabelece entre nós irmãos, é tal que a um só nó se atribui o valor forte (s) e a todos os demais o valor fraco (w).” (Bisól, 1996b, p. 249)

A hierarquia de componentes prosódicos permite delimitar os constituintes prosódicos, através da definição de regras que se aplicam a cada um dos domínios definidos pela hierarquia.⁸⁹

10.2.1. A sílaba (σ)

O primeiro nível, ou a menor categoria prosódica, é a sílaba, a unidade fonológica ou prosódica que é formada por uma cabeça, normalmente o elemento de maior sonoridade, que em português é sempre uma vogal, e nós dominados, que em português são as consoantes ou glides que a cercam. Segundo as teorias métricas, a sílaba é estruturada internamente em ataque (A) e rima (R), sendo a rima, por sua vez, estruturada em núcleo (Nu) e coda (Co). Estas teorias, assim, prevêm um relacionamento mais estreito entre a vogal do núcleo e os elementos da coda, do que entre a vogal do núcleo e os elementos do ataque, externos à rima. As regras que operam neste domínio estão geralmente concernidas às formas de combinação dos fonemas da língua para gerar sons distintivos ou significativos nesta língua.

10.2.2. O pé (Σ)

O pé, ou pé métrico, (ou grupo rítmico) é o nível ou domínio seguinte, em que se articulam as relações de dominância entre duas ou mais sílabas.⁹⁰ Existem várias regras fonológicas que se aplicam neste domínio (Bisól, 1996b), das quais a mais relevante para os nossos propósitos é a que estabelece a relação de proeminência relativa

⁸⁹ As descrições que se seguem são baseadas em Bisól (1996a).

⁹⁰ Para um maior aprofundamento do conceito de pé, ver Massini-Cagliari (1982; 1999)

entre sílabas adjacentes, através da etiquetagem destas em fortes (s) ou fracas (w). A distribuição de proeminência cria os vários tipos de pés, cujos nomes vêm da poética clássica (Massini-Cagliari, 1999), como troqueu, iâmbico, dátilo, e definem um tipo de sequência pré-definida de alternância entre sílabas fortes e sílabas fracas. As proeminências silábicas estabelecidas no nível do pé métrico formam o alicerce para as regras de distribuição do acento primário, que aplicam-se efetivamente no nível seguinte, o da *palavra fonológica*.

10.2.3. *A palavra fonológica (σ)*

A palavra fonológica é o nível em que ocorre a interação entre os componentes fonológico e morfológico da gramática. A palavra fonológica corresponde, geralmente mas não necessariamente, ao nó terminal de uma árvore sintática. É a categoria que domina o pé. Aqui se aplicam as regras relativas à atribuição do acento, de tal forma que apenas um acento primário poderá existir por palavra fonológica, o que permite defini-la como *a cadeia n-ária de pés que tem apenas um acento primário*. Cabe ressaltar que não há uma relação isomórfica necessária entre a palavra fonológica e a palavra morfológica.

10.2.4. *O grupo clítico (C)*

O grupo clítico é a unidade prosódica formado pela junção do clítico com uma só palavra de conteúdo. Este nível não aparece na proposta de Selkirk (1984), porque pode-se considerar que o clítico se comporta, com a palavra a que se aglutina, como uma só palavra fonológica. Esta discussão continua em aberto, inclusive no Português Brasileiro, em que há evidências que apoiam tanto uma quanto outra posição. Caso se considere o grupo clítico como um nível prosódico próprio, será neste nível então que se aplicarão as regras de atribuição de acento. Bisol (1996b: p. 253) mostra que é neste nível que começam a manifestar-se as regras do sândi vocálico, alertando para o fato de que, quando o sândi ocorre “entre dois elementos de um grupo clítico, a reestruturação vocálica os converte em uma só palavra fonológica”, o que salienta que estamos ainda lidando com um nível em que o grupo de pés ostenta um único acento primário.

10.2.5. *A frase fonológica (φ)*

O domínio seguinte, a frase fonológica, que é formada pelo agrupamento de um ou mais grupos clíticos ou palavras fonológicas, define-se pela aplicação de princípios relacionados ao domínio, à regra de construção de constituinte e à proeminência relativa. Aqui também estamos tratando de um domínio em que um nó forte (s) é o cabeça da frase, enquanto os outros nós são todos fracas (w).

10.2.6. *A frase entonacional (I)*

A frase (ou grupo) entonacional, nível imediatamente superior ao nível da frase fonológica, e formado por uma ou mais destas, é definida pela presença de um contorno ou linha entonacional. É o nível, por excelência, da veiculação de efeitos semânticos por meio da prosódia, como a interrogação, por exemplo. É caracterizado por uma grande flexibilidade e variação, relacionados com vários parâmetros, como os que veremos adiante.

10.2.7. *O enunciado (U)*

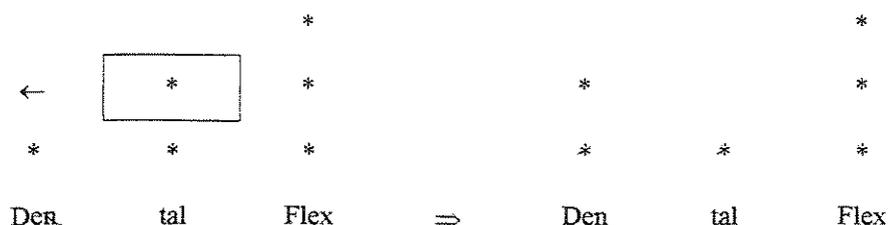
O constituinte prosódico mais alto, o enunciado, composto de uma ou mais frases entonacionais, tem os

limites definidos por pausas coincidentes com os limites do constituinte sintático X^n . A identificação de enunciados, assim, dá-se através da identificação dos limites sintáticos e das pausas inerentes a estes limites. Também aqui é problemático falar-se em 'regras', embora certamente hajam condições ou restrições, das mais variadas ordens, à formação de enunciados.

10.3. A grade métrica

O conceito de grade métrica, proposta pela fonologia métrica (Prince, 1983; Massini-Cagliari, 1999; Scarpa, 2001a) está voltado essencialmente para a descrição dos fenômenos rítmicos de uma sentença, apoiando-se fortemente no princípio de alternância rítmica e apresentando uma explicação forte da restrição à colisão acentual de que falamos anteriormente. A proeminência é resultado da relação entre sílabas fortes e fracas. As sílabas, agrupadas em constituintes intermediários, os pés, recebem a atribuição de proeminência relativa forte (s) ou fraca (w). Os pés são posteriormente agrupados em palavras, nível em que é atribuído o acento primário. À medida que as palavras vão sendo agrupadas em sentenças, as proeminências silábicas, ou os acentos, vão subindo a níveis superiores, de tal forma que, no nível n haja somente um acento.

Veamos um exemplo (extraído de Massini-Cagliari, 1999), em que a regra de evitação de colisão acentual é obedecida mediante a retração acentual:



Conforme explica Scarpa (2001a) "as línguas têm tendência à eurrítmia (também chamada de 'grade perfeita'), à alternância rítmica (forte-fraco) e a evitar colisões acentuais (isto é, dois acentos fortes sucessivos no mesmo nível métrico acima da palavra prosódica ou fonológica). Entre as possíveis soluções à colisão acentual, contam-se: movimento de altura, regras de desacentuação, retração acentual (ou reversão iâmbica), adição de batida, regras de sândi externo, apagamento ou síncope de parte(s) da sílaba e conseqüente ressilabificação, etc. Algumas dessas regras são categóricas, outras são regras variáveis, facultativas. Mas o que é comum a todas elas é que são específicas de cada língua (e não universais)." No caso de SB, como demonstrou Scarpa (2001a), e veremos mais adiante, o princípio de evitação da colisão acentual provoca efeitos importantes.

10.4. Entonação e sentido

A entonação é o nome dado ao efeito resultante da acentuação de uma sílaba em uma sentença e os movimentos de altura relacionados a esta acentuação. Em outras palavras, é a melodia de uma sentença. Na teoria fonológica não-linear aqui perfilhada, a sentença que configura uma melodia com começo meio e fim é chamada frase entonacional, embora receba outros nomes na literatura, como já visto. É consenso na literatura que a entonação

pode veicular efeitos semânticos importantes, como é o caso, por exemplo, da interrogação, que em Português Brasileiro é marcada por um movimento final ascendente, como em “Você vai?” ou ascendente-descendente, como em “O que é isso?” Cruttenden (1997) apresenta um exaustivo inventário das formas por que a entonação pode ser usada para veicular significados ou provocar efeitos de sentidos.⁹¹ Examinaremos em detalhes dois dispositivos entonacionais de veiculação de sentido: a formação das fronteiras das frases entonacionais e a colocação do núcleo.

10.4.1. *Fronteiras das frases entonacionais*

O primeiro dispositivo que a língua fornece ao falante para que a entonação atribua sentido ou significado à fala é a colocação de fronteiras nas frases entonacionais, especialmente porque estas fronteiras desempenham um papel crucial na divisão da fala conectada em unidades significativas. Cruttenden (1997) aponta uma grande variedade de escolhas à disposição do falante na construção destes limites, o que permite alinhá-los com os limites de várias porções do enunciado dos mais variados tamanhos, como orações, modificadores de orações, ou mesmo palavras ou sílabas isoladas; e das mais variadas funções, como nomes, advérbios, predicções, etc. Ainda assim, a maioria das frases entonacionais tem suas fronteiras coincidindo com as fronteiras de uma oração. “Correspondência com unidades menores que uma oração são mais comuns com modificadores de oração, com itens ‘topicalizados’ e com observações parentetizadas.” (p. 72)

10.4.2. *Colocação do núcleo*

O segundo dispositivo lingüístico oferecido ao falante para produzir sentido ou significado com a entonação de sua fala é a colocação do núcleo. Toda frase ou grupo entonacional tem, por definição, um núcleo, cuja colocação, assim como no caso das fronteiras, pode variar enormemente. Núcleo é *a sílaba ou palavra mais proeminente em uma frase entonacional*. Sendo a parte mais proeminente da frase entonacional, o núcleo concorre fortemente para trazer esta parte para o *foco* da atenção do ouvinte. Embora haja outros dispositivos lingüísticos para a *focalização*, de caráter lexical, como por exemplo a palavra ‘apenas’; ou de caráter gramatical, como por exemplo a voz passiva; e estes dispositivos operem, muitas vezes, ao mesmo tempo, a colocação do núcleo, tanto no inglês analisado por Cruttenden quanto no Português Brasileiro, é a maneira mais comumente utilizada pelos falantes para focalizar alguma parte de uma frase entonacional. É preciso, entretanto, reconhecer que as relações entre a colocação do núcleo e a focalização são mais complexas do que poderia parecer à primeira vista.

Em primeiro lugar, precisamos levar em conta o *escopo* do foco, que pode ser *amplo*, quando cai em uma sentença completa, ou *estrito*, quando cai em uma parte da sentença. No caso do foco *amplo*, que cai sobre toda a frase entonacional, enquanto o foco é discernido principalmente pelo recurso a informações de ordem pragmática, contextual, dialógica ou discursiva, a colocação do núcleo obedece a condições de outras ordens, entre as quais encontram-se regras gramaticais, como a regra tradicional de construção de proeminência relativa que especifica que “o núcleo cai sobre o último item lexical de uma frase entonacional” (cabe ressaltar que esta regra não é categórica, mas probabilística, como argumenta Cruttenden, listando várias exceções a ela, ao menos no Inglês, que analisa); ou

⁹¹ As análises de Cruttenden concernem preferencialmente ao inglês, mas os princípios que delineia podem ser também aplicados ao Português Brasileiro.

regras fonológicas, como a grade métrica e as condições de eurrítmia, alternância rítmica e evitação de colisão acentual, estudadas no item 10.3 acima. No caso do foco *estrito*, enquanto uma parte da sentença, por receber o acento nuclear, é trazida para o foco, o resto da sentença fica fora do escopo do foco. Embora operem também as regras apontadas no caso anterior, sua aplicação restringe-se à parte da sentença (sintaticamente definida) sobre a qual cai o foco.

Em segundo lugar, temos que examinar a própria focalização, como dispositivo linguístico. A questão principal para o esclarecimento deste dispositivo concerne às condições de informatividade da fala, mais especificamente aos conceitos de *dado* e *novo*. *Dado* é o nome que se usa para referir a informação que o falante supõe que o ouvinte tenha em mente, de alguma maneira, quando da emissão da fala e, portanto, não precisa ser ressaltada. *Novo* é o rótulo da informação que o falante quer que seja 'reconhecida agora' pelo ouvinte. A focalização, bem como o acento nuclear, normalmente cai na informação *nova*, exceto nos casos em que o falante pretende provocar algum efeito de sentido, como o contraste, os ecos e a insistência ou "ênfase".

Resumindo, Cruttenden propõe duas formulações gerais: (a) a colocação do núcleo é uma forma de indicar o foco dentro de uma frase entonacional, embora nem sempre o núcleo permita discernir o escopo completo do foco, que deverá ser inferido do contexto verbal e situacional; (b) o foco indica a parte da frase entonacional que o falante escolheu como mais relevante para o ouvinte processar, e está mais comumente relacionado com a informação *nova* do que com a informação *dada*, embora, para provocar certos efeitos de sentido, o foco possa destacar uma informação *dada*.

10.5. Metodologia de análise

Para a análise do caso de SB, consideramos interessante desenvolver uma metodologia que permitisse comparar linhas entonacionais. Assim, adotamos o método interlinear (Cruttenden, 1997), com algumas adaptações, explicitadas a seguir. A transcrição entonacional foi feita auditivamente. As análises levaram em conta, além de fatores prosódicos, fatores paralingüísticos e extra-lingüísticos. Dado o caráter suprasegmental das unidades relevantes para a análise efetuada neste trabalho, não houve a preocupação de efetuar qualquer análise instrumental.⁹²

10.5.1. Parâmetros da análise: definições

Os parâmetros analisados são assim definidos:⁹³

Altura: (*pitch*) tendo como correlato acústico a frequência fundamental (F0), e sendo resultado da vibração das moléculas de ar que passam pelas cordas vocais, a *altura* é o parâmetro cuja variação faz com que percebamos a voz como *aguda* (quando é mais alto o valor de F0 e conseqüentemente maior a frequência de vibração) ou *grave* (quando a frequência de vibração – o valor de F0 – é menor). Do ponto de vista fisiológico, a frequência corresponde

⁹² Para uma discussão comparativa das abordagens auditivas ou instrumentais, ver Cruttenden (1997).

⁹³ Estas definições baseiam-se naquelas contidas em Cavalcante (1999: p. 30 e ss.). Ver também Cruttenden (1997), Laver (1984) e Scarpa (1988).

à quantidade de pulsos glotais por unidade de tempo. Na transcrição interlinear adotada neste trabalho a altura é representada pela posição do ponto que representa a sílaba (mais alta → mais aguda; mais baixa → mais grave). Cabe assinalar que as alturas são relativas, isto é, a altura de uma sílaba é relevante apenas em relação à sílaba anterior e à tessitura da voz do sujeito conforme aparece na análise auditiva. Por isso a altura absoluta (F0) não foi determinada por análises instrumentais, definindo-se a altura média (o tom natural do sujeito) como correspondendo ao meio da pauta.

Âmbito de altura ou tessitura: (*pitch range*) é o *continuum* definido pelo limite mínimo de F0 (menor frequência; mais grave; linha inferior da pauta) e o limite máximo de F0 (maior frequência; mais agudo; linha superior da pauta).

Direção da curva de altura: é a variação, para cima ou para baixo, da altura da voz numa frase. Representada, na transcrição adotada, pela posição relativa dos pontos consecutivos, é a variação que produz a entonação. Nos casos em que há uma variação na emissão de uma única sílaba, esta variação é representada por um traço que sai do ponto e indica a direção da variação, como se segue: . Neste exemplo, teríamos uma sílaba acentuada (o que é representado pelo tamanho do ponto) com a altura variando inicialmente para baixo e posteriormente para cima (movimento descendente-ascendente, representado pelo traço em curva).

Duração: é o tempo que decorre entre o início da emissão de um dado segmento (no caso desta análise, as sílabas, delimitadas auditivamente) e o início da emissão do segmento seguinte.

Entonação: é a melodia formada pelas variações de altura em uma frase. A entonação inclui o contorno, que é o desenho formado pelas variações de altura dos segmentos sucessivos; e o tom, que é o correlato fonológico da altura.

Grupo entonacional: é a unidade suprasegmental na qual pode ser distinguida uma melodia que tem um início e um final. Um grupo entonacional é formado por uma sílaba acentuada, o acento nuclear ou núcleo, e “um movimento de altura, relacionado à acentuação desta sílaba.” (Cavalcante, 1999: p. 35) Os limites (início e final) de um grupo entonacional são marcados internamente, pela existência de um padrão ou estrutura discernível; e externamente, pela presença de pausa (preenchida ou não); por uma seqüência de sílabas não acentuadas com aceleração da velocidade de fala, chamada *anacrusis*; pela mudança do nível e direção da curva de altura nas sílabas não acentuadas; e/ou pelo alongamento da sílaba final, acentuada ou não.⁹⁴ O grupo entonacional é também chamado, na literatura, de unidade tonal, unidade entonacional ou frase entonacional.

Grupo rítmico: o trecho compreendido entre uma sílaba acentuada e a próxima (Cruttenden, 1997). Também chamado *pé* (Massini-Cagliari, 1999), é um conceito essencial para a concepção temporal de ritmo (ver adiante). Especialmente devido à eleição de uma concepção não temporal de ritmo, preferimos utilizar, neste trecho do nosso trabalho, o nome *grupo rítmico*.

⁹⁴ Se uma destas marcas, ou uma combinação delas, aparece e divide uma elocução em duas partes, mas uma das partes não contém a estrutura mínima de um grupo entonacional, toma-se por grupo entonacional a elocução total e a marca ou a combinação de marcas como um indício de hesitação.

Intensidade ou volume: (*loudness*) consiste na energia despendida na emissão da sílaba, a “força de respiração” empregada pelo sujeito no momento da fala. Auditivamente consiste no volume da emissão conforme percebido pelo ouvinte.

Pausa: uma definição preliminar de pausa poderia ser *a suspensão da elocução que ocorre, normalmente, na fronteira de constituintes ou segmentos (mais caracteristicamente na fronteira de grupos entonacionais)*. A dificuldade desta definição reside em dois pontos: em primeiro lugar, as pausas podem ocorrer (Cruttenden, 1997) em três posições da elocução: (a) nas fronteiras de constituintes principais, como os grupos entonacionais, ou nas fronteiras de subconstituintes como o sujeito e o predicado, caso em que há uma relação entre o tipo de fronteira e o tamanho da pausa, tal que maior o constituinte → maior a fronteira → maior a duração da pausa; (b) antes de palavras de “alto conteúdo lexical”, ou seja, aquelas palavras que trazem uma alta carga de informação, e são tipicamente difíceis de serem descobertas ou adivinhadas antecipadamente; (c) após a primeira palavra num grupo entonacional, caso em que a pausa parece cumprir a função de permitir ao falante planejar a continuação da elocução (esta é a posição característica de erros de desempenho, como correções, repetições ou falsos começos). Em segundo lugar, existem dois tipos de pausa, que podem caracteristicamente ocorrer em qualquer das três posições indicadas: as pausas não preenchidas, isto é, silenciosas, e as preenchidas, geralmente por sílabas soltas de variados tamanhos. Assim, quando falamos em *suspensão da elocução*, temos que ter em mente que nem sempre esta suspensão implica na ausência de som, numa fronteira da elocução ou no encerramento desta.

Qualidade de voz: a qualidade de voz é o parâmetro (normalmente considerado extra-lingüístico) que dá à voz seu colorido característico. Segundo Laver (1980), a qualidade de voz é o resultado da interação entre a estrutura anatômica do aparato vocal do falante, que define um dado padrão acústico que permite identificar a voz daquele falante específico como fanhosa, metálica, anasalada, etc.; e sua configuração (*setting*) fonética num dado momento, resultante de ajustes musculares finos do trato vocal, que produz outras qualidades, como chorosa, rangida, sussurrada, *falsetto*, etc. A sobreposição entre estes dois fatores produz vários efeitos de sentido, entre os quais vale destacar a identificação da presença da emoção do falante nas suas emissões (voz chorosa, embargada, etc.). Cabe ainda assinalar que, conforme nota Laver, a análise e identificação das várias configurações de qualidade de voz exige a definição de uma linha de base, que chamaremos de *voz neutra*, caracterizada pelo próprio Laver como a qualidade da voz emitida quando o trato vocal assume uma configuração neutra, ou seja, as condições articulatórias são características do que poderíamos chamar de “posição de repouso” do trato vocal.⁹⁵

Ritmo: para a definição de *ritmo* são requeridas algumas observações preliminares. Nos estudos de Lingüística, de maneira geral,⁹⁶ a noção de *ritmo* está ligada à noção de *duração*, sendo ritmo definido como um “padrão de uma seqüência temporal” (Massini-Cagliari, 1992: p. 41). Tal definição permite que as línguas sejam classificadas em dois (ou três) grupos: línguas de ritmo silábico (tendo como subgrupo as línguas de tipo moraico) e línguas de ritmo acentual. Para isso, os lingüistas utilizam a noção de *isocronia*, ou seja, tempos iguais para unidades

⁹⁵ Ver Cavalcante, 1999, pp. 31-32.

⁹⁶ Para uma boa panorâmica sobre a noção de ritmo nos estudos prosódicos, ver Massini-Cagliari, 1992, cap. 2, pp. 41 e ss.

iguais. Assim, nas línguas silábicas, as *silabas* ocorrem em intervalos iguais de tempo, são *isócronas* (nas línguas moraicas a isocronia é característica da *mora*), enquanto nas línguas acentuais são os *acentos* que apresentam a *isocronia*. A dificuldade de encontrar-se confirmação instrumental para o conceito de isocronia é o grande problema da definição de ritmo como padrão temporal, o que levou à proposição da *isocronia* como um fenômeno psicológico (Cagliari & Abaurre, 1986), resultante de uma tendência estruturadora da percepção, que faz que o ouvinte perceba o ritmo na fala mesmo na ausência de ritmos instrumentalmente demarcáveis. Há, porém, uma visão não temporal do ritmo (Cavalcante, 1999), que define ritmo como uma regularidade depreendida pelo ouvinte ao tomar uma série de impressões como um conjunto de eventos relacionados, como um todo. Para a operacionalização desta perspectiva não é necessária a noção de isocronia, já que a regularidade rítmica é criada na mente do ouvinte como resultado da interação entre as tendências estruturadoras da percepção e as características da língua. Neste trabalho, especialmente pela escolha de uma metodologia auditiva, a definição não temporal do ritmo será a escolhida.

Velocidade de fala: é a taxa de elocução do discurso, a velocidade com que são emitidas as palavras em uma frase qualquer.

10.5.2. Quadros das frases transcritas

Foram transcritas dez frases do sujeito (SB), numeradas de 1 a 10, e uma frase da Investigadora, numerada 11, a ser utilizada como controle para a análise de uma ocorrência específica da fala do sujeito, que aparece nas frases 6, 8 e 9. A cada frase corresponde um cabeçalho e um quadro, em formato de tabela com duas colunas e três linhas.

O cabeçalho contém o número da frase e, entre colchetes, dois números, entre parênteses, por sua vez: um número que corresponde ao(s) número(s) da(s) linha(s) em que a frase foi transcrita no Excerto 8 (ver Anexo 1 – Conjunto Total de Dados); e um número que corresponde ao valor aproximado do contador de voltas do toca-fitas no início da frase, tendo o contador sido zerado com a fita no início.

A primeira coluna aponta os títulos das linhas, cada uma das quais contém uma transcrição ou uma análise, conforme a metodologia explicitada a seguir. As linhas contém:

Linha um, intitulada “SB:” ou “Imc:”: transcrição em vernáculo.

Linha dois, intitulada “pauta”: pauta entonacional.

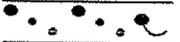
Linha três, intitulada “*outras características prosódicas*”: quaisquer outros fenômenos prosódicos considerados relevantes para a análise.

10.5.2.1. Linha 1: transcrição vernacular

A frase foi transcrita em vernáculo, utilizando-se a ortografia corrente, sem tentar reproduzir a fala, exceto nos casos em que a palavra está alterada em virtude das dificuldades do sujeito. Esta transcrição contém ainda alguns sinais, indicados a seguir entre colchetes, com seus significados. Por ordem de ocorrência: [/ /] significa pausa simples, como uma vírgula num texto escrito; [/.../] significa que há ocorrências anteriores ou posteriores à frase; [◡] significa um sandi vocálico; e [++] significa uma pausa maior, com cada sinal de + correspondendo a

aproximadamente meio segundo.

10.5.2.2. Linha 2: pauta entonacional

As curvas entonacionais foram representadas no sistema de transcrição chamado interlinear (Cruttenden, 1997), que tem a seguinte aparência: , e consiste em duas linhas paralelas que delimitam uma pauta, dentro da qual são marcados pontos, sendo que “as linhas superior e inferior representam os pontos máximo e mínimo do âmbito de altura, ou tessitura (*pitch range*), e cada ponto corresponde a uma sílaba, os pontos maiores indicando sílabas enfatizadas (*stressed*)⁹⁷ ou acentuadas (*accented*)”. (Cruttenden, 1997: p. xv)

10.5.2.3. Linha 3: outras características prosódicas

Nesta linha foram anotadas ocorrências relevantes para a análise, segundo as definições de parâmetros já apontadas.

11. O caso de SB

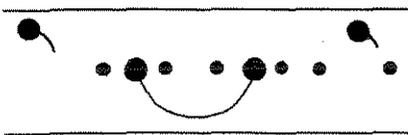
Conforme falamos no início deste Capítulo, e vimos falando ao longo de toda esta dissertação, a análise prosódica das produções de SB e mesmo das condições dialógicas estabelecidas entre ela e a investigadora pode ser bastante esclarecedora. Assim, iremos apresentar o caso de SB analisado do ponto de vista prosódico, segundo a metodologia proposta, para esclarecer alguns aspectos centrais às formas de produção e circulação de sentidos utilizadas por ela durante o processo de acompanhamento com a investigadora. Em seguida, baseando-nos em uma análise feita por Scarpa (2001a) iremos apresentar alguns outros aspectos da produção de SB que nos parecem pertinentes. Finalmente, à guisa de conclusão, iremos apresentar um breve resumo do que foi percebido nestas análises.

11.1. Corpus

11.1.1. Frases de SB.

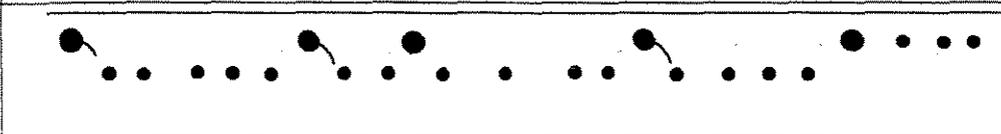
⁹⁷ Tanto *stress* quanto *accent* referem-se à proeminência que uma dada sílaba adquire no contorno entoacional em virtude da variação de algum (ou alguns) dos seguintes parâmetros: duração (*length*), altura (*pitch*) e intensidade ou volume (*loudness*). Cruttenden (1997) distingue *stress* de *accent* através da limitação do termo *accent* às “proeminências em que a altura está envolvida (portanto ele é equivalente a *pitch accent*)” (p.13), o que faz do termo *stress* um termo mais genérico, menos específico. Neste trabalho utilizaremos somente o termo “acento”, tanto em virtude da dificuldade de encontrar uma tradução adequada para os dois termos quanto pela desnecessidade da distinção feita por Cruttenden.

Frases 1 [(21) (018)]

SB:	não/ /cabeça/ /eu fico nervosa
pauta	
outras características prosódicas	entonação variando em apenas dois tons, com finalização alta nivelada, aparecendo um sandi entonacional entre as tônicas [...cabeça...] e [...fico...], velocidade de fala aumentada a partir de [cabeça...], com a compressão temporal das sílabas dentro do sandi entonacional, voz chorosa, rangida, quase <i>falsetto</i> , volume baixo, altura mantendo-se nas regiões média e alta

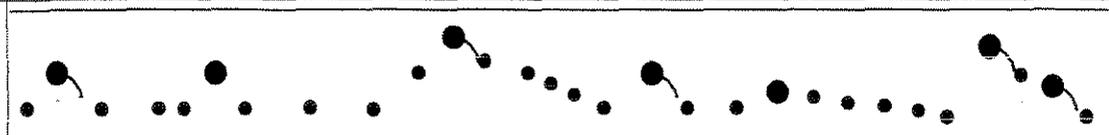
Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística (BDN)

Frases 2 [(24-25) (021)]

SB:	/.../sabe, eu:/ /aprendi tudo/ /agora que entendi tudo/ /eu fiquei tão nervosa
pauta	
outras características prosódicas	entonação variando em apenas dois tons, com finalização alta nivelada, velocidade de fala neutra, com pouca variação temporal entre os grupos rítmicos, quase uma estereotípia, manifesta na compressão silábica entre a terceira [...agora...] e a quarta tônica [...entendi tudo...], voz chorosa, trêmula, voz tensa, volume pouco variável, caindo no final, altura mantendo-se nas regiões média e alta

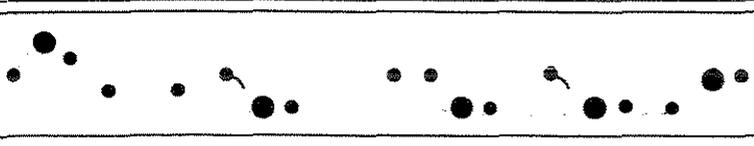
Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística (BDN)

Frases 3 [(45-46) (039)]

SB:	agora ente é, sabe/ /que/ /eu sei tudo qui i eu i/ /sabe/ /aprendi na cabeça/ /tudo sabe
pauta	
outras características prosódicas	divisão irregular dos grupos entoacionais, aparecendo (três vezes) um elemento fático [...sabe...] acompanhado nas duas primeiras vezes de pausas do tipo (c), sem a compressão silábica notada nas frases 1 e 2, velocidade de fala variada, voz normal, pequenas variações de volume relacionadas à entonação, altura passeando por todas as regiões da pauta

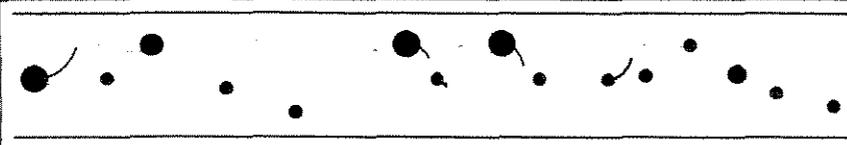
Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística (BDN)

Frase 4 [(51) (045)]

SB:	agora não/ /eu sei tudo [++] na cabeça/ /sei tudo/ /cê sabe?
pauta	
outras características prosódicas	pausa entre a segunda [... <i>tudo</i> ...] e a terceira [... <i>cabeça</i> ...] tônicas, gerando dois grupos entoacionais, velocidade de fala variável, sem a compressão silábica notada nas frases 1 e 2, voz normal, com pequenas variações de volume relacionadas à entonação, altura iniciando na região alta e seguindo pelas regiões média e grave

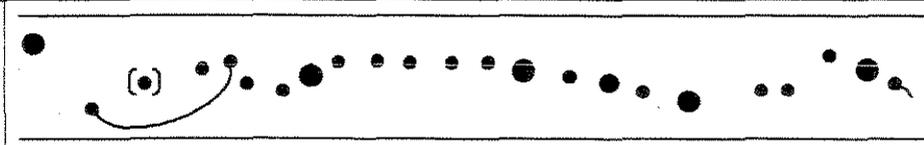
Fonte: Banco de Dados de Neurolingüística (BDN)

Frase 5 [(53-54) (048)]

SB:	si:m/ /eu sei que eu sei. [++] sabe/ /ontem vieram asmigos meus/.../
pauta	
outras características prosódicas	os acentos dão ênfase ao núcleo semântico das frases e a conseqüente correspondência entre frases entoacionais e semânticas, velocidade de fala variável, voz normal, com pequenas variações de volume relacionadas à entonação, altura passeando por todas as regiões

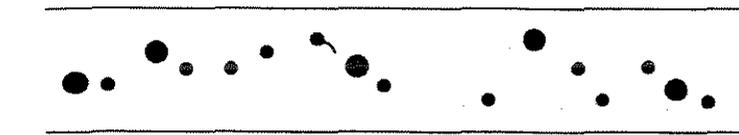
Fonte: Banco de Dados de Neurolingüística (BDN)

Frase 6 [(77-78) (075)]

SB:	não eu (<i>não</i>) sabia/ /agora eu fiquei sabendo disso aí [+] eles contaram
pauta	
outras características prosódicas	sandi entoacional entre [... <i>eu</i> ...] e [... <i>sabia</i> ...] e presença de uma emissão desvozeada entre estas tônicas, que sugere a presença da palavra [... <i>não</i> ...], semanticamente requerida pela frase, velocidade de fala variável, voz normal, com pequenas variações de volume relacionadas à entonação, altura iniciando na região alta e seguindo pela região média, com pouca amplitude

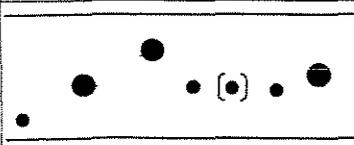
Fonte: Banco de Dados de Neurolingüística (BDN)

Frase 7 [(167-168) (141)]

SB:	/.../ hoje/ /hoje/ /e::eu sei tudo [++] eu sei tudo/ /agora
pauta	
outras características prosódicas	entonação rica, velocidade de fala variável, repetição das frases [...hoje...] e [...eu sei tudo...] com variação rítmica, voz normal, com pequenas variações de volume relacionadas à entonação, altura passeando por todas as regiões

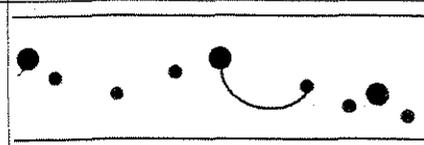
Fonte: Banco de Dados de Neurolingüística (BDN)

Frase 8 [(413) (299)]

SB:	lembrei/ /antes (e) depois
pauta	
outras características prosódicas	sandi entoacional entre [...antes...] e [...depois...] e presença de uma emissão desvozeada entre estas tônicas, que sugere a presença da palavra [...e...], semanticamente requerida pela frase, velocidade de fala variável, voz normal, com pequenas variações de volume relacionadas à entonação, altura passeando por todas as regiões

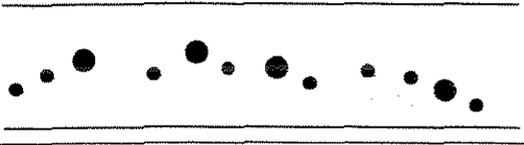
Fonte: Banco de Dados de Neurolingüística (BDN)

Frase 9 [(419) (301)]

SB:	tudo/ /lembrei tu(do) na cabeça
pauta	
outras características prosódicas	sandi entoacional entre [...tu...] e [...na...] e presença de uma emissão desvozeada (quase um clique) entre estas tônicas, que sugere a presença da sílaba [...do...], fonologicamente requerida pela palavra tudo, velocidade de fala variável, voz normal, com pequenas variações de volume relacionadas à entonação, altura passeando por todas as regiões, sem alcançar o pico da região alta

Fonte: Banco de Dados de Neurolingüística (BDN)

Frase 10 [(452) (322)]

SB:	hoje não/ /sei tudo/ /tudo/ /eu sei tudo /.../
pauta	
outras características prosódicas	velocidade de fala variável, voz normal, com pequenas variações de volume relacionadas à entonação, altura mantendo-se nas regiões média e grave

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística (BDN)

11.1.2. Frase da Investigadora

Frase 11 [(396) (289)]

Inv:	demora/ /(<u>tem que</u>) ter paciência
pauta	
outras características prosódicas	presença de uma emissão desvozeada (quase um clique) entre as duas primeiras tônicas, que sugere a presença da expressão [...tem que...], semanticamente requerida pela frase, velocidade de fala variável, voz normal, com pequenas variações de volume relacionadas à entonação

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística (BDN)

11.2. Discussão dos dados

Nesta seção iremos avaliar, primeiro, como se manifestam na entonação de SB os “efeitos emocionais” de que fala a literatura. Em seguida analisaremos os efeitos da afasia na fala de SB sob um ponto de vista prosódico. Finalmente, apresentaremos algumas análises de efeitos de sentido produzidos pela entonação de SB e argumentaremos que estes efeitos são algumas vezes a “porta de entrada” de SB para as modificações cognitivas por que passa, descritas no Capítulo 1.

11.2.1. Efeitos emocionais

As duas primeiras frases de SB foram emitidas em um contexto dialógico caracterizado pela alta carga emocional, num momento em que SB queixa-se de suas dificuldades em falar, [*não, cabeça, eu fico nervosa*] e conta que seu nervosismo vem da descoberta que fez de que sua lesão é resultante de um erro médico [*sabe, eu...*

aprendi tudo, agora que entendi tudo, eu fiquei tão nervosa]. A alta carga emocional parece provocar nas emissões de SB um conjunto de alterações prosódicas identificadas nas análises, das quais gostaria de destacar o que parece um padrão emergente que consiste na limitação do âmbito de altura às regiões média e alta da pauta, com a utilização de apenas dois tons na construção da entonação; na presença de um fenômeno rítmico, que eu chamei “quase uma estereotipia”, caracterizado pela compressão temporal de sílabas (que na primeira frase parece provocar um sandi entonacional) e na alteração da voz neutra através da sobreposição de coloridos tipicamente emocionais (voz chorosa, rangida, tensa). Nas outras frases, não marcadas pela alta carga emocional referida, o padrão “quase estereotipado” desaparece, emergindo um conjunto muito rico de variações entonacionais, com os outros elementos prosódicos variando de forma não sistemática.

11.2.2. *Análise da competência prosódica de SB*⁹⁸

Se avaliarmos o desempenho prosódico de SB a partir da hierarquia prosódica, encontramos dois fenômenos intimamente relacionados: uma relativa integridade do processamento prosódico do nível da frase entonacional para cima, junto com certas “anomalias” fônicas nos níveis inferiores. Examinaremos separadamente cada um deles. Antes porém, façamos um breve resumo dos efeitos esperados da afasia de seleção que acomete SB.

Segundo a literatura afasiológica tradicional, a afasia de Wernicke, ou “fluyente”, tem como características principais a dificuldade de acesso lexical e produção de parafasias de caráter fonológico e semântico. Note-se que estas parafasias são muitas vezes chamadas de “neologismos”. Frequentemente os sujeitos assim afásicos elidem ou “nominalizam” os verbos, substituindo-os pelos nomes ou expressões nominalizadas correspondentes. Aparecem também dificuldades com a produção e o processamento de papéis temáticos do verbo. (Scarpa, 2001a)

Do ponto de vista prosódico, a literatura relata que parâmetros diretamente ligados à entonação, como direção e âmbito da altura, acento e duração costumam estar bem preservados. Por outro lado, estes sujeitos apresentam mais frequentemente uma “tendência” à divisão do enunciado em frases entonacionais menores do que sujeitos não afásicos do grupo controle (Danly, M., Cooper, W. E. & Shapiro, B., 1983 *apud* Scarpa, *op. cit.*). Aparece também uma maior frequência na retomada ou reinício de contornos entonacionais (“F₀ resetting”), especialmente depois de uma fronteira sintática maior. As causas apontadas por Danly, Cooper & Shapiro, seriam: (a) um déficit na programação de unidades lingüísticas; e (b) perda de controle fonatório.

11.2.2.1. A entonação preservada de SB

Os dados aqui analisados apontam para uma entonação pouco ou nada alterada, pela afasia, o que pode ser sustentado pelos seguintes fatos:

1. A riqueza entonacional a de que SB é capaz, utilizando a entonação de forma a produzir vários efeitos de sentidos, como na frase 7 [*hoje... hoje... e... eu sei tudo... eu sei tudo, agora*], em que, na primeira frase [...*eu sei tudo...*] o núcleo ressalta o sentido de “tudo” [...*eu sei tudo...*], enquanto na segunda

⁹⁸ Para esta seção, e as análises que se seguem, o trabalho apoia-se fortemente, embora não exclusivamente, nas análises efetuadas e nas conclusões tiradas por Scarpa (2001a).

frase o núcleo ressalta o sentido de “sei” [...*eu sei tudo...*], recobrando assim duas possibilidades de interpretação da elocução. No primeiro caso temos um foco *amplo*, que inclui toda a frase, enquanto no segundo caso temos um foco *estrito*, que deixa de fora parte da sentença.

2. O recurso, que pode ser visto na frase 3 [*agora ente é, sabe... que... eu sei tudo qui i eu i... sabe, aprendi na cabeça, tudo, sabe*], a elementos fáticos [...*sabe...*] e pausas do tipo (c) como auxílio no planejamento da emissão do discurso, sem que isso implique na elisão das fronteiras dos grupos entonacionais.
3. As emissões desvozeadas nas frases 6 [*não, eu (não) sabia... agora eu fiquei sabendo disso aí... eles contaram*], 8 [*lembrei... antes (e) depois*] e 9 [*tudo... lembrei tu(do), na cabeça*] são prosodicamente marcadas, mantendo o ritmo e a melodia das elocuições. Estas emissões, que poderiam ser interpretadas como resultado da afasia de que SB sofre, são um fenômeno comum na fala de pessoas não afásicas, como pode ser visto na análise da frase 11, da investigadora, que apresenta o mesmo fenômeno e foi inserida aqui à guisa de elemento de controle para esta argumentação.

11.2.2.1.1. A divisão do enunciado em frases entonacionais menores

Parece que o único efeito da afasia na entonação de SB é a maior frequência de divisão do enunciado entonacional a que se referiram Danly, Cooper & Shapiro (1983). Seguramente SB tem dificuldades na seleção e, conseqüentemente, na programação, de “unidades lingüísticas”, mas também parece seguro afirmar que isto não ocorre no nível da entonação, como mostram os itens 1, 2 e 3 acima. Vemos aqui o problema, referido anteriormente, de definir o que é, afinal, uma “unidade lingüística”, já que, no nível do enunciado, a frase entonacional é uma “unidade lingüística”. Somente com um conjunto de regras de especificação de tais “unidades”, como a hierarquia prosódica apresentada, é possível elucidar o que significam os problemas a que se referem os autores. No caso da frase 3, por exemplo, os problemas de seleção lexical de SB são contornados com o recurso aos “sabe” fáticos, como vimos, e este recurso é marcado entonacionalmente justamente através da divisão do enunciado em frases entonacionais menores, o que apresenta uma explicação alternativa, de ordem discursiva, para o efeito mencionado: SB, para atingir objetivos definidos no plano do discurso, utiliza-se dos recursos entonacionais, que domina bem (e sabe que domina), suprindo as dificuldades de seleção e emissão que enfrenta.

Outra evidência de apoio a esta explicação vem de Scarpa (2001a) que, também analisando emissões de SB de um ponto de vista prosódico, observou:

“(...)um número bastante elevado de divisões do enunciado em unidades entonacionais menores, sobretudo quando o verbo - um dos maiores alvos de dificuldade de acesso lexical - está elidido. Os dois exemplos abaixo, (3) e (4) ilustram este caso:

(3) [Sabu (sabado)]₁ [a mulher]₁ // [sopa]₁.

Possível alvo:

[Sábado]₁ [a mulher] ϕ fez sopa ϕ]₁.

(4) [Veio]₁ [pessoal]₁ [sopa]₁ [da escola] (...) [Abraço]₁ [muito]₁.

Alvo possível:

[[Veio] ϕ [o pessoal] ϕ] [da sopa] ϕ]₁ [na escola] ϕ]₁ [[Me abraçaram muito] ϕ]₁.

A autora descreve o recurso utilizado por SB como uma “espécie de *upgrading* de frases fonológicas para frases entonacionais”. Embora não proponha uma explicação para tal *upgrading*, sua análise é compatível com a explicação alternativa que propusemos. De qualquer forma, entendemos que este assunto precisa ser mais investigado para que se possa avançar alguma explicação mais sólida.

11.2.2.2. Problemas nos níveis inferiores

SB certamente apresenta problemas na seleção e emissão de palavras. Genericamente chamados de parafasias, estes problemas, quando analisados prosodicamente, apresentam algumas peculiaridades bastante elucidativas, tanto para o caso de SB quanto mesmo para instâncias teóricas. Das análises efetuadas por Scarpa (2001a) sobre a produção de SB, interessa-nos, além do problema identificado e analisado no item anterior, o problema que a autora chama de “reajustes rítmicos pós-lexicais”.

11.2.2.2.1. Reajustes rítmicos pós-lexicais

Certas produções de SB, classificáveis como parafasias do ponto de vista tradicional, são reinterpretadas por Scarpa como reajustes rítmicos realizados pós-lexicalmente, no nível da frase fonológica, em função de regras que operam neste nível, como a regra de evitação da colisão acentual. Vejamos um exemplo:

(9) O padre (li) gou pra mim.

<.>	*	.	(.)	*	.	*	(.)
<O>	pa	dre	(li)	gou	pra	mim	(.)

Nas palavras da autora:

“Para que o sujeito efetue os ajustes métricos favorecidos pela sua língua, ele teria que saber a métrica original da palavra para processar corretamente a interação entre a palavra e a frase fonológica; isto, é, para “subir” na hierarquia métrica. Como a palavra - e sua estrutura métrica - não estão prontamente disponíveis, uma solução genérica típica de frase fonológica é dada - e não necessariamente uma que seja compatível com a seqüência segmental envolvida. Daí estranhas ressilabificações. Daí pelo menos parte das parafasias e do que se chama, muito equivocadamente, de “neologismos”.

(...) Uma explicação que aponta para estratégias de buscar recursos métricos num nível acima da hierarquia prosódica e, assim, recorrer sempre aos níveis “superiores” do enunciado pode dar conta melhor das duas dificuldades observadas. Recorrer a estruturas prosódicas de níveis superiores, significa que o afásico está sempre recorrendo a traços presentes no enunciado, perto da superfície e do discurso, na falta de recursos estruturais.”

Este recurso a “traços presentes no enunciado, perto da superfície e do discurso”, ou a dispositivos preservados da própria competência lingüística, qualquer que seja o nível em que estes dispositivos se manifestem, parece-nos ser uma das estratégias que SB usa para superar as dificuldades que lhe advém de sua condição afásica.

12. A entonação provocando efeitos de sentido

Nesta seção iremos retomar a análise, efetuada no Capítulo 1, do Excerto 8, do qual foram retiradas as frases analisadas neste Capítulo. Nosso objetivo é mostrar como a entonação de SB intervém no diálogo, produzindo efeitos de sentido que são cruciais para a evolução da interlocução.

12.1. Efeitos de sentido da entonação de SB sobre a interpretação da investigadora

Como vimos no Capítulo 1, a investigadora demora bastante a relacionar a frase-chave de SB, “agora eu sei que eu sei”, com o episódio ocorrido no dia anterior, mesmo depois de SB ter mencionado esta relação várias vezes. Podemos propor algumas explicações, não relacionadas à entonação, para a insistência da investigadora na

interpretação da frase-chave no sentido de um conhecimento sobre si mesma (*sentido 2*), como a ausência de informações sobre o acontecimento do dia anterior e a conseqüente dificuldade de “trocar de enquadre”, ou o interesse da investigadora na melhora de SB que poderia estar na origem de uma tentativa de “forçar” a interpretação que conduziria SB a uma melhora. Estas explicações certamente podem esclarecer um pouco o comportamento da investigadora, entretanto fica difícil explicar a demora em “trocar de enquadre”, já que SB insiste bastante no sentido relacionado ao acontecimento do dia anterior (*sentido 1*), mas apenas depois da dificuldade que enfrenta para interpretar a frase 7 no *sentido 2* é que a investigadora abandona este enquadre e abre caminho para perceber que a frase-chave refere-se ao acontecimento do dia anterior.

Tomemos então um outro caminho: quando analisamos entonacionalmente as falas de SB e, levando em conta o contexto dialógico em que ocorrem, verificamos que as pistas entonacionais que SB fornece, especialmente quanto à definição das fronteiras dos grupos entonacionais e à colocação do núcleo são, no mínimo, ambíguas quanto ao relacionamento entre a frase-chave e os eventos do dia anterior.

Vejamos a frase 2: [/.../sabe, eu:/ /aprendi tudo/ /agora que entendi tudo/ /eu fiquei tão nervosa] mesmo com a entonação apresentando o padrão “quase estereotipado” que indicamos na análise já feita, vemos que as fronteiras dividem o enunciado de tal maneira que [*aprendi tudo*] e [*agora que entendi tudo*] formam as ‘unidades informacionais’ a que nos referimos, unidades nas quais o núcleo, indicativo da maior carga informacional, cai sobre a palavra [*tudo*]. Assim, a interpretação da frase no *sentido 2*, pela investigadora, é favorecida.

Vejamos agora a frase 3: [*agora ente é, sabe/ /que/ /eu sei tudo qui i eu i/ /sabe/ /aprendi na cabeça/ /tudo sabe*] a divisão do enunciado em frases entonacionais curtas, separadas por pausas e pelo elemento fático [*sabe*] e a colocação dos núcleos destas frases em [*tudo*], [*aprendi*] e novamente [*tudo*] reafirmam a carga informacional da frase 2, apoiando novamente o *sentido 2* da interpretação da investigadora. E o mesmo ocorre na frase 4.

Finalmente, quando surge a primeira indicação de que a frase-chave refere-se aos acontecimentos do dia anterior, na frase 5 [*si:m/ /eu sei que eu sei. [++] sabe/ /ontem vieram asmigos meus/.../*] a pausa entre [*eu sei que eu sei*] e [*sabe, ontem vieram asmigos meus*], bem como a diferença de padrão melódico entre as duas frases entonacionais sinalizam para uma mudança no enquadre de SB, como se ela tivesse “mudado de assunto”, favorecendo uma interpretação desconectada das duas frases. Ainda na frase 7 [/.../ hoje/ /hoje/ /e::eu sei tudo [++] eu sei tudo/ /agora], já bastante avançada a interlocução, SB, através da colocação do núcleo, enfatiza [*tudo*] e [*sei*], que estão também no enquadre da investigadora que favorece a interpretação no *sentido 2*. Em suma, é como se SB mantivesse, por meio de escolhas entonacionais, o enquadre da investigadora, criando as dificuldades de entendimento que perpassam por boa parte do episódio e estimulam a investigadora a continuar explorando a frase-chave.

É importante ressaltar, no entanto, que estas operações entonacionais de SB são a manifestação daquele efeito “divisão do enunciado em frases entonacionais menores” discutido no item 11.2.2.1.1 acima. Isso quer dizer que, seja devido às causas apontadas por Danly, Cooper & Shapiro (1983) ou devido a condições de planejamento do discurso, como propusemos, o efeito das divisões entonacionais de SB na manutenção da interpretação da

investigadora foi involuntário e, aparentemente, contrário às suas tentativas de explicar a frase-chave no sentido original em que foi proferida.

12.2. Uma explicação curiosa

O que vemos nesta análise, essencialmente concernente ao fenômeno de focalização a que se refere Cruttenden (1997) é, por parte de SB, uma persistente e involuntária redução do escopo do foco que parece reduzir concomitante e consistentemente as possibilidades interpretativas da investigadora. E, conforme visto, esta redução é resultado de um efeito que a condição afásica de SB provoca no desempenho de sua competência entonacional. O que é curioso, nesta explicação, é que se SB fosse menos ambígua na focalização, e a investigadora tivesse conseguido mudar rapidamente sua interpretação, trocando o enquadre para aceder ao *sentido 1*, é possível que não tivesse insistido no seu enquadre, e talvez SB não tivesse sido conduzida ao limite de sua Zona de Desenvolvimento Proximal e atingido um importante *insight* sobre sua condição, conforme argumentamos no Capítulo 1.

Considerações finais

13. O corte epistemológico

Este trabalho, estudando o caso da paciente SB, buscou explorar alguns caminhos na explicação dos processos de subjetivação na afasia, na tradição dos estudos da área de Neurolinguística do IEL/Unicamp, através da recuperação do conceito de *sujeito psicológico* como uma das várias faces a serem compreendidas no estudo destes processos de subjetivação e enfatizando o estatuto dialógico destes processos.

Começamos, na primeira parte do Capítulo 1, pela explicitação de seu corte epistemológico, delimitando o terreno a ser explorado e apontando os pressupostos e métodos assumidos nesta exploração. Assim, postulamos uma *perspectiva enunciativo-discursiva*, a ser utilizada em um *estudo de caso*, que escolheu como unidade de análise *episódios*, selecionados dos dados obtidos do acompanhamento do sujeito SB pela investigadora MC. Ainda dentro do corte epistemológico, argumentamos pela saúde (ou integridade) afetiva de SB, visando caracterizar o sujeito, mesmo afetado pela afasia, como um participante ativo em seu processo de recuperação.

14. O sujeito que se estranha e o sujeito que se reconhece

Em seguida ao corte epistemológico, ainda no Capítulo 1, abordamos a questão do sujeito psicológico, desenvolvendo um dispositivo conceitual para a análise dos processos de subjetivação que intentava demonstrar a propriedade de abordar a face psicológica do sujeito em uma perspectiva enunciativo-discursiva. Através da releitura dos conceitos de *eu*, *Zona de Desenvolvimento Proximal*, *auto imagem* ou *self*, *enquadre*, *agente* e *operações discursivas*, e resguardando a qualidade *intersubjetiva* ou *dialógica* destes conceitos, construímos o conceito de *sujeito que se estranha*, com o qual buscamos explorar os efeitos da *desestabilização dos limites do eu* produzida pela condição afásica de SB.

Com o aparato conceitual desenvolvido, abordamos os dados, mostrando que a explicação do percurso da (re)construção do sujeito, por SB, permite recuperar a força explicativa do conceito de *sujeito psicológico* para uma perspectiva enunciativo-discursiva sem que seja necessário recorrermos a “intencionalidades psicológicas como dispositivos explanatórios opacos” à Neurolinguística. Os dados parecem mostrar que SB consegue passar de uma condição de *sujeito que se estranha* para uma condição de *sujeito que se reconhece*. Pensamos ter demonstrado que esta passagem é consequência de sua inserção no trabalho linguístico propiciado pelas condições dialógicas criadas pela investigadora, e seu percurso segue um caminho *interpsíquico* → *intrapsíquico*. Nos termos em que construímos nossa reflexão, afirmamos que “SB, ao reconstruir sua auto-imagem incorporando seus problemas de fala, produz um ‘novo eu’, que lhe proporciona um novo quadro, e lhe permite ocupar novamente a posição de agente, conduzindo, na medida do possível, sua própria vida.” Explicar, no entanto, como SB percorreu o caminho que vai do ‘sujeito que se estranha’ ao ‘sujeito que se reconhece’ exigiu abordar dois outros problemas: a anosognosia para afasia e os fenômenos prosódicos emergentes nos dados analisados.

15. Anosognosia e afasia

No Capítulo 2, falamos da anosognosia para afasia que poderia ter acometido SB, e de como é possível construir um modelo e uma visão discursiva da anosognosia para afasia que nos permita explicar porque isso não aconteceu. Começando por uma revisão da literatura sobre anosognosia, ao separar os achados empíricos e os modelos teóricos encontrados, pudemos mostrar que há uma considerável diferença entre os modelos que abordam a anosognosia para problemas motores e a anosognosia para afasia. Seguindo Lebrun (1987) consideramos ser possível postular a existência da anosognosia para afasia. A revisão dos modelos explicativos forneceu-nos a oportunidade de, confrontando e ajustando os mecanismos até então propostos para o fenômeno ao conceito de *sujeito que se estranha*, elaborar um modelo explicativo da anosognosia para afasia vazado em termos compatíveis com uma perspectiva enunciativo-discursiva.

O confronto do modelo elaborado com os dados obtidos no acompanhamento de SB levou-nos a concluir que é justamente em virtude de seu engajamento no trabalho linguístico com a investigadora que SB não manifesta o quadro anosognóstico. No entanto, em vista do fato de que, mesmo depois de ascender do *sujeito que se estranha* ao *sujeito que se reconhece*, SB ainda manifesta uma certa instabilidade na atividade de auto-reconhecimento, argumentamos pela troca da noção de *anosognosia para afasia* pela noção de *estados anosognósticos*, que, permitindo manter as asserções de base da perspectiva enunciativo-discursiva que assumimos neste trabalho, nos parece mais produtiva na análise dos problemas de SB. Finalmente, com base nas análises efetuadas, aventamos a hipótese de que “a ‘anosognosia para afasia’ referida na literatura é antes o resultado da ausência de um trabalho do sujeito com a linguagem, que lhe permitiria (re)construir recursos expressivos e comunicativos, do que um efeito da lesão.”

16. Entonação, sentido e afasia

Finalmente, no Capítulo 3, analisamos um dos episódio enfocados no Capítulo 1, em que mostramos o percurso de SB do *sujeito que se estranha* ao *sujeito que se reconhece*, “na tentativa de mostrar que os aspectos prosódicos da fala de SB ocupam um papel relevante, senão central, tanto nos recursos que mobiliza para superar suas dificuldades, como em alguns momentos da interlocução entre SB e a investigadora, e de como eventos analisáveis neste nível são relevantes na construção da interlocução que cria as condições” para que SB percorra este percurso.

Começamos nossa argumentação pela discussão das propostas teóricas das fonologias não lineares (Selkirk, 1984; Nespor & Vogel, 1986) e da grade métrica (Lieberman & Prince, 1977) para os estudos prosódicos. Em seguida, exploramos algumas maneiras de produzir sentido através da entonação (Cruttenden, 1997). Depois, através da definição de um conjunto de parâmetros prosódicos, propusemos um método descritivo que nos permitiu abordar os acontecimentos prosódicos, ou mais especificamente, entonacionais, da fala de SB que interessam aos nossos propósitos.

Então, usando o método proposto, apresentamos uma análise detalhada de alguns fenômenos prosódicos, especialmente os entonacionais, da fala de SB, que permitiu demonstrar que a competência prosódica de SB

encontra-se inalterada do nível da frase entonacional para os níveis superiores, exceto pelo fato de que apresenta uma clara tendência a dividir o enunciado em frases entoacionais menores. Nos níveis inferiores, por outro lado, utilizando também análises efetuadas por Scarpa (2001a), foi possível demonstrar que uma das estratégias utilizadas por SB para superar os problemas de seleção e emissão lexical, característicos do tipo de afasia que apresenta, é efetuar “reajustes rítmicos pós-lexicais”, recorrendo aos níveis prosódicos preservados para “compensar” as dificuldades de seleção e emissão.

Do ponto de vista da construção do sentido, domínio em que SB consegue alçar-se do *sujeito que se estranha ao sujeito que se reconhece*, afirmamos que os eventos entonacionais são cruciais para explicar este alçamento. Foi possível demonstrar que as peculiaridades do funcionamento prosódico da fala de SB, especialmente a “persistente e involuntária redução do escopo do foco que parece reduzir concomitante e consistentemente as possibilidades interpretativas da investigadora”, foram cruciais na construção das condições dialógicas que criaram condições para o “alçamento” do sujeito SB.

17. Conclusão

Tendo como objetivo original, “recuperando para a Neurolingüística de perspectiva enunciativo-discursiva a face psicológica do sujeito, explorar os caminhos que se pode percorrer na explicação dos processos de subjetivação na afasia enfatizando o estatuto dialógico destes processos”, este trabalho deixou de fora das análises e reflexões aspectos relevantes do caminho percorrido por SB no seu processo de recuperação, como por exemplo as ressonâncias psicanalíticas do acidente por ela sofrido. Acredito que as escolhas feitas, e nem sempre foram escolhas fáceis, permitiram iluminar, numa intensidade difícil de avaliar no calor de sua elaboração, alguma coisa da relação entre a construção de sentidos e a construção da subjetividade. Espero ter contribuído para o progresso do trabalho que vem sendo feito pela área de Neurolingüística do IEL, do qual tive muito orgulho e prazer em participar.

Bibliografia

- ABE JM & PAPAVERO N (1991) *Teoria Intuitiva dos Conjuntos*. São Paulo: Makron-McGraw-Hill. 1991.
- ADAIR JC, SCHWARTZ RL, NA DL, FENNEL E, GILMORE RL & HEILMAN KM (1997) Anosognosia: examining the disconnection hypothesis. *J Neurol Neurosurg Psychiatry* 1997 Dec;63(6):798-800.
- ALTHUSSER L (1974) *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado (notas para uma investigação)*. Lisboa: Presença; São Paulo: Martins Fontes. 1974.
- ALAJOUANINE T & LHERMITE F (1957) Dés anosognosies életives. *Encéphale* 46:505-519.
- ALAJOUANINE T, LHERMITE F, LEDOUX M, RENAUD D & VIGNOLO L (1964) Les composantes phonémiques et sémantiques de la jargon-aphasie. *Revue Neurologique* 110:5-20.
- ANDERSON B (1992) An inside-out theory of attention. *Med Hypotheses* 1992 Nov;39(3):295-301.
- APPEL G & DECHERT HW eds. (1991) *A Case for Psycholinguistics Cases*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 1991.
- ARENDRT RJJ (2000) O desenvolvimento cognitivo do ponto de vista da enação. *Psicol. Reflex. Crit.*, 2000, vol.13 no.2. ISSN 0102-797.
- ARNOLD W (1976) Consciência psicológica II. In ARNOLD, EYSENCK & MEILI (1976).
- ARNOLD W, EYSENCK HJ & MEILI R (1976) *Dicionário de Psicologia*. São Paulo: Loyola. 1982.
- ASCH S (1956) Studies of independence and submission to group pressure: I. A minority of one against a unanimous majority. *Psychol. Monogr.*, 70, n° 416.
- AUSTIN JL (1962) *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press. 1962.
- BAKHTIN/VOLOCHÍNOV (1929) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec. 1981.
- BALIEIRO Jr AP (1999) O sujeito na Neurolingüística: Algumas contribuições. Comunicação apresentada no XLVII Seminário do GEL (27-29/05/1999, Bauru, SP).
- BATESON G (1955a) Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO &

- GARCEZ (1998).
- BATESON G (1955b) Una teoría del juego y de la fantasía. In BATESON (1972).
- BATESON G (1972) *Passos hacia una ecología de la mente - una aproximación revolucionaria a la autocomprensión del hombre*. Buenos Aires: Planeta-Carlos Lohlé. 1992.
- BATESON G (1979) *Mente e Natureza: a unidade necessária*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1986.
- BATESON G, JACKSON DD, HALEY J & WEAKLAND J (1956) Toward a Theory of Schizophrenia. *Behavioral Science*, I: 251-64.
- BENVENISTE E (1966) A natureza dos pronomes. In: DASCAL (1982).
- BENVENISTE E (1989) *Problemas de Linguística Geral*. Vol I. Campinas: Pontes. 1989.
- BENVENISTE E (1989) *Problemas de Linguística Geral*. Vol II. Campinas: Pontes. 1989.
- BERTHIER M, FERNÁNDEZ AM, CELDRAÁN E & KULISEVSKY J (1996) Perceptual and acoustic correlates of affective prosody repetition in transcortical aphasias. *Aphasiology*, vol. 10, no. 7, 711-721.
- BERTI A, LADAVAS E & DELLA CORTE M (1996) Anosognosia for hemiplegia, neglect dyslexia, and drawing neglect: clinical findings and theoretical considerations. *J Int Neuropsychol Soc* 1996 Sep;2(5):426-40.
- BILLIG M (ed.) (1988) *Ideological dilemmas*. London: Sage. in HARRÉ & GILLET (1994).
- BISOL L (org.) (1996a) *Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS. 1996.
- BISOL L (1996b) Constituintes Prosódicos. In BISOL (1996a).
- BLACK KJ (1996) Anosognosia for depressive signs. *Am J Psychiatry* 1996 Feb;153(2):298.
- BRANDÃO HN (1991) *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP. 1991.
- BLANKEN G, DITTMAN J, GRIMM H, MARSHALL J & WALLESCHEW CW (orgs.) (1993) *Linguistic disorders and pathologies. An International Handbook*. Berlin, Walter de Gruyter. 1993.

- BREIER JI, ADAIR JC, GOLD M, FENNEL EB, GILMORE RL e HEILMAN KM (1995) Dissociation of anosognosia for hemiplegia and aphasia during left-hemisphere anesthesia. *Neurology* 1995 Jan;45(1):65-7.
- BRUNER J (1966) *Uma nova teoria da aprendizagem*. Rio de Janeiro: Bloch. 1973.
- BRUNER J (1986) *Realidade Mental, Mundos Possíveis*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.
- BRUNER J (1989) *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.
- BUCHPIEGUEL CA (1996) Neuroimagem Funcional em Neuropsicologia. in NITRINI, CARAMELLI & MANSUR (1996).
- CAGLIARI LC & ABAURRE MBM (1986) Elementos para uma investigação instrumental das relações entre padrões rítmicos e processos fonológicos no português brasileiro. *Cad Est Ling 10*. Campinas: UNICAMP/IEL. 1986.
- CAPRA F (1982) *O ponto de mutação - A ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Círculo do Livro (licenciado pela Cultrix). 1990.
- CASTRO MFP (org.) (1996a) *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp. 1996.
- CASTRO MFP (1996b) Piaget, o método clínico e a linguagem. In CASTRO (1996a).
- CAVALCANTE MCB (1999) *Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê*. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.
- CHOMSKY N (1965) *Aspects of Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press. 1965.
- CHOMSKY N (1968) *Linguagem e pensamento*. Petrópolis: Vozes, 1971. (Perspectivas Lingüísticas, 3).
- CHOMSKY N (1987) *Língua e outros sistemas cognitivos - Sofia I*. (cópia xerográfica da transcrição da conferência). 1987.
- CODE C (1988) *Language, aphasia and the right hemisphere*. Londres, John Wiley and Sons. 1988.
- COLISCHONN G (1996) A Sílabas em Português. In: BISOL (1996).
- COUDRY MIH (1988) *Diário de Narciso - Discurso e afasia*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 1996.
- COUDRY MIH (1995) Neurolingüística e Lingüística. In: DAMASCENO & COUDRY (1995).

- COUDRY MIH (1996) O que é o dado em neurolinguística? In CASTRO (1996a).
- COUDRY MIH (1997) 10 anos de Neurolinguística no IEL. *Cad Est Ling, Campinas*, (32):9-23, jan/jul, 1997.
- COUDRY MIH (1999) Processos de subjetivação e trabalho linguístico. *Estudos Linguísticos XXVIII*, 151-155. 1999.
- COUDRY MIH & MORATO EM (1988) A ação reguladora da interlocução e de operações epilinguísticas sobre objetos linguísticos. *Cad Est Ling, Campinas*, (15):117-135, jul/dez, 1988.
- COUDRY MIH & POSSENTI S (1991) Do que riem os afásicos? *Cad Est Ling, Campinas*, (32):9-23, jul./dez. 1991.
- CRUTTENDEN A (1997) *Intonation.* Cambridge: Cambridge University Press. 1997.
- CRYSTAL D (1969) *Prosodic systems and intonation.* Cambridge, Cambridge University Press. 1969.
- CUTTING J (1978) Study of anosognosia. *J Neurol Neurosurg Psychiatry* 1978 Jun;41(6):548-55.
- DALGALARRONDO P (2000) *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais.* Porto Alegre: Artes Médicas. 2000.
- DAMASCENO B (1995) Neuropsicologia da atividade discursivo-pragmática em sujeitos com lesões frontais. In: DAMASCENO & COUDRY (1995).
- DAMASCENO B (1995) Neuropsicologia e Neurolinguística. *Cad Est Ling, Campinas*, (32):89-94, jan/jul, 1997.
- DAMASCENO B & COUDRY MIH (orgs.) (1995) *Temas em Neuropsicologia e Neurolinguística.* (Série de Neuropsicologia, vol. 4) São Paulo: Tec Art. 1995.
- DAMÁSIO A (1994) *O Erro de Descartes - Emoção, Razão e Cérebro Humano.* São Paulo: Companhia das Letras. 1995.
- DANLY M, COOPER WE & SHAPIRO B (1983) *Fundamental frequency, language processing, and linguistic structure in Wernicke's aphasia.* apud Scarpa (2001a).
- DASCAL M (1982) Introdução. in DASCAL (1982)
- DASCAL, M. (org.) (1982) *Fundamentos Metodológicos da Linguística - Vol. IV - Pragmática - Problemas, críticas, perspectivas da Linguística.* Campinas: Ed. do autor. 1982.

- DE LEMOS CTG (1986) Interacionismo e aquisição de linguagem. DELTA 2 (2):231-248. 1986.
- DEL NERO HS (1997) *O sítio da mente - pensamento, emoção e vontade no cérebro humano*. São Paulo: Collegium Cognitio. 1997.
- DOLLE JM (1974) *Para Compreender Jean Piaget - uma iniciação à Psicologia Genética Piagetiana*. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.
- DUCROT O (1972) *Princípios de Semântica Lingüística - (dizer e não dizer)*. São Paulo: Cultrix. 1977.
- DUCROT O (1984) *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes. 1987.
- ECO U (1987) *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva. 1987.
- ECO U (1993) *Interpretação e Superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes. 1993
- EDWARDS S & BASTIAANSE R (1998) Diversity in the lexical and syntactic abilities of fluent aphasic speakers. Aphasiology, vol. 12, no. 2.
- FELLIZATTI P (1998) *Aspectos fonético-fonológicos da disartria pós-traumática: um estudo de caso*. Dissertação de mestrado inédita. IEL/ UNICAMP.
- FERREIRO E & TEBEROSKY A (1984) *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1991.
- FESTINGER, L (1957) *A Theory of Cognitive Dissonance*. Stanford: Stanford University Press. 1997.
- FEYEREISEN P (1988) Non-verbal communication. In: ROSE C, WHURR R & WYKE M (1988).
- FIGUEIREDO LC (1989) *Matrizes do pensamento psicológico*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes. 1991.
- FISHER CM (1989) Neurologic fragments. II. Remarks on anosognosia, confabulation, memory, and other topics; and an appendix on self-observation. Neurology 1989 Jan;39(1):127-32.
- FOUCAULT M (1969) *A arqueologia do Saber*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1997.
- FOUCAULT M (1970) *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola. 1996.
- FRANCHI C (1977) Linguagem - atividade constitutiva. Almanaque - Cadernos de Literatura e Ensaio. 5:9-27. São Paulo: Brasiliense. 1977.

- FRANCHI C (1988) Prefácio. In: COUDRY (1988).
- FREUD S (s/d) *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Delta. Sem data.
- FREUD S (1900) *Interpretação dos sonhos*. In: FREUD (s/d).
- FREUD S (1917) *Metapsicologia*. In: FREUD (s/d).
- FREUD S (1920) *Mais além do princípio do prazer*. In: FREUD (s/d).
- FREUD S (1977) *A interpretação das afasias*. Lisboa: Edições 70. 1977.
- GADET F & HAK T (orgs.) (1990) *Por uma análise automática do discurso - uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da UNICAMP. 1990.
- GARCIN R, VARAY A & HADJI-DIMO (1938) Document pour servir à l'étude des troubles du schéma corporel. *Revue Neurologique* 69:498-510.
- GARDNER H (1985) *A nova ciência da mente: uma história da revolução cognitiva*. São Paulo: EDUSP. 1995.
- GARDNER H (1983) *Estruturas da Mente - A Teoria das Inteligências Múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 1994.
- GARMAN M (1990) *Psycholinguistics*. Cambridge: Cambridge Press. 1990.
- GARNHAM A (1985) *Psycholinguistics - Central Topics*. London-New York: Routledge. 1994.
- GERALDI JW (1991) *Portos de Passagem*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 1997.
- GHICA-SCHMID F, VAN MELLE G, GUEX P & BOGOUSSLAVSKY J (1999) Subjective experience and behavior in acute stroke: the Lausanne Emotion in Acute Stroke Study. *Neurology* 1999 Jan 1;52(1):22-8.
- GOFFMAN E (1979) Footing. In RIBEIRO & GARCEZ (1998).
- GOLDSTEIN K (1948) *Language and language disturbance*. New York: Grune & Stratton. 1948.
- GRICE HP (1967) Lógica e Conversação. In DASCAL (1982).
- GUIMARÃES E (1995) *Os limites do sentido - um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas: Pontes. 1995.
- HALLIDAY MAK (1973) The tones of English. In JONES & LAVER (orgs.) (1973).
- HARRÉ R & GILLET G (1994) *A Mente Discursiva - Os Avanços na Ciência Cognitiva*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1999.

- HEALTON EB, NAVARRO C, BRESSMAN S & BRUST JC (1982) Subcortical neglect. *Neurology* 1982 Jul;32(7):776-8.
- HEILMAN KM, BARRETT AM & ADAIR JC (1998) Possible mechanisms of anosognosia: a defect in self-awareness. *Philos Trans R Soc Lond B Biol Sci* 1998 Nov 29;353.
- HENRY P (1997) Os fundamentos teóricos da "Análise Automática do Discurso" de Michel Pêcheux (1969). In GADET & HAK (1997).
- JACOME DE (1986) Subcortical prosopagnosia and anosognosia. *Am J Med Sci* 1986 Dec;292(6):386-8.
- JAKOBSON R (1969) Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In JAKOBSON (1981).
- JAKOBSON R (1980) El metalenguaje como problema linguístico. In: JAKOBSON (1988).
- JAKOBSON R (1981) *Lingüística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix. 1981.
- JAKOBSON R (1988) *El Marco del Lenguaje*. México: Fónido de Cultura Económico. 1988.
- JONES WE & LAVER J (orgs.) (1973) *Phonetics in Linguistics. A book of readings*. Oxford: Blackwells. 1973.
- KAUFMAN DM, WEINBERGER M, STRAIN JJ & JACOBS JW (1979) Detection of cognitive deficits by a brief mental status examination: the Cognitive Capacity Screening Examination, a reappraisal and a review. *Gen Hosp Psychiatry* 1979 Sep;1(3):247-55.
- KINSBOURNE M & WARRINGTON E (1963) Jargon aphasia. *Neuropsychologia* 1:27-37.
- KOCH IV (1997) *O Texto e a Construção dos Sentidos*. São Paulo: Contexto. (Caminhos da Lingüística). 1997.
- KRECH D & CRUTCHFIELD R (1958) *Elementos de Psicologia*. 5ª ed. São Paulo: Pioneira. 1974.
- KUHN TS (1970) *The Structure of Scientific Revolutions*. 2ª ed. Aumentada. Chicago: University of Chicago Press. 1970.
- LACAN J (1966) *Ecrits*. Paris: Seuil. 1966.
- LAMPRECHT R (org.) (1999) *Aquisição da Linguagem. Questões e Análises*. Porto Alegre, EDIPUCRS. 1999.

- LAVER J (1980) *The phonetic description of voice quality*. Cambridge: Cambridge University Press. 1980.
- LEBRUN Y, LESSINNES A, DeVRESSE L & LELEUX C (1985) Dysprosody and the non-dominant hemisphere. *Language and Sciences* 1985;7:41-52.
- LEBRUN Y (1983) *Tratado de Afasia*. São Paulo: Panamed. 1983.
- LEBRUN Y (1987) Anosognosia in aphasics. *Cortex* 1987 Jun;23(2):251-63.
- LESSER R & MILROY L (1993) *Linguistics and aphasia*. London: Longman. 1993.
- LIEBERMAN M & PRINCE AS (1977) On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry* 8:249-336, 1977.
- LOPES E (1991) *Fundamentos da Linguística Contemporânea*. São Paulo: Cultrix. 1991.
- LURIA AR (1987) *Pensamento e Linguagem - As últimas conferências de Luria*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1987.
- LURIA AR (1991) *Curso de Psicologia Geral*. Vol. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1991.
- MAINGUENEAU D (1997) *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes/Editora da Unicamp. 3ª edição. 1997.
- MASSINI-CAGLIARI G (1992) *Acento e Ritmo*. São Paulo: Contexto. 1992.
- MASSINI-CAGLIARI G (1999) Sobre o conceito de pé enquanto unidade rítmica: trajetória. In: SCARPA, (1999).
- MILLER GA (1956) The Magical Number Seven, Plus or Minus Two: Some limits on Our Capacity for Processing Information. *Psychological Review*. 63:81-97. 1956.
- MORATO E & FREITAS M (1993) Algumas questões sobre prosódia no contexto neurolingüístico. *Cadernos de Estudos Lingüísticos, IEL/UNICAMP*.
- MORATO EM (1996) *Linguagem e Cognição: As Reflexões de L. S. Vygotsky sobre a Ação Reguladora da Linguagem*. São Paulo: Plexus. 1996.
- MORATO EM (1998a) Coerência: processos cognitivos e interativos. Texto apresentado na ANPOLL - (Campinas/SP).
- MORATO EM & NOVAES PINTO R (1998b) Aspectos enunciativos da jargonafasia. *Estudos Lingüísticos XXVII* 396-401. 1998.
- MORATO EM (1999) Os fenômenos afásicos entre a língua e o discurso: Questões

que se colocam à perspectiva ducrotiana. Texto apresentado em simpósio intitulado "Entre a língua e o discurso: os limites da Semântica e da Pragmática". II Congresso Nacional da ABRALIN (25-27/03/1999, Florianópolis/SC).

MORATO EM et al. (1999) Formas meta-enunciativas nas afasias: da língua ao discurso. Grupo de Trabalho apresentado no XLVII Seminário do GEL (27-29/05/1999, Bauru, SP).

MORATO EM (2000) *Neurolinguística.* In Guimarães & Bentes (2000).

NESPOR M & VOGEL I (1986) *Prosodic phonology.* Dordrecht, Foris Publications. 1986.

NICKELS L & HOWARD D (1999) Effects of lexical stress on aphasic word production. *Clinical Linguistics and Phonetics* 1999 vol. 13, nº 4.

NIELSEN TI (1963) *Volition: a new experimental approach.* *Scand J Psychol* 1963;4:215-230.

NITRINI R, CAMELLI P & MANSUR L (1996) *Neuropsicologia - das bases anatômicas à reabilitação.* São Paulo: Clínica Neurológica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. 1996.

OSAKABE H (1979) *Argumentação e discurso político.* São Paulo: Kairós. 1979.

ORENGO GARCIA F (1990) [Clinical aspects common to conversion symptoms and Anton-Babinski syndrome] [Article in Spanish] *Arch Neurobiol (Madr)* 1990 Sep-Oct;53(5):177-88.

ORLANDI EP (1992) *As formas do silêncio.* Campinas: Editora da Unicamp. 1992.

ORLANDI EP (1996) *Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.* Petrópolis: Vozes. 1996.

PÉCHEUX M & FUCHS C (1975) A propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e Perspectivas. In: GADET & HAK (1990).

Pequeno dicionário Michaelis Inglês-Português/Português-Inglês. São Paulo: Melhoramentos. 1989.

PERLS F (s/d) "Ego, Fome e Agressão", trad. não autorizada de PERLS F yo, *hambre y agresión.* Buenos Aires: Fondo de Cultura.

PRINCE AS (1983) Realting to the grid. *Linguistic Inquiry* 14:19-100, 1983.

PONGRATZ LJ (1976) Consciência psicológica I. In ARNOLD W, EYSENCK HJ & MEILI R (1976).

- POSSENTI S (1988a) *Discurso, Estilo e Subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes. 1993.
- POSSENTI S (1988b) A imposição da leitura pelo texto: casos de humor. *Cad Est Ling, Campinas*, (15):111-116, jul./dez. 1988
- POSSENTI S (1996) O dado dado e o dado dado. In CASTRO (1996).
- POSSENTI S (1998) *Os humores da Língua*. Campinas: Mercado de Letras. 1998
- POSSENTI S (1999) O sujeito e a distância de si e do discurso. *Estudos Lingüísticos XXVIII*, 156-161. 1999.
- POSSENTI S & COUDRY MIH (1991) A relevância de piadas em protocolos de afasia. *Estudos Lingüísticos XX*, 725-732. 1991.
- RAMACHANDRAN VS (1995) Anosognosia in parietal lobe syndrome. *Conscious Cogn* 1995 Mar;4(1):22-51.
- RAMACHANDRAN VS (1996a) What neurological syndromes can tell us about human nature: some lessons from phantom limbs, capgras syndrome, and anosognosia. *Cold Spring Harb Symp Quant Biol* 1996;61:115-34.
- RAMACHANDRAN VS (1996b) The evolutionary biology of self-deception, laughter, dreaming and depression: some clues from anosognosia. *Med Hypotheses* 1996 Nov;47(5):347-62.
- RAMACHANDRAN VS, ROGERS-RAMACHANDRAN D (1996c) Denial of disabilities in anosognosia. *Nature* 1996 Aug 8;382(6591):501.
- RIBEIRO BT & GARCEZ PM (orgs.) (1998a) *Sociolingüística Interacional: Antropologia, Lingüística e Sociologia em Análise do Discurso*. Porto Alegre: AGE.
- RIBEIRO BT & GARCEZ PM (1998b) Apresentação ao texto "Uma teoria sobre brincadeira e fantasia". In: RIBEIRO & GARCEZ (1998a), pp 57-58.
- ROLNIK S (1989) *Cartografia Sentimental - transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade. 1989.
- ROSE C, WHURR R & WYKE M (eds.) (1988) *Aphasia*. Londres: Whurr Publishers. 1988.
- ROSS ED (1988) Language-related functions of the right cerebral hemisphere. In Rose, Whurr & Wyke (1988).
- RUSSEL, B (1921) *Introduction to Mathematical Philosophy*. Londres: George Allen and Unwin. 1921.

- RUSSEL, B (1966) *Nosso conhecimento do mundo exterior: estabelecimento de um campo para estudos sobre o método científico em filosofia*. São Paulo: Editora Nacional. 1966.
- SARING W, PROSIEGEL M & VON CRAMON D (1988) [Anosognosia and anosodiaphoria in brain-damaged patients]. *Nervenarzt* 1988 Mar;59(3):129-37.
- SAUBIDET RO (1988) ¿Que es salud?. *Acta Psiquiatr Psicol Am Lat* 1988 Jun;34(2):109-12.
- SCARPA EM (1988) Desenvolvimento da intonação e a organização da fala inicial. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 1988, 14. Campinas: UNICAMP.
- SCARPA EM (1996a) Duas marginalidades e falsas expectativas na aquisição da prosódia. In CASTRO (1996).
- SCARPA EM (1996b) Sobre o sujeito fluente. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 1996, 29.
- SCARPA EM (1997) Learning External Sandhi. Evidence for a Top-Down Hypothesis of Prosodic Acquisition. In Sorace, Heycock & Shillcock (1997).
- SCARPA EM (1999a) Interface entre componentes e a questão da representação na aquisição da prosódia. In LAMPRECHT (1999).
- SCARPA EM (1999b). Sons preenchedores e guardadores de lugar: relações entre fatos sintáticos e prosódicos na aquisição da linguagem. In Scarpa (1999c).
- SCARPA E (1999c) *Estudos de Prosódia*. Campinas: Unicamp. 1999.
- SCARPA E (2001a) Dificuldades prosódicas em sujeitos cérebro-lesados. Revista ALFA - UNESP/Assis. no prelo.
- SCARPA E (2001b) O recurso a níveis prosódicos superiores na aquisição e na afasia. PaLavra n° 6. PUC Rio.
- SCHACTER DL (1990) Toward a cognitive neuropsychology of awareness: implicit knowledge and anosognosia. *J Clin Exp Neuropsychol* 1990 Jan;12(1):155-78.
- SELKIRK, E (1984) *Phonology and syntax. The relation between sound and structure*. Cambridge, Mass.: M.I.T. Press. 1984.
- SHAH I (1977) *Os sufis*. São Paulo: Cultrix. 1987.
- SHIPLEY-BROWN, DINGWALL, BERLIN, YENI-KOMSHIAN & GORDON-SALANT (1988) Hemispheric processing of affective and linguistic intonation contours in normal subjects. *Brain and Language*, 33, 16-26.

- SHUREN JE, HAMMOND CS, MAHER LM, ROTH I LJ & HEILMAN KM (1995) Attention and anosognosia: the case of a jargonaphasic patient with unawareness of language deficit. *Neurology* 1995 Feb;45(2):376-8.
- SORACE A, HEYCOCK C & SHILLCOCK R (orgs) (1997) *Proceedings of GALA '97 Conference on Language Acquisition and Knowledge Representation*. Edimburgo, Escócia. 1997.
- STAM R (1992) *Bakhtin - da teoria literária à cultura de massa*. São Paulo: Ática. (Temas). 1992.
- SARKSTEIN SE, BERTHIER ML, FEDOROFF P, PRICE TR & ROBINSON RG (1990) Anosognosia and major depression in 2 patients with cerebrovascular lesions. *Neurology* 1990 Sep;40(9):1380-2.
- STARKSTEIN SE, FEDOROFF JP, PRICE TR, LEIGUARDA R & ROBINSON RG (1992) Anosognosia in patients with cerebrovascular lesions. A study of causative factors. *Stroke* 1992 Oct;23(10):1446-53.
- STARKESTEIN SE, FEDOROFF JP, PRICE TR, LEIGUARDA RC & ROBINSON RG (1994) Neuropsychological and neuroradiologic correlates of emotional prosody comprehension. *Neurology* 1994 Mar;44(3 Pt 1):515-22.
- STONE SP, HALLIGAN PW & GREENWOOD RJ (1993) The incidence of neglect phenomena and related disorders in patients with an acute right or left hemisphere stroke. *Age Ageing* 1993 Jan;22(1):46-52.
- VAN BOGAERT L (1934) Sur la pathologie de l'image de soi. *Annales Médico-psychologiques* (14e série) 92:519-555;714-1759. 1934.
- VAN DIJK TA (1992) *Cognição, Discurso e Interação*. Apresentação e organização de Ingedore Villaça Koch. São Paulo: Contexto. 1992. (Caminhos da Lingüística). 1992.
- VYGOTSKY LS (1982) *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes. 1996.
- VYGOTSKY LS (1991a) *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes. 1991.
- VYGOTSKY LS (1991b) *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes. 1991.
- WALLERSTEIN RS (1995) *A cura pela fala - as psicanálises e as psicoterapias*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1998.
- WEINSTEIN EA & KAHN R (1952) Nonaphasic misnaming (paraphasia) in organic brain disease. *Arch Neurol Psych* 64:772.

- WEINSTEIN EA & KAHN R (1955) *Denial of illness: symbolic and physiological aspects*. Springfield, IL: Charles C Thomas. 1955.
- WERNIGE D (1993) *Disorders of prosody in aphasia*. In: BLANKEN et al. (1993).
- WHITEHEAD AN & RUSSEL B (1910) *Principia Mathematica*. Londres: Cambridge University Press. 1910.
- WHORF BL (1956) *Language, Thought and Reality: Selected Papers of Benjamin Lee Whorf*. ed. J. B. Carroll. Cambridge, MA: MIT Press. 1964.
- WITTGEINSTEIN, L (1958) *Investigações Filosóficas*. Petrópolis: Vozes. 1996.
- YAGUELLO M (1981) Introdução. In: BAKHTIN/VOLOCHÍNOV (1929).
- ZANGWILL O (1964) In: DE REUCK A, O'CONNOR M (eds.) *Disorders of language*. London: Churchill. pp. 122-139.

ANEXOS

Anexo 1 - Conjunto total de dados

Observações sobre a metodologia de transcrição:

1. *A transcrição foi feita através da audição de duas fitas, numeradas Fita 1 e Fita 2, contendo gravações de interlocuções ocorridas entre a Investigadora e SB durante o acompanhamento longitudinal, feito entre Junho e Outubro de 1997.*
2. *Foi obedecida a metodologia desenvolvida para o Banco de Dados de Neurolinguística (BDN) do Laboratório de Neurolinguística do Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp, a cujo acervo pertencem os dados. Os dados são apresentados em uma tabela de três colunas:*
 - *Sigla do Locutor – que identifica o locutor da emissão transcrita em uma dada linha através de suas iniciais. As siglas dos investigadores são sempre precedidas de I, como em [Imc:] que identifica a investigadora Maria Irma Hadler Coudry.*
 - *Transcrição – que traz a transcrição dos enunciados. Note-se que, quando o enunciado é muito longo, excedendo a largura da coluna, a transcrição continua na linha seguinte, identificada pelas iniciais do mesmo locutor.*
 - *Observação sobre as condições de produção do enunciado – que traz observações sobre aspectos relativos às condições de produção do enunciado que são relevantes para o entendimento do mesmo. Nos trechos que são utilizados no corpo do trabalho, esta coluna foi utilizada para observações de caráter analítico concernentes ao desenvolvimento do trabalho.*
3. *As emissões, seja de SB seja da investigadora, cuja compreensão apresentava dificuldades foram grafadas conforme foram entendidas. Estas emissões estão em itálico, entre parênteses (). No caso de palavras grafadas como se fossem palavras correntes do vernáculo, estamos frente a hipóteses do transcritor que parecem se ajustar à emissão. No caso de palavras que parecem não pertencer ao vernáculo, estamos frente a emissões que podem ser classificadas como parafasias de SB. Nos casos em que não foi possível compreender o que foi dito, o trecho encontra-se entre chaves { }, identificado como ininteligível.*
4. *Para garantir o sigilo, os nomes que aparecem na enunciação foram grafados mantendo-se a inicial maiúscula, seguida de “x”, tantos quantos fossem as letras do nome original.*
5. *Os episódios selecionados foram titulados excertos, e numerados segundo a ordem cronológica de sua gravação.*
6. *Os títulos dos episódios estão seguidos de:*
 - *dois números entre chaves [], que representam a posição aproximada do contador de voltas do gravador no início e no fim do episódio transcrito, tendo sido o contador zerado no início da fita;*
 - *a indicação da Fita de origem do episódio, do lado transcrito e da data da sessão transcrita.*

Excerto 1 [000 a 077]

Transcrito da Fita 1, lado A, sessão de 02/06/97

	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
			RECORTE
1.	Imc:	que dia é hoje Sxxxxx?	
2.	SB:	é junho, junho, junho	
3.	Imc:	que dia?	
4.	SB:	é, hoje? é dia dois de (junio)	
5.	Imc:	você falou juneiro a primeira vez	
6.	SB:	não, é junho	
7.	Imc:	junho	
8.	SB:	é que às vezes... pra fala assim (nhu... ju... ju... juni...)	
9.	SB:	(junia... junho...) junho	
10.	Imc:	junho	
11.	SB:	junho	
12.	Imc:	junho. Em que mês que você faz aniversário?	
13.	SB:	é? é (miniversário) é dia ô novembro	
14.	Imc:	novembro	
15.	SB:	(quato de de janei...) não de novembro, é novembro	
16.	Imc:	quatro de novembro	
17.	SB:	nove (dja) dia ô é dia ô	
18.	Imc:	dia?	
19.	SB:	(quato de de jane.) não... é... é... (fo, fo, fo, fonêis) não é	
20.	SB:	(janei) é a (miasfe...) a férias	
21.	Imc:	não	
22.	SB:	a férias, é meu aniversário, (novento)	
23.	Imc:	novembro, dia quatro, quatro?	
24.	SB:	quatro, dia quatro	
25.	Imc:	e o Mxxxxx?	
26.	SB:	ele é dois de (mar...) de dezembro	
27.	Imc:	dois de dezembro	
28.	SB:	dezembro... dezembro... (dezem...)	
29.	Imc:	e os meninos?	
30.	SB:	o a Vxxx é (jan... no, no, nova) é de... (í a) ela é de	
31.	SB:	(jan... é fever... nu... abr...) a Vxxx... o Cxxxxxx é	
32.	SB:	março e a Vxxx é... é... ela é agora aqui... é... é...	
33.	SB:	(persprtrinvai... jane...) é... a menina... é...	
34.	Imc:	nós vamos julho, agosto...	
35.	SB:	(aruzo a... a... a... novembr...) não, (ajei...) espera aí,	
36.	SB:	eu sei sim, é assim a Vxxx, aliás (janei...)	
37.	SB:	a Vxxx é novembro, novembro, novembro, (jan...)	
38.	SB:	novembro, (dejino) é... janeiro, (nã...)	

39.	<i>Imc:</i>	a Vxxx é de janeiro?...	
40.	<i>SB:</i>	não	
41.	<i>Imc:</i>	fevereiro?... março?...	
42.	<i>SB:</i>	espera... espera a Vxxx, não, a Vxxx vai	
43.	<i>SB:</i>	(fê, feza, fe, não fi feza pe) espera aí... (novemb...) não	
44.	<i>SB:</i>	o (Cxxxxxxxx) é janeiro, e a Vxxx é antes, é... é...	
45.	<i>Imc:</i>	dezembro?	
46.	<i>SB:</i>	não, depois	
47.	<i>Imc:</i>	fevereiro?... março?... abril?...	
48.	<i>SB:</i>	não é antes, agora... agora, março... março... março...	
49.	<i>Imc:</i>	março, a Vxxx é de março	
50.	<i>SB:</i>	março, fala de novo {ininteligível}	
51.	<i>Imc:</i>	fevereiro	
52.	<i>SB:</i>	março, março,	
53.	<i>Imc:</i>	que dia?	
54.	<i>SB:</i>	então é (agost...) é nas férias dela	
55.	<i>Imc:</i>	férias?	
56.	<i>SB:</i>	é aniversário da Vxx, da (mé...)	
57.	<i>Imc:</i>	aniversário, aniversário da Vxxx...	(tosse)
58.	<i>Imc:</i>	bom...	
59.	<i>SB:</i>	o... o dente (tamém,) o... a moça colocou, (seabe,)	
60.	<i>SB:</i>	aquele (negóciameinss... ssi) mexeu... tá (mexen... anh,)	
61.	<i>SB:</i>	eu achei que ela tem (quev) grande eu (vô) vai fazer	
62.	<i>SB:</i>	(não) pode o médico (acharo) melhor (não)	
63.	<i>Imc:</i>	não fazê tudo	
64.	<i>SB:</i>	não (nu am não precis mexero é pur casu du)	
65.	<i>SB:</i>	que foi a... a (zenia) aquele (co...) que põe no (den...)	
66.	<i>Imc:</i>	anestesia?	
67.	<i>SB:</i>	sim! eles é o (médi) não sei mas eu acho que (noá...)	
68.	<i>SB:</i>	então, (anh...) ela assim eu acho assim que, achando que	
69.	<i>SB:</i>	ela foi na (anh...) agora um (dentin) vai olha vai mexer	
70.	<i>SB:</i>	com ela já (mexô) umas duas vezes mas (não fideli)	
71.	<i>Imc:</i>	é o seu dente né?	
72.	<i>SB:</i>	sim, (mai cortaro na ope) quando eu fiquei doente,	
73.	<i>SB:</i>	(anh...) machucaram eu	
74.	<i>Imc:</i>	na gengiva	
75.	<i>SB:</i>	é! Bastante... é bastante... então eu achei que está um	
76.	<i>SB:</i>	pouco assim pra falar é até um pouquinho (pê...)	
77.	<i>Imc:</i>	aberto!	
78.	<i>SB:</i>	mas ela (va) arrumar... (vá já mexô já mexô) tudo	

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística (BDN)

Excerto 2 [156 a 185]

Transcrito da Fita 1, lado A, sessão de 02/06/97

	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
			RECORTE
1.	<i>Imc:</i>	ô Sxxxxx, se você for, você, se você for dizer o nome,	
2.	<i>Imc:</i>	como é que chama isso? como é que é o nome desse	
3.	<i>Imc:</i>	objeto?	mostra uma caneta
4.	<i>SB:</i>	... ta { <i>ininteligível</i> } ... às vezes não é... (<i>nu...</i>)	
5.	<i>SB:</i>	esqueço na hora	
6.	<i>Imc:</i>	ca, ca	
7.	<i>SB:</i>	(<i>ta</i>)	
8.	<i>Imc:</i>	ca	
9.	<i>SB:</i>	(<i>ta</i>)	
10.	<i>Imc:</i>	não é tá, é ca	
11.	<i>SB:</i>	(<i>ta, ta</i>)	
12.	<i>Imc:</i>	não, ca, ca, ca, lá atrás o som, ó, ca	
13.	<i>SB:</i>	não escuto, (<i>pa, pa</i>)	
14.	<i>Imc:</i>	você não escuta, né?	
15.	<i>SB:</i>	não escuto	
16.	<i>Imc:</i>	é, eu sei, você não percebe o som, né?	
17.	<i>SB:</i>	não, não sei	
18.	<i>Imc:</i>	e se eu escrever pra você, melhora?	(pausa, aprox. 4 segundos)
19.	<i>Imc:</i>	Assim, ó	
20.	<i>SB:</i>	(<i>ca-te-ta</i>)	escandindo e enfatizando as sílabas
21.	<i>Imc:</i>	como?	
22.	<i>SB:</i>	(<i>ca te te</i>)	escandindo e enfatizando as sílabas
23.	<i>Imc:</i>	não é te, é ne, ne	
24.	<i>SB:</i>	(<i>cate</i>)	
25.	<i>Imc:</i>	ne, é ne, ne, ne, ne	
26.	<i>SB:</i>	<i>te ta</i>	
27.	<i>Imc:</i>	não, ne, olha minha língua, ó ne ne ne ne ne ne	
28.	<i>SB:</i>	<i>ca ne ca</i>	
29.	<i>Imc:</i>	caneta	
30.	<i>SB:</i>	(<i>catete, catetaga, ca catepra</i>), às vezes assim eu não...	
31.	<i>Imc:</i>	você não quer por os óculos	
32.	<i>SB:</i>	não, não adianta me não não é mesmo { <i>ininteligível</i> }	
33.	<i>Imc:</i>	{ <i>ininteligível</i> }	
34.	<i>SB:</i>	é de <i>onti</i> , aqui ó <i>neta, neta</i>	
35.	<i>Imc:</i>	caneta	
36.	<i>SB:</i>	<i>ca ce pa</i>	
37.	<i>Imc:</i>	esse aqui você está com dificuldade	
38.	<i>SB:</i>	sim eu não... não...	

39.	<i>Imc:</i>	esse aqui, ó tem esse aqui que está difícil, ó: caneta	
40.	<i>SB:</i>	caneta, <i>canepa</i> eu quero falá, entende, mas	
41.	<i>Imc:</i>	não sai,	
42.	<i>SB:</i>	não { <i>ininteligível</i> }	
43.	<i>Imc:</i>	sai outra coisa	
44.	<i>SB:</i>	entende, mmm...	
45.	<i>Imc:</i>	sai outra coisa	

Fonte: Banco de Dados de Neurolingüística (BDN)

Excerto 3 [207 a 243]

Transcrito da Fita 1, lado A, sessão de 02/06/97

	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
			RECORTE
1.	<i>Imc:</i>	você percebe que você acerta?	
2.	<i>Imc:</i>	quando você fala certo você percebe?	
3.	<i>SB:</i>	(<i>ovo, oço</i>), tem coisa eu (<i>aço</i>),	
4.	<i>SB:</i>	(<i>ovi eu ovo, eu ovo, eu si escuto</i>) caneta, caneta	
5.	<i>Imc:</i>	hum hum... ouvir você ouve. qual é a sua dificuldade?	
6.	<i>Imc:</i>	você ouve mas você não consegue... que que acontece,	
7.	<i>Imc:</i>	me explica um pouco, quando eu falo assim,	
8.	<i>Imc:</i>	por exemplo a palavra porta retrato	
9.	<i>SB:</i>	(<i>capeta</i>), e, é, eu falo (<i>caveta</i>)	
10.	<i>Imc:</i>	gaveta, você fala outra coisa	
11.	<i>SB:</i>	eu falo a primeira, eu fiz muitas vezes...	pausa curta
12.	<i>SB:</i>	ouvir está difícil pra mim	
13.	<i>Imc:</i>	está difícil pra perceber o som	
14.	<i>SB:</i>	sim	
15.	<i>Imc:</i>	é isso que eu quero entender, eu preciso entender isso	
16.	<i>Imc:</i>	pra poder te ajudar, né? Então eu falo	
17.	<i>Imc:</i>	porta retrato e você fala gaveta, por exemplo,	
18.	<i>Imc:</i>	não tem nada a ver uma coisa com a outra, certo?	
19.	<i>SB:</i>	sim, (<i>num</i>)	
20.	<i>Imc:</i>	porque você fala gaveta,	
21.	<i>Imc:</i>	me explica um pouquinho pra eu entender,	
22.	<i>Imc:</i>	quer dizer, eu falo Sxxxxx, repete comigo revista	
23.	<i>SB:</i>	gaveta	
24.	<i>Imc:</i>	e você fala gaveta, quer dizer,	
25.	<i>Imc:</i>	não tem nada a ver revista com gaveta	
26.	<i>SB:</i>	porque ô...	
27.	<i>Imc:</i>	porque que você repete? que que passa na tua cabeça?	
28.	<i>Imc:</i>	ou vem uma palavra assim	
29.	<i>Imc:</i>	de repente você fala e não sabe nem que falou, é isso?	
30.	<i>Imc:</i>	porque que você falou gaveta?	
31.	<i>SB:</i>	(<i>gazeta... ga...</i>) gaveta	
32.	<i>Imc:</i>	gaveta	
33.	<i>SB:</i>	gaveta	
34.	<i>Imc:</i>	por que veio na sua cabeça essa palavra?	
35.	<i>Imc:</i>	você não controla, é isso?	
36.	<i>SB:</i>	talvez, tenha também, mas <i>nhã</i> ...	
37.	<i>SB:</i>	e mesmo que eu penso falei... falo outra...	
38.	<i>Imc:</i>	ah! você pensa que fala uma e fala outra... ah... entendi,	

39.	<i>Imc:</i>	você quer falar porta retrato e fala gaveta, é isso?	
40.	<i>SB:</i>	sim, às vezes passa assim ó... não falo aquilo assim	
41.	<i>SB:</i>	talvez não sei só esse então eu falo daquele, entende?	
42.	<i>SB:</i>	é fala esse é o novo eu falo é	
43.	<i>Imc:</i>	outra coisa que tá perto	
44.	<i>SB:</i>	sim é que eu <i>seio</i> eu falo mas outra eu não fala assim	
45.	<i>SB:</i>	é na fala eu (<i>dispio, anh...</i>)	

Fonte: Banco de Dados de Neurolingüística (BDN)

Excerto 4 [174 a 196]

Transcrito da Fita 1, lado B, sessão de 02/06/97

	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
			RECORTE
1.	SB:	óculos, óculos	
2.	Imc:	chama óculos, isso, certinho... certinho...	
3.	SB:	(<i>imismaeta</i>)	
4.	Imc:	como é que chama esse objeto aí, hum?	
5.	SB:	(<i>eid é dé tutcut cussuguru ô deinidabi cumequiprica</i>)	
6.	SB:	o carro, a gente (<i>strimpa</i>) o carro pra por	
7.	Imc:	isso	
8.	SB:	põe no carro	
9.	Imc:	o carro, exatamente	
10.	SB:	(<i>hum hum hum</i>)	
11.	Imc:	ch... chchchchchchchchch... cha...	
12.	SB:	(<i>ce aga siaga siatada</i>) como fala (<i>shrā</i>)	
13.	SB:	esqueci como fala a chave, chave	
14.	Imc:	esqueci como fala chave,	
15.	Imc:	você viu o que o que você falou?	
16.	SB:	(<i>hum?</i>)	
17.	Imc:	você viu o que você falou? eu esqueci como fala a chave	
18.	SB:	é?	
19.	Imc:	é!	
20.	SB:	{ <i>ininteligível</i> }	((ri))
21.	Imc:	Sxxxxx, se cuide, Sxxxxx	((ri))
22.	SB:		((ri))
23.			[ruído do gravador sendo religado]
24.	Imc:	viu Sxxxxx, você falou: esqueci como fala a chave,	
25.	Imc:	você escutou no gravador,	
26.	SB:	hã	
27.	Imc:	quando eu voltei? escutou? escutou?	
28.	SB:	hã hã, falei... que coisa né?	

Fonte: Banco de Dados de Neurolingüística (BDN)

Excerto 5 [221 a 259]

Transcrito da Fita 1, lado B, sessão de 02/06/97

	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
			RECORTE
1.	<i>Imc:</i>	você sabe... você sabe cantar, Sxxxxx?	
2.	<i>SB:</i>	dançar?	
3.	<i>Imc:</i>	cantar	
4.	<i>SB:</i>	candar? candar?	
5.	<i>Imc:</i>	cantar! cantar!	
6.	<i>SB:</i>	ah é, (<i>nonfeia</i>)	
7.	<i>Imc:</i>	você canta (<i>ou</i>) não?	
8.	<i>SB:</i>	(<i>hum</i>)	
9.	<i>Imc:</i>	não?	
10.	<i>SB:</i>	não... eu não gosto... não sei...	((ri))
11.	<i>SB:</i>	eu (<i>can eeee.. candej.</i>) nada não	
12.	<i>Imc:</i>	não?	
13.	<i>SB:</i>	eu não, mas eu fico lá... uma música, gozado (<i>nem mó</i>)	((ri))
14.	<i>SB:</i>	eu não tenho mais o negócio de... gosto, e tudo, mas...	
15.	<i>SB:</i>	hã... não sou de cantar	
16.	<i>Imc:</i>	não	
17.	<i>SB:</i>	(<i>não</i>), gozado isso, né?	
18.			[pausa grande, aprox. 8 segundos]
19.	<i>SB:</i>	muito de falar..	((ri))
20.	<i>Imc:</i>	que? você gosta de falar, né?	
21.	<i>SB:</i>	ai meu deus do céu, viu	((gargalha))
22.	<i>Imc:</i>	você gosta é de falar	
23.	<i>SB:</i>	ah, o médico (<i>mivissiva</i>) louca comigo, viu (<i>vou</i>) falar,	((ri))
24.	<i>SB:</i>	porque eu gosto de falar você vai ver	((gargalha))
25.	<i>Imc:</i>	você gosta... ai Sxxxxx	
26.	<i>SB:</i>	já pensou o quanto que eu vou falar? eu vou deixar (<i>vé</i>)	((gargalha))
27.	<i>SB:</i>	você louca, você vai cansar, vai ficar louca comigo	
28.	<i>Imc:</i>	você vai me deixar maluquinha...	
29.	<i>SB:</i>		((gargalha))
30.	<i>Imc:</i>	hein Sxxxxx?	
31.	<i>SB:</i>	ai meu deus... mas eu gosto de falar...	
32.	<i>SB:</i>	e fica porque eu (<i>someisoa</i>) o mesmo (<i>que</i>) eu (<i>tôlisti</i>)	
33.	<i>SB:</i>	(<i>eutoper mas falio... eu pas</i>)	
34.	<i>Imc:</i>	não entendi o que você falou, espera aí	
35.	<i>SB:</i>	é... digo assim que às vezes eu... muito (<i>tiste</i>) na eu	
36.	<i>SB:</i>	mas eu (<i>a mês</i>) que eu (<i>tiste</i>) mas ao (<i>a a</i>) mesmo (<i>fit</i>)	
37.	<i>Imc:</i>	tempo, ao mesmo tempo	
38.	<i>SB:</i>	é, fico (<i>ife... lis</i>)	

39.	<i>Imc:</i>	alegre, feliz
40.	<i>SB:</i>	é, eu procuro, é...
41.	<i>Imc:</i>	porque você está falando... está conseguindo falar...
42.	<i>SB:</i>	é (<i>gosfassá</i>) é... então fico (<i>rid</i>) eu dou, fico dou risada,
43.	<i>SB:</i>	eu falo muito: eu vou falar, se deus quiser,
44.	<i>SB:</i>	eu tem muita esperança de ficar (<i>pqueigode</i>), né?
45.	<i>Imc:</i>	claro, claro, claro
46.	<i>SB:</i>	então (<i>eu</i>) fico alegre, você fala, eu não fico triste, eu sei
47.	<i>SB:</i>	eu (<i>ve</i>) eu (<i>vei</i>) contente né, aqui com você pra apren...
48.	<i>SB:</i>	é, gosto
49.	<i>Imc:</i>	é, porque eu tenho que explicar pra você
50.	<i>Imc:</i>	qual é o problema pra você poder montar pra,
51.	<i>Imc:</i>	pra ultrapassar, pra ultrapassar
52.	<i>SB:</i>	então, ir falando pra..., então, se deus quiser, né?
53.	<i>SB:</i>	se deus quiser
54.	<i>Imc:</i>	então, nesta semana, Sxxxxx, nesta semana
55.	<i>Imc:</i>	que está começando, tenta fazer isso, na sua casa
56.	<i>SB:</i>	eu vou (<i>ajudarb</i>), vou procurar...

Fonte: Banco de Dados de Neurolingüística (BDN)

Excerto 6 [310 a 338]

Transcrito da Fita 1, lado B, sessão de 09/06/97

	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
			RECORTE
1.	<i>Imc:</i>	Sxxxxx, 9 de junho de 97... Sxxxxx, você gosta do frio?	
2.	<i>SB:</i>	com frio?	
3.	<i>Imc:</i>	é	
4.	<i>SB:</i>	sim, muito	
5.	<i>Imc:</i>	você gosta? gosta de ca	
6.	<i>SB:</i>	ta quente	
7.	<i>Imc:</i>	ta muito quente?	
8.	<i>SB:</i>	está... com frio, com frio,	
9.	<i>Imc:</i>	com frio?	
10.	<i>SB:</i>	com frio	
11.	<i>Imc:</i>	você gosta mais de frio do que de calor?	
12.	<i>SB:</i>	ahn, com	
13.	<i>Imc:</i>	que que você prefere, o frio ou o calor?	
14.	<i>SB:</i>	com frio, frio	
15.	<i>Imc:</i>	você gosta mais do frio?	
16.	<i>SB:</i>	sim, gosta (<i>mui</i>) frio	
17.	<i>Imc:</i>	não gosta de sol, calor, piscina	
18.	<i>SB:</i>	gosto, mas no calor, né, no calor	
19.	<i>Imc:</i>	mas eu te fiz uma pergunta: qual você prefere,	
20.	<i>Imc:</i>	o frio ou o calor?	
21.	<i>SB:</i>	agora é com frio	
22.	<i>Imc:</i>	sim, agora está frio, mas eu quero saber	
23.	<i>Imc:</i>	a sua preferência, que que você gosta mais,	
24.	<i>Imc:</i>	de frio ou de calor?	
25.	<i>SB:</i>	agora, então...	
26.	<i>Imc:</i>	não, não agora, em geral...	
27.	<i>Imc:</i>	ahn	
28.	<i>Imc:</i>	que que você gosta mais, se tivesse que optar	
29.	<i>SB:</i>	agora é com frio, eu estou com frio	
30.	<i>Imc:</i>	sim	
31.	<i>SB:</i>	(<i>tonalor no vor</i>)	
32.	<i>Imc:</i>	não, mas o que eu te perguntei foi assim, você tem...	ruídos
33.	<i>Imc:</i>	você tem várias estações do ano, não tem?	
34.	<i>SB:</i>	é, no frio	
35.	<i>Imc:</i>	são várias estações?	
36.	<i>SB:</i>	hum é, Julho, você está falando, assim de Julho, Julho	
37.	<i>Imc:</i>	não, eu estou falando qual você gosta mais?	
38.	<i>SB:</i>	hoje	

39.	<i>Imc:</i>	não, não hoje... qual que é a sua preferência, você gosta
40.	<i>Imc:</i>	mais de verão... gostar mais, que que você gosta mais?
41.	<i>SB:</i>	de calor
42.	<i>Imc:</i>	é, de calor ou de frio
43.	<i>SB:</i>	agora eu estou frio, mas (<i>sem o si o sa</i>) calor
44.	<i>Imc:</i>	não, eu sei que agora é frio Sxxxxx, mas eu quero saber
45.	<i>Imc:</i>	qual que você prefere... qual que você prefere?
46.	<i>SB:</i>	calor
47.	<i>Imc:</i>	calor, você prefere o calor
48.	<i>SB:</i>	calor
49.	<i>Imc:</i>	você se sente melhor...
50.	<i>SB:</i>	mais, gosto
51.	<i>Imc:</i>	você gosta mais?
52.	<i>SB:</i>	gosto, eu gosto
53.	<i>Imc:</i>	mais do calor?
54.	<i>SB:</i>	gosto
55.	<i>Imc:</i>	hum hum...

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística (BDN)

Excerto 7 [376 a 431]

Transcrito da Fita 1, lado B, sessão de 09/06/97

	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
			RECORTE
1.	<i>Imc:</i>	você conhece esse moço bonito, aqui?	mostrando a revista Veja
2.	<i>SB:</i>	(<i>hum, siemes, han</i>) eu queria (<i>han... esse</i>) ele...	
3.	<i>SB:</i>	eu fui ele... foi (<i>iverossumo</i>)	
4.	<i>Imc:</i>	hum?	
5.	<i>SB:</i>	eu conheço ele	
6.	<i>Imc:</i>	você sabe o que que ele faz?	
7.	<i>SB:</i>	sim, ele... eu vi no Estados (<i>zu</i>) no, no, num lugar,	
8.	<i>SB:</i>	(<i>ma</i>) mas eu si { <i>incompreensível</i> }	
9.	<i>Imc:</i>	você sabe o que ele faz?	interrompendo <i>SB</i> . retoma a pergunta
10.	<i>SB:</i>	sim, ele faz esse é... canta, ele, é (<i>discuta</i>),	
11.	<i>SB:</i>	lá ele (<i>fe</i>) ele fez um monte de coisa, han, ele faz é...	
12.	<i>Imc:</i>	má..	interrompendo <i>SB</i> . fornece o <i>prompting</i>
13.	<i>SB:</i>	(<i>age, age, agência</i>)	sobreposição de vozes
14.	<i>Imc:</i>	ma – gi...	expandindo o <i>prompting</i>
15.	<i>SB:</i>	(<i>maga, mágico, mássito, mátedo</i>), han...	
16.	<i>Imc:</i>	má – gi..	sobreposição de vozes – fornece o <i>prompting</i>
17.	<i>SB:</i>	mágico, (<i>matos</i>), isso	
18.	<i>Imc:</i>	ele é mágico	
19.	<i>SB:</i>	(<i>matos</i>), é	
20.	<i>Imc:</i>	fala mágico	
21.	<i>SB:</i>	(<i>mágedo</i>)	
22.	<i>Imc:</i>	mágicô	fornecendo o modelo
23.	<i>SB:</i>	(<i>mágidô</i>)	
24.	<i>Imc:</i>	não é do, é co	chamando a atenção para a forma correta
25.	<i>SB:</i>	(<i>ma, co, co,</i>) mago	
26.	<i>Imc:</i>	ó: má-gi-cô	sobreposição de vozes
27.	<i>SB:</i>	(<i>ma-cogira, ba... ma...</i>)	
28.	<i>Imc:</i>	má-gi...	sobreposição de vozes – fornece o <i>prompting</i>
29.	<i>SB:</i>	(<i>co</i>)	
30.	<i>Imc:</i>	gi..jijiji	fornece o <i>prompting</i>
31.	<i>SB:</i>	(<i>ma, co, co, co,</i>)	
32.	<i>Imc:</i>	não, co é a última sílaba.	proporciona <i>feedback</i>
33.	<i>SB:</i>	(<i>cu</i>)	
34.	<i>Imc:</i>	primeira, primeira tem essa aqui ó	mostrando a palavra escrita
35.	<i>SB:</i>	(<i>pá, tè</i>)	

36.	<i>Imc:</i>	má – jiiijii	fornece <i>prompting</i>
37.	<i>SB:</i>	(clu)	sobreposição de vozes
38.	<i>Imc:</i>	não, gi! gi, gi, gi, gi,	fornece o <i>prompting</i>
39.	<i>SB:</i>	(qui)	
40.	<i>Imc:</i>	olha minha boca, jiiijii gi	propõe pistas visuais para a imitação
41.	<i>SB:</i>	(ba)	
42.	<i>Imc:</i>	mágico	
43.	<i>SB:</i>	(cosi)	
44.	<i>Imc:</i>	lê essa aqui, ó	mostrando a palavra escrita
45.	<i>SB:</i>	(magrons)	
46.	<i>Imc:</i>	mágico	
47.	<i>SB:</i>	(mageoco)	
48.	<i>Imc:</i>	mágico... mágico	
49.	<i>SB:</i>	mágico {incompreensível}	
50.	<i>Imc:</i>	acentua essa: má – gico	mostrando a palavra escrita
51.	<i>SB:</i>	(má, má, má giagi, giadinha, ma, má)	sobreposição de vozes
52.	<i>Imc:</i>	gi – co	sobreposição de vozes
53.	<i>SB:</i>	(da do, go, má bi co lo)	sobreposição de vozes
54.	<i>Imc:</i>	gi – co	sobreposição de vozes
55.	<i>Imc:</i>	porque que não sai, de vez em quando,	
56.	<i>Imc:</i>	espera aí, só um minutinho, espera aí	desliga o gravador
57.			som do gravador sendo religado
58.	<i>SB:</i>	(gi – do – lo)	
59.	<i>Imc:</i>	deixa eu te ajudar, espera aí	
60.	<i>Imc:</i>	aqui tem uma palavra que tem, ela tem três sílabas, tá?	pausa curta
61.	<i>SB:</i>	tá	
62.	<i>Imc:</i>	então (vê), primeira coisa: três sílabas	
63.	<i>Imc:</i>	a primeira é forte: má	
64.	<i>SB:</i>	(má, má)	
65.	<i>Imc:</i>	má	
66.	<i>SB:</i>	(má)	
67.	<i>Imc:</i>	a segunda é jiiijgi	
68.	<i>SB:</i>	(me)	
69.	<i>Imc:</i>	gi, gi	
70.	<i>SB:</i>	(di, di, di, di)	sobreposição de vozes
71.	<i>Imc:</i>	não é di, é gi, de gelo, gesso, gi	
72.	<i>SB:</i>	sim, (di)	sobreposição de vozes
73.	<i>Imc:</i>	não é di	
74.	<i>SB:</i>	(ai que coisa)	sobreposição de vozes
75.	<i>Imc:</i>	é gi, gi	
76.	<i>SB:</i>	gi, gi, gi	sobreposição de vozes
77.	<i>Imc:</i>	isso, gi, gi, então: má – gi – co	sobreposição de vozes
78.	<i>SB:</i>	má – gi – co, (má – gi – no)	sobreposição de vozes

79.	<i>Imc:</i>	não é no, agora é o co, co, co, co, co, co, co,	
80.	<i>SB:</i>	co	
81.	<i>Imc:</i>	isso, agora é má - gi - co	
82.	<i>SB:</i>	(<i>má - gi - nho</i>)	
83.	<i>Imc:</i>	má - gi - cô	
84.	<i>SB:</i>	(<i>do, do, má - gi - nho</i>)	
85.	<i>Imc:</i>	então, pensa na palavra,	
86.	<i>Imc:</i>	essa palavra você conhece mágico	
87.	<i>SB:</i>	(<i>di</i>) sim, { <i>ininteligível</i> } sim	
88.	<i>Imc:</i>	conhece?, né	sobreposição de vozes
89.	<i>Imc:</i>	então tenta falar com a memória que você tem dela	
90.	<i>SB:</i>	(<i>má - gi - nho</i>)	
91.	<i>Imc:</i>	não é maginho, é mágico	
92.	<i>SB:</i>	é não (<i>máginhocos, maginhos</i>)	sobreposição de vozes - pausa
93.	<i>Imc:</i>	até aqui está certinho, má - gi, má - gi - co	
94.	<i>SB:</i>	bi di nho má - gi - do - do	sobreposição de vozes
95.	<i>Imc:</i>	co - co	sobreposição de vozes
96.	<i>SB:</i>	é co, co, co, co, co, co	
97.	<i>Imc:</i>	isso	sobreposição de vozes
98.	<i>SB:</i>	(<i>maginhoco, co</i>), mági - co	
99.	<i>Imc:</i>	co, má - gi - co	sobreposição de vozes
100.	<i>SB:</i>	ma - gi - nho,	sobreposição de vozes
101.	<i>Imc:</i>	hã-hã	sobreposição de vozes
102.	<i>SB:</i>	(<i>maginhoco</i>), co, co, co, co,	
103.	<i>Imc:</i>	mágico	
104.	<i>SB:</i>	(<i>maginho</i>)	sobreposição de vozes
105.	<i>Imc:</i>	mágico	
106.	<i>SB:</i>	(<i>maginho, má - gi - no, no</i>)	
107.	<i>Imc:</i>	gi	sobreposição de vozes
108.	<i>Imc:</i>	tudo bem Sxxxxx, às vezes engasopa mesmo,	
109.	<i>Imc:</i>	às vezes dá, dá problema e você não consegue falar	
110.	<i>Imc:</i>	uma palavra, fica, fica, fica, fica, e de repente você	
111.	<i>Imc:</i>	fala, não é?	
112.	<i>SB:</i>	é, eu, hã, isso ontem, eu (<i>lembrei</i>)	sobreposição de vozes
113.	<i>SB:</i>	umas palavras na (<i>cabeça</i>), assim, do, (<i>éprecis</i>), da	
114.	<i>SB:</i>	(<i>baji</i>), da, (<i>bachi</i>), eu (<i>lembrei um montão</i>) de coisa de	
115.	<i>SB:</i>	comer, (<i>bole</i>), agora é que eu esqueci, na	
116.	<i>Imc:</i>	bolacha	sobreposição de vozes
117.	<i>SB:</i>	sim,	sobreposição de vozes
118.	<i>SB:</i>	lembrei, da, muito da, (<i>a gente comia, hã, samontes</i>)	
119.	<i>SB:</i>	eu esqueci, (<i>eu lembrei</i>), várias vezes eu lembrei	
120.	<i>SB:</i>	dos, do, do, né banana, banana	
121.	<i>Imc:</i>	hum	

122	SB:	(olha) que coisa, lembrei (banana), né banana	
-----	-----	---	--

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística (BDN)

Excerto 8 [000 a 322]

Transcrito da Fita 2, lado B, sessão de 16/10/97

	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
			RECORTE
1.	SB:	{ <i>incompreensível</i> } hoje. aí é como você.	
2.	SB:	(<i>foca aí fazê aí</i>) hoje, fiz	
3.	Imc:	com a... como é que ela chama?	
4.	SB:	(<i>aa isabael a mea raia é</i>) não,	
5.	Imc:	não, devagar, pensa para falar um pouquinho	
6.	SB:	(<i>umá</i>)	
7.	Imc:	pensa um pouquinho para falar,	
8.	Imc:	não fala assim imediatamente...	
9.	SB:	hum	
10.	Imc:	dá um tempo, pensa na cabeça, repete	
11.	Imc:	mentalmente assim, depois tenta falar com mais calma.	
12.	Imc:	como é que chama a sua fonoaudióloga?	
13.	SB:	hum	
14.	Imc:	I...	
15.	SB:	(<i>ra erra hm MI</i>)	
16.	Imc:	tenta escrever aqui...	
17.	SB:	(<i>ma ma</i>)	
18.	Imc:	tenta escrever o nome dela.	
19.	SB:	ih, esqueci (<i>a a rael</i>)	
20.	Imc:	I...	
21.	SB:	não, cabeça, eu fico nervosa!	
22.	Imc:	porque você está nervosa?	
23.	SB:	é porque eu estou (<i>cansada</i>), eu estou cansada...	
24.	SB:	eu, sabe, eu aprendi tudo,	
25.	SB:	agora que entendi tudo eu fiquei tão nervosa!	
26.	Imc:	imagina, Sxxxxx você está melhorando muito!	
27.	SB:	(<i>né?</i>)	
28.	Imc:	escuta, você estava me falando o seguinte	
29.	Imc:	que uma prima sua ligou de São Paulo, é isso?	
30.	SB:	não, é (<i>não</i>) faz mal ligou (<i>oteze</i>) uma (<i>prida</i>) mas não é	
31.	SB:	nada, eu cansei, cansei, não sei, a gente fica (<i>rovoltada</i>).	
32.	Imc:	não, tem dias, claro, tem dias que, há,	
33.	Imc:	tudo é mais difícil, porque o que te aconteceu é uma,	
34.	Imc:	é uma (<i>fatali</i>) foi uma fatalidade	
35.	SB:	ah, é verdade, é verdade	
36.	Imc:	né? agora, claro que tem dias que é difícil	
37.	SB:	(<i>cansada</i>)	
38.	Imc:	mas aí, é, eu estou aqui para dar este suporte para você,	

39.	<i>Imc:</i>	para te... te animar também, né?	
40.	<i>Imc:</i>	porque você está melhor e eu tenho que te dizer isso.	
41.	<i>SB:</i>	você acha?	
42.	<i>Imc:</i>	claro!	
43.	<i>SB:</i>	ai pois é...	
44.	<i>Imc:</i>	senão eu não diria...	
45.	<i>SB:</i>	agora (<i>entendi</i>)... sabe que... eu sei tudo que eu, sabe,	
46.	<i>SB:</i>	(<i>aprendi</i>) na cabeça. tudo sabe, agora.	
47.	<i>SB:</i>	de primeiro não sabia	
48.	<i>Imc:</i>	não tinha, não tinha essa noção?	
49.	<i>SB:</i>	não, muita coisa, as coisas ficavam assim...	
50.	<i>Imc:</i>	não tinha...	
51.	<i>SB:</i>	agora não, eu sei tudo, na cabeça, sei tudo, você sabe?	
52.	<i>Imc:</i>	você notou essa diferença, Sxxxxx?	
53.	<i>SB:</i>	sim, eu sei que eu sei. sabe, ontem,	
54.	<i>SB:</i>	vieram (<i>asmigos</i>) meus,	
55.	<i>Imc:</i>	hum	
56.	<i>SB:</i>	então, veio (<i>com uma</i>) o marido dela, médico, é...	
57.	<i>SB:</i>	negócio de (<i>perta</i>), braço...	
58.	<i>Imc:</i>	ortopedista?	
59.	<i>SB:</i>	é. ela disse que eu fiquei assim, eu (<i>não</i>) sabia,	
60.	<i>SB:</i>	contaram para mim, a segunda vez...	
61.	<i>Imc:</i>	gente próxima?	
62.	<i>SB:</i>	sim. que o médico, que ele que fez isso comigo,	
63.	<i>SB:</i>	os dois médicos que fizeram essa coisa comigo...	
64.	<i>Imc:</i>	essa barbearagem?	
65.	<i>SB:</i>	sim, que o (<i>Mxxxxx devia</i>) por ele na cadeia,	
66.	<i>SB:</i>	(<i>falaram</i>) assim...	
67.	<i>Imc:</i>	mas falaram em barbearagem?	
68.	<i>Imc:</i>	(<i>você tinha falado antes</i>) em barbearagem...	
69.	<i>SB:</i>	falou! dos dois... (<i>falaram</i>) olha seu Mxxxxx, chama o	
70.	<i>SB:</i>	Mxxxxx, põe na cadeia esse (<i>homem</i>)... eles... (<i>olha</i>)	
71.	<i>SB:</i>	o que eles fizeram com você. eu (<i>fiquei</i>) tão nervosa,	
72.	<i>SB:</i>	eu (<i>falei</i>), não sabia, agora que elas contaram...	
73.	<i>Imc:</i>	mas foi depois disso	pausa
74.	<i>Imc:</i>	que você melhorou?	
75.	<i>SB:</i>	não, eu...	
76.	<i>Imc:</i>	não, não tem nada a ver uma coisa com outra...	
77.	<i>SB:</i>	não, eu (<i>não</i>) sabia, agora eu fiquei sabendo disso aí,	
78.	<i>SB:</i>	eles contaram...	
79.	<i>Imc:</i>	você já tinha me falado uma vez isso, até que você falou	
80.	<i>Imc:</i>	foi uma barbearagem,	pausa
81.	<i>SB:</i>	(<i>lembra? mas hoje falei de novo</i>)	

82.	<i>Imc:</i>	eu falei olha Sxxxxx isso, eu não sei, eu não sei mesmo	
83.	<i>SB:</i>	é, agora (<i>veio oti</i>) ontem, médico,	
84.	<i>SB:</i>	ela falou que o (<i>médico</i>) dela que todo mundo sabe.	
85.	<i>SB:</i>	o Mxxxxx falou que não, que imagina,	
86.	<i>SB:</i>	que o (<i>médico</i>) não ia fazer nada, o Mxxxxx falou	
87.	<i>Imc:</i>	agora, uma coisa eu acho, viu Sxxxxx,	
88.	<i>Imc:</i>	eu acho que já aconteceu	
89.	<i>SB:</i>	é, esquece, né? não adianta	
90.	<i>Imc:</i>	esquece, porque você vai se aborrecer, com esta história	
91.	<i>SB:</i>	(<i>é</i>)	
92.	<i>Imc:</i>	você vai passar raiva, você vai se, sabe,	
93.	<i>Imc:</i>	ficar ansiosa, angustiada,	
94.	<i>SB:</i>	(<i>é</i>) (<i>é</i>)	
95.	<i>Imc:</i>	vai te trazer sofrimento, isso não (<i>leva</i>),	
96.	<i>Imc:</i>	o que eu estou dizendo é o seguinte, isso não leva a nada	
97.	<i>SB:</i>	é, verdade, não adianta, agora eu tenho	
98.	<i>SB:</i>	(<i>resolver olhar</i>) para frente e fazer,	
99.	<i>Imc:</i>	não adianta, você está, sabe,	
100.	<i>Imc:</i>	você está (<i>melhorando</i>), isso	
101.	<i>SB:</i>	não adianta eu fiquei, chorei muito ontem,	
102.	<i>SB:</i>	porque (<i>eu falei</i>),	
103.	<i>Imc:</i>	claro, porque você se tocou	
104.	<i>SB:</i>	meu Deus do céu, eu (<i>trabalha</i>), forte, boa,	
105.	<i>SB:</i>	fui lá, (<i>acontece</i>) uma coisa dessa	
106.	<i>Imc:</i>	hum	
107.	<i>SB:</i>	como (<i>ois, né, a</i>) é verdade, não é verdade?	
108.	<i>Imc:</i>	não, claro, claro, então, por isso que eu estou te dizendo,	
109.	<i>Imc:</i>	isso dá uma medida, do jeito que você ficou dá uma	
110.	<i>Imc:</i>	medida para gente raciocinar em cima da, da seguinte	
111.	<i>Imc:</i>	coisa não vale a pena você se desgastar com isso	
112.	<i>SB:</i>	é, não adianta, não adianta, eu sei	
113.	<i>Imc:</i>	não adianta porque você vai prejudicar o teu tratamento,	
114.	<i>Imc:</i>	agora o que interessa é o teu tratamento, você está	
115.	<i>Imc:</i>	melhorando, com a Isabel entrando, é, ajudando aí,	
116.	<i>Imc:</i>	tendo esse apoio fonoaudiológico é melhor porque são	
117.	<i>Imc:</i>	mais vezes por semana, depois o ano que vem, ou agora,	
118.	<i>Imc:</i>	eu queria que você fosse agora, mas talvez (<i>podemos</i>)	
119.	<i>Imc:</i>	podemos deixar isso para, já tá em outubro, né?	
120.	<i>Imc:</i>	você pode ir lá para o grupo da Unicamp, como	
121.	<i>Imc:</i>	a gente tinha falado, pode fazer uma experiência lá,	
122.	<i>Imc:</i>	ver se você gosta, acho que você vai gostar,	
123.	<i>Imc:</i>	então são coisas para frente, são prospectivas	
124.	<i>SB:</i>	é verdade	

125.	<i>Imc:</i>	não vai, é não vai, não tem um provérbio que fala assim,
126.	<i>Imc:</i>	não adianta chorar sobre leite derramado?
127.	<i>SB:</i>	não adianta, não (<i>ter, é prei</i>), para frente,
128.	<i>SB:</i>	não adianta, não adianta mais
129.	<i>Imc:</i>	para frente, sabe, vamos, acabou aquilo, foi, foi,
130.	<i>Imc:</i>	porque você vai se aborrecer, Sxxxxx, eu sinto isso
131.	<i>SB:</i>	é verdade
132.	<i>Imc:</i>	estando, tratando de você desde Abril, né?
133.	<i>Imc:</i>	que eu estou tratando de você, eu posso te dizer isso,
134.	<i>Imc:</i>	acho que não, não vale a pena
135.	<i>SB:</i>	é verdade, é verdade
136.	<i>Imc:</i>	né?
137.	<i>SB:</i>	a gente fica muito
138.	<i>Imc:</i>	porque de qualquer forma, foi uma fatalidade
139.	<i>SB:</i>	é verdade, ele (não iam) fazer, né?, assim fazer
140.	<i>Imc:</i>	pode estar associado a um erro, enfim, não se sabe,
141.	<i>Imc:</i>	você vai mexer com isso, não sei
142.	<i>SB:</i>	(<i>é</i>) é verdade
143.	<i>Imc:</i>	eu penso assim, né?,
144.	<i>Imc:</i>	talvez seja esse também o pensamento do Mxxxxx
145.	<i>SB:</i>	é o Mxxxxx falou que (<i>pá</i>)
146.	<i>Imc:</i>	é, nunca vai ter certeza, vai ficar se aborrecendo,
147.	<i>Imc:</i>	fala que falou, fala que não disse, (<i>bororó</i>),
148.	<i>Imc:</i>	fica aquela leva e traz,
149.	<i>SB:</i>	(<i>hã</i>) (<i>é bem</i>)
150.	<i>Imc:</i>	isso vai te fazer mal
151.	<i>SB:</i>	é verdade
152.	<i>Imc:</i>	acho, penso assim
153.	<i>SB:</i>	é, se Deus quiser,
154.	<i>Imc:</i>	não é? sobretudo, considerando que isso pode
155.	<i>Imc:</i>	atrapalhar o teu tratamento
156.	<i>SB:</i>	é verdade. é, eu sei, mas (<i>eu fico muito</i>) cansada, né?
157.	<i>Imc:</i>	atrapalhar você, como pessoa. não, é claro que essa,
158.	<i>Imc:</i>	esse fato, (<i>quer dizer</i>), o fato de você ter sabido,
159.	<i>Imc:</i>	e se dado conta, por que na realidade você já
160.	<i>Imc:</i>	tinha falado para mim sobre isso, mas não deu assim,
161.	<i>Imc:</i>	falou assim meio por cima, tal, e ficou por isso mesmo.
162.	<i>Imc:</i>	agora você voltou ao assunto, né?
163.	<i>SB:</i>	é, a cabeça (<i>vol, vou</i>) agora que eu, eu,
164.	<i>Imc:</i>	atinei
165.	<i>SB:</i>	hoje, hoje, eu sei tudo, eu sei tudo, agora
166.	<i>SB:</i>	é, a cabeça (<i>vol, vou</i>) agora que eu, eu, hoje,
167.	<i>SB:</i>	hoje, eu sei tudo,

168.	SB:	eu sei tudo, agora	
169.	Imc:	que coisa, né? hoje, foi hoje, que aconteceu isso	
170.	SB:	não, faz (<i>tempo</i>), mas a coisa está (<i>in in</i>) inteira	
171.	Imc:	hoje que você está dizendo é atualmente,	
172.	Imc:	assim, né? claro	
173.	SB:	é, esse mês, (<i>de lá para cá</i>) eu estou (<i>assim</i>)	
174.	Imc:	não, pensei que tinha alguma coisa associada com essa	
175.	SB:	não eu já vi (<i>eh</i>)	
176.	Imc:	impacto que você teve, de ter essa notícia,	
177.	Imc:	enfim essa coisa que te aborrece	
178.	SB:	é, (<i>depois que eu ouvi isso</i>)	
179.	Imc:	mas não tem nada a ver	
180.	SB:	depois	
181.	Imc:	mas você viu isso com outros olhos?	
182.	Imc:	você está se vendo com outros olhos? é isso?	
183.	SB:	é, porque não dá (<i>essa</i>) o médico não { <i>persa</i> }	
184.	SB:	o médico agora	
185.	Imc:	hã?	
186.	SB:	eu { <i>oaoa</i> } é que hoje eu entendi que o médico,	
187.	SB:	{ <i>eaea</i> } ele (<i>ve</i>) é amigo (<i>meu ve ligou nunca não</i>	
188.	SB:	<i>não muito mois daqui</i>) o Mxxxxx é amigo dele	
189.	Imc:	desse médico que falou isso	
190.	SB:	(<i>não dele</i>), dos dois porque	
191.	Imc:	dos dois que falaram	
192.	SB:	é	
193.	Imc:	que houve erro médico, é isso?	
194.	SB:	não, não, o (<i>Mxxxxx</i>)	
195.	Imc:	não estou entendendo	
196.	SB:	não, essa é minha amiga, o médico ela falou	
197.	Imc:	ah! o médico dela	
198.	SB:	é, o (<i>marido</i>) dela, é médico, e e convertendo, sabe	
199.	Imc:	o marido dela é médico, e conversando	
200.	Imc:	ele comentou que teria sido um erro médico, o seu caso	
201.	SB:	é, é (<i>conversou</i>), é	
202.	Imc:	né? que o seu caso estava envolvendo um erro médico	
203.	SB:	é, é, então, então eu (<i>dei</i>) porque o médico ligou	
204.	SB:	para mim quando a logo (<i>que eu</i>) falei,	
205.	SB:	ligou falou que vinha aqui, os dois nunca mais ligaram	
206.	Imc:	e nem deram notícia	
207.	SB:	nunca mais, está bom? (<i>nem, ah! eles tinham que</i>)	
208.	SB:	vim aqui, conversar comigo, né	
209.	Imc:	hum hum hum hum, claro	
210.	SB:	falou que vinha, um é amigo, aquele	

211.	SB:	<i>(vez aquele naca aquele agendorme faz)</i>	
212.	Imc:	o que? aquele que a gente dorme?	
213.	SB:	eu falo quando é, é, faz exame,	((ri))
214.	SB:	aquilo <i>(que)</i> faz aqui na <i>{incompreensível}</i>	
215.	Imc:	anestesia	
216.	SB:	é	
217.	Imc:	ah! anestesia	
218.	SB:	ele é ele é meu <i>(a)</i> ele, amigo	
219.	Imc:	ele é anestesista é seu amigo, certo	
220.	SB:	então, falou que vinha aqui.	
221.	SB:	nunca mais minha amiga, seis meses, nunca mais	
222.	Imc:	não apareceu, né?	
223.	SB:	não, e o outro também, ligou, foi no hospital, ele não	
224.	SB:	foi, só <i>(no lá naquela)</i> na <i>(naquele)</i> lugar sozinha	
225.	Imc:	que lugar?	
226.	SB:	onde eu fiquei	
227.	Imc:	ah! na UTI	
228.	SB:	sim. depois <i>(dá i eu figue)</i>	
229.	Imc:	de lá ahn?	
230.	SB:	o aquele <i>(dã)</i> de fazer <i>(ahn)</i> sumir <i>(e de)</i> dormir	
231.	Imc:	sumir? sumir?	((rindo))
232.	SB:	é, <i>(ele falou)</i> sumiu tudo, ligou falou que vinha aqui	
233.	SB:	e nunca mais	
234.	Imc:	sumiu, sumiu, hein, sumiu, Sxxxxx, mas está <i>(cert)</i>	
235.	SB:	eu não sei falar mais, eu não sei	
236.	Imc:	não, está certíssimo. quer dizer ele não veio	
237.	SB:	fiquei muito odiosa no coração porque eles	
238.	SB:	<i>(fizeram)</i> nem <i>(vieram falar na nada)</i>	
239.	Imc:	sim Sxxxxx	
240.	SB:	<i>(para mim)</i> é amigo eu não <i>(devia)</i> ir lá,	
241.	SB:	o Mxxxxx mandou com <i>(eles eu meu)</i>	
242.	Imc:	sem dúvida	
243.	SB:	<i>(amigo)</i> que chamou mas o outro, não, é amigo,	
244.	SB:	é amigo, aí, nem ligou para mim.	
245.	Imc:	desapareceu, né?	
246.	SB:	é, a gente fica, não é verdade? não é verdade?	
247.	Imc:	fica Sxxxxx, acho que sim,	
248.	Imc:	é uma coisa que toca muito, claro	
249.	SB:	sabe, eu fico <i>(triste)</i> porque <i>(ajuda)</i> , né? a gente ajuda,	
250.	SB:	essa amiga, eu ajudei ela, ajudei tanto.	
251.	SB:	seis meses, ela passou aqui, então ela vinha aqui,	
252.	SB:	<i>(aimoça)</i> e vem embora	
253.	Imc:	mas ela é quem, desse médico?	

254.	SB:	uma amiga (<i>de mim</i>)	
255.	Imc:	ah!, não tem nada a ver com o médico	
256.	SB:	(<i>uma</i>) outra é, é isso que eu estou falando, que eu	
257.	SB:	(<i>ajudei</i>) pessoas e agora, que eu (<i>fii</i>) eu (<i>preciso</i>)	
258.	SB:	da pessoa, ninguém vem eu fiz, sabe porque?	
259.	Imc:	não claro que magoa Sxxxxx	
260.	SB:	eu fiz tudo para pessoa, eu olha (<i>e</i>) deixava o Mxxxxx,	
261.	SB:	as crianças, (<i>levava</i>) no médico, ajudava, com dinheiro,	
262.	SB:	remédios, fazia tudo, (<i>ajudasse</i>) pessoas o (<i>amigos, tá</i>	
263.	SB:	<i>bom</i>), mas um (<i>ou</i>) outros, nem, nem, nem tchau,	
264.	SB:	apesar, graças a Deus, eu tenho muitos amigos.	
265.	SB:	sabe que a (<i>o</i>)	
266.	Imc:	verdadeiros, você está falando, né?	
267.	Imc:	de (<i>amizade verdadeira</i>)	
268.	SB:	(<i>sim, graças a Deus</i>), eu tenho, sabe que a a a amiga	
269.	SB:	hoje, ela falou que ela conhece, (<i>a ela</i>) a (<i>Isabel tenho</i>)	
270.	SB:	a doutora, é amiga minha de São José, então ela contou	
271.	SB:	hoje que a amiga (<i>dela</i>) falou (<i>assim</i>), a Sxxxxx, ela é	
272.	SB:	uma (<i>seu</i>) uma pessoa muito querida em São José (<i>diu</i>),	
273.	SB:	em São José (<i>é i Rio</i>) Pardo, o pai dela, a mãe dela,	
274.	SB:	a Sxxxxx é muito, era muito, (<i>é</i>), querida,	
275.	SB:	falou de mim, verdade	
276.	Imc:	que legal então Sxxxxx,	
277.	Imc:	tem que pensar por esse (<i>mim</i>) que passou aí, né?	
278.	SB:	eu sei, (<i>então, triste história</i>), eu fiquei triste, (<i>e</i>)	
279.	Imc:	claro, a gente sente, a gente, isso magoa, né?,	
280.	SB:	é	
281.	Imc:	deixa a gente chateada, mas a gente tem que reagir	
282.	SB:	é, é verdade, é verdade	
283.	Imc:	a gente tem que pensar também na gente,	
284.	Imc:	porque isso aí faz mal e aí você (<i>atra</i>)	
285.	SB:	tudo passa, eu, não vou chorar, eu chorei bastante	
286.	Imc:	tudo passa, agora, (<i>tá certo</i>) até pode chorar,	
287.	Imc:	você tem motivo para chorar,	
288.	Imc:	você pode chorar	
289.	SB:	eu choro, bastante, mas eu vou (<i>tá</i>), se Deus quiser,	
290.	SB:	hoje, o padre levou, a, eu contei para você?	
291.	Imc:	não	
292.	SB:	o pessoal trouxe um papel assim,	
293.	SB:	a gente (<i>i ingola</i>), um, (<i>te, vo</i>)	
294.	Imc:	a gente o que? fala mais devagarinho um pouquinho	
295.	SB:	é, ó,	
296.	Imc:	(<i>quem que</i>) trouxe? o padre?	

297.	SB:	trouxe para mim, um, um papel,	
298.	Imc:	aqui na sua casa?	
299.	SB:	sim, deste tamanho, amiga (<i>trouxe</i>), (<i>o o pad</i>),	
300.	Imc:	certo. a (<i>amiga</i>), o padre deu para amiga?	
301.	SB:	é de São Paulo,	
302.	Imc:	que amiga? fala o nome dela	
303.	SB:	uma amiga (<i>a, é</i>), que, uma, esqueci o (<i>nom</i>)	
304.	Imc:	é importante mas é importante você começar a retomar	
305.	Imc:	o nome das pessoas, só fica falando amiga, amiga,	
306.	SB:	é não é amiga (<i>assim é outra</i>)	
307.	Imc:	como é que é o nome dela, é de São Paulo	
308.	SB:	é ela veio hoje, (<i>eu sei o nome</i>)	
309.	Imc:	veio te visitar?	
310.	SB:	veio duas	
311.	Imc:	passou aqui?	
312.	SB:	sim vieram hoje	
313.	Imc:	quem veio, então fala o nome	
314.	SB:	ah	
315.	Imc:	tenta falar o nome	
316.	SB:	é o João, o marido João, João	
317.	Imc:	então vamos lá	
318.	SB:	e ela é	
319.	Imc:	João e? João e? tenta escrever o nome dela	
320.	SB:	João, mas aí não adianta	
321.	Imc:	e a outra, como é que chama? vieram duas	
322.	SB:	a (<i>outra, hum</i>) é filho do médico, é, o, é	
323.	Imc:	como é que chama ela?	
324.	Imc:	como é que chama o marido dela?	
325.	SB:	é	
326.	Imc:	bom tudo bem, depois a gente vê com	
327.	Imc:	o Mxxxxx e com as crianças aí	
328.	SB:	é, é	
329.	Imc:	então vieram duas amigas e trouxeram o que?	
330.	Imc:	um papelzinho	
331.	SB:	(<i>zinho</i>), assim, (<i>vo por in deste tamanho não tem o</i>)	
332.	Imc:	minúsculo, o (<i>tamanhinho</i>)	
333.	SB:	(<i>minudestam</i>)	
334.	Imc:	põe na boca	
335.	SB:	com (<i>á</i>)	
336.	Imc:	hã?	
337.	SB:	com água, toma	
338.	Imc:	toma com água	
339.	SB:	o padre, as freiras que mandaram (<i>para</i>) mim, dizem	

340.	SB:	(ques) a, (as fa, fa), as (pessoas ajudam), você sabia?	
341.	Imc:	ah, que esse papelzinho ajuda as pessoas?	
342.	SB:	sim	
343.	Imc:	ué?	
344.	SB:	a igreja que mandou,	
345.	Imc:	você acredita?	
346.	SB:	para mim, (acredito)	
347.	Imc:	então	
348.	SB:	eu tomei hoje, duas	
349.	Imc:	eu acho, a questão é essa, acredita	
350.	SB:	e uma (eu dei) para minha mãe, que está doente.	
351.	SB:	dizem Jesus ajuda	
352.	Imc:	a avó do meu primeiro marido, né? do, do, do pai das	
353.	Imc:	minhas filhas, falava (assim), tinha uma expressão	
354.	Imc:	interessante, falava assim aquilo que não faz mal para	
355.	Imc:	saúde e não faz mal, não é contra a moral, pode.	
356.	SB:	é	
357.	Imc:	não faz mal para saúde, não é contra a moral, ela falava	
358.	Imc:	isso, né? isto aí no tempo, nos anos cinquenta, tal,	
359.	SB:	é	
360.	Imc:	é isso, esse papelzinho vai fazer mal para saúde? não,	
361.	SB:	não, o padre que mandou	
362.	Imc:	então, você acredita? acredita, então, é isto	
363.	SB:	sim, dizem que Jesus, é, é padre, há, eu tenho o nome,	
364.	SB:	eu tenho aí, ele ajuda as pessoas,	
365.	SB:	então, você acredita? limpa você, ajuda,	
366.	Imc:	então, é isso que é importante	
367.	SB:	ele, e, eu fiquei muito feliz, hoje, que o pessoal lembrou,	
368.	SB:	foi buscar em São Paulo, para mim	
369.	Imc:	então, você vê, quer (dizer), você não teve lá a amiga	
370.	Imc:	que veio que é uma prima que {incompreensível}	
371.	SB:	{incompreensível}	
372.	Imc:	por outro lado, você teve, e tem, várias amigas,	
373.	Imc:	que te fazem companhia,	
374.	SB:	muitas, graças a Deus	
375.	Imc:	que fazem essa delicadeza de trazer um papelzinho	
376.	Imc:	no qual você acredita, e tal, e que te vai fazer bem, né?	
377.	SB:	é verdade	
378.	Imc:	então, não vê o a, lado ruim.	
379.	Imc:	o lado ruim sempre está, sempre tem uma coisa para,	
380.	Imc:	mas não olha para ele, olha para o lado bom	
381.	SB:	é,	
382.	Imc:	não é?	

383.	SB:	se Deus quiser
384.	Imc:	tem um escritor, ou uma escritora,
385.	Imc:	é uma frase que eu não sei de quem é, que fala assim,
386.	Imc:	dos lutos a vida se encarrega
387.	SB:	é
388.	Imc:	não é, das coisas ruins, acontecem, na vida de todo
389.	Imc:	mundo acontecem coisas que a gente não está
390.	Imc:	esperando, fatalidades, enfim, acontecem, perdas, né?
391.	Imc:	a gente tem perdas, muitas, e mas,
392.	Imc:	tem que ter uma coisa prospectiva, <i>(futuro)</i> , né?
393.	Imc:	um olhar para o futuro, senão fica difícil, né, SXXXXX
394.	SB:	verdade, eu, <i>(eu vou acho)</i> , eu, ahn, se Deus quiser,
395.	SB:	eu, eu sei que demora, né?
396.	Imc:	demora, <i>(tem que)</i> ter paciência, demora,
397.	SB:	que eu vou falar e vai, mas sei, fala
398.	Imc:	mas fala, <i>(to)</i> aliás, você está melhorando, eu vou passar
399.	Imc:	para você fitas, para você ouvir, que eu gravei
400.	Imc:	você desde a primeira sessão em que vi você,
401.	Imc:	para você ver como era, muito pior
402.	SB:	se Deus quiser
403.	Imc:	<i>(entendeu)</i> que você tinha esta consciência,
404.	Imc:	vamos dizer, esse conhecimento que você hoje
405.	Imc:	está me relatando sobre o seu estado né?,
406.	Imc:	você falou, hoje eu sei que eu sei
407.	SB:	sim
408.	Imc:	né? você falou esta expressão aqui para mim hoje
409.	Imc:	hoje eu sei o que aconteceu comigo,
410.	Imc:	eu entendo, está tudo na minha cabeça, quer dizer
411.	SB:	sim! tudo
412.	Imc:	você tem a percepção
413.	SB:	lembrei antes <i>(e)</i> depois
414.	Imc:	isso, <i>{incompreensível}</i>
415.	SB:	<i>(o hospital, o que perfere lá)</i> , você
416.	Imc:	<i>(o que você)</i> passou lá,
417.	SB:	tudo,
418.	Imc:	quando eu comecei com você, tudo
419.	SB:	tudo, lembrei tudo, na cabeça
420.	Imc:	pois é, isto é um sinal, muito claro, para mim,
421.	Imc:	eu estou te dizendo isso, de que você está melhorando,
422.	SB:	se Deus quiser
423.	Imc:	quer dizer, esta percepção que você está passando a ter,
424.	Imc:	do seu estado, é uma condição de melhora, para você,
425.	Imc:	porque aí você fala, pô, eu <i>(tenho)</i> , ó, minha dificuldade

426.	<i>Imc:</i>	está aqui, aqui eu sei que é mais difícil, então vamos	
427.	<i>Imc:</i>	tratar, prestar mais atenção, entendeu, <i>(quer dizer)</i> você	
428.	<i>Imc:</i>	sabe quais, saber o que tem, é meio caminho andado,	
429.	<i>Imc:</i>	<i>(porque)</i> você sabe onde é que está o problema	
430.	<i>SB:</i>	é	
431.	<i>Imc:</i>	<i>(quer dizer)</i> esta reflexão sua,	
432.	<i>Imc:</i>	esta atitude sua reflexiva sobre o problema.	
433.	<i>Imc:</i>	é super importante no tratamento, muito, Sxxxxx,	
434.	<i>SB:</i>	é,	
435.	<i>Imc:</i>	não sabe quanto	
436.	<i>SB:</i>	é, se Deus quiser	
437.	<i>Imc:</i>	né? <i>(porque)</i> é a primeira vez que você me fala assim,	
438.	<i>Imc:</i>	eu sei como é que você falou?	
439.	<i>Imc:</i>	eu sei que eu, eu sei que eu sei, não é isso?	
440.	<i>SB:</i>	eu sei	
441.	<i>Imc:</i>	você sabe que você sabe	
442.	<i>SB:</i>	sei, sei tudo	
443.	<i>Imc:</i>	está na cabeça, quer dizer, você sabe, isso é fantástico,	
444.	<i>SB:</i>	eu sei	
445.	<i>Imc:</i>	é para comemorar, porque você deu aí, você deu um	
446.	<i>Imc:</i>	salto, você entende o que eu estou falando?	
447.	<i>SB:</i>	é verdade	
448.	<i>Imc:</i>	você deu um salto, no seu tratamento	
449.	<i>SB:</i>	porque <i>(eles viram)</i> ,	
450.	<i>SB:</i>	eu o, dormia, ficava com a vó, <i>(é, falava mais nada)</i>	
451.	<i>Imc:</i>	é <i>(sim)</i>	
452.	<i>SB:</i>	hoje não, sei tudo, tudo, eu sei tudo	

Fonte: Banco de Dados de Neurolingüística (BDN)

Excerto 9 [357 a 418]

Transcrito da Fita 2, lado B, sessão de 16/10/97

	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
			RECORTE
1.	<i>Imc:</i>	é isso que faz com que você melhore, viu Sxxxxx,	
2.	<i>Imc:</i>	retomar tudo isso, todo esse conjunto de coisas	
3.	<i>SB:</i>	ah! e fui <i>(co)</i> sozinha com o Cxxxxxx comprar eu...	
4.	<i>SB:</i>	<i>(la varrora)</i> , ééé...	
5.	<i>Imc:</i>	comprar o que?	
6.	<i>SB:</i>	vassoura	
7.	<i>Imc:</i>	ahn...	
8.	<i>SB:</i>	é... aquilo... ahn aquilo...	
9.	<i>Imc:</i>	ro...	
10.	<i>SB:</i>	ro... ro... ro... ro... do...	
11.	<i>Imc:</i>	rodinho	
12.	<i>SB:</i>	do...	
13.	<i>Imc:</i>	é rodo também	
14.	<i>SB:</i>	<i>(to... da é...)</i>	
15.	<i>Imc:</i>	rodinho	
16.	<i>SB:</i>	<i>(sa é)</i> eu olhei bem	
17.	<i>Imc:</i>	fala: rodinho	
18.	<i>SB:</i>	<i>(lo lo)</i> então falei	
19.	<i>Imc:</i>	falou rodo	
20.	<i>SB:</i>	<i>(lo lo tendelaesquêce)</i>	
21.	<i>Imc:</i>	só dá uma retomada aqui, ó...	
22.	<i>SB:</i>	é, vassoura, vassoura sozinho, né? <i>(do)</i> rodo	
23.	<i>Imc:</i>	rodo	
24.	<i>SB:</i>	rodo, vassoura, <i>(sorá)</i> aí, é isso	
25.	<i>Imc:</i>	que mais	
26.	<i>SB:</i>	eu comprei	
27.	<i>Imc:</i>	rodo, vassoura	
28.	<i>SB:</i>	é eu comprei uma coisa <i>(pra cozi)</i> é umas coisa lá e... é	
29.	<i>SB:</i>	negócio de... limpar, mas é a empregada que falou, não	
30.	<i>SB:</i>	eu fui lá, limpei e <i>(cui)</i> eu li e olhei, esqueci...	
31.	<i>SB:</i>	eu comprei umas quatro coisinhas...	
32.	<i>SB:</i>	eu fui <i>(co)</i> Cxxxxxx, sozinha, procurei,	
33.	<i>SB:</i>	peguei e o Cxxxxxx <i>(badou... bagou...)</i> pagou	
34.	<i>Imc:</i>	você que pegou, procurou	
35.	<i>SB:</i>	sim	
36.	<i>Imc:</i>	pagou... quem pagou?	
37.	<i>SB:</i>	o o Cxxxxxx tinha cheque... eu não tinha dinheiro...	
38.	<i>SB:</i>	então <i>(é é eu ahn)</i> eu fiz assim, <i>(ponco)</i> rodo aí fiz um	

39.	SB:	(tês), umas coisinhas, né? aí fui lá, peguei,	
40.	SB:	fui sozinha	voz diminui, afastando-se do gravador,
41.	SB:	fiz assim...	enquanto SB faz a mímica da compra
42.	SB:	olhei tudo peguei azul, outro aqui, cheguei pra moça	
43.	Imc:	entregou	
44.	SB:	é... é, o Cxxxxxx pagou	
45.	Imc:	você não falou uma palavra? Sxxxxx	((rindo))
46.	SB:	não fiz nada, falei oi, boa tarde, e vim embora	((rindo))
47.	Imc:		((gargalha))
48.	SB:	a moça não conhece, o que eu falo,	((rindo))
49.	SB:	a que é minha amiga não estava, eu peguei lá	
50.	Imc:	a cara que você fez pra mim, fazendo esse (psi)	((ri))
51.	Imc:	psicodrama aqui não, esse dramatização,	
52.	Imc:	não é psicodrama, dramatização,	
53.	Imc:	é que... foi pegou, tal, com a boca, você fechou assim,	
54.	Imc:	e não falou uma palavra Sxxxxx	
55.	SB:	não (caver) eu não sei falar direito	
56.	SB:	eu fico rodo, rodo e vassoura	
57.	Imc:	pronto	
58.	SB:	isso, pegou	
59.	Imc:	e aí falou boa tarde com a maior cara, assim	
60.	SB:	boa tarde e nada (amefalossim) Cxxxxxx, paga aí	
61.	Imc:		((gargalha))
62.	SB:	paga (mipazonu) sem dinheiro eu não tinha	
63.	Imc:	aí Sxxxxx, que engraçado, Sxxxxx	pausa
64.	Imc:	Sxxxxx, eu morro de rir disso, sabia	
65.	SB:	é fiz isso	
66.	Imc:	você fez a maior dramatização aí	((rindo))
67.	SB:	ela ri, (zabebel) eu falo ela (ré) ela ri de mim	
68.	Imc:	a Isabel?	
69.	SB:	nossa	
70.	Imc:	e não é pra rir?	((rindo))
71.	Imc:	você finge que nada está acontecendo com você, né?	
72.	Imc:	mas está certo, aí, maior proteção	
73.	SB:	certo	
74.	Imc:	não-é? está se protegendo	
75.	SB:	uai eu tenho medo, ué, lógico	
76.	Imc:	uai eu sou boba, eu vou falar e de repente falo errado	

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística (BDN)